



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ – UFPI
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO PROF. MARIANO DA SILVA NETO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
CAMPUS UNIVERSITÁRIO MINISTRO PETRÔNIO PORTELA – ININGA

ANA MARIA BATISTA CORREIA

**AS VIVÊNCIAS NA FORMAÇÃO INICIAL MEDIANDO A CONSTITUIÇÃO
DA IDENTIDADE PROFISSIONAL DE ESTUDANTES DE PSICOLOGIA**

Linha de Pesquisa:

Ensino, Formação do Professor e Práticas Pedagógicas

TERESINA

2013

ANA MARIA BATISTA CORREIA

**AS VIVÊNCIAS NA FORMAÇÃO INICIAL MEDIANDO A CONSTITUIÇÃO
DA IDENTIDADE PROFISSIONAL DE ESTUDANTES DE PSICOLOGIA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Piauí – UFPI, na linha de pesquisa: Ensino, Formação de Professores e Prática Pedagógica, como requisito para obtenção do título de mestra em Educação.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a. Maria Vilani Cosme de
Carvalho

TERESINA

2013

FICHA CATALOGRÁFICA

Serviço de Processamento Técnico da Universidade Federal do Piauí
Biblioteca Comunitária Jornalista Carlos Castello Branco

C825v Correia, Ana Maria Batista.
As vivências na formação inicial mediando a constituição
da identidade profissional de estudantes de psicologia / Ana
Maria Batista Correia. – 2013.
180 f.

Cópia de computador (*printout*).

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Piauí,
Programa de Pós-Graduação em Educação, 2013.

“Orientadora: Profa. Dra. Maria Vilani Cosme de
Carvalho”.

1. Formação em Psicologia. 2. Estudantes de Psicologia.
3. Identidade. 4. Psicologia Sócio-Histórica. I. Título.

CDD 378.198

ANA MARIA BATISTA CORREIA

**AS VIVÊNCIAS NA FORMAÇÃO INICIAL MEDIANDO A CONSTITUIÇÃO
DA IDENTIDADE PROFISSIONAL DE ESTUDANTES DE PSICOLOGIA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Piauí – UFPI, na linha de pesquisa: Ensino, Formação de Professores e Prática Pedagógica, como requisito para obtenção do título de mestra em Educação.

Teresina, 27/06/2013

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Maria Vilani Cosme de Carvalho
Orientadora (UFPI/PPGE)

Prof.^a Dr.^a Wanda Maria Junqueira de Aguiar
Examinador Externo (PUC/SP)

Prof.^a Dr.^a Ana Valéria Marques Fortes Lustosa
Examinadora Interna (UFPI/PPGE)

Prof.^a Dr.^a Rosa Maria de Almeida Macêdo
Suplente (UFPI/PPGE)

À minha família, aos amigos, à Psicologia, aos psicólogos e aos estudantes (principalmente aos que colaboraram), a todos os educadores e a Deus.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus pela oportunidade da vida.

Agradeço à minha mãe, Adalcy Batista Santos, meu pai, Jader José Lucena Dias Correia (*in memoriam*), meus irmãos, Aline e Artur, pelas risadas partilhadas, pelo apoio, pelo carinho e pelas pizzas depois daqueles dias difíceis no Mestrado. Sou feliz por ter em vocês minha fortaleza.

À professora Wanda Maria Junqueira de Aguiar, pela disponibilidade em participar deste momento ímpar em minha vida, e pela contribuição que ofereceu à esta pesquisa.

À minha orientadora, Maria Vilani Cosme de Carvalho, pela oportunidade de aprendizado, por ajudar na minha transformação e por ser exemplo de resiliência.

Às professoras Ana Valéria Marques Fortes Lustosa e Rosa Maria de Almeida Macêdo pelas valiosas contribuições na qualificação e na defesa.

À amiga Ana Gabriela Fernandes, por seu apoio, escuta e auxílio nos momentos de dificuldade.

Às minhas colegas psicólogas: Carla Andréa e Milene Martins, pela gentileza e pelo momento de discussão e partilha dos saberes psi.

Ao professor Périsson Dantas, pela contribuição na qualificação.

Às professoras Eliana, Cris e Elizângela, pelo auxílio em momentos tão difíceis. Foi maravilhoso aprender com vocês.

Aos amigos/irmãos: Raphael Brasil, Carla Náyard, Juliana Pires, Débora, Jéssica e Irany, por estarem comigo em meus melhores e piores momentos.

À toda equipe do Instituto Dom Barreto, por terem acreditado em minha capacidade como psicóloga escolar.

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFPI, em especial: Pádua, Carmen Lúcia, Luís Carlos, Glória, Edna e Bárbara, pelos momentos de aprendizado.

Aos colegas da 19ª Turma, agradeço pela companhia de pessoas sedentas de conhecimento. Agradecimento especial para: Rogéria, Josélia, Isana, Juliana, Wanna, Idelcelina, Ceiça, Socorro, Halda, Wagnaldo e Ranchy.

A todos os meus ex-alunos, em especial: Thayana, Jeane, Fábio, Rayonara, Fernanda, Lina e Joaquim, que hoje compreendem o sentido de ser psicólogo, por mediarem minha identificação com o ser professora.

Aos amigos que acreditaram na concretização desse projeto: Vanessa Pires, Joelle e André.

A todos que mesmo indiretamente fizeram parte da construção desse projeto.

Sonho que se sonha só, é só um sonho; sonho que se sonha junto, é realidade.

Raul Seixas

RESUMO

A presente pesquisa tem origem nas experiências da pesquisadora, como psicóloga e professora do curso de Psicologia da Universidade Estadual do Piauí (UESPI). Tem por objetivo geral: investigar o processo de constituição da identidade profissional do estudante de Psicologia da UESPI, mediante o resgate de suas vivências na graduação; e, por objetivos específicos: conhecer os motivos que orientaram a sua escolha profissional; identificar as principais vivências que transformam o estudante em psicólogo; compreender a relação entre as principais vivências durante a formação inicial e a identidade profissional em processo de constituição; e analisar certezas e incertezas em relação ao futuro profissional. A pesquisa é relevante porque o estudo da constituição da identidade do psicólogo suscita reflexões sobre a sua atuação profissional. A pesquisa está fundamentada na Concepção Psicossocial de Identidade (CIAMPA, 2005), na identidade profissional (DUBAR, 2005) e nas categorias teóricas da Psicologia Sócio-Histórica (VIGOTSKI, 1991; LEONTIEV, 1978; dentre outros). Esse recorte teórico levou à compreensão de que é a estrutura social que oferece os padrões de identidade, fazendo com que existam múltiplas determinações. A abordagem metodológica, de natureza qualitativa, utilizou a entrevista narrativa (FLICK, 2009) como instrumento para a produção dos dados. Para o processo de análise do *corpus* empírico, foi adotado o procedimento metodológico denominado Núcleos de Significação (AGUIAR; OZELLA, 2006). Os resultados permitiram o entendimento do processo de identificação dos estudantes, por meio da construção e da articulação de quatro núcleos que expressam alguns dos múltiplos processos de constituição da identidade de psicólogo. O núcleo “O processo de escolha profissional e a insatisfação no início do Curso”, revelou os motivos da escolha, classificados, em sua maioria, como compreensíveis, pois não têm relação com a atividade profissional do psicólogo nem com os sentimentos de insatisfação nos primeiros períodos da graduação. Os núcleos “Seara PSI: saberes e fazeres da Psicologia e do psicólogo” e “Formação Inicial e as possibilidades de identificação” expressaram que as vivências no processo de formação inicial constituem aspecto identitário, sobretudo nos estágios supervisionados que mediarão o processo de identificação, à medida que viabilizaram o processo de significação sobre o ser psicólogo. O núcleo “Existirmos, a que será que se destina? Ansiedades, formação continuada e olhares sobre si mesmo” apresenta os sentimentos de ansiedade em relação à inserção no mercado de trabalho, e ainda os sentimentos de satisfação por estarem concluindo o curso de Psicologia. Os núcleos revelam que motivos, formação inicial, estágio supervisionado, dentre outros, são alguns dos aspectos

que constituem a identidade de psicólogo. Em síntese, os estudantes se identificaram com o ser psicólogo, entendendo que podem atuar em diversas áreas por meio dos saberes e dos fazeres psicológicos, com o objetivo de ajudar o outro. Portanto, a identidade de psicólogo é constituída sempre no social, mas nunca está pronta; é processo e, assim, constitui eterno vir a ser.

Palavras-chave: Formação em Psicologia. Identidade. Psicologia Sócio-Histórica.

ABSTRACT

This research has its origins on the experience of the researcher, as a psychologist and professor in the Psychology course at Universidade Estadual do Piauí (UESPI). The general goal: investigate the process of formation of professional identity in the psychology student from UEPSI, by remembering their experiences in undergraduate; and, by specific objectives: to know the reasons behind your choice of career; identify key experiences that transform the student psychologist; understand the relationship between the main experiences during initial training and professional identity in process of formation, and analyze certainties and uncertainties about the professional performance. The research is relevant because the study of identity construction of the psychologist raises reflections about their professional performance. The research is based on the Psychosocial Identity Conception (CIAMPA, 2005), in the professional identity (DUBAR, 2005) and the theoretical categories of Socio-Historical Psychology (VIGOTISKI, 1991; LEONTIEV 1978, among others). This theoretical framework has led to the understanding that it is the social structure that provides identity standards, making that exists multiple determinations. The methodological approach, of qualitative nature, has used a narrative interview (FLICK, 2009) as a tool for data production. For the process of analysis of empirical *corpus*, we adopted the methodological procedure called Nuclei of Significance (AGUIAR; OZELLA, 2006). The results allowed the understanding of students identification process, through the construction and articulation of four nuclei that express some of the multiple processes of identity constitution of psychologist. The nucleus “O processo de escolha profissional e a insatisfação no início do Curso”, revealed the reasons for the choice, classified, mostly, as understandable, because they have no relation with the professional performance of a psychologist or with feelings of dissatisfaction in the early periods of undergraduation. The nuclei “Seara PSI: saberes e fazeres da Psicologia e do psicólogo” and “Formação Inicial e as possibilidades de identificação” expressed that the experiences in the process of initial training are aspects of identity, especially in supervised internships that mediated the process of identification, as they enabled the process of meaning about being a psychologist. The nucleus “Existirmos, a que será que se destina? Ansiedades, formação continuada e olhares sobre si mesmo” presents the feelings of anxiety in relation to the insertion in the labor market, and even the feelings of satisfaction due to the finishing the Psychology course. The nuclei reveal that: reasons, initial training, supervised internship, among others, are some of the aspects that constitute to the identity of psychologist. In summary, students identified with a psychologist, understanding

that may work in several areas through knowledge and psychological doings, with the goal of helping each other. Therefore, the identity of psychologist is always constituted in social, but never ready; is process, and thus, is an eternal becoming.

Keywords: Training in Psychology. Identity. Socio-Historical Psychology.

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 – Dados das narrativas relativas à escolha pelo curso de Psicologia	72
QUADRO 2 – Dados das narrativas relativos aos sentimento verbalizados sobre às vivências no curso de Psicologia	73
QUADRO 3 – Dados das narrativas relativos aos saberes e/ou fazeres da Psicologia.....	75
QUADRO 4 – Dados das narrativas relativos às vivências durante a Formação Inicial: Maria	77
QUADRO 5 – Dados das narrativas relativos às vivências durante a Formação Inicial: João	81
QUADRO 6 – Dados das narrativas relativos às certezas e incertezas em relação ao futuro	84
QUADRO 7 – Dados das narrativas relativos à escolha pelo curso de Psicologia	86
QUADRO 8 – Dados das narrativas relativos à esfera afetiva no curso de Psicologia	87
QUADRO 9 – Dados das narrativas sobre os saberes e/ou fazeres do ser psicólogo	89
QUADRO 10 – Dados das narrativas relativos às vivências durante a formação inicial	92
QUADRO 11 – Dados das narrativas relativos às certezas e incertezas em relação ao futuro	99
QUADRO 12 – Núcleos de Significação	101

LISTA DE SIGLAS

CBO – Catálogo Brasileiro de Ocupações

CFP – Conselho Federal de Psicologia

DCN – Diretrizes Curriculares Nacionais

FACIME – Faculdade de Ciências Médicas

LDB – Lei de Diretrizes e Base da Educação

UESPI – Universidade Estadual do Piauí

UFPI – Universidade Federal do Piauí

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	14
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	22
2.1 O que é identidade.....	24
2.2 O processo de constituição da identidade profissional e a(s) identidade(s) do(s) psicólogo(s).....	30
2.3 Categorias a luz da Psicologia Sócio-Histórica: mediando a compreensão de identidade profissional.....	34
2.4 O contexto da formação em Psicologia mediando a constituição da identidade de psicólogo	41
2.4.1 Formação profissional em Psicologia: o contexto histórico	42
2.4.2 O estágio supervisionado em Psicologia e a constituição da identidade do psicólogo	51
3 DIMENSÃO METODOLÓGICA DA PESQUISA.....	57
3.1 Pressupostos teórico-metodológicos.....	58
3.2 O contexto empírico da pesquisa	59
3.2.1 Caracterizando o cenário da pesquisa	60
3.2.2 Caracterizando os interlocutores da pesquisa.....	61
3.2.3 O processo de produção dos dados empíricos	64
3.2.4 O processo de análise dos dados e interpretação dos resultados	66
4 ANÁLISE DOS DADOS: DOS PRÉ-INDICADORES AOS NÚCLEOS DE SIGNIFICAÇÃO	70
4.1 Levantamento dos pré-indicadores das narrativas.....	71
4.2 Aglutinação para os indicadores.....	86
4.3 A construção dos Núcleos de Significação	101
5 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS: A INTERPRETAÇÃO DOS NÚCLEOS DE SIGNIFICAÇÃO	103
5.1 O processo de escolha profissional e a insatisfação no início do Curso.....	105
5.2 Seara PSI: saberes e fazeres da Psicologia e do psicólogo	115
5.3 Formação inicial e as possibilidades de identificação	127
5.4 Existirmos, a que será que se destina?	148

5.5 Uma possível articulação internúcleos Erro! Indicador não definido.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS..... 161

REFERÊNCIAS..... 166

APÊNDICES 175

1 INTRODUÇÃO

O quanto eu te falei?
 Que isso vai mudar
Motivo eu nunca dei
 Você me avisar, me ensinar
 Falar do que foi pra você
 Não vai me livrar de viver

Quem é mais sentimental que eu?
 Eu disse e nem assim se pôde evitar

De tanto eu te falar
Você subverteu o que era um sentimento e assim
Fez dele razão pra se perder
No abismo que é pensar e sentir

(LOS HERMANOS)

A canção apresentada acima evoca nossa relação com a pesquisa. Afinal, o que seria da vida humana sem os sentimentos e os pensamentos? Pensar. Sentir. Agir. Os três verbos entrelaçam-se em outro: viver. Todos expressam a esfera motivacional humana e revelam, na canção, que subverter um sentimento em razão, ou motivo, para agir, leva a se perder no abismo dos pensamentos e dos sentimentos. Entendemos que pesquisar constitui esforço intelectual, físico e emocional, no caminho para alcançar objetivos. No percurso encontramos dificuldades, mas esclarecemos que pensar e sentir possibilitam planejar o nosso agir para sair dos abismos, conseguindo alçar voos cada vez mais altos, vivenciando momentos de felicidade. É impossível pesquisar e não sentir.

Os sentimentos, assim como os pensamentos e as ações, constituem o ser humano, que existe no social, mediado pelas relações com o outro. Nessas vivências, deparamo-nos com um mundo posto, institucionalizado e legitimado socialmente. No entanto, à medida que sentimos, pensamos e agimos nesse mundo, atribuímos sentidos e constituímos nossa singularidade, articulando igualdades e diferenças. Então, não existe abismo em pensar e sentir, mas possibilidades de avançar na compreensão do ser humano.

Ao refletirmos sobre as motivações para realização do mestrado, constatamos que a necessidade de compreender como o pensar, o sentir e o agir são aspectos imbricados na construção da identidade humana foi o principal motivo que instigou o estudo da constituição da identidade de psicólogo do estudante de Psicologia. Para compreensão do fenômeno, embasamo-nos na concepção psicossocial de identidade (CIAMPA, 2005) e nos aportes da

Psicologia Sócio-Histórica (VIGOTSKI, 1972, 1991). Assim, entendemos que identidade é uma questão científica, social e política, pois cada indivíduo vive as relações sociais constituindo uma identidade pessoal e, ao mesmo tempo, concretizando uma política, ou seja, cada ser atua no mundo imprimindo sua marca e por ele sendo marcado. Ciampa (2005) colaborou nessa compreensão, porque defende a tese de que identidade é metamorfose e metamorfose é vida. A identidade, segundo o autor, é uma questão complexa, porque é a estrutura social que oferece os seus padrões, fazendo com que existam múltiplas determinações. Assim, a identidade profissional do estudante de Psicologia se constitui por meio do processo de identificação com o ser psicólogo e, por esse prisma, somente se revela mediante as múltiplas vivências do estudante na graduação, e permanece se desenvolvendo por toda a vida.

As compreensões de Vigotski (1972, 1993) também enriqueceram nosso estudo, porque apresentam a Psicologia como social, e sendo assim, não pode conceber o homem desagregado da sociedade. O autor afirma que o mais íntimo movimento do pensamento de um indivíduo isolado é “social” e “socialmente” constituído. Além disso, compreende que o homem percebe o mundo atribuindo-lhe sentido: “Tem-se demonstrado experimentalmente que não podemos criar condições que separem funcionalmente nossa percepção da atribuição de sentido ao objeto percebido” (VIGOTSKI, 1993, p. 359). Consideramos, com base nessa ideia, que a constituição do ser humano é mediada pelo contexto social, histórico e cultural, sendo processo dinâmico em que, concomitantemente, o ser humano atua no mundo interpretando-o. Esse entendimento nos permitiu inferir que o processo de identificação do estudante se revela pelo movimento de significação suscitado no decorrer das vivências na graduação.

Buscando explicar nossa relação com o objeto da pesquisa, vamos ao encontro das palavras de Ciampa (2005, p. 131), ao afirmar que quando o pesquisador se propõe a compreender a identidade, entendendo-a como processo dialético, a identidade do próprio pesquisador “está em jogo”. Como psicóloga, voltamos ao tempo da escolha profissional em que o sentido atribuído à profissão era a de um profissional que ajuda outras pessoas, aconselhando-as. Na graduação, aos poucos, com as disciplinas, com as leituras, e com o processo de reconhecimento pessoal como futura psicóloga, compreendemos que a profissão é muito mais complexa, e que o psicólogo é profissional cuja atividade é respaldada por Código de Ética específico, possui atribuições e competências reconhecidas socialmente e determinadas por políticas de identidade.

Tivemos a oportunidade de exercer por um ano a monitoria da disciplina de Psicologia Escolar e Problemas de Aprendizagem, o que confirmou nossa identificação com o exercício da docência e a Psicologia Escolar. Embora houvesse o interesse por essas duas áreas de atuação psicológicas, após o término do curso, tivemos como oportunidade de trabalhar na área de Psicologia Comunitária. No terceiro ano posterior à nossa formação, por meio do concurso para professora substituta da UESPI, com duração de dois anos, pudemos produzir mais motivos para reafirmar o interesse pela Psicologia.

Como professora, vivenciamos e sentimos as muitas dificuldades encontradas pelos alunos. Alguns alegavam que tiveram bloqueio para aceitar a realidade tão diferente da que viveram na escola, queixavam-se da estrutura física inadequada dos laboratórios, da ausência de clínica-escola e até mesmo da indisponibilidade de salas para as aulas. Muitos alunos pareciam estar confusos sobre qual abordagem escolher, ou em que área gostariam de atuar, ou qual ramo apresentava as melhores oportunidades no mercado; alguns afirmavam estar em dúvida sobre o que é Psicologia; e havia os que cursavam outra graduação.

Mas foi ministrando a disciplina de Orientação Profissional que tivemos a oportunidade de conversar com os alunos mais diretamente sobre a formação de psicólogo, o processo de escolha profissional e as expectativas do mercado de trabalho. Identificamos que a maioria dos alunos, com os quais convivemos em sala de aula, não tinham a Psicologia como primeira escolha e manifestavam indecisão sobre os interesses nas possíveis áreas de atuação do psicólogo. Isso nos levou a questionar: o que os alunos esperavam da profissão no momento da escolha? Quais os motivos orientaram a escolha profissional? Quais sentimentos foram sendo desenvolvidos em relação à profissão no decurso das vivências na formação inicial? O que esperavam do futuro profissional? Passamos a nos questionar se as incertezas sobre a escolha profissional poderiam dificultar a identificação com o ofício; e quais os significados e os sentidos foram sendo produzidos pelos alunos de Psicologia sobre o ser psicólogo.

Em outros momentos, sobretudo nas supervisões de estágio, vimos que os alunos demonstravam interesse e satisfação nas atividades desempenhadas. Então, havia transformação: alunos que antes apresentavam insatisfação com o Curso, passaram a se mostrar ativos e conhecedores do papel do psicólogo.

Posteriormente à nossa experiência como docente, ao fim do contrato como professora substituta, deu-se nossa aprovação na seleção do Mestrado em Educação e para a seleção de Psicóloga Escolar em escola particular de Teresina. Duas grandes realizações:

aprender e fazer pesquisa e atuar sendo psicóloga escolar. Na escola em que passamos a atuar profissionalmente, convivemos com estagiários de 6º a 9º período do curso de Psicologia e entendemos que o estágio consiste em experiência rica para a constituição da identidade pessoal e profissional do graduando. Essa vivência, aliada às outras na formação inicial, motivaram-nos a estudar a formação do psicólogo como aspecto fundamental na constituição da sua identidade.

Foram as vivências como psicóloga docente e como psicóloga supervisora, preocupada em alcançar o processo motivacional dos alunos de Psicologia, que nos trouxeram inquietações e questionamentos, desencadeando a motivação da psicóloga pesquisadora em busca de respostas, por meio deste estudo, para a questão norteadora principal: como ocorre o processo de constituição da identidade profissional do estudante de Psicologia da UESPI?

Para ter conhecimento de como a profissão de psicólogo vem sendo compreendida, buscamos alguns estudos que explicassem a forma como a sociedade representa esse profissional, como o de Praça e Novaes (2004), que pesquisaram a representação social do trabalho do psicólogo. Os autores esclarecem que o psicólogo é representado como o profissional que ajuda as pessoas a se adequarem à sociedade, ou seja, que desconsidera a dimensão sócio-histórica da sociedade em que vive e trabalha. Como esse estudo, outros (BORTOLOMASI, *et al*, 2008, OLIVEIRA; PERES, 2009) nos levam a deduzir que ainda não se sabe ao certo qual é o objeto de estudo da Psicologia e qual o compromisso social e ético no trabalho do profissional. É possível que esse desconhecimento interfira na dificuldade de identificação do estudante com a profissão.

A formação em Psicologia, para Melo-Silva e Mazer (2010), é uma das responsáveis pela imagem que o psicólogo elabora de sua profissão e do seu campo de atuação. E essa visão, na maioria das vezes, é carregada de estereótipos e representações sociais que distorcem a realidade. A discussão sobre a formação em Psicologia possibilita compreendermos que é no momento da formação inicial que o estudante começa a confrontar suas expectativas acerca da profissão, às vezes equivocadas, com as reais possibilidades dessa atuação.

Assim, recorreremos a alguns estudos que nos permitiram esclarecer as discussões sobre a formação do psicólogo: o livro “Psicólogo brasileiro: práticas emergentes e desafios para a formação”, organizado por Bastos e Archcar (1994); e o artigo intitulado “A formação do psicólogo e as áreas emergentes”, de Carvalho e Sampaio (1997), que discorrem sobre os currículos da formação em Psicologia que eram direcionados às áreas de atuação do psicólogo

denominadas tradicionais (clínica, escolar e organizacional), e sobre a necessidade de o psicólogo ampliar sua atuação para outras áreas chamadas emergentes, como a Psicologia Jurídica, a Psicologia do Esporte, a Psicologia da Saúde etc. Um dos pontos discutidos nesses trabalhos, trata da preocupação ocasionada pelo fato de o currículo ser predominantemente voltado para a atuação na área clínica, e o primeiro, no Brasil, foi o Currículo Mínimo¹. Os referidos estudos sinalizavam a necessidade de reformulações, pois, esperava-se que a mudança na grade curricular repercutisse na formação do psicólogo, transformando os estudantes em profissionais mais comprometidos com as necessidades da população.

O artigo “Que profissional queremos formar?”, de Branco (1998), remete-nos a três questões importantes para discutir a formação em Psicologia no Brasil: primeiro, a necessidade de considerarmos a realidade social brasileira marcada pelas desigualdades sociais; segundo, a imensa diversidade teórica e metodológica da Psicologia; e, por último, a situação do ensino universitário brasileiro, que exige profissionais tecnocratas, corroborando para que os professores de Psicologia desenvolvam trabalhos individuais atendendo a interesses pessoais, restrito à sala de aula, sem instigarem os alunos a refletir sobre a importância da produção de conhecimento coletivo. Esse estudo, bem como os artigos de Bock (1999) e de Dimenstein (2000), sinalizam para a necessidade de repensar a formação em Psicologia, requisitando que os profissionais tenham maior compromisso social e ético.

De acordo com Brasileiro e Souza (2010), essas insatisfações em relação à formação profissional em Psicologia foram constantes desde os primeiros cursos no Brasil. E se mantiveram na década de 1990, guiadas pela busca de nova identidade profissional, mais associada aos novos desafios sociais.

De acordo com Yamamoto *et al* (1997, p. 43), os diversos estudos que versavam sobre avaliação da profissão, buscando clarificar a nova realidade enfrentada pelos psicólogos, tornaram o profissional um dos que mais se autoavalia, suscitando o seguinte questionamento:

O que instiga os psicólogos a conduzirem esses reiterados estudos acerca de sua própria profissão ainda é uma questão em aberto: insatisfação com os caminhos trilhados, imperativos éticos, a amplitude/indefinição da área – ou combinações destes e de outros fatores?

¹ O Currículo Mínimo para o curso de Psicologia foi proposto no momento de regulamentação dos primeiros cursos de Psicologia no Brasil. Para aprofundar o assunto sugerimos ler Rocha Jr (1999)

Independente dos motivos para as preocupações com a profissão, a consequência disso foi a mobilização da categoria profissional, pautada em discussões que sinalizavam para a necessidade de mudanças no currículo, culminando com o Parecer CNE/CES 0062/2004 que dispõe sobre as Diretrizes Curriculares Nacionais para os cursos de graduação em Psicologia. Sobre essas Diretrizes, Marinho-Araújo e Almeida (2005, p. 75-76) explicam:

Mas estamos em um momento histórico propício às transformações: as instituições formadoras encontram-se mobilizadas a respeito das necessárias mudanças do currículo de Psicologia. Essa mobilização desencadeou-se a partir da criação da Comissão de Especialistas em Ensino de Psicologia e concretizou-se em 2000 quando o MEC, por intermédio de sua Secretaria de Educação Superior (SESu) apresentou a Avaliação das Condições de Oferta dos Cursos de Psicologia, apontando a necessidade de uma reestruturação curricular.

Assim, essas Diretrizes funcionam como norteadoras para as Instituições de Ensino Superior (IES) desenvolverem a reestruturação curricular de seus cursos. Esse parâmetro possibilitou a diversificação nos currículos, garantindo formação básica, técnica e científica, mas ao mesmo tempo flexível, atendendo as necessidades da sociedade em geral, e considerando as diferentes características socioculturais e econômicas, que perpassam o espaço da faculdade ou da universidade. Witter e Ferreira (2005, p. 19) afirmam que as Diretrizes são orientações gerais, o que proporciona flexibilidade aos Cursos. Mas, segundo as autoras, existem estudos sobre a formação em Psicologia que ignoram essa característica das Diretrizes, e a consideram como “camisa de força”, fechada e inflexível, o que nos leva a interpretar que as preocupações com a formação do psicólogo sempre vão existir, e fazem parte do desenvolvimento de qualquer profissão científica.

São muitas as discussões sobre a formação inicial e as Diretrizes Curriculares, e por considerarmos a identidade profissional como constituída por múltiplas determinações, é que indicamos a relevância em esclarecermos o movimento de transformações sofrido pela formação inicial, como um dos possíveis determinantes. Ressaltamos, ainda, a necessidade de estudar sobre constituição da identidade de psicólogo em estudantes, cujo curso superior é regido pelas Diretrizes Curriculares.

Esse é o caso do curso de Psicologia da UESPI, que desde 2007 teve sua grade curricular modificada, por meio do Projeto Pedagógico (UESPI, 2007, 2010), escrito por professores e alunos, a fim de resolver algumas insatisfações quanto à antiga grade, como a ênfase nas disciplinas da área clínica. Uma das insatisfações foi apontada por Silva e

Negreiros (2008), que identificaram ausência de preparação para a área social, que era uma demanda de atuação devido às oportunidades de emprego nas cidades interioranas. Conseqüentemente, o atual currículo apresenta como ênfase o Eixo Psicologia e Processos de Promoção de Saúde – Social Comunitária.

Diante das discussões ora desenvolvidas, delimitamos como objetivo geral da nossa pesquisa: investigar o processo de constituição da identidade profissional do estudante de Psicologia da UESPI, mediante o resgate de suas vivências na graduação, e, como são inúmeras, destacamos algumas para alcance deste objetivo, expressas por meio dos seguintes objetivos específicos: conhecer os motivos que orientaram a escolha profissional; identificar as principais vivências que transformam o estudante em psicólogo; compreender a relação entre as principais vivências durante a formação inicial e a identidade profissional em processo de constituição; analisar certezas e incertezas em relação ao futuro profissional.

A pesquisa é relevante porque o estudo da identidade do psicólogo constitui questão social, política e ética, visto que suscita reflexões aos estudantes e psicólogos, sobre suas vivências, como aspectos que constituem sua identidade de psicólogo, tanto do Piauí, como em âmbito nacional, pois o curso de Psicologia existe mediado pelo contexto social, histórico e político. Ressaltamos a importância de a pesquisa ser realizada na UESPI, pois foi a primeira instituição a ofertar o curso de Psicologia no Piauí.

Esperamos, por meio desta pesquisa, contribuir para a construção do conhecimento sobre identidade e formação inicial do psicólogo, auxiliando as IES e os docentes a repensarem as políticas de identidade, direcionando suas atividades para a transformação dos alunos em psicólogos conscientes de seu papel na sociedade, que acompanhem os avanços científicos e as mudanças socioculturais, que reconheçam suas potencialidades, suas limitações e sejam capazes de transformarem a si mesmos e ao mundo.

O relatório da pesquisa está sistematizado nesta dissertação, composta por este capítulo 1, introdutório, que apresenta e contextualiza o problema, a justificativa e os objetivos da pesquisa; o capítulo 2 traz a Fundamentação Teórica, que respalda a pesquisa empírica, com a discussão das categorias teóricas da Psicologia Sócio-Histórica, da concepção psicossocial de identidade de Ciampa e algumas reflexões sobre o contexto da formação em Psicologia; o capítulo 3 apresenta a Dimensão Metodológica da Pesquisa, em que explicitamos os pressupostos teórico-metodológicos e o contexto empírico da pesquisa; o capítulo 4 contempla a Análise dos Dados: dos Pré-Indicadores aos Núcleos de Significação; o capítulo 5 apresenta a Discussão dos Resultados: a interpretação dos núcleos de significação

que, ao serem interpretados, evidenciaram os processos que mediaram a constituição da identidade de psicólogo; e, o capítulo 6, expõe as Considerações Finais.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Eu prefiro ser, essa metamorfose ambulante
Do que ter aquela velha opinião formada sobre tudo
 Do que ter aquela velha opinião formada sobre tudo
 Eu quero dizer
Agora o oposto do que eu disse antes
 Eu prefiro ser
 Essa metamorfose ambulante
 Do que ter aquela velha opinião
 Formada sobre tudo
 Do que ter aquela velha opinião
 Formada sobre tudo
 Sobre o que é o amor
 Sobre o que eu nem sei quem sou

(RAUL SEIXAS)

Consideramos que a música *Metamorfose Ambulante* não poderia ser mais adequada para iniciarmos a explicação sobre a Concepção Psicossocial de Identidade, que adotamos neste trabalho. *Metamorfose*, segundo o Dicionário Aurélio (FERREIRA, 1998), advém do grego *metamórhosis*, que significa: transformação de um ser em outro; mudança na estrutura que ocorre na vida de alguns animais; transformação e mudança notável no caráter de uma pessoa. *Ambulante* advém do latim, *ambulante*, e significa: que anda e que não permanece no mesmo lugar, um ser errante. Assim, podemos ponderar a expressão *metamorfose ambulante* como característica do ser humano que significa caminhar pela vida transformando-se constantemente.

Raul Seixas, nessa canção, ressalta que prefere “ser essa metamorfose ambulante a ter uma velha opinião formada sobre tudo”, isto é, sobre todas as coisas. Em seguida afirma dizer o oposto do que disse. Parece contraditório, e na verdade precisa ser, se concebermos a identidade sob a lógica dialética e sopesarmos que ela vai se transformando à medida que, por exemplo, o estudante de Psicologia interage com a realidade vivida, em especial, com a do Curso, por meio das teorias estudadas, dos professores, dos colegas e passa a produzir significados e sentidos acerca do ser psicólogo.

Os pressupostos da Psicologia Sócio-Histórica e da Concepção Psicossocial de Identidade permitem compreender a constituição da identidade do profissional psicólogo, por defenderem uma concepção de homem como ser concreto que vive em constante “metamorfose” e, portanto, ser de possibilidades. Dessa forma, quando o poeta afirma que prefere ser essa metamorfose “a ter uma velha opinião formada sobre tudo”, ele aceita sua

possibilidade de produzir o mundo, de não aceitar passivamente a velha opinião formada, mas formar e ter sua própria opinião. Existem múltiplas determinações na constituição da identidade profissional do psicólogo, mas compreendemos que é por meio do desenvolvimento de sua consciência, da sua afetividade e da sua atividade como estudante, ao longo da graduação, que as velhas opiniões, ou seja, as significações e as representações sociais sobre a profissão de psicólogo serão dialeticamente ressignificadas.

Essa dialética nos recorda dois processos referentes à identidade: a mesmice e a mesmidade. Quando Raul Seixas afirma que prefere ser essa metamorfose ambulante a ter uma velha opinião formada sobre o amor, temos o indicativo que o homem possui a capacidade de superar a mesmice, esse *status quo*, e garantir sua emancipação. O rompimento do indivíduo com essas velhas opiniões e a capacidade de pensar sobre elas, apresentando novas opiniões, ressignificando-as, articulando mundo objetivo e mundo subjetivo, é a mesmidade. A identidade tende à emancipação que é a superação da mesmice.

O presente capítulo discute questões inerentes ao entendimento relativo à constituição da identidade profissional do psicólogo, entendido como processo e que se relaciona com a formação inicial e a história da Psicologia no Brasil. Esperamos, com isso, contemplar os objetivos da pesquisa em compreender o fenômeno.

Para alcançar esse propósito, iniciamos discorrendo alguns apontamentos sobre identidade, apresentando questões teóricas da Concepção Psicossocial de identidade, contextualizando sobre de que maneira a identidade vem sendo estudada. Em seguida, discutimos o que é identidade profissional e como ocorre a construção da identidade do psicólogo, destacando a importância do processo de socialização secundária para a aprendizagem dos papéis profissionais. Nessa oportunidade, discorreremos a respeito da identidade desse profissional é marcada por diversidade epistemológica, de produção do saber, e por multiplicidade de áreas de atuação.

Discutiremos também, à luz da Psicologia Sócio-Histórica, algumas categorias teóricas que nos ajudam a compreender a identidade profissional como processo. Por fim, apresentaremos breve incursão na história da Psicologia no Brasil, explicando de que modo se deu a implantação dos primeiros cursos até a regulamentação das Diretrizes Curriculares para o curso de graduação em Psicologia, explicando sua relação com a identidade profissional. Ainda relativo à formação inicial, debateremos a importância dos estágios profissionais na mediação para aprendizagem dos papéis profissionais.

Ressaltamos que, nesta discussão, objetivamos fundamentar nosso entendimento da identidade do futuro psicólogo, a partir da Concepção Psicossocial de Identidade e de alguns dos Pressupostos da Psicologia Sócio-Histórica.

2.1 O que é identidade

A identidade é entendida como processo de reconhecimento do Eu, e o homem, ao longo de sua história, sempre se deteve em buscar compreender a si mesmo. Essa curiosidade instigou filósofos e outros estudiosos a desenvolverem as mais diversas teorias sobre a identidade.

Algumas expressões marcaram essas inquietações: “Conhece-te a ti mesmo”, ou, ainda, “Penso, logo, existo”. Mas, afinal, porque precisamos conhecer quem somos nós? A identidade, como processo que, em nosso estudo, está referenciada por Ciampa (2005) e outros autores, permite-nos compreender “quem sou eu” e “quem poderei vir a ser”? Segundo Ferreira (2011), a identidade constitui-se em enigma indecifrável. Para justificar seu posicionamento, alude a alguns trechos da lenda chinesa do pássaro sem cor, que apresentamos na íntegra e que serviu de inspiração para tecer algumas considerações sobre identidade.

Era uma vez um pássaro que tinha nascido diferente dos outros. Ele não tinha cor. E todos o chamavam de pássaro sem cor. Sempre que o chamavam assim, ele ficava triste. E ainda brincavam:

– Ah! Se não tem cor, não é pássaro. Ele andava e voava de lá pra cá, sem saber o que fazer. Um dia, ele encontrou um velho pássaro muito inteligente e capaz de explicar coisas difíceis. Perguntou-lhe:

– Porque não tenho cor?

– Porque você é especial, um pássaro mágico! – respondeu o velho pássaro. – Você tem mais cores que os outros, mas ninguém ainda conseguiu vê-las. Descubra a mágica que existe em você e será o mais colorido de todos!

– “Mas como, grande mestre” – perguntou o pássaro sem cor –, como vou descobrir esse segredo mágico?

E o velho sábio disse:

– Descubra-se! Saia caminhando e voando. Veja o que você pode fazer pelos outros e como deixar o mundo melhor. Aí saberá o quão colorido e belo você é.

O pássaro não entendeu direito, não sabia o que fazer, mas resolveu seguir o conselho. Caminhando e voando, viu alguém que precisava de ajuda, que se afogava e chamava:

– Por favor, alguém me ajude!

O pássaro sem cor saiu à procura de ajuda porque um menino se afogava. Quando salvo, disse:

– Nossa, pássaro vermelho, que maravilha! Você é um anjo! Quando vi você, sabia que me ajudaria.

O pássaro sem cor ficou assustado. Era a primeira vez que alguém o chamava de vermelho. Perguntou:

– Porque você me chama de vermelho, se não tenho cor?

E o menino disse:

– É lógico que você tem cor! E é linda! Você é vermelho, a cor da vida, a cor do sangue!

E com uma série de boas ações e gestos, cada um que encontrava o pássaro lhe atribuía uma cor. O pássaro sem cor já nem sabia mais qual cor tinha! Havia sido chamado de vermelho, verde, amarelo. Mas continuou o seu caminho, sempre ajudando quem precisava ou avisando quando havia perigo. Em cada lugar, era chamado de outra cor, azul quando salvou o mar, rosa quando salvou os botos cor-de-rosa, enfim, todas as cores. Já muito intrigado, porque agora todo mundo o chamava de pássaro colorido, ele voava pelas montanhas, quando avistou um pássaro indo em direção à rocha. Parecia meio cego pelo sol, não percebendo o risco que corria. Ele saiu em disparada e desviou o grande pássaro do acidente iminente. Passado o susto, o pássaro, que era muito bonito, disse:

– Pássaro sem cor, hoje você me salvou e ainda me deu uma lição. Eu debochava de você porque eu era lindo e você feio. Agora você é o mais belo dos pássaros, tem mais cores, é mais respeitado.

Os dois se despediram. Agradecendo um ao outro e, de repente, apareceu aquele velho pássaro sábio. O jovem, agora muito feliz, perguntou ao sábio:

– Como soube que eu era mágico e tinha todas essas cores?

E o velho disse:

– Você tinha a bondade nos olhos, a inteligência nas suas perguntas e a vontade de nunca dizer NÃO para quem pede ajuda. Eu tinha muita certeza que, caminhando e voando pela vida, você iria ajudar muita gente e salvaria muitas coisas, e se tornaria o mais belo e o mais respeitado de todos os pássaros. A mágica da vida é esta: aquele que quer e sabe fazer o bem, que tem o desejo de ajudar os outros, sempre será o mais querido. Pois descobriu as cores da bondade com inteligência e determinação. (IBIABINA, 2011, p. 19-20)

A lenda do pássaro nos remete a algumas questões teóricas sobre identidade desenvolvida por Ciampa (2005), que serão associadas no decorrer do presente texto. Identidade é igualdade e diferença em relação a si e aos outros, então, cedo o pássaro percebeu ser diferente de outros membros de igual espécie. O pássaro andava perdido, sem saber o que fazer, um dia outro pássaro reconhecido pela “sociedade de pássaros” como sábio explicou que ele não possuía cor porque era especial, suas cores somente seriam percebidas pelos outros se ele saísse pelo mundo ajudando a quem encontrasse pelo caminho, ou seja, por meio de sua atividade, seu agir no mundo.

As palavras do pássaro sábio não deram resposta segura ao pássaro sem cor sobre quem ele era, mas o fizeram modificar em orientação e sentido a sua atividade no mundo, o fizeram construir o seu próprio caminho, e desse modo ele foi exercendo a atividade pressuposta pelo pássaro sábio. Cada vez que agia, o mundo o via, conforme suas ações, nas cores verde, azul, vermelho e conforme o tempo passou foi se surpreendendo com a possibilidade de transformar a realidade vivida e acabou por fim a concordar com o sábio que ele era especial e mágico. Desenvolveu sua consciência apropriando-se dessas duas características como suas e, assim, repôs para si a representação de que não era um pássaro

sem cor, porque exerceu sua metamorfose (ou seja, sua própria identidade). Superou a mesmice de si mesmo.

Possivelmente, se o sábio houvesse dito que ele era um pássaro cinza e sem graça, ele nem teria tentado, mas isso é uma possibilidade. Ciampa (2005) reflete a possibilidade na qualidade de categoria filosófica que orienta o estudo sobre identidade e, dessa forma, entendemos que a identidade é sempre permeada pela possibilidade de transformação, por isso constitui-se enigma indecifrável, o que vemos no pássaro, em determinado momento, é exatamente um retrato que se revela passageiro em sua vida. No outro instante, o pássaro pode se tornar o mais colorido ou o mais cinza, tudo depende dele próprio e das relações que estabelece com os outros pássaros.

Na constituição da identidade profissional do psicólogo, o estudante passa por este movimento dialético de igualdade e diferença, da possibilidade, da mesmice e da mesmidade. Conforme o estudante vivencia a graduação, ele pensa, sente e age, sempre perpassado pelo social, e, conseqüentemente, vai se transformando em psicólogo.

Já estamos apresentando algumas das características que revelam a Concepção Psicossocial de Identidade, e entendemos como importante incorrer alguns apontamentos sobre o estudo da identidade.

Existem muitos outros estudiosos que se propõem a descrever o que é identidade e como ela se constitui. Na história da humanidade muitos dos que se propuseram a compreendê-la concebiam identidade como fenômeno estanque, e, portanto, imutável (JACQUES, 1998; BOGO, 2010). Aos poucos, com as mudanças sociais e históricas, o homem teve a possibilidade de compreender a materialidade histórica da identidade e outras possibilidades de compreensão foram surgindo, concebendo identidade como processo.

Os estudos sobre identidade na Psicologia, conforme Jacques (1998), estão, em sua maioria, na Psicologia Analítica do Eu e na Psicologia Cognitiva. Na Psicologia Social, alguns estudiosos são referência, como William James, em 1920, e George Mead, em 1934, seguidos por um período com pouca produção, para posteriormente a temática sobre identidade tornar a receber atenção, em contexto com muitas transformações econômicas e sociais. Trata-se da globalização, um fenômeno que é determinante nas subjetividades humanas e a ser considerado nos estudos sobre identidade. De acordo com Mancebo (2003), a globalização não corresponde apenas a movimento único, mas a relação de fenômenos contraditórios que interpelam as subjetividades com mudanças tanto em grande proporção para a sociedade, quanto no contexto de experiência individual. O processo de globalização se

deve às mudanças aceleradas e profundas que, embora atinja a todos, não implica em homogeneidade social; ao contrário, gera mais desigualdades sociais.

Sobre a globalização, Baptista (2004) compreende que os processos de transformação da identidade acabam sofrendo o mesmo ritmo acelerado, o que incorre na possibilidade de gerar um fenômeno oposto ao risco de não constituição da identidade autônoma, pois se a identidade é construída por igualdade e diferença, essa igualdade é ameaçada pela exigência de constantes transformações.

Entendemos que as constantes transformações sociais e econômicas da contemporaneidade incidem diretamente nas identidades e possibilitam um campo amplo de interpretações. Jacques (1998) ressalta que nas tentativas de conceituar identidade é notória a diversidade terminológica, com o uso de expressões diferentes, como *imagem*, *self* e *representação*, o que reflete, ao mesmo tempo, a diversidade teórica dos autores e a dificuldade em expressar conceitualmente sua complexidade. Para a autora, é diante dessa dificuldade conceitual que a identidade passa a ser qualificada em pessoal – referindo-se a atributos do indivíduo –, e em social – referindo-se a atributos de grupos.

Segundo Laurenti e Barros (2000), essa dicotomia entre indivíduo e grupo é debate antigo, relacionado ao uso, por cientistas sociais e pessoas comuns, da expressão *personalidade*, para significar o que hoje concebemos como *identidade*. Os estudos sobre *personalidade* privilegiavam perspectiva individualista que fazia referência, ainda, às discussões sobre o normal, o patológico, o natural e o inerente. Dessa forma, o indivíduo com transtorno mental, por exemplo, era responsabilizado por seu adoecimento, e o social não era ponderado. Existia uma separação entre indivíduo e grupo. Foi diante do objetivo de superar essa dicotomia, que os psicólogos sociais adotaram o termo *identidade social*, considerando o homem como ser singular, mas sócio-histórico (LAURENTI; BARROS, 2000).

Para Ciampa (2004), a *identidade* é questão social, que julga dialeticamente a individual e a coletiva como duas faces de uma mesma moeda, pois individualidade e coletividade relacionam-se, interpenetram-se, ora semelhantes, ora diferentes, articulando subjetividade e objetividades, e transformam-se da quantidade à qualidade.

Conforme a concepção psicossocial de Ciampa (2005), *identidade* corresponde ao processo de reconhecimento do eu, mas entendendo o indivíduo como conjunto das relações sociais dentro da História. As bases da concepção de *identidade* do autor estão referenciadas no materialismo histórico dialético, a partir das contribuições de teóricos como Friedrich Hegel, Karl Marx e Jurgen Habermas. Essa explicação coaduna com os pressupostos teóricos

e metodológicos do nosso estudo, a Psicologia Sócio-Histórica, permitindo analisar a identidade como formação material que pode ser investigada por categorias teóricas que serão explicitadas adiante.

Destarte, identidade, segundo Ciampa (1998, p. 252), corresponde a: “[...] uma categoria científica, ao lado de atividade e consciência, central para a Psicologia Social”. É também considerada como processo, ao qual o autor nomeia de metamorfose, para evidenciar o movimento de constituição da identidade, que representa a pessoa e a engendra. Então, entender a identidade humana revela que o “quem sou eu” ou o “quem poderei ser” nunca estão prontos, mas em eterno vir a ser, a partir da metamorfose, que é inevitável.

Ciampa (2005) apresenta a tese de que identidade é metamorfose, e metamorfose é vida. Sua concepção é que o estudo da identidade implica uma questão científica, acadêmica, social e política. Cada pessoa, ao se relacionar em sociedade, concretiza sua identidade pessoal, que concretiza uma política. Assim, as identidades constituem a sociedade, ao passo em que são constituídas por ela.

Para compreender a identidade humana como metamorfose, Ciampa (2005) afirma que, inicialmente, a vemos conforme traço estático que define o ser. Exemplificando, quando acabamos de conhecer um jovem, as primeiras perguntas que fazemos para conhecê-lo estão relacionadas aos seus dados de identificação, como nome, ou a atividade social principal que desenvolve, se estuda ou se trabalha. As pessoas interiorizam características que os outros lhes atribuem, de modo que essas se tornam suas. Dessa forma, o jovem que acabamos de conhecer diz seu nome e sua ocupação. Um nome e determinada ocupação não são a identidade, mas representam-na em dado momento e, por isso, corremos o risco de pensar a identidade como fenômeno estático.

A identidade está constantemente em movimento e o decurso de identificação com determinado nome se dá à medida que o jovem adquire consciência de si mesmo. Então, para compreender o processo de constituição do humano, é necessário recorrermos a categorias como: atividade, consciência e identidade (CIAMPA, 2005); e historicidade, mediação, pensamento, linguagem, significado, sentido, necessidade e motivo (AGUIAR, 2009).

Ainda sobre a Concepção Psicossocial de Identidade, inspiramo-nos na sistematização de Carvalho (2011) sobre três das questões teóricas discutidas por Ciampa (2005), para organizar nosso entendimento do processo de constituição da identidade social. A primeira questão é a identidade ser articulação entre subjetividade e objetividade, que pode ser explicada tomando por base a ideia da identidade, seja a pessoal ou coletiva, como

construção social. A segunda questão, em que identidade é articulação entre igualdade e diferença revela que o indivíduo vai se igualando e se diferenciando, conforme interage com os outros, que lhe são significativos. A terceira questão refere-se à pressuposição e reposição, porque existe sempre uma identidade pressuposta por atributos estabelecidos pela sociedade e que vai ser reposta, conforme o indivíduo ou o grupo social reconhece esses atributos, preservando a mesmice imposta.

Quando o indivíduo não reconhece a pressuposição existente, principalmente devido a uma atitude de reflexão, ocorre a paralisação do processo de reposição e o surgimento da mesmidade. Esse movimento de transformação da mesmice em mesmidade consiste na metamorfose de pensar e ser, que se baseia no rompimento da mesmice, e no contínuo de identificação e de diferenciação em relação aos predicados (im)postos. (CIAMPA, 1989, 2005). O exemplo do pássaro expressou, metaforicamente, a mesmidade de pensar, quando ele não aceitou o que estava pressuposto, que era um pássaro sem cor, e por meio de seu agir transformou a si mesmo e ao mundo, pois os outros passaram a reconhecê-lo como colorido.

Portanto, consideramos que o homem não é algo, mas aquilo que ele faz, por sua atividade no mundo em relação aos outros. Nesse sentido, Ciampa (2005) apresenta a essência da constante (trans)formação da identidade, que assim como a realidade, é movimento e transformação, metamorfose ambulante. A personagem, tomando por base as ideias do autor, constitui a melhor forma de expressar esse movimento e a transformação da identidade. Podemos pensar que na identidade existem autorias coletiva e individual da sua história. Quando um indivíduo discorre sobre sua identidade, imaginamos que ele descreve uma personagem, que vai interpretando diferentes papéis, e que está inserido em um cenário.

Conforme Ciampa (2005, p. 141), papel corresponde a “[...] uma atividade padronizada previamente”. Berger e Luckmann (2011) defendem o papel como uma espécie de tipificação, que ocorre no contexto de um acervo objetivado de conhecimentos comuns à coletividade de atores. Por conseguinte, o papel constitui-se em conjunto de conhecimentos e de práticas, e a sociedade espera que a pessoa seja capaz de desempenhá-lo.

Entendemos que um estudante que faz Psicologia, durante suas vivências, vai aprendendo muitos papéis. Nesse sentido, os estágios correspondem a etapas de transformação, para que eles produzam novos sentidos sobre o papel do psicólogo, ressignificando-o. Dessa maneira, o término da graduação constitui-se em outro período de ressignificação. E como identidade é metamorfose, transformação, é transformando a si mesmo que transforma a realidade.

Ainda sobre a identidade ser metamorfose, Carvalho (2011) acredita que os estudos permitem desvelar que a identidade é processo permanente de formação e de transformação do indivíduo, baseada em condições históricas, sociais e materiais que podem ou não levar à emancipação humana, ou seja, não necessariamente todos conseguem alcançar essa conscientização sobre si mesmo e sobre a realidade.

A Concepção Psicossocial de Identidade imprime movimento à definição de identidade comparando-a à metamorfose, no sentido histórico-social. O homem é capaz de se metamorfosear ao longo de sua vida, constituído pelas contradições como articulação da subjetividade e da objetividade: o vir-a-ser-sujeito. Somos, à medida que nos relacionamos com o mundo.

Retomando a discussão do início do texto, entendemos a identidade como enigma, pois, em virtude de sua materialidade histórica e dialética, ela constitui-se em processo de reconhecimento do eu ou de grupos sociais a partir da inserção do indivíduo ou grupo nos diferentes contextos sociais, históricos e culturais. É, nesses contextos, que se revela um segredo da identidade, que é igualdade e diferença em relação a si próprio e aos outros. Pois o indivíduo ou grupo vai se reconhecendo como igual e como diferente dos outros, em movimento constante de apropriação da realidade objetiva e construção da realidade subjetiva.

Outro segredo explica que identidade é pressuposição e reposição, pois à medida que as identidades são pressupostas para o indivíduo ou grupo, características ou atributos são interiorizados e reconhecidos, ou seja, repostos. Essa reposição traduz o movimento de mesmice, que dá à identidade a aparência de estabilidade. A partir de quando o indivíduo deixa de reconhecer a identidade pressuposta, rompe com a aparente estabilidade, por meio do desenvolvimento de sua consciência e da superação da mesmice. Isso explica que identidade seja metamorfose, processo de constante (trans)formação.

A partir da discussão realizada até aqui, analisaremos, a seguir, as identidades profissional e do psicólogo, objeto de estudo desta pesquisa

2.2 O processo de constituição da identidade profissional e a(s) identidade(s) do(s) psicólogo(s)

Nosso propósito, neste momento, é explicitar como se constitui a identidade profissional, em especial, a do psicólogo. De acordo com Baptista (2004), a identidade

profissional pode ser considerada uma faceta da identidade, composta pelo conjunto de papéis profissionais que a pessoa assume no decorrer da sua vida. Identidade profissional é construção social, histórica e dialética, que se desenvolve em período denominado vida ativa, e pode ser entendida como a fase em que o indivíduo se depara com as exigências do mercado de trabalho, como por exemplo, ter que obter uma formação profissional.

Dubar (2005, p. 136) também nos ajuda a compreender o que é identidade profissional, quando explica que a identidade é o resultado “estável e provisório, individual e coletivo, subjetivo e objetivo, biográfico e estrutural, dos diversos processos de socialização que, conjuntamente, constroem os indivíduos e definem as instituições”. Para o autor, as identidades possíveis, como a profissional, são acessíveis no decorrer da socialização secundária.

Socialização, para Berger e Luckmann (2011), é a evolução por meio da qual o indivíduo interioriza a realidade. A socialização primária constitui o primeiro processo vivenciado pelo indivíduo, e ocorre na infância. A socialização secundária corresponde a interiorização de submundos institucionais, ou seja, a interação do indivíduo com outros espaços além do que ele já conhecia. É nessa etapa da socialização que pode ocorrer desenvolvimento da identidade profissional.

Baptista (2004) atribui importância à socialização, porque considera que é por meio desse processo que as pessoas aprendem os papéis sociais, tão importantes para a inserção no mundo vivido. Sobre a socialização secundária, a autora ressalta que:

É nesse momento que outras instituições passam a oferecer modelos de identidades coletivas, com os quais as identificações possam ser estabelecidas. Em geral, é nesse tipo de contexto que se dá a aprendizagem de papéis profissionais e, assim, a constituição das identidades profissionais. (BAPTISTA, 2004, p. 147).

Para a autora, os papéis profissionais consistem em viabilizar que as pessoas automatizem sua participação no mundo vivido. As vivências na graduação possibilitam ao estudante conhecer a realidade da profissão, inclusive o papel social prescrito, apropriando-se de significados, produzindo sentidos sobre o ser psicólogo e constituindo sua identidade, que se expressa no pensar, sentir e agir.

Referenciados por Berger e Luckmann (2011), compreendemos que, ao conhecerem os papéis sociais, o indivíduo participa do mundo social, que se torna subjetivamente real para

ele. Aprender os papéis sociais disponíveis é essencial para a inserção do indivíduo na sociedade e essa aprendizagem ocorre mediante o processo de socialização.

O movimento de identificação do estudante universitário com o ser psicólogo, ocorre à medida que, durante a socialização da profissão, ele vai se apropriando das representações sociais, dos papéis sociais, das normas e dos valores, ou seja, dos significados sociais sobre o profissional, atribuindo sentidos que desenvolvem o sentimento de pertencimento a esse grupo social. Logo, consideramos que a formação profissional em Psicologia corresponde a um dos processos de socialização secundária que constitui a identidade de psicólogo, possibilitando (ou não) a identificação.

A identidade é entendida como o próprio desenvolvimento de identificação. A constituição da identidade profissional se dá mediante a dialética dos mecanismos de identificação, de atribuição e de reconhecimento para Dubar (2005), ou, respectivamente, de pressuposição e de reposição para Ciampa (2005). A atribuição/pressuposição corresponde ao mecanismo pelo qual o indivíduo é identificado pelo outro, ou seja, existe uma identidade atribuída ou identidade para o outro, de acordo com o que está socialmente disponível, como um papel social, por exemplo. O reconhecimento/reposição corresponde ao mecanismo pelo qual o indivíduo se reconhece ou recusa esse reconhecimento do que está socialmente disponível, podendo transformar essa identificação. Nesse sentido, a constituição da identidade profissional não acontece de modo isolado, mas de modo relacional, durante as vivências no mundo.

O processo de identificação com o ser psicólogo, depende, entre outras coisas, da formação profissional que possibilita ao estudante aprender o ofício, no caso, o de psicólogo. Para Krawulski (2004), no decurso de aprender determinada profissão, o indivíduo aprende os conhecimentos e as habilidades necessárias ao seu exercício, e ainda, os indícios sobre o modo de vivê-la. Ou seja, para a autora, a profissão ultrapassa simples conjunto de aptidões, e é uma forma de vida a ser assumida, uma vez que a relação entre o indivíduo e a profissão caracteriza-se pelo sentimento de identidade e de adesão aos objetivos e aos valores profissionais. De acordo com Mazer e Melo-Silva (2010), o ser psicólogo é uma busca constante de contornos identitários.

Para Dimenstein (2000), um dos aspectos mais importantes da cultura profissional do psicólogo é o fato de o ofício ser atrelado ao modo de ser do sujeito, ou, o ser psicólogo, e à compreensão de si, mais que em outras profissões. No trabalho profissional existe uma crença na superioridade do conhecimento de cada psicólogo, como capaz de explicar tudo. Para

Dimenstein (2000) e Figueiredo (1993), a ênfase na singularidade de cada profissional repercute no pensar sobre a identidade profissional, como algo cada vez mais difícil de ser definida.

Essa dificuldade na definição sobre a identidade do psicólogo, permite entendermos que, apesar de encontrarmos muitos estudos sobre o ofício de psicólogo (KRAWULSKI, 2004), existem poucos trabalhos que versam sobre sua identidade profissional (ABREU-FILHO, 2000; MAZER; MELO-SILVA, 2010), indicando que este é um campo de pesquisa que precisa de mais estudos.

No entender de Bock (1999), a categoria de psicólogo possui identidade profissional que reflete as práticas importantes que os profissionais vêm desenvolvendo. Essa categoria leva a novo desafio, o de identificar-se com as necessidades da maioria da população, sendo capaz de construir respostas técnicas e científicas adequadas. A sua identidade deve se metamorfosear o tempo todo, acompanhando as mudanças da realidade social. A autora recusa a Psicologia cristalizada de uma mesmice de nós mesmos. A identidade é metamorfose e, por isso, a profissional nunca estará pronta, pois acompanha o movimento da realidade que é vivenciada.

Mazer e Melo-Silva (2010) compreendem a identidade profissional do psicólogo como o conjunto integrado de fatores pessoais e da formação profissional, que passa pela escolha do Curso, pelo significado de ser psicólogo, pela formação acadêmica e pela vivência como profissional. Essa compreensão nos leva a inferir que identidade também pode ser considerada uma categoria de estudo que permite apreender o processo contínuo de identificação com a profissão de psicólogo, relacionado a múltiplas determinações.

Seguindo pensamento correlato, Krawulski (2004) afirma que para a constituição da identidade profissional do psicólogo, alguns elementos contribuem, como o conjunto de saberes, as práticas e as normalizações de conduta, além de elementos da história de vida e de formação acadêmica dos psicólogos que se articulam ao trabalho em Psicologia. Essa articulação demarca o caráter de processualidade da identidade profissional e permite entendê-la como construção social.

De acordo com Corona (2004 *apud* MAZER; MELO-SILVA, 2010) a identidade do psicólogo corresponde ao seu próprio fazer ou à prática cotidiana, especificando que suas práticas, seus saberes e sua formação incidem na forma como os psicólogos trabalham e na forma como concebem a si mesmos.

Diante do exposto, compartilhamos do posicionamento de que a identidade profissional do psicólogo “tem importantes sementes lançadas durante o período de formação acadêmica” (KRAWULSKI, 2004, p. 34), ou seja, o “pontapé inicial” (MAZER; MELO-SILVA, 2010, p. 288) é na graduação. Nesse sentido, Leite e Silva (2010) compreendem o currículo e a formação como elementos de construção e de reconstrução da identidade do estudante de Psicologia, futuro psicólogo.

Assim, compartilhamos da afirmação de Marinho-Araújo e Almeida (2007, p. 245), ao abordarem a identidade profissional do psicólogo escolar “[...] como uma questão complexa, relacionada e influenciada por muitos aspectos, especialmente pela história pessoal do psicólogo e pelo reconhecimento social da profissão”. O estudante de Psicologia, ao adentrar na graduação, traz consigo sua história pessoal e adentra o mundo institucional da Psicologia acessando a própria história da profissão, com a “cultura psi” disponível e com diversas outras identidades que compõem aquele universo de relações. Essa cultura corresponde ao conjunto de saberes advindos da Psicanálise, da Psicologia e da Psiquiatria, das práticas geradas por esses saberes e dos profissionais que atuam.

O estudante de Psicologia está em processo de constituição de sua identidade profissional, mediado pelas suas vivências pessoais e sociais, em que estão presentes mecanismos de identificação que definem a identidade social para si (atribuição/pressuposição), ou, quem ele é, e a identidade social para o outro (pertencimento/reposição), ou, quem ele quer ser.

Para ampliar nossa compreensão acerca dos movimentos envolvidos na constituição da identidade profissional, recorreremos a algumas das categorias da Psicologia Sócio-Histórica que, segundo Aguiar (2009), podem consistir em heurística capaz de explicar o movimento dialético da identidade profissional do psicólogo como metamorfose que tende à emancipação. A discussão que segue está circunscrita à apresentação das categorias: mediação, historicidade, pensamento, linguagem, atividade, consciência, significados e sentidos.

2.3 Categorias a luz da Psicologia Sócio-Histórica: mediando a compreensão de identidade profissional

Para Ciampa (2005), o estudo da identidade como processo de transformação do eu, desenvolve-se mediante as categorias identidade, atividade e consciência. Conforme os

estudos de Lane e Codo (1989) e Lane (1995), além dessas, outras categorias podem nos ajudar a compreender a constituição do humano, como as categorias da Psicologia Sócio-Histórica. Mas, afinal, o que é categoria e como podemos, por meio de algumas delas, descortinar o movimento que estrutura a identidade humana?

A palavra categoria, segundo o dicionário Aurélio (FERREIRA, 1998), advém do grego *Kategoría* e significa caráter, espécie, natureza, série, grupo ou, qualidade. Ferreira (1998), apropriando-se das ideias de Kant, explica que categoria é o conjunto dos conceitos fundamentais do entendimento. Compreendida dessa forma, viabiliza a compreender determinados fenômenos psicológicos na medida em que apresenta conceitos generalizados que facilitam sua interpretação, sendo, por isso, considerada, no presente estudo, heurística para entender a constituição da identidade profissional.

Em pesquisas de natureza qualitativa, fundamentadas nos aportes teóricos da Psicologia Sócio-Histórica, é comum o uso de categorias teóricas para orientar reflexões do pesquisador sobre a construção da subjetividade. Segundo Cury (1995, p. 21), “As categorias são conceitos básicos que pretendem refletir os aspectos gerais e essenciais do real, suas conexões e relações. Elas surgem da análise da multiplicidade dos fenômenos e pretendem alto grau de generalidade”. Em outras palavras, a categoria constitui uma estratégia heurística para analisar a constituição da identidade como movimento dialético.

Nosso estudo, baseado nos aportes teóricos da Psicologia Sócio-Histórica, implica uma visão sobre o fenômeno psicológico a partir de sua gênese no homem, como explica Aguiar (2007a, p. 95):

As categorias se apresentam então como aspectos do fenômeno, constituídos a partir do estudo do processo, do movimento, da gênese deste último. As categorias de análise devem dar conta de explicitar, descrever e explicar o fenômeno estudado em sua totalidade. São construções ideais (no plano das ideias) que representam a realidade concreta e, como tais, carregam o movimento do fenômeno estudado, suas contradições e sua historicidade.

Então, conforme o objetivo da pesquisa, compreender a constituição da identidade do estudante de Psicologia, as categorias nos possibilitam conceber a identidade como sucessão permanente de construção e de reconstrução do ser psicólogo. Permitem analisar o movimento de transformação da identidade, sem, contudo fragmentá-la por meio de conceituações estanques, mas sempre conectadas a um todo, em um movimento de contradições, de negações e de transformações.

Para compreender a identidade do psicólogo, recorreremos às categorias: pensamento e linguagem, mediação, historicidade, necessidade, motivo, significado e sentido. Para descrever as categorias que irão compor nosso processo de compreensão do fenômeno estudado, reportar-nos-emos às contribuições da Psicologia Sócio-Histórica.

Consideramos que a linguagem é o elemento fundamental em nossa investigação, pois, por meio dos seus aspectos externo – a fala –, e interno – o movimento do pensamento, que se realiza na fala –, é possível compor os dados da pesquisa, e assim podemos entender a complexidade da constituição da identidade profissional e ainda, compreender as categorias significado e sentido. Então, iniciamos pelas categorias pensamento e linguagem.

Conforme Vigotski (2010, p. 412), entre o pensamento e a palavra existe antes uma contradição que uma concordância. Ele esclarece que a linguagem não corresponde a simples reflexo de um pensamento pronto, pois: “Ao transformar-se em linguagem, o pensamento se reestrutura e se modifica. O pensamento não se expressa, mas se realiza na palavra”. Por isso, pensamento e linguagem constituem par dialético, pois se relacionam como dois elementos singulares e iguais, ao mesmo tempo. Essa dialética revela também que pensamento e linguagem são movimentos que constituem o desenvolvimento humano, a própria humanização do ser humano, à medida que, de acordo com Aguiar *et al.* (2009), o desenvolvimento da linguagem e dos significados, que são produções histórica e social, viabilizam a representação da realidade no pensamento.

Entendemos que o ato de pensar constitui atividade complexa que se relaciona com a linguagem, mas quando nosso pensamento se converte em palavras, estas fracassam, por não conseguirem revelar tudo que pensamos. A compreensão das categorias pensamento e linguagem constituem possibilidade de transcender a aparência e alcançar a essência do fenômeno, e, dessa maneira, apreender indícios da constituição da identidade profissional dos alunos a partir de suas falas, que descortinarão ao menos uma parte de seus pensamentos sobre a profissão e as vivências ao longo da graduação em Psicologia.

Para romper com a aparente dicotomia do par dialético pensamento e linguagem, e com isso, compreender a constituição da identidade como desenvolvimento composto por singularidades e igualdades, supomos a categoria mediação como fundamental em nossa investigação. A mediação, de acordo com Oliveira *et al.* (2007, p. 102-103), é uma categoria filosófica, e não pode ser considerada como produto da relação entre dois elementos opostos. Para os autores:

A mediação é, portanto, uma força negativa que une o imediato ao mediato e, por isso, também os separa e os distingue. Apesar de permitir a passagem de um termo ao outro, ela não é apenas uma “ponte” entre os dois pólos, ela é um dos elementos da relação responsáveis por viabilizá-la.

Essa categoria é mais que o elo de ligação na relação entre dois elementos, mas viabiliza essa relação e as transformações dialéticas de cada um. Mediação é sopesada por Aguiar *et al.* (2009) como categoria metodológica que explica as múltiplas determinações da realidade social e nos ajuda a romper com dicotomias, como por exemplo, a de mundo externo e interno, pois conforme o caráter dialético impresso na relação do homem com o mundo, estes dois mundos relacionam-se um com o outro. Essa categoria não apenas liga dois elementos, mas se configura como centro organizador dessa relação.

A mediação nos ajudará a compreender como determinados aspectos estão imbricados no processo de identificação do estudante de Psicologia com a profissão. Afinal, a base para a constituição da identidade profissional do estudante de Psicologia depende das relações que ele mantém com a sua realidade objetiva, o que implica inferir que família, formação inicial, sobretudo oportunidades de estágio, e as vivências com professores são aspectos constituintes desse decurso. A mediação está presente em toda constituição da identidade humana e se revela presente nas outras categorias. Por exemplo, o que faz a mediação do pensamento e da linguagem é o significado.

Entendemos que se a categoria mediação possibilita captarmos o movimento de transformação da identidade profissional, a categoria historicidade constitui o próprio movimento de transformação da identidade. Segundo Ciampa (2005), identidade é história. Demo (1981) nos ajuda a conhecer a categoria historicidade, quando estabelece a diferença entre três termos frequentemente empregados para explicar as mudanças que ocorrem nos fenômenos (em nosso caso, investigamos o fenômeno identidade profissional do psicólogo): historicismo, historicismo e historicidade.

Historismo refere-se à tendência que os pesquisadores apresentam em atribuir ao tempo presente suas bases históricas passadas. O historicismo busca captar o presente atribuindo força transformadora ao tempo futuro. Ambas as acepções revelam seu caráter absolutizante do passado ou do futuro o que as tornam a-históricas, enquanto que a historicidade revela que os fenômenos, de modo geral, constituem um todo, permeado por passado, presente e futuro, e são caracterizados por constantes movimentações em tempo e espaço, ressaltando seu caráter dialético. Isso porque as realidades sociais estão em conexão e se transformam em um movimento dinâmico e permanente de desenvolvimento.

A categoria historicidade, então, ajudar-nos-á a conceber o movimento de transformação do estudante de Psicologia para o ser psicólogo, pois o estudante, mediado por suas vivências no decurso da formação inicial, transformará seu pensar, sentir e agir, desenvolvendo motivos para identificar-se com a profissão.

Compreendemos a esfera motivacional como um dos aspectos que constituem a identidade profissional e por isso discorreremos agora sobre as categorias necessidade e motivo. Para Aguiar *et al.* (2009), a categoria necessidade corresponde a um estado de mobilização do sujeito, constituído na relação histórica do indivíduo com o mundo social. O homem apresenta determinada carência sem que se aperceba conscientemente disso, até o momento em que algo do mundo social seja significado pelo sujeito como adequado para satisfazer sua necessidade. Essa significação de um objeto, fato ou pessoa é que direciona o indivíduo à satisfação das suas necessidades e constitui o movimento de transformação das necessidades em motivos. Leontiev (1978, p. 82) nos ajuda a compreender a relação entre as categorias necessidades e motivos:

[...] o objeto da atividade é seu verdadeiro motivo. Subentende-se que este pode ser tanto material como ideal, tanto dado em percepção como existente somente na imaginação, no pensamento. O fundamental é que por trás do motivo está sempre a necessidade, que o motivo responde sempre a uma ou outra necessidade.

As necessidades e os motivos nos possibilitam inferir como se deu o processo de escolha do estudante pelo curso de Psicologia, ou mesmo a sua permanência nessa graduação, como alguns dos aspectos que constituem a identidade profissional. Pois inferimos que todo ser humano possui necessidades, e no desenvolvimento da relação entre um estudante e o curso de graduação, a cada momento essas necessidades vão surgindo no envolvimento com a profissão, e as vivências vão afetando-o de modo a ser possível ele identificar motivos desse

ofício que possam direcionar o seu interesse profissional, possibilitando o surgimento do sentimento de satisfação com o curso de Psicologia ou com a profissão de psicólogo.

De acordo com Aguiar *et al.* (2009, p. 67), os motivos, quaisquer que sejam, são depositários e contêm afetos, crenças e valores do indivíduo e, assim: “Será [...], na atividade social, que constituiremos nossos motivos, entendidos como geradores de sentidos”, ou seja, os motivos direcionam as ações dos estudantes de Psicologia no mundo social, e mediante essa relação eles vão desenvolvendo a consciência sobre o ser psicólogo. Posto isso, ressaltamos a importância de discutirmos sobre as categorias atividade e consciência.

Ao discutir as categorias consciência e atividade, Aguiar (2007a) explica que a partir delas podemos nomear a relação do homem com o mundo. A consciência não corresponde a simples reflexo de uma realidade objetiva, mas, segundo a autora, é um “sistema integrado” determinado por condições sociais e históricas em processo de constante transformação em produções simbólicas. A consciência é uma propriedade do cérebro, uma função psicológica superior, mas com base histórico-cultural. Mas essa transformação não poderá se dar de outra forma senão através da atividade humana que garante ao homem a capacidade de gerar novidade, ou seja, seu potencial criativo. A autora enfatiza que é por meio dessa atividade externa do homem no meio que se constrói a atividade interna.

Para compreender a atividade, recorreremos à contribuição de Góis (2005), que se baseia nos pressupostos de Karl Marx e dos psicólogos soviéticos Levy Vigotski e Alexander Leontiev. Para Góis (2005), a atividade corresponde a uma ação consciente, transformadora e criativa que garante ao homem apropriar-se da realidade objetiva, ao mesmo tempo em que produz a sociedade e sua existência no mundo. Indica que é exatamente nesse ponto que a atividade humana se diferencia da animal ou da de um órgão do corpo humano. O homem possui a capacidade de controlar sua atividade e imaginar um plano de ação antes de agir.

A categoria atividade nos auxilia a compreender as interações entre o indivíduo e o mundo objetivo que o cerca, utilizando-se de instrumentos, imerso em condições de cooperação e de comunicação humanas para vir a transformar a natureza e a sociedade. É por meio da atividade que o ser humano se desenvolve, isto é, que ocorre o processo de hominização, ou de humanização e de construção do sujeito: “Por meio da atividade, o indivíduo não só se identifica, mas consegue mudar a realidade objetiva e dar significado ao mundo e a ele mesmo, faz a história, cria a cultura e forma sua consciência no mundo” (GÓIS, 2005, p. 84). A consciência, nesse sentido, não se reduz a um mundo interno, mas está vinculada a atividade do homem, em relação com outros homens e com o mundo.

Essas duas categorias revelam que o estudante de Psicologia não passará pela graduação sem que seja chamado a participar de forma ativa da sua construção, mudando a realidade que se apresenta, transformando a si mesmo e o mundo da Psicologia. À medida que o estudante exercer sua atividade, poderá ser capaz de construir e de reconstruir sua consciência sobre a profissão.

A relação entre significado e sentido constitui principal componente da estrutura interna da consciência. Por meio da atividade e da construção social de sua consciência, o indivíduo, que existe em determinado contexto histórico e social, depara-se com um conjunto de significados e vai produzindo sentidos sobre o ser psicólogo, constituindo sua identidade profissional. Com isso, ressaltamos a necessidade de discutirmos as categorias significado e sentido, para concebermos a constituição da identidade de psicólogo.

A categoria significado corresponde às relações que a palavra pode encerrar, isto é, são conceitos. Correspondem a produções histórico-sociais partilhadas que auxiliam na comunicação das pessoas e participam da constituição do psiquismo.

Para Leontiev (1978), as significações correspondem a cristalizações da experiência humana e representam os modos de apropriação pelo homem da experiência humana generalizada. Mediante a linguagem, especificamente pelo uso das palavras, é que os homens se apropriam das significações sociais, transmitindo a outras gerações e cada indivíduo vai conferindo a um sentido pessoal conforme suas experiências de vida.

Vigotski (2010) esclarece que o sentido de uma palavra “[...] é a soma de todos os fatos psicológicos que ela desperta em nossa consciência”. Então, o sentido corresponde a uma formação dinâmica e fluida, com várias zonas de estabilidade, enquanto o significado corresponde a apenas uma dessas zonas de sentido que a palavra adquire. Vigotski (2010, p. 465) afirma que: “O significado, [...], é um ponto imóvel e imutável que permanece estável em todas as mudanças de sentido da palavra em diferentes contextos”. Então, de acordo com o contexto, uma mesma palavra pode adquirir sentidos diferentes.

A categoria significado não garante a apreensão da totalidade dos fenômenos que constituem a subjetividade, permitindo-nos inferir que seria apenas a ponta do *iceberg*, visto que revela somente a aparência do fenômeno. E a categoria sentido abrange todos os fatos psicológicos que aparecem na consciência, como resultado da palavra e é, por isso, considerado síntese psicológica. Ressaltamos que as duas categorias, embora sejam diferentes, constituem par dialético, pois são interdependentes.

De acordo com Aguiar e Ozella (2006, p. 226), para melhor compreender o indivíduo, os significados devem ser ponderados ponto de partida, pois “sabe-se que eles contêm mais do que aparentam e que, por meio de um trabalho de análise e interpretação, pode-se caminhar para as zonas mais instáveis, fluidas e profundas, ou seja, para as zonas de sentido”. Nesse sentido, as categorias significado e sentido nos possibilitam inferir que, a identidade profissional do psicólogo é mediada tanto pelas produções histórico-sociais partilhadas, sobre o profissional e sobre a profissão, ou seja, pelos significados sociais, como também pelos sentidos produzidos pelo sujeito sobre suas realidades objetiva e subjetiva.

Entendemos que a identidade profissional corresponde ao próprio processo de identificação com a profissão, constituído por múltiplas determinações, e mediado pelo contexto social e histórico. Assim, as categorias da Psicologia Sócio-Histórica consistem em poderosas heurísticas que nos auxiliam a apreender o movimento de constituição da identidade do psicólogo que se constitui na relação com os outros e com o mundo.

Esclarecemos que as categorias, ora apresentadas, são antes movimentos que, em nossa investigação, são alguns dos possíveis determinantes pelos quais podemos compreender o processo de constituição da identidade profissional dos estudantes de Psicologia. Ressaltamos que a formação inicial também é evolutivo e constitui um dos determinantes da identidade profissional, e por isso discutiremos sobre a formação em Psicologia, explicando o seu contexto no Brasil, o currículo e a importância dos estágios supervisionados.

2.4 O contexto da formação em Psicologia mediando a constituição da identidade de psicólogo

Discutir sobre a formação em Psicologia e o currículo do Curso é importante porque são aspectos que se relacionam diretamente com a constituição da identidade do grupo social que estamos estudando. A preocupação com a formação do psicólogo e com o currículo tem sido tema de veras discutido na literatura nacional e internacional (YUKIMITSU, 1999). Em mesma proporção, verificamos a importância de discutir o estágio supervisionado, como uma das vivências mais significativas da formação inicial para a constituição da identidade profissional dos estudantes de Psicologia. Isso porque os estágios realizados durante a vida acadêmica oportunizam ao estudante conhecer o papel do psicólogo e, conforme estão refletindo sobre sua atuação, vão aprendendo a “ser psicólogo” (VILELA, 1996, p. 5).

Para compreendermos a constituição da identidade profissional do psicólogo, precisamos, associado ao entendimento sobre identidade ora apresentado, discutir sobre a formação em Psicologia, inclusive sobre o currículo e os estágios supervisionados em Psicologia. Portanto, o debate que se segue está dividido em duas partes. Na primeira, apresentaremos a realidade da formação em Psicologia no Brasil, ressaltando a trajetória percorrida ao longo da história, desde antes da regulamentação da profissão, e explicando que o movimento do social, ou seja, da “história” (CIAMPA, 2005, p. 178) promove o desenvolvimento da formação na contemporaneidade. Ainda na primeira parte, discorreremos sobre o currículo, por entendermos que as mudanças na legislação instigaram, conseqüentemente, mudanças na formação inicial. Na segunda parte, discutiremos a importância do estágio supervisionado como processo constitutivo da identidade profissional.

Nosso objetivo no presente tópico consiste em contextualizar o cenário da formação do psicólogo, para mediar nosso entendimento acerca das contribuições da formação na constituição da identidade profissional do psicólogo, desde os primeiros momentos até a recente reformulação da Legislação.

2.4.1 Formação profissional em Psicologia: o contexto histórico

Paralelamente ao aumento de cursos de graduação e da quantidade de profissionais, constatamos que nos últimos anos, a formação em psicólogo vem sendo estudada por muitos autores (BRANCO, 1998; PARDO; MANGIERI; NUCCI, 1998; FERREIRA; WITTER, 2005; YAMAMOTTO, 2010; BRASILEIRO; SOUZA, 2010, dentre outros). A maioria desses foca a discussão na qualidade dessa formação, preocupados em refletir sobre a preparação de profissionais capazes de transformar a realidade em que vivem.

Pardo, Mangieri e Nucci (1998), em seu estudo, consideraram a formação em Psicologia como o período abrangido pela graduação, quando o estudante se apropria das competências necessárias para agir corretamente nas situações do seu campo de trabalho.

Para Carvalho (2007), a formação profissional constitui processo que se inicia com a graduação e continua indefinidamente no decorrer da carreira profissional de cada indivíduo.

Ferreira e Witter (2005) afirmam que a formação de um profissional começa mesmo antes de ele escolher a profissão ou a instituição de ensino e que, mesmo depois de auferido o diploma, a formação segue o curso do ciclo profissional, devendo ser cuidado sempre, principalmente nas áreas em que o conhecimento científico avança rapidamente. Significa

então, um período do ciclo profissional em que o aprendiz recebe influências diversas a partir do contexto sociocultural, da sua família, da graduação eleita e das escolhas feitas ao longo da carreira.

Entendemos que a formação profissional constitui processo que se desenvolve por toda a vida profissional, envolvendo as formações inicial e continuada. Em nosso estudo, discutiremos sobre a formação em Psicologia, destacando a formação inicial, pois, de acordo com Krawulski (2004), a identidade profissional tem importantes sementes lançadas nesse período da formação, embora continue a constituir-se com a inserção no mercado de trabalho. Esse recorte se deve ao nosso objetivo de pesquisa, no qual está circunscrito a identidade profissional dos estudantes de Psicologia, em constituição.

No que tange à formação inicial, apresenta íntima relação com o movimento de desvelar da identidade profissional, em vista de ser na fase da graduação que o aluno interiorizará, por meio do processo da socialização secundária, os submundos institucionais que, conforme Berger e Luckmann (2011), possibilitam a aprendizagem dos papéis sociais específicos da profissão.

A formação inicial em Psicologia, para Melo-Silva e Mazer (2010), é uma das responsáveis pela imagem que o psicólogo elabora de sua profissão e do seu campo de atuação. Essa imagem do psicólogo, na maioria das vezes, é carregada de estereótipos e representações sociais que podem corroborar na interpretação da realidade para o estudante. Por isso, é importante a discussão sobre a formação em Psicologia, no entendimento de que é na etapa da formação inicial que o estudante interioriza os significados socialmente compartilhados e produz sentidos sobre a profissão e o profissional.

Para concebermos as instâncias presentes na formação inicial do psicólogo, somos instigados a retomar a história da Psicologia como profissão e o curso de graduação, desde antes da regulamentação até a mais recente.

Esse entendimento revela os aspectos macrossociais que influenciam a formação em Psicologia no Brasil, pois compartilhamos do entendimento de Bernardes (2004), que afirma que a cultura influencia a formação profissional, e esta, constitui-se, além de outros elementos, por meio do currículo.

Para a regulamentação da profissão de psicólogo e dos primeiros cursos de graduação, houve vários eventos na história brasileira que se relacionam com a autonomização da Psicologia como ciência e profissão. Alguns estudos nos indicaram caminhos para o entendimento de como se deu o processo de autonomização da referida

profissão no Brasil. (ANTUNES, 2003, 2004; BRASILEIRO; SOUZA, 2010; CRUCES, 2006; SOUZA; CHECCHIA, 2003; LISBOA; BARBOSA, 2009; MELLO, 1975; PEREIRA; PEREIRA NETO, 2003; e outros).

O surgimento de uma profissão “está relacionado com problemas e necessidades sociais, para os quais se busque solução” (MELO, 1975, p. 12). A Psicologia como profissão somente veio a ser instaurada no país em meados do século XX, quando algumas condições proporcionaram sua autonomia. Destacamos, a seguir, alguns ocasiões da história da profissão de psicólogo no país que nos ajudarão a entender as lógicas dos primeiros cursos de formação, bem como as atuações deste profissional.

Segundo Pereira e Pereira Neto (2003), a profissionalização da Psicologia pode ser dividida em três períodos. No primeiro, denominado Pré-profissional, compreendido entre 1833 e 1890, não havia a Psicologia propriamente dita, com conhecimento definido e prática reconhecida. Nesse período foram criadas as faculdades de Medicina na Bahia e no Rio de Janeiro, a partir da vinda da Família Real ao Brasil. Com isso, muitas teses de doutoramento foram produzidas sobre os saberes psicológicos, que se caracterizavam pela mensuração e classificação de comportamentos, o que aos poucos proporcionou *status* de disciplina autônoma à Psicologia (CRUCES, 2006).

O segundo momento, denominado por Pereira e Pereira Neto (2003) como o período de Profissionalização, é marcado pelo advento do positivismo no cenário internacional, com o início da Psicologia Científica que buscava uma aproximação das Ciências Naturais. Nessa época, o objetivo dos primeiros psicólogos seria descrever os processos de consciência humana, e a Medicina e a Educação contribuíram significativamente para a profissionalização, porque fomentaram a produção de mais saberes psicológicos (ANTUNES, 2003, 2004).

Na Educação, com a Reforma Benjamin Constant, em 1890, a disciplina de Psicologia foi incorporada aos currículos das Escolas Normais, o que deu início ao processo de institucionalização da Psicologia no Brasil. Aliado a isso, a criação do Pedagogium, Laboratório de Psicologia Experimental foi também um marco (ANTUNES, 2003).

Embora esses adventos tenham impulsionado o desenvolvimento da Psicologia como profissão, Pereira e Pereira Neto (2003) afirmam que a Psicologia ficou subordinada a lógica de outra profissão, a Pedagogia.

Na Medicina, em 1923, temos mais um marco do processo de profissionalização com a criação do laboratório de Psicologia experimental na Colônia de Psicopatas do Engenho de

Dentro, no Rio de Janeiro, dirigido por Waclaw Radeki. Lá havia duas práticas que se tornaram típicas do psicólogo: testagem e psicoterapia (CRUCES, 2006). Assim como na Educação, o interesse da Medicina por um lado ajudou no desenvolvimento da Psicologia como profissão, por outro, buscou apropriar-se dos conhecimentos psicológicos e, além disso, no laboratório, o psicólogo exercia papel complementar ao do médico.

Alguns anos mais tarde, em 1930, a disciplina de Psicologia foi inserida nos currículos de vários cursos de graduação, o que conferiu maior importância ao conhecimento psicológico, vindo a surgir preocupações com o credenciamento de cursos que garantissem a preparação do profissional psicólogo. Sobre isso, Cruces (2006, p. 18) ressalta que “tiveram importante papel no desenvolvimento da Psicologia em nossos meios, psicólogos estrangeiros que nos trouxeram seus conhecimentos e impulsionaram a montagem de laboratórios e cursos, a fim de atender necessidades de nosso mercado”. Dentre esses psicólogos, destacamos alguns: Mira y Lopez, Waclaw Radeki e Helena Antipoff.

No bojo dessas inquietações e diante da necessidade de profissionalização, é que, por meio da Portaria 272, referente ao Decreto Lei 9092, foi institucionalizada a formação profissional do psicólogo, com os chamados especialistas em Psicologia, ou psicologistas (PEREIRA; PEREIRA NETO, 2003).

De acordo com Cruces (2006), as atividades dos psicologistas se multiplicavam e a importância dessa eminente profissão acendia, o que culminou com os primeiros projetos sobre a regulamentação da profissão e da formação em nível superior. Nesse processo, um impasse que gerou conflitos na elaboração dos textos foi a proposta de que o psicólogo realizasse psicoterapia, pois os médicos entendiam tratar-se de uma prática exclusivamente deles.

O texto do projeto para regulamentar a profissão de psicólogo teve o termo psicoterapia alterado por solução de problemas de ajustamento, o que, conforme Pereira e Pereira Neto (2003), não impediu o reconhecimento do profissional como psicoterapeuta. Foi em 27 de agosto de 1962 que a profissão veio a ser regulamentada pela Lei n. 4.119. Depois, em 19 de dezembro de 1962, foi fixado oficialmente o currículo de Psicologia através do Parecer n. 403/62 que objetivava “elevar esse curso a um nível de qualificação intelectual e de prestígio social que permita a seus diplomados exercer os misteres do trabalho psicológico de modo eficaz e com plena responsabilidade” (BRASIL, 1962).

Conforme Cruces (2006), a regulamentação da profissão transformou bruscamente a imagem e o *status* do psicólogo, pois houve o incremento no número de profissionais e de

cursos de graduação e, desde então, a Psicologia se desenvolve de maneira acentuada seja como ciência, seja como profissão.

Souza e Checchia (2003) ressaltam que a regulamentação da citada profissão ajudou a eliminar a precariedade da formação dos psicologistas, técnicos que aplicavam a Psicologia e colaborou para a valorização da profissão, mas em contrapartida, reiterou o culto ao profissional liberal, ou seja, o psicólogo clínico, que realiza a psicoterapia individual no consultório particular. Assim, a atuação desse profissional ficou restrita a essa área, configurando um modelo hegemônico que vigorou durante muito tempo e foi reforçado no período da ditadura militar.

Em face desse contexto histórico, entendemos que a inserção dos primeiros psicólogos no mercado, e a formação inicial das primeiras turmas ocorrem em momento de grande tensão para o povo brasileiro. Referimo-nos à Ditadura Militar, a partir de 1964, dois anos após a regulamentação da profissão no país. Os militares, de acordo com Bernardes (2004), entendiam que o país necessitava modernizar-se para expandir a economia, e, dessa maneira, instauram a Reforma Educacional de 1968 com a promessa de garantir o acesso à universidade para todos, por meio da privatização do ensino. Essa mudança no sistema educacional promoveu o aumento da quantidade de cursos de graduação em Psicologia de aproximadamente quatro para 64.

Nessas primeiras décadas após a regulamentação da profissão, surgiu o fenômeno denominado cultura *psi*, o qual se caracterizava pela disseminação social da lógica intimista e individualista que transformava demandas sociais em demandas psicológicas, o que difundiu ainda mais a atuação do psicólogo clínico nos meios de comunicação de massa, e na sociedade em geral (DIMENSTEIN, 2000; BERNARDES, 2004).

Conforme Checchia e Souza (2003), o período de exceção política, a ditadura militar, encontrou na Psicologia uma aliada para a fomentação da ideologia de adaptação da pessoa à sociedade, considerada como adequada, segura e merecedora de crédito.

A ditadura militar favoreceu o crescimento da profissão de psicólogo, pois a prática em Psicologia era julgada menos ameaçadora. Isso porque a psicoterapia, principal atividade do psicólogo, que era desenvolvida no espaço restrito ao consultório, garantia ao Estado a ausência de canais de participação popular, mantendo, assim, o povo brasileiro em silêncio e configurando uma profissão elitista, que poucos tinham acesso (BERNARDES, 2004).

Ainda durante a ditadura, em 1971, acontece a criação do Conselho Federal e dos Conselhos Regionais de Psicologia, que representam um passo para concretizar a autonomia

da Psicologia como profissão. Conforme Pereira e Pereira Neto (2003), o terceiro período, denominado Profissional, acontece em 1975, com a criação do primeiro Código de Ética. Para os autores, é nesse momento que se dá a profissionalização da Psicologia, porque o Código de Ética é o instrumento básico para a autorregulação de qualquer profissão.

Na formação em Psicologia, em 1970 e 1980, existiam três áreas principais de atuação do psicólogo, consideradas tradicionais, como: escolar, organizacional e clínica. A clínica foi a área de atuação responsável por caracterizar o modelo hegemônico presente na formação e na atuação do psicólogo. Bernardes (2004, p. 101) afirma sobre esse modelo: “Trata-se de um *modus operandi* de fácil acesso, travestido de uma aura humanista de ajuda ao próximo”. Isso significa que o trabalho do psicólogo na área clínica representa a atividade mais procurada e fácil de ser desenvolvida, e a justificativa é a possibilidade de realizar uma intervenção psicológica de efeito profundo, na personalidade do indivíduo e, com isso, ajudar o outro.

O resultado desse modelo hegemônico é a representação social brasileira sobre o psicólogo como um profissional que atua predominantemente na clínica, o que influi significativamente para que os estudantes escolham a profissão com o objetivo de atuar nessa área (LEME *et al.*, 1989; SILVEIRA, 1998; BORTOLOMASI *et al.*, 2008).

Esse predomínio do modelo clínico de atuação profissional pode ser explicado pelo fato de que, mesmo antes da regulamentação da profissão, e do curso de formação superior, o profissional psicologista (técnico) já era visto como profissional liberal (BERNARDES, 2004). Assim, consideramos psicólogo clínico, o profissional que atua preferencialmente nos consultórios particulares, atendendo à clientela individualmente, trabalhando como liberal.

A outra explicação que apontamos decorre também do currículo mínimo que regia a formação na graduação em Psicologia. Os primeiros currículos dos cursos de formação em Psicologia apresentavam o viés clínico e de profissional liberal, o que pode ser constatado pela presença de disciplinas que fundamentam essa formação, como: Psicologia da Personalidade, Psicopatologia e Técnicas de Exame e Aconselhamento Psicológico. Esta última disciplina, de acordo com o Parecer 403/62 (BRASIL, 1962, p. 2): “identifica-se com o trabalho mesmo do psicólogo, expresso na análise e solução dos problemas individuais e sociais”. Ou seja, fica evidente que, para a formação em Psicologia, essa disciplina é essencial, caracterizando a atuação do psicólogo como clínico, e capacitando o aluno para a solução de problemas de ajustamento, e mesmo que a nomenclatura psicoterapia não esteja presente fica subentendido que a atuação deste profissional é de natureza clínica.

Segundo Souza e Checchia (2003), esse modelo hegemônico levou à atrofia de áreas de atuação que surgiram antes, como a industrial e a educacional/escolar. Outra consequência desse modelo, para Mello (1975), é que os conteúdos das disciplinas nos currículos não formavam psicólogos para atuar em diversas áreas, mas transformavam os alunos em psicólogos clínicos.

Para Weber (1984), outra problemática identificada era que o Currículo Mínimo não incluía nenhuma preocupação com pesquisa, visto que mesmo com as disciplinas Psicologia Experimental e Estatística, o aluno estudava métodos entendidos como científicos, mas não necessariamente atuava como pesquisador. Além disso, o Currículo não considerava outros métodos, como os de natureza qualitativa, apresentando a impressão de que a Psicologia se reduz à realização de experimentos e de tratamentos estatísticos.

Em meio a questionamentos sobre a formação do psicólogo, sobretudo concernente ao currículo e à atuação profissional, instituições de referência do psicólogo – Conselho Federal de Psicologia (CFP) e Sindicato –, se interessaram em conhecer o perfil desse profissional. Mello (1975) buscou definir o perfil profissional dos psicólogos no estado de São Paulo, a pedido do Sindicato, mas o estudo mais abrangente foi a pesquisa do CFP (1988) que definiu a profissão como predominantemente feminina, mal remunerada e com maior atuação na área clínica.

A pesquisa constatou, mais uma vez, o interesse pela clínica, o que já foi entendido como consequência da formação em Psicologia e do modelo econômico e político que o Brasil vivenciava.

Essa conjuntura educacional e, portanto, social e política, da formação profissional, conforme Brasileiro e Souza (2010), começa a assinalar as primeiras mudanças em meados dos anos 1980, quando ocorre o momento de abertura política e a luta pela democratização do Estado brasileiro e a implantação do Sistema Único de Saúde (SUS). Dessa forma, novas demandas sociais têm se apresentado aos psicólogos, levando-os a questionar as concepções vigentes sobre o modelo hegemônico de atuação na área clínica, por meio da análise das raízes históricas da própria Psicologia como ciência (SOUZA; CHECCHIA, 2003).

Os psicólogos começaram a questionar a qualidade da formação que vinha sendo promovida nas IES, a forma como os conhecimentos da Psicologia vinham sendo utilizados no país, a necessidade de mudança na postura do profissional e a necessidade de expansão da atuação do psicólogo para as chamadas áreas emergentes (CARVALHO; SAMPAIO, 1997; BRANCO, 1998; BETTOI; SIMAO, 2000). Esses questionamentos foram fortalecidos pela

busca de uma identidade profissional articulada aos novos desafios sociais (BRASILEIRO; SOUZA, 2010). O resultado desses questionamentos foi a articulação nacional que guiou a construção das Diretrizes Curriculares do Curso de Graduação em Psicologia (2004), em conformidade com a Lei de Diretrizes e Bases (LDB, 1996) que orientou a regulamentação de todos os cursos superiores no Brasil.

Uma das propostas importantes dessas Diretrizes foi sobre a finalidade da formação em Psicologia, em que o currículo prevê a aquisição de habilidades e de competências para a formação e o exercício profissional. Uma das mudanças relevantes foi a substituição da ênfase dada às “áreas de atuação” – clínica, escolar e organizacional –, presentes no Currículo Mínimo, para as “ênfases curriculares”, que flexibilizaram os currículos na ampliação das áreas de atuação, o que concorre para a multiplicidade de saberes e de práticas, marca constituinte da(s) identidade(s) do(s) psicólogo(s). O que se espera da formação deste profissional é que esteja voltada para atuação profissional, pesquisa e ensino, proporcionando alguns princípios e compromissos éticos que orientam a constante busca por cientificidade nas atuações,

Segundo Marinho-Araújo (2007, p. 18), “As Diretrizes são consideradas um avanço em relação ao Currículo Mínimo em vigor até então, pois orientam a construção de um perfil profissional competente e comprometido historicamente com as demandas sociais na formação inicial do psicólogo”. As Diretrizes foram elaboradas por meio de um processo de investigação e de discussão por diversos atores envolvidos no exercício da Psicologia no país, e uma das indagações que nortearam as novas propostas foi refletir sobre que tipo de profissional as Instituições de Ensino Superior (IES) almejam formar.

Destarte, objetivou-se que a formação profissional em Psicologia instigasse o estudante a compreender o compromisso social do psicólogo, para se tornarem profissionais mais preparados para atuar em outras áreas. A proposta foi de que a graduação em Psicologia não se limitasse a transformar o estudante em psicólogo clínico, mas que cada proposta curricular, seguindo as Diretrizes Curriculares do Curso de Graduação em Psicologia (2004), considerasse o contexto social, político e econômico de cada Estado, Município e IES, apresentando, no projeto pedagógico, no mínimo duas ênfases curriculares.

Para o compromisso social ser efetivado, na concepção de Bock (1999), é necessário que os psicólogos entendam que o mundo psicológico não está dissociado do mundo social. Além disto, os psicólogos devem pensar sua intervenção de forma mais ampla, promovendo a saúde da comunidade e depreendendo o sujeito como alguém que, ao ampliar seu

conhecimento e sua compreensão sobre a realidade, torna-se capaz de atuar e transformar a realidade.

Marinho-Araújo (2007) ressalta que para a concretização de um novo perfil profissional ao psicólogo brasileiro, as transformações necessárias precisam transcender mudanças na legislação, e proporcionar a inserção ativa de sujeitos conscientes de seus papéis e funções, que compreendam a diversidade teórica e metodológica presente na Psicologia.

De acordo com Brasileiro e Souza (2010), o momento de adequação das Diretrizes Curriculares do Curso de Graduação em Psicologia (2004) aos cursos de Psicologia no Brasil coincide com a expansão de vagas no Ensino Superior, impulsionada pela nova política pública que privilegiava a abertura de vagas e o aumento de recursos para instituições privadas. Para os autores, o crescimento da formação em Psicologia, nos últimos anos, tem sido vertiginoso, partindo dos 78 psicólogos nas primeiras turmas, para 160.000 profissionais em todo o Brasil.

Contudo, mesmo com todas as transformações sofridas pela formação em Psicologia no Brasil, para Silveira (1998, p. 1), ao contrário do que se esperava, a Psicologia Clínica continua sendo a escolha principal dos recém-formados. Na compreensão da autora, essa área expandiu seu campo de atuação para áreas emergentes, dando novo rumo para a prática clínica: “Assim, o psicólogo teve a oportunidade de desenvolver a escuta e o raciocínio clínicos em áreas pouco exploradas”. A autora atribui essa mudança às transformações econômicas do Governo Collor que levou ao empobrecimento da população em geral, o que afetou os profissionais liberais, dentre eles, o psicólogo, que perdeu sua clientela e procurou expandir sua profissão a outras áreas.

Concordamos com Brasileiro e Souza (2010), ao afirmarem que, atualmente, existe consenso entre os pesquisadores brasileiros de que a atuação dos psicólogos já não se restringe à área clínica. O psicólogo vem atuando em setores diversos, discutindo a importância do trabalho social nas equipes multiprofissionais, utilizando referenciais teórico-metodológicos que busquem responder aos desafios postos pela realidade social em que o indivíduo está inserido.

Ressaltamos que permanecem a capacidade de escuta e o raciocínio clínico como características marcantes e diferenciais do profissional, o psicólogo, que não atua apenas em seu consultório, mas em qualquer área, e deve manter uma atitude clínica. Aguirre *et al.* (2000) definem essa atitude clínica como a possibilidade de colocar-se no papel profissional em determinado enquadramento, mantendo a empatia com o cliente. Trata-se de experiência

subjetivada, que é objetivada na relação com o cliente. Diante do exposto, concebemos o cliente ou a clientela como o público a quem são prestados serviços psicológicos, sob a lógica de que o social está contido no individual, ou vice-versa.

Após os esclarecimentos sobre o contexto histórico da formação em Psicologia, até a regulamentação das Diretrizes Curriculares do Curso de Graduação em Psicologia (2004) Curriculares (2004), torna-se mais fácil entender que a profissão de psicólogo não se desenvolveu pacificamente sem impasses e discussões. Qualquer profissão, para ser reconhecida como científica e socialmente valorizada, precisa avaliar-se constantemente, buscando dialogar sobre seu papel profissional e sua contribuição para a sociedade. No caso específico da Psicologia, em sua diversidade teórica e metodológica, compartilhamos do entendimento de Dimenstein (2000), quando fala de Psicologias e da proliferação da cultura *psi*, como algo que por muito tempo caracterizou essa profissão, incidindo nas identidades profissionais.

2.4.2 O estágio supervisionado em Psicologia e a constituição da identidade do psicólogo

Diante do exposto sobre o contexto da formação em Psicologia, buscaremos nesta subseção, a seguir, discutir o estágio supervisionado como aspecto da formação profissional que incide mais diretamente na constituição da identidade profissional. Para compreendermos a constituição da identidade profissional, é relevante debatermos sobre a temática, pois as vivências nessa etapa da formação configuram-se como subsídios necessários para que a identificação com a profissão aconteça ou não. Isso se justifica porque nesta etapa da formação acadêmica, os estudantes podem aprender os papéis profissionais, mediados pelos contextos da realidade profissional, ressignificando conceitos e práticas da atuação profissional.

A identidade profissional do psicólogo constitui-se, conforme Carvalho (2007), não apenas na aquisição de conhecimentos teóricos e técnicos, mas também nas identificações e nas diferenciações estabelecidas com modelos profissionais durante a formação inicial, que apresenta como fase privilegiada o estágio supervisionado.

Para Comin, Souza e Santos (2008), o estágio supervisionado em Psicologia é considerada etapa em que o aprendiz da profissão conhece a realidade de atuação profissional. Dessa forma, o estágio propicia o desenvolvimento de habilidades e permite assumir papéis

profissionais por meio da rotina de atividades, de desafios e de reflexões do graduando em relação à realidade profissional futura, constituindo sua identidade profissional.

Antes de continuarmos a discussão sobre o estágio em Psicologia e sua relação com a identidade profissional, buscaremos clarificar nosso entendimento sobre o conceito de estágio supervisionado. Segundo Pimenta e Lima (2009), o estágio sempre foi inferido como a parte prática da formação profissional, em contraposição à teoria. Essa contraposição se traduz em espaços desiguais de poder na estrutura curricular, em que parte prática possui menor carga horária. Desse modo, verificamos uma fragmentação entre teoria e prática, que precisa ser superada, porque o estágio é a junção de ambas.

No estágio supervisionado, as teorias são como guias a iluminar e a oferecer instrumentos e esquemas para análise da realidade apresentada, a fim de questionar as práticas institucionalizadas e as ações dos sujeitos. Vai, ainda, além, pois a própria teoria é colocada em questionamento, por corresponder a explicações provisórias da realidade (PIMENTA; LIMA, 2009). Portanto, inferimos que essa fase da vida do universitário permite que os estudantes de Psicologia vivenciem a complexidade das práticas institucionais e das ações desenvolvidas por profissionais formados, preparando-se para a inserção no mercado de trabalho.

O objetivo do estágio supervisionado é permitir que o aluno se aproxime da realidade em que irá atuar, o que difere da concepção de que é a parte prática do Curso. Para isso, os professores supervisores de estágio devem proceder no coletivo, junto a colegas e alunos, para que essa apropriação da realidade seja analisada à luz de teorias. Podemos considerar que “o estágio, ao contrário do que se propugnava, não é atividade prática, mas teórica, instrumentalizadora da práxis” (PIMENTA; LIMA, 2009, p. 45).

O estágio supervisionado na vida do universitário pode ser julgado como um período muito importante na formação em Psicologia (VILELA, 1996; AGUIRRE, 2000; MAZER; MELO-SILVA, 2010) e, portanto, aspecto constituidor da identidade de psicólogo. Para Mazer e Melo-Silva (2010, p. 287): “É por meio dos estágios na graduação e da supervisão que recebe dos professores que o estudante aprende realmente a ser psicólogo”. Podemos afirmar que o estágio constitui-se em vivência reflexiva e crítica sobre a realidade de atuação do psicólogo. O estágio, como campo de conhecimento e disciplina curricular, permite que sejam desenvolvidos aspectos importantes na constituição e no fortalecimento da identidade de psicólogo.

O estágio supervisionado em Psicologia corresponde ao primeiro passo para a inserção do psicólogo no trabalho profissional e, em função disso, essa etapa é considerada uma oportunidade de vivenciar o pressuposto de um papel profissional que está se estabelecendo (LAZZARINI, 2004; BARRETO; BARLETA, 2010).

Vilela (1996), ao discutir as críticas ao modelo de formação do psicólogo, aponta para as disciplinas excessivamente teóricas e acentua o estágio como a parte positiva, ciclo em que verdadeiramente se aprende a ser psicólogo. Para a autora, ser psicólogo se caracteriza não apenas por ser uma ocupação profissional, mas um estilo de vida. Esse estilo corresponde a um ser autônomo que cuida de sua própria interioridade, e é compreensivo sobre a intimidade do outro, utilizando técnicas que permitem a esse outro o desenvolvimento interior.

O modelo de formação, na pesquisa de Vilela (1996), apresentou a hegemonia do valor individualista na sociedade, preconizando as práticas e os saberes *psi* relativos à atuação na área clínica. Dessa maneira, o estágio em Psicologia, bem como a supervisão que nele deve acontecer, atuam como processo de subjetivação que constitui dada identidade profissional condizente com o modelo vigente.

Recentemente, em entrevista ao *Jornal do Psicólogo* (2010, p. 16), Ana Maria Vilela apresenta um posicionamento diferente sobre o modelo hegemônico:

Creio que não há mais aquele ideal hegemônico, advindo do modelo médico, do consultório particular. Embora possam entrar no curso com esta perspectiva, rapidamente os estudantes percebem o quanto ela é para poucos. Vejo o psicólogo hoje principalmente como um profissional assalariado que almeja um cargo público — para o qual lhe falta, em muitos casos, informação sobre o que irá encontrar e base teórico-técnica que lhe ofereça suporte. A clínica privada permanece, como dito, como sonho para poucos. O compromisso social não é uma bandeira de luta, em muitos casos é somente a condição de empregabilidade.

Interessante percebermos como a profissão de psicólogo, como construção social, vem se transformando. O modelo hegemônico, de uma Psicologia exclusivamente clínica, individualista e elitista, vem sendo modificada e o profissional encontra novas áreas de atuação. Ana Maria Vilela nos alerta sobre as consequências dessas transformações, porque incidem na constituição das identidades de psicólogos, que depende de como o estudante de Psicologia vai aprendendo a ser, ou, aprendendo a se transformar em psicólogo.

Na aprendizagem de uma profissão, conforme Krawulski (2004), a pessoa aprende tanto os conhecimentos e as habilidades requeridos para sua atuação, como pistas sobre o modo de vivê-la. Ou seja, para essa autora, a profissão representa uma forma de “vida a ser assumida”, tendo em vista que a relação entre o trabalhador e sua profissão caracteriza-se pelo sentimento de identidade e de adesão aos seus objetivos e valores. Nas palavras de Krawulski (2004, p. 35):

O trabalho do psicólogo é caracterizado cotidianamente por tarefas que podem ser consideradas complexas em sua natureza, uma vez que implicam envolvimento em uma relação profissional que tem por objeto o humano. Essa intervenção apresenta especificidades, uma vez que não se trata apenas de uma relação em que um ser humano intervém junto a outro: crenças, valores, conflitos, emoções, sentimentos e toda uma gama de elementos próprios da subjetividade humana, constituintes do contexto da Psicologia por excelência, fazem-se presentes nas interações do cotidiano de trabalho desse profissional.

Essas especificidades da profissão, em dado momento, podem transmitir a sensação de que a Psicologia abarca um verdadeiro campo minado, cheio de dificuldades. Nosso posicionamento pretende ser realista, optando por reconhecer a existência dessas características na profissão, e assumindo que toda profissão constitui um determinado modo de viver, mas, ao discutirmos o caso da Psicologia, encontramos um material mais complexo, pois o psicólogo constitui seu próprio instrumento de trabalho. Pois, precisa lidar, antes de tudo, com sua própria subjetividade. Para constituição da identidade do psicólogo a pessoa deve ter contato com a vida de psicólogo a ser vivida, e por isso, o estágio supervisionado constitui uma das experiências mais importantes.

O estágio supervisionado foi incorporado na formação inicial com o objetivo de preparar o futuro profissional para a atuação no mundo do trabalho, tornando-se consciente sobre o compromisso social do psicólogo. Conforme Aguirre *et al.* (2000), o estágio proporciona transformação no estudante, pois ao se deparar com seu papel profissional, ele entende que precisa converter seus conteúdos emocionais em instrumentos de trabalho. Para os autores, a compreensão de como e porquê se processa o trabalho do psicólogo, alicerça a constituição da identidade profissional.

Vale ressaltar que o início da vida profissional é etapa de grande ansiedade, e o estágio supervisionado proporcionará mais segurança ao estudante de Psicologia, auxiliando na internalização do papel profissional (COLETA; CAVA, 2005).

Sobre o estágio supervisionado, como foi explicado anteriormente, há, na história brasileira da formação de psicólogo, dois momentos distintos. O primeiro, vigente desde a regulamentação do curso, em 1962, com o Currículo Mínimo; e o segundo, vigente desde 2004, com as Diretrizes Curriculares do Curso de Graduação em Psicologia, advindas da Lei de Diretrizes e Bases, em 1996, que orientou mudanças nos cursos do ensino superior no Brasil.

Dessa forma, convém discorrer minimamente sobre a proposta dos dois currículos para o estágio nos cursos de graduação em Psicologia, com o propósito de ilustrar como essa mudança pode influenciar na constituição das identidades profissionais.

No Currículo Mínimo (1962), verificamos, em sua proposta, que o estágio é tido como a atividade exclusivamente prática da formação, desconsiderando o entendimento da dialética teoria e prática. O estágio corresponde, desse modo, à aplicação dos conhecimentos psicológicos, com inspiração no modelo médico de atuação, o que, a nosso ver, traduz o modelo hegemônico da cultura *psi*, discutida anteriormente, que garante certo *status* à profissão:

Resta o estágio supervisionado. O trabalho do psicólogo – é sempre, no fundo, uma tarefa de educação, ou reeducação que se vale de técnicas próprias cujo domínio é impossível sem o devido treinamento prático. Assim, tal como ocorre no ensino médico e agora se exige em qualquer modalidade. (BRASIL, 1962, p. 2).

No concernente às disciplinas apresentadas na grade curricular, definimos como limitadoras, por enfocarem apenas nas três áreas tradicionais de atuação – clínica, escolar e organizacional. Além disso, essas disciplinas são marcadas por conteúdos teóricos que reforçam a busca pelo modelo clínico, ao considerar os desajustamentos dos indivíduos como produto de desvios individuais, e o psicólogo como aplicador de testes, sem validar os problemas sociais como produtores e produzidos pelo indivíduo em relação com o contexto social e histórico.

As Diretrizes Curriculares do Curso de Graduação em Psicologia (2004) propuseram um modelo de formação direcionado para a atuação profissional, a pesquisa e o ensino. E a tradicional formação em áreas foi substituída por ênfases, o que instiga o aluno a problematizar criticamente a sociedade em que vive (ALVES, 2012).

Os estágios passaram a ser distribuídos, ao longo do curso, por meio dos básicos – com atividades de observação, descrição e reflexão sobre a realidade em que o estudante está

inserido –; e dos estágios específicos – com atividades de intervenção em contato com a realidade. Diferente da primeira regulamentação, agora os estágios supervisionados são “conjuntos de atividades de formação programados e diretamente supervisionados por membros do corpo docente da instituição formadora e procuram assegurar a consolidação e articulação das competências estabelecidas” (DCN, 2004, p. 6). Desse modo, os estágios supervisionados objetivam garantir o emprego das competências do estudante que foram desenvolvidas nos estágios básicos e específicos, possibilitando que conhecimentos, habilidades e atitudes se concretizem em ações profissionais.

Os cursos de graduação constituem-se em mais uma oportunidade para os estudantes internalizarem os significados sociais, e para a produção de sentidos sobre o profissional da Psicologia. Acreditamos que, atualmente, a formação inicial fornece maior colaboração na transformação de estudantes de Psicologia em profissionais comprometidos socialmente, por meio das vivências nos estágios.

O que discutimos até aqui, possibilita algumas considerações. Para o alcance do objetivo em investigar o processo de constituição da identidade profissional do estudante de Psicologia da UESPI, mediante o resgate de suas vivências na graduação, precisamos conceber a constituição da identidade profissional do psicólogo como desenvolvimento a partir da constituição da identidade humana de cada indivíduo que escolhe o curso de Psicologia. Nesse sentido, as vivências durante a formação inicial constituem parte do movimento de socialização secundária, e possibilita que a identificação com a profissão se desenvolva ou não. A Concepção Psicossocial de Identidade nos ajudou a entender que identidade é articulação entre igualdade e diferença, subjetividade e objetividade e pressuposição e reposição, ou atribuição e reconhecimento, para Dubar (2005). As categorias da Psicologia Sócio-Histórica constituem heurísticas capazes de descortinar o processo de tornar-se psicólogo, e por isso serão usadas para expressar as possibilidades de identificação dos estudantes de Psicologia. Toda essa discussão teórica nos auxilia na compreensão da constituição da identidade de psicólogo, pois sopesamos que o estudante de Psicologia se torna psicólogo mediante as interações que estabelece no contexto de formação inicial, em que se socializa, o que nos leva a sinalizar caminhos para responder a questão de pesquisa: Como se constitui a identidade profissional de estudantes de Psicologia? Guiados pela discussão, e para alcance da resposta, procedemos à investigação na pesquisa de campo, e assim, passaremos à apresentação da dimensão metodológica.

3 DIMENSÃO METODOLÓGICA DA PESQUISA

Moça! Olha só, o que eu te escrevi
É preciso força pra sonhar e perceber
Que a estrada vai além do que se vê.

(*LOS HERMANOS*)

A estrofe da canção do grupo *Los Hermanos*, em sua primeira frase, evoca a sensação de um convite a ouvir atentamente o que vem em seguida, que é uma mensagem motivadora. Convidamos a compreender a relação que estabelecemos entre a canção e a metodologia que empregamos no entendimento sobre a atividade de pesquisar. A escolha por esse refrão da música carrega muitos sentidos, mas interessa-nos explicar apenas um, o que nós atribuímos a ele. A investigação depende de nossos objetivos, ou melhor, das metas que buscamos alcançar. Essa busca existe a partir de nossos sonhos, quando desejamos, quando nos emocionamos e nos sentimos completamente mobilizados pela necessidade de encontrar respostas ao nosso problema de pesquisa.

Uma vez que internalizamos o papel de pesquisador, temos na atividade de investigar, uma estrada que cabe somente a nós seguirmos, apoiados por “outros significativos”, e o caminho não é fácil. Muitas situações inusitadas acontecem, perdemos pessoas, deixamos de estar com família ou amigos, sentimo-nos cansados e precisamos mesmo ter força para continuar sonhando e acreditando ser possível chegar ao final. Mas não podemos dizer que o caminho é ruim. Essa estrada também permite que encontremos pessoas maravilhosas, permite que o processo de se tornar cientista transforme a identidade do aprendiz pesquisador, permite recebermos o apoio, o afeto e a confiança das pessoas que amamos. São esses acontecimentos, vivenciados ao percorrer a estrada, que nos fortalecem e nos impulsionam a seguir em frente.

Acreditamos que, como “andarilhos” na “estrada” – o caminho da investigação –, fomos levados a consultar alguns autores que foram referências teórico-metodológicas, que nos ampararam e nos direcionaram a “rota” a seguir. O nosso destino, ou melhor, nosso objetivo é compreender o processo de constituição da identidade profissional de psicólogo e, para alcançá-lo, desenvolvemos pesquisa empírica com a participação de estudantes da UESPI para, mediante suas narrativas, encontrarmos elementos empíricos para subsidiar nossas reflexões sobre possíveis respostas à nossa questão de pesquisa, ponto inicial que

mobilizou nosso caminhar na estrada: Como ocorre o processo de constituição da identidade de psicólogo?

O presente capítulo visa explicitar qual estrada escolhemos seguir para responder a essa questão e, nesse trajeto, baseamo-nos em um processo mediado por teoria e prática, que resultou na divisão do capítulo em duas partes: os pressupostos teórico-metodológicos e o contexto empírico da pesquisa. Na primeira parte, esclareceremos nossa opção pela pesquisa qualitativa. Na segunda parte, apresentaremos o contexto empírico, delineando o cenário, os interlocutores, os processos de produção dos dados e de análise e interpretação dos resultados.

Então, inspirados pela canção, reafirmamos que o caminho será iluminado por teorias como a de Vigotski (1991), que nos fez compreender que devemos analisar dado problema sob o ponto de vista do seu desenvolvimento e que, isto implica avaliar processos e não objetos; explicar ao invés de descrever e nos esforçar para ir além das aparências, encontrando a essência do problema. Afinal, a estrada vai além do que se vê.

3.1 Pressupostos teórico-metodológicos

Para o desenvolvimento da pesquisa, optamos pela abordagem qualitativa devido a algumas das características apontadas por Ludke e André (1986), dentre as quais se destacam: ter o ambiente natural como fonte direta dos dados, e o pesquisador como seu principal instrumento; a preocupação com o processo é maior do que com o produto; e o significado que as pessoas dão às coisas e à sua vida são os focos de atenção do pesquisador.

Com base nessas características da pesquisa qualitativa, consideramos relevante enfatizar que a investigação buscou ir além do produto, ou do que se vê, procurando apreender os significados e sentidos que os interlocutores atribuem ao ser psicólogo, a partir do pensar, do sentir e do agir sobre a realidade vivenciada como estudante de Psicologia.

Enfatizamos a necessidade de estudar a realidade vivida pelos interlocutores porque, para Chizzotti (1998), a abordagem qualitativa parte do pressuposto que existe uma relação dinâmica entre o sujeito e o objeto, ou seja, vínculo inseparável entre os mundos objetivo e subjetivo do sujeito. Assim, esse delineamento possibilitou apreender alguns dos aspectos que participam do movimento de constituição da identidade profissional dos interlocutores, entendendo que identidade é articulação entre subjetividade e objetividade (CIAMPA, 2005).

A opção pela pesquisa qualitativa se justifica, também, porque, conforme Gomes (2009), nessa modalidade deve-se caminhar tanto na direção do que é homogêneo quanto no

que se diferencia no mesmo meio social. O que nos permitiu apreender uma das características da identidade, que é igualdade e diferença, reconhecendo a potencialidade desse tipo de pesquisa para a apreensão do fenômeno que investigamos. Ressaltamos que a constituição da identidade profissional dos estudantes de Psicologia nos causou interesse e, por meio desta pesquisa, pudemos apreender alguns dos aspectos que compõem o constante movimento de constituição do ser psicólogo.

Para dar conta da complexidade do nosso objeto de estudo, os pressupostos teórico-metodológicos, que também fundamentaram a pesquisa, foram os princípios que Vigotski (1991) considera fundamentais para a análise psicológica pelo pesquisador: analisarmos processos e não objetos; transcender a mera descrição, pela explicação, e que a explicação possa romper com a aparência do fenômeno, buscando sua essência.

Os princípios nos auxiliaram a perceber que a identidade de psicólogo constitui-se em processo, nunca está pronta, mas existe em constantes transformações. Como processo, vimos que, no estudo da identidade profissional, não poderíamos nos ater a descrições simplistas, assim, buscamos explicar o processo de tornar-se psicólogo, mediante as falas sobre as vivências dos interlocutores. Dessa forma, buscamos considerar a historicidade do processo de constituição dessa identidade social, apreendendo sua essência.

Em continuidade, para alcance do objetivo de compreender o processo de constituição da identidade profissional do estudante de Psicologia, apresentamos a seguir o contexto empírico da pesquisa.

3.2 O contexto empírico da pesquisa

Nossa investigação ocorreu em três momentos. Iniciamos visitando a IES, locus da pesquisa, contatando a psicóloga coordenadora do curso de Psicologia e professora da UESPI, e o diretor do Centro de Ensino do Curso, para explicarmos o desenvolvimento da pesquisa, e recebermos autorização. O segundo momento consistiu em visita a IES para convidarmos os alunos a participarem da pesquisa. O terceiro momento consistiu na realização das entrevistas narrativas (FLICK, 2009).

Descreveremos, a seguir, os procedimentos metodológicos que compõem o contexto empírico da nossa pesquisa, caracterizando o cenário, apresentando os interlocutores e delineando o processo de produção dos dados e o processo de análise e de interpretação dos resultados.

3.2.1 Caracterizando o cenário da pesquisa

O cenário deste trabalho é delimitado pela UESPI, mais especificamente o curso de Psicologia do Centro de Ciências da Saúde, ou, mais conhecido como Faculdade de Ciências Médicas (FACIME).

Inicialmente, convém ressaltar, com Kienen (2008), que a universidade corresponde a uma instituição social, com corpo de normas integradas por leis e valores, porque cumpre com a função social de produzir conhecimento e torná-lo acessível. É nesse contexto que o estudante de Psicologia vivencia momentos significativos na construção de sua identidade profissional, e, por isso, ressaltamos que o recorte espacial conferido à pesquisa, a UESPI, deve-se à sua importância na sociedade.

A escolha por esse cenário também se deve ao fato dessa IES ter sido a primeira a ofertar o curso de Psicologia no Piauí (NEGREIROS; SILVA, 2008; SILVA, 2009), e, também, porque foi onde iniciamos nossa atuação profissional como docente. O curso de Psicologia foi criado no Piauí no ano de 1997, e veio a ser estruturado em 1998 (UESPI, 2007, 2010). Diante da recente implantação do Curso, comparado a outros estados, Negreiros e Silva (2008) consideram que a psicologia piauiense é uma “ciência criança”, tendo em vista que em 2007 ela estaria com dez anos de idade.

Atualmente, assistimos ao acelerado crescimento na oferta de cursos de Psicologia no Estado, pois, de acordo com Martins (2010), até 2010 foram criados quatro, sendo dois em instituições particulares e dois em instituições públicas. O segundo curso de Psicologia no Piauí foi implantado em 1998, na Faculdade Santo Agostinho, seguido da Faculdade Integral Diferencial, em 2002, ambos em Teresina, e, por último, na Universidade Federal do Piauí, especificamente no *campus* de Parnaíba, em 2007. Recentemente, em dezembro de 2012, foi criado outro curso de Psicologia, em instituição particular de ensino superior, na Faculdade de Ensino Superior do Piauí.

Em 2004, conforme Carvalho (2007), o estado do Piauí ocupava o terceiro lugar no número de cursos de Psicologia da região Nordeste, superando estados onde a formação existe há mais tempo como o Ceará, a Paraíba e o Rio Grande do Norte. Esse incremento na Psicologia é notado, ainda, por meio do aumento na quantidade de profissionais, que passou de 100 em 1998, para 900 em 2008 (MACEDO, 2008).

Diante do acelerado crescimento da profissão no Estado, entendemos a necessidade de mais estudos sobre a formação inicial em Psicologia, e, sobre o currículo. Na UESPI, o

Curso teve duas propostas curriculares. A primeira, conforme Silva e Negreiros (2008), tinha enfoque na área Clínica. A segunda foi construída a partir das Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Psicologia (DCN, 2004), em vigor desde 2007, e apresenta enfoque na Psicologia Comunitária e Promoção da Saúde (UESPI, 2007, 2010).

Nossa primeira visita à FACIME, depois de iniciarmos o Mestrado em Educação da UFPI, foi em 8 de junho de 2012, e conversamos com a coordenadora do Curso, que nos recebeu bem, fornecendo o Projeto Pedagógico do curso de Psicologia e se dispondo a auxiliar no que precisássemos. Ela explicou que houve muitas mudanças no curso de Psicologia, desde o término do meu contrato de professora, como a construção de salas de aula e a aquisição de livros novos para a biblioteca. A coordenadora se prontificou a comunicar ao diretor da FACIME sobre a pesquisa, e que iríamos em outro momento para nos apresentar.

Na segunda visita, em 7 de julho de 2012, conversamos com o diretor da FACIME, que nos recebeu muito bem. Explicamos o objetivo da pesquisa, de compreender o processo de constituição da identidade profissional dos estudantes de Psicologia. Recebemos o documento de autorização institucional, e agendamos, por telefone, com a coordenadora do Curso, o melhor dia para conversarmos com os alunos. Ela explicou que eles estavam cursando as disciplinas de estágios específicos, e, por isso, não estavam indo todos os dias para a universidade, e indicou um dia em que muitos deles estariam.

Na terceira visita, em 9 de julho de 2012, encontramos alguns alunos que aguardavam o professor supervisor de estágio. Coincidentemente, ou não, os alunos compunham a primeira turma na qual iniciamos nossa atuação como psicóloga docente. Foram nossos alunos no terceiro e no sexto bloco. Na visita, rerepresentamo-nos, agora como estudante do Mestrado em Educação na UFPI, esclarecemos os objetivos da pesquisa, explicamos a necessidade de as entrevistas narrativas serem recorrentes e qual o referencial teórico utilizado. Contamos com a adesão voluntária de seis alunos que cursavam o nono bloco, e anotamos seus nomes e telefones para agendamento das entrevistas. O tópico a seguir versará sobre a caracterização dos interlocutores da pesquisa.

3.2.2 Caracterizando os interlocutores da pesquisa

Os interlocutores da pesquisa são estudantes do curso de Psicologia da FACIME. A escolha pelos interlocutores se deu em dois momentos distintos. O primeiro, antes das

entrevistas narrativas, e o segundo, após transcrição e leitura das entrevistas. No primeiro momento, os critérios de escolha foram: estar regularmente matriculados no nono bloco; expressar interesse em participar da pesquisa e expressar ter disponibilidade para participar. Escolhemos a turma de estudantes cursando o nono bloco, por terem cumprido os três primeiros estágios supervisionados específicos, conforme verificamos no documento “Projeto pedagógico” (UESPI, 2010), pois consideramos que o estágio supervisionado, de acordo com Vilela (1996), possibilita ao aluno vir a ser psicólogo. Seis alunos manifestaram interesse em participar e consentiram que a entrevista fosse gravada.

O segundo momento, que ocorreu após a realização das entrevistas, culminou com a escolha por dois dos seis interlocutores que concederam entrevistas. Com essa primeira análise do conteúdo das seis entrevistas, identificamos que muitos dos conteúdos temáticos se repetiam e apontavam, basicamente, para dois tipos de relatos: um indicando menor identificação do graduando com o ser psicólogo e outro que indicava maior identificação com a profissão. Dentre as narrativas que apontavam esses dois perfis de formação, escolhemos as duas que mais se diferenciavam em seus conteúdos temáticos, mesmo os entrevistados tendo vivido a mesma formação inicial, pois eles estudavam juntos. Por meio de seus relatos, evidenciou-se que os estudantes estavam se identificando de modos diferentes com o ser psicólogo.

Em face desse quadro desenhado pelas vivências da formação inicial, consideramos que as narrativas de dois interlocutores seriam o suficiente para desvelar o movimento de constituição da identidade profissional do psicólogo. Isso porque identidade é articulação entre igualdade e diferença, portanto, os interlocutores vivenciaram a formação inicial, ora se igualando, ora se diferenciando de si e dos outros, contemplando a dimensão dialética da identidade, que revela o singular, o particular e o universal. A concepção de homem na Psicologia Sócio-Histórica, a dialética do singular, particular e universal nos ajuda a esclarecer que o tornar-se psicólogo, para o estudante de Psicologia, fundamenta-se na compreensão de como a singularidade se constitui na universalidade, assim como a universalidade se constrói na singularidade, mediada pela particularidade.

Vale ressaltar que ambos não responderam como queriam ser chamados, deixando a critério da pesquisadora a escolha dos nomes para preservar o sigilo de suas identidades. Assim, para imprimir movimento e vida ao estudo da identidade profissional, optamos por utilizar a metáfora da borboleta. Andrade e Medeiros (2006) ajudam-nos a entender que, na estrutura da metáfora, existe um elemento real que se transpõe ao imaginário. Desse modo, a

lagarta, neste estudo, não representa apenas o animal biologicamente preparado para transformar-se em casulo, e depois em borboleta, mas constitui símbolo da transformação, pela qual todos os seres humanos devem passar durante a vida. Metaforicamente, na metamorfose da lagarta, o casulo, como se fosse morte, transforma-se em vida, em borboleta. Do mesmo modo, a identidade humana é metamorfose, e metamorfose é vida. Vida sobrepondo-se à morte. O ser humano é um eterno dar-se, eterno vir a ser, sempre se metamorfoseando.

Por mais doloroso e sofrido que seja a saída da antiga lagarta do casulo, agora, em sua nova forma, não podemos intervir diretamente nesse processo, ela precisa conseguir sair sozinha. Do contrário, estaremos impedindo o crescimento de cada borboleta, para seu novo nascimento. Metaforicamente, a existência da identidade social é determinada pelo social, mas o ser humano também é autodeterminado.

Tomaremos emprestadas as cores e as formas da borboleta, apenas para imaginar que representam as transformações pelas quais todos passarão, durante a vida. Um animalzinho que se destaca pela capacidade de, misteriosamente, transformar-se em outro e mesmo aparentemente frágil, é capaz de superar as adversidades da natureza, e encontrar a beleza das flores. Assim, Bonfim *et al.* (2010) explicam:

Símbolo de transformação, a borboleta, em seu processo metamórfico de lagarta para inseto alado, com asas coloridas e desenhos geométricos, nos remete à mudança e à evolução. Trata-se de um inseto que possui leveza, silêncio e graça, em seu voo e pouso, e, apesar das aparentes fragilidade e delicadeza, consegue atravessar oceanos!

A borboleta revela que, embora pareça frágil e delicada, é capaz de voar longas distâncias. Assim, também apreendemos que os interlocutores, mesmo ainda como estudantes, guardam dentro de si grandes potencialidades de transformação no mundo, podendo alçar grandes voos para o desenvolvimento da profissão de psicólogo, e produção de si mesmos como profissionais.

Dessa forma, temos Maria e João, nomes escolhidos apenas para designar os dois interlocutores que participaram da pesquisa, preservando o anonimato. São duas borboletas, que se apresentam para nos ajudar a compreender o processo de constituição da identidade de psicólogo, ou seja, o momento de alçarem voo na vida profissional.

Maria tem 22 anos, natural de uma pequena cidade no interior do Maranhão. João tem 25 anos, natural de uma pequena cidade no interior do Piauí. Maria e João eram os mais

novos entre os irmãos e ambos precisaram vir morar em Teresina para cursarem o Ensino Superior. Maria veio para morar com os dois irmãos, e João, que tinha seis irmãos, residiu com três deles durante a formação inicial.

Os pais de nossos interlocutores, de classe média, os ajudaram com as despesas básicas para moradia. Maria e João nunca tiveram bolsas de estudos, mas a primeira sempre buscou atividades remuneradas paralelo a formação inicial em Psicologia.

Vale ressaltar que Maria trabalha, desde fevereiro de 2013, como psicóloga em sua cidade natal, na área da Psicologia Comunitária. Mais especificamente na Assistência Social, como psicóloga do Centro de Referência da Assistência Social. João também trabalha desde janeiro de 2013 em sua cidade no interior do Piauí, na mesma área da Psicologia, mas, especificamente na Saúde Mental, como psicólogo do Centro de Atenção Psicossocial.

3.2.3 O processo de produção dos dados empíricos

As narrativas podem ser adotadas nas entrevistas para obter versões mais abrangentes e contextualizadas dos eventos e das experiências dos interlocutores da pesquisa. Além disso, conforme Vigotski (2010), somente pela fala, é possível exprimir todas as sensações, os pensamentos e até reflexões mais profundas. Isto ocorre quando a entonação transmite o contexto psicológico interior da pessoa que fala, no qual é possível que a palavra conscientizada seja entendida.

Assim, o processo de produção dos dados envolveu o uso de um instrumento, a entrevista narrativa, para registrar as falas dos estudantes de Psicologia. Essa escolha foi subsidiada pela constatação de que, segundo Araújo *et al.* (2011), é uma técnica que entende o participante da pesquisa como produtor de discurso que o representa e o situa em seu contexto histórico e social, possibilitando a compreensão do singular e, conseqüentemente, do geral.

A entrevista narrativa, para Bauer e Jovchelovitch (2008), corresponde a uma proposta de criar narrativas na pesquisa social, sendo classificada como técnica da pesquisa qualitativa. O objetivo é promover situação que instiga o entrevistado a contar sua história sobre determinado acontecimento importante em sua vida e do seu contexto social.

Bauer e Jovchelovitch (2008) ressaltam que uma das vantagens desse instrumento consiste na possibilidade de evitar a pré-estruturação da entrevista, permitindo que o narrador se expresse livremente, ou seja, como uma comunicação presente na vida cotidiana que se apropria do contar e escutar histórias. Isso nos permitiu, por meio das narrativas dos

interlocutores, estabelecermos contato direto com os mesmos, apreendendo contextos sociais e históricos.

Partilhamos das ideias de Aguiar e Ozella (2006b), ao conceber a entrevista como um dos instrumentos mais ricos, permitindo acesso a processos psíquicos, como os significados e sentidos, e a identidade.

A escolha por essa técnica permitiu que compreendêssemos o movimento de constituição da identidade profissional dos interlocutores da pesquisa, mediante o relato de suas vivências, à medida que os instigou a resgatar, em suas memórias, fatos e situações que revelaram os significados e os sentidos produzidos sobre o processo de escolha profissional, as vivências na graduação e os aspectos relativos à vida profissional.

Antes de realizar as entrevistas, os interlocutores assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) – ver Apêndice A –, discutiram com a pesquisadora a proposta de investigação, sendo esclarecidas suas dúvidas, e consentiram a gravação de suas narrativas. Para realização das entrevistas, seguimos as orientações de Flick (2009) e Schutze (2010), mediante utilização do roteiro de entrevista (APÊNDICE B), que constava dados para identificação do entrevistado, e a questão gerativa, que se relaciona ao tema investigado e visa instigar a oralidade do entrevistado.

As entrevistas foram realizadas sempre nas instalações da FACIME, por sugestão dos interlocutores. Durante as entrevistas, não houve interrupção por parte da pesquisadora, até a indicação de que cada entrevistado, de havia terminado seu relato. Nesse momento, iniciamos os questionamentos, a fim de compreendermos os aspectos das falas dos interlocutores que eles deixaram de explorar, exploram pouco, ou que não tinham ficado claros.

As entrevistas narrativas foram desenvolvidas em dois momentos, por consideramos a historicidade como categoria, que ajuda a apreender o movimento de constituição da identidade profissional. No primeiro momento, Maria e João haviam acabado de concluir os três primeiros estágios supervisionados, e, no segundo momento, Maria havia acabado de concluir o décimo bloco e João já havia concluído e estava trabalhando como psicólogo há dois meses. Nesse segundo momento, eles haviam vivenciado outros dois estágios diferentes do primeiro. Nossos interlocutores puderam reiterar fatos narrados no primeiro momento e novos fatos que nos ajudaram a compreender o processo de constituição da identidade.

A primeira aconteceu em 12 de julho de 2012, com Maria, que durou 32 minutos, e em 19 de julho de 2012, com João, que durou 31 minutos. Ao fim das entrevistas, transcrevemos, e entramos em contato para marcar outro encontro, para que os interlocutores

relessem suas falas e acrescentassem, retirassem ou confirmassem as informações de seus discursos. Devido a dificuldade em marcar novo encontro, os interlocutores receberam suas entrevistas por email, e devolveram com as mudanças que julgaram necessárias. A segunda entrevista com Maria ocorreu em 12 de novembro de 2012, com duração de 22 minutos, e com João, ocorreu em 8 de fevereiro de 2013, com duração de 27 minutos, em seguida realizamos o mesmo procedimento de transcrição e de devolutiva aos interlocutores.

3.2.4 O processo de análise dos dados e interpretação dos resultados

O processo de análise do *corpus* empírico, produzido com as narrativas, envolveu o emprego do procedimento metodológico, proposto por Aguiar e Ozella (2006b), os Núcleos de Significação. A escolha por este procedimento se deve à possibilidade de apreensão dos significados e dos sentidos sobre o ser psicólogo, produzidos pelos interlocutores, que estão mediando a constituição das suas identidades de psicólogo.

Vale ressaltar que este procedimento metodológico tem como referencial teórico-metodológico os pressupostos da Psicologia Sócio-Histórica e suas categorias teóricas, em especial significado e sentido, por evidenciarem alguns dos múltiplos aspectos constitutivos da identidade profissional. Sobre os pressupostos teóricos dessa abordagem psicológica, Aguiar (2006, p. 11) explica:

Concordamos com Vygotski (1991), quando afirma que não existe método alheio a uma concepção de realidade, de relação homem-mundo. Assim, destacamos de início que falamos de um homem que se constitui em uma relação dialética com o social e a história, sendo ao mesmo tempo único, singular e histórico. Um homem que ao nascer é candidato à humanidade, mas somente a adquire no processo de apropriação do mundo.

Com esse entendimento, confirmamos nosso posicionamento sobre os interlocutores da pesquisa, como pessoas singulares, mas também como pessoas históricas e sociais. Para os autores, o papel do pesquisador consiste mais que descrever a realidade, mas explicá-la. Ao analisar os dados, sob orientação dos Núcleos de Significação, pudemos explicar o processo de constituição da identidade profissional de Maria e de João, como síntese de múltiplas determinações.

Para Aguiar e Ozella (2006b), ao utilizar a proposta dos Núcleos de Significação, devemos partir da palavra com significado para compreender o sujeito da pesquisa, pois a palavra contém mais do que aparenta. Por meio da análise e da interpretação das falas de

Maria e de João, pudemos adentrar as zonas mais instáveis, fluidas e profundas, as zonas de sentido. Dessa forma, palavras contidas nas narrativas dos interlocutores revelaram os pensamentos, os sentimentos e os atos dos interlocutores, que constituem o ser psicólogo.

Após transcrever as entrevistas, iniciamos leituras flutuantes para nos apropriar dos temas nos discursos das narrativas e organizarmos os materiais, construindo o *corpus* empírico. Nas leituras, foram emergindo, nas falas de Maria e João, temas caracterizados pela importância, resultando na organização de 98 pré-indicadores, que são os trechos de suas falas compostas por palavras articuladas que compõem um significado. O critério utilizado para filtrar os pré-indicadores, conforme a orientação de Aguiar e Ozella (2006b, p. 230), foi “verificar sua importância para a compreensão do objetivo da investigação”, que neste trabalho é: Investigar o processo de constituição da identidade profissional do estudante de Psicologia da UESPI, mediante o resgate de suas vivências na graduação.

Novas leituras flutuantes possibilitaram o processo de aglutinação dos pré-indicadores em indicadores. O processo consistiu em aglutinar os pré-indicadores, que estavam em grande número, por meio dos critérios de similaridade, complementaridade e contraposição, reduzindo-os a menor diversidade, ou seja, aos indicadores. Estes adquiriram significados, porque estavam inseridos e articulados na totalidade dos conteúdos temáticos referentes ao ser psicólogo, contidos nas falas de Maria e de João.

Podemos citar, como exemplo, o indicador “O movimento do não gostar ao gostar”, referente às vivências de Maria e de João ao iniciarem o Curso. Nota-se que esse mesmo indicador revela que o sentimento de insatisfação foi se transformando em sentimento de satisfação, conforme os interlocutores iam vivenciando o contexto da formação inicial. Esse exemplo ilustra apenas parte do processo de construção dos Núcleos, que será detalhadamente explicitado no próximo capítulo, mas nos ajuda a sinalizar os caminhos que trilhamos para realizar o procedimento empregado, guiamo-nos pela possibilidade que o procedimento apresenta em ir além do aparente, considerando as condições subjetivas e históricas no processo de constituição da identidade de psicólogo, apreendendo nas narrativas de cada interlocutor, conteúdos semelhantes, complementares ou contraditórios, revelando as transformações presentes no processo de construção dos sentidos e dos significados.

Para Aguiar e Ozella (2006b), os indicadores caracterizam uma fase do processo de análise, mesmo que ainda empírica, mas que ilumina o início de nuclearização. Os indicadores são importantes porque revelam a essência dos conteúdos temáticos presentes nas falas dos sujeitos e que se relacionam com o objetivo da pesquisa.

Então, caminhando para os Núcleos, os autores esclarecem que eles devem expressar os pontos fundamentais que trazem implicações para o sujeito, o envolvem emocionalmente e revelam suas determinações constitutivas. Para a construção dos Núcleos de Significação, lemos, por diversas vezes, o material das entrevistas, considerando a aglutinação resultante, os indicadores e seus conteúdos temáticos.

Assim, organizamos os Núcleos de Significação com base na articulação dos indicadores, pelo critério da conexão de conteúdos semelhantes, complementares e/ou contraditórios. Esse processo permitiu constatar as transformações e as contradições presentes na produção de significados e de sentidos sobre o ser psicólogo, por Maria e João.

Conforme as orientações de Aguiar e Ozella (2006b), a análise se inicia pelo processo intranúcleo, que é a sistematização e análise de cada núcleo, e avança para a articulação internúcleos, que é composta pela articulação dos Núcleos de Significação, revelando os principais conteúdos temáticos expressos.

Para a construção dos Núcleos de Significação, analisamos e interpretamos as narrativas a fim de atender ao alcance dos objetivos específicos propostos, organizando-os da seguinte forma: Núcleo de Significação 1. Escolha profissional e momentos iniciais do Curso, para atender ao objetivo: Conhecer os motivos que orientaram a escolha profissional; Núcleo de Significação 2. Seara psi – saberes e fazeres da Psicologia e do psicólogo, e o Núcleo de Significação 3. Formação Inicial e as possibilidades de identificação, para responder aos objetivos: Identificar as principais vivências que transformam o estudante em psicólogo, e Compreender a relação entre as principais vivências durante a formação inicial e a identidade profissional em processo de constituição; e, por fim, Núcleo de Significação 4. Existirmos, a que será que se destina? – Ansiedades, interesses, formação continuada na vida profissional e olhares sobre si mesmo, para responder ao objetivo: Analisar certezas e incertezas em relação ao futuro profissional.

Ressaltamos que, no processo de análise e de interpretação dos Núcleos, recorreremos à Concepção Psicossocial de Identidade, e ao uso de categorias analíticas e metodológicas da Psicologia Sócio-Histórica, que possibilitaram transcender mera descrição dos fatos psicológicos, estabelecendo relações entre os Núcleos, que expressam, para nós, os aspectos do processo de constituição da identidade de psicólogo, encontrando sua gênese, afastando-nos de explicações naturalizantes.

O procedimento metodológico Núcleos de Significação mediou nossa compreensão sobre a identidade profissional de Maria e de João, entendendo-a como processo em constante

transformação, determinado por múltiplos aspectos sócio-históricos. Todas as orientações desse procedimento nos auxiliaram na organização dos dados produzidos pelas entrevistas narrativas na pesquisa, confirmando a aplicabilidade do Núcleo de Significação para esse tipo de pesquisa.

O quarto capítulo, a seguir, versará sobre a análise dos dados, apresentando os pré-índices, os indicadores e os Núcleos de Significação produzidos. O quinto capítulo apresentará a interpretação dos Núcleos, revelando os significados e os sentidos do ser psicólogo produzidos por Maria e João.

4 ANÁLISE DOS DADOS: DOS PRÉ-INDICADORES AOS NÚCLEOS DE SIGNIFICAÇÃO

Eu, que quase esqueci que
eu, que vou **até o fim** e
eu, que amo a mais de mim, que eu

Eu, que sempre digo que fui
eu, sei ou não o fim
sou eu, parto a existência
E digo ah **claro no escuro**
Perturbando o mundo inteiro

Fazendo sol e chuva todo dia
De palavras, frases, melodias
Eu, que espero por **silêncio**
Eu, sou hospede do tempo

Eu, aguardando aquele dia frio
Eu, levando a gentileza
Eu, não quero mais tristeza

Eu, que marco a mão com linhas do tempo

(ROBERTA CAMPOS)

Nesse momento da caminhada, encontramos inspiração na canção de Roberta Campos, que nos permite ter uma tradução aproximada, em palavras, do sentido que atribuímos à identidade humana, referenciados que fomos por Ciampa (2005). Convém, antes, explicarmos o porquê de ser uma aproximação. É que, conforme Vigotski (2010, p. 479), “o pensamento não se exprime em palavras, mas nela se realiza” e, sendo assim, é possível que quando tentamos explicar nosso pensamento em palavras, venhamos a fracassar, porque o significado constitui-se em “uma pedra no edifício do sentido” (VIGOTSKI, 2010, p. 479).

Na busca para expressar nossa identidade pessoal, ou identidade do eu, fizemos como a compositora, buscamos palavras, frases e melodias. Podemos fazer barulho ou buscar silêncio, mas nada disso fará sentido se não compreendermos que identidade é metamorfose, ou seja, é transformação e processo. Identidade profissional é ser identificado e identificar-se como tal e, para apreender esse movimento dialético, precisamos compreender as contradições de claro e escuro no pensamento de nossos interlocutores, precisamos buscar as atividades desenvolvidas pelo estudante de Psicologia em suas vivências na graduação, precisamos ir até o fim, ou seja, não aceitar analisar o fenômeno apenas em sua aparência. E sem esquecer que o ser humano é marcado com linhas do tempo, transforma-se constantemente, por isso, entender identidade implica perceber a sua dimensão histórica, social e política.

Partindo dos pressupostos da Psicologia Sócio-Histórica, sobretudo da contribuição de Vigotski (2010), a fim de compreendermos o processo de constituição da identidade profissional dos estudantes de Psicologia, carecemos apreender os sentidos e os significados expressos nas palavras, nas frases e nas melodias faladas por cada um dos sujeitos, sem perder

de vista que por trás do pensamento existe uma tendência afetiva e volitiva. Os aspectos interno e externo da linguagem, no processo de investigação, são de fundamental importância para apreendermos os sentidos produzidos pelos sujeitos.

Na pesquisa qualitativa, os sistemas conversacionais e seus desdobramentos podem ser muito ricos para considerarmos a subjetividade dos nossos interlocutores (GONZALEZ REY, 2005). Assim, consideramos que a entrevista narrativa corresponde a um instrumento de produção de dados, que nos auxilia a apreender os sentidos, os significados e as expectativas de futuro que medeiam o processo de constituição da identidade profissional.

O objetivo do presente capítulo é apresentar o levantamento e a organização dos pré-indicadores, a construção dos indicadores e sua articulação para o desenvolvimento dos Núcleos. Apresentamos os dados referentes às duas entrevistas narrativas, no intuito de mostrar o movimento de constituição da identidade profissional, demonstrando a lógica empregada para o processo de nuclearização.

Convém ressaltar que analisaremos os dados obtidos por meio das entrevistas narrativas, desenvolvidas em dois momentos, com cada interlocutor. O primeiro, ao final do primeiro semestre letivo, no nono período de Psicologia, no mês de julho de 2012. O segundo, ao final do segundo semestre, em dezembro de 2012, com Maria, e, em fevereiro de 2013, com João.

Assim, a seguir apresentamos o processo de categorização dos dados.

4.1 Levantamento dos pré-indicadores das narrativas

Conforme a proposta de Aguiar e Ozella (2006), a partir das transcrições das narrativas, demos prosseguimento com o desenvolvimento de várias leituras para nos apropriarmos de seus conteúdos. Conforme o trabalho foi sendo empreendido, foram emergindo temas importantes que sofreram uma espécie de filtragem, de acordo com o objetivo da pesquisa em investigar o processo de constituição da identidade profissional do estudante de Psicologia da UESPI, mediante o resgate de suas vivências na graduação. Assim, apresentamos, a seguir, os pré-indicadores.

Quadro 1 – Dados das narrativas relativas à escolha pelo curso de Psicologia

Pré-indicadores ²
<p>MARIA</p>
<p>MOMENTO 01 Assim que eu entrei no curso, eu queria Psicologia Jurídica, eu achava muito interessante. Acho que era aquela mistura, porque eu também já quis fazer Direito.</p> <p>MOMENTO 02 Na verdade eu não sabia o que era que eu queria.</p> <p>E eu já tinha feito vestibular pra Direito [na pública] e não passei. Tinha feito pra Arquitetura também, que era outra coisa que eu gostava. E a Psicologia eu fui porque eu imaginei que não é um curso tão Saúde e não é Humanas demais, eu olhei por esse lado. aí, eu falei: eu vou fazer e vou ver no que vai dar.</p> <p>Eu acabei fazendo a prova, sendo que eu já tinha passado pra Direito, numa faculdade particular, e aí, fiquei na questão: Direito ou Psicologia? E aí, acabei escolhendo a Psicologia mesmo. Escolhi Psicologia primeiramente por ser um curso público e, em segundo lugar, era porque achava um curso mais feminino e interessante por estudar a mente humana.</p>
<p>JOÃO</p>
<p>MOMENTO 01 Realizado. Primeiramente é por estar fazendo o curso superior. Eu sou o caçula em uma família grande, onde todos já têm o curso superior. Então, essa é uma realização. E, segundo, realmente porque dentre todos os cursos que foram oferecidos, que tinha disponibilidade pra fazer em Teresina, esse foi o que eu mais me interessei e consegui passar.</p> <p>MOMENTO 02 Bom, além de não ter outro curso que quisesse, foi o fato de na minha cidade [...]</p> <p>[...] foi o fato de na minha cidade eu ter uma interação muito forte com os meus amigos, eu tive a oportunidade de, juntamente com um grande amigo meu, formar um grupinho de jovens, aqueles comuns de interior, vinculado á igreja. A partir disso, formamos um grupo e eu me senti pai, amigo, conselheiro desses meus jovens e eles também me viam como uma pessoa de referência. Eu gostei dessa interação, desse ouvir, desse resolver problema. Algo que, dentre as ciências que existem, a Psicologia era mais relacionada a isso. E, no fundo, eu pensava: “Nossa, Psicologia é algo interessante”.</p>

Fonte: Dados da entrevista narrativa.

² As entrevistas narrativas foram produzidas, no primeiro momento, quando os sujeitos estavam finalizando as atividades referentes ao nono período, sendo identificadas por MOMENTO 01. Posteriormente, quando Maria estava terminando suas atividades de conclusão do curso, em novembro, e João já tinha terminado e estava trabalhando há dois meses, em sua cidade natal, aconteceu o MOMENTO 02. Contatamos João, também em novembro, mas este não pôde colaborar por estar muito envolvido nas atividades de conclusão do Curso, já que recebeu a proposta de trabalho nessa época. Vale lembrar que o primeiro semestre foi marcado por uma greve que paralisou as atividades por cerca de dois meses, adiando a conclusão do curso.

Quadro 2 – Dados das narrativas relativos aos sentimentos verbalizados sobre as vivências no curso de Psicologia

Pré-indicadores
MARIA
<p>MOMENTO 01 É. Eu me sinto orgulhosa. Primeiro, que eu sempre achei interessante essa história de estudar o ser humano, o comportamento. Essa coisa bem subjetiva. Então, de certa forma, eu meio que me acho. Quando as pessoas vêm conversar e me perguntam: “faz o quê?”, e eu digo: “faço Psicologia”, a pessoa responde: ahhh [...]. Então eu me sinto muito bem. Muito feliz pelo meu Curso. Minhas vivências como estudante de Psicologia, todas foram agradáveis.</p> <p>[...] eu não gostava do primeiro período do curso. Eu comecei a gostar no quinto período pra frente, eu, tipo que seleccionei as disciplinas que eu mais gostava, e as que eu não gostava, eu não conseguia estudar! Eu estudava só pra passar, eu confesso.</p> <p>Foi desagradável no começo do curso, eu também não sabia o que era que eu queria; onde era que eu queria estagiar, então eu me sentia assim, sem saber de nada.</p> <p>Mas, assim, no quinto período [...] que apareceu o estágio básico. Foi a hora que a gente viveu mais o contato com a prática, aí, foi melhorando, e eu sempre fui muito aberta a qualquer área. Nunca tive esse negócio: “Ah! Eu não suporto escolar!”. Eu sempre quis aprender, conhecer, pra saber de fato o que é que eu queria. E eu sempre fui muito aberta a tudo, acho que por isso que eu gosto, que eu sempre gostei das minhas experiências.</p> <p>Quanto ao Curso, a gente fica muito agoniada no começo, porque a gente quer logo praticar.</p> <p>MOMENTO 02 O curso de Psicologia, como é que eu posso falar? É bom, eu não consigo falar muito assim, pelo menos agora, mas eu vou tentar descrever direitinho. Foi desafiador, porque no início era muita teoria e a gente não gostava. Eu e os outros da turma ficavam se perguntando se era isso mesmo. A gente até deu a ideia de que em cada período devia ter um estágio, pelo menos um pra gente ver logo como é. Assim, o desafio maior eram as disciplinas que a gente não gostava. Agora já está bem melhor, até os livros, no começo eram escassos na Biblioteca.</p>
JOÃO
<p>MOMENTO 01 Realizado. Primeiramente é por estar fazendo o curso superior. Eu sou o caçula em uma família grande, onde todos já têm o curso superior. Então, essa é uma realização. E, segundo, realmente porque dentre todos os cursos que foram oferecidos, que tinha disponibilidade pra fazer em Teresina, esse foi o que eu mais me interessei e consegui passar.</p> <p>Claro que vieram algumas dúvidas, em alguns momentos, será que realmente é o curso que eu quero, e isso percorreu os dois primeiros anos. Também tive um pouco de dificuldade em relação a turma, mas isso foi problema secundário, para fazer amizade. Mas, passando isso, os dois anos, tiveram algumas disciplinas que a gente começou a ver a Psicologia como eu imaginava. Comecei a gostar de determinadas Áreas, e das, como se diz na FACIME, como é que diz a divisão: psicanálise, comportamental, as abordagens. [...] a partir do momento que as disciplinas específicas da Psicologia surgiram, aí, sim, a gente começou realmente a ver, ou determinada área ou determinada abordagem, a Psicologia.</p>

E assim, o decorrer do **início do curso foi um pouco complicado, difícil**, os dois primeiros anos foram mais complicados, na questão mesmo de que **algumas disciplinas não tinham muito a ver com a Psicologia**. Por exemplo, a Metodologia, Antropologia, deixa eu lembrar de outra, Estatística. **Não era o que eu esperava, inicialmente.**

Eu acredito que o sentimento agora seja realmente a **perseverança. Perseverança no sentido de concluir o Curso, já que no meu caso foi um pouco difícil. Principalmente ficar longe da família. Perseverança no sentido de medo diante das adversidades que não foram poucas e continuar no Curso mesmo sabendo que o mercado de trabalho está muito inchado, sabendo que os salários são baixos. Perseverante no sentido de tentar ser um bom profissional e estar sempre buscando melhorar no sentido de diante das dificuldades que a gente encontra nos estágios e no Curso, tentar vencer essas dificuldades, e perseverança no sentido de conseguir estar fazendo melhorias pras pessoas que futuramente vão me buscar, vão até mim, como psicólogo, pra tentar, com certeza, melhorar a situação delas, seja qual for, desde que esteja dentro das possibilidades dela.**

Apesar de eu ter tido um início meio conturbado, no final teve uma melhora, as disciplinas começaram a serem desenvolvidas adequadamente, os professores começaram a chegar no horário, pegando a carga horária completa, **não tivemos problemas com falta de professores, a estrutura física melhorou consideravelmente. E, claro, a gente pegou alguns professores que deram bons exemplos que realmente deram um gás a mais nos estudos, de uma forma mais motivadora.** Realmente, tinha certas disciplinas que não tinha como não interessar.

Então, a [área da] escola eu não gostei por isso, eles colocam barreiras, a gente não tem muita liberdade para colocar em prática o conhecimento.

MOMENTO 02

Em relação ao segundo semestre do último ano, ele está muito relacionado **pelo agora**, como eu tive a oportunidade, em meu caso, que **é uma grande felicidade, de terminar e com poucos dias trabalhar.**

No **primeiro semestre dos estágios, eu me preocupava muito sobre o mercado**, se ia ter trabalho, como ia ser o pós-curso.

Mas, no segundo semestre, como teve essa **possibilidade de emprego, vieram outras preocupações**, como se eu conseguiria **terminar no prazo sem perder as possibilidades de emprego** que vinham. E claro, a questão de você **concluir todas as disciplinas da melhor forma possível.**

Para mim, é um sonho realizado, terminar o curso, fechar um ciclo da minha família, de todos se formarem e terminar com um emprego, que era o que eu mais queria, e na minha cidade. Ah, nossa, esse pedaço de papel [olhando para o diploma] é um símbolo de vitória. Uma realização.

Fonte: Dados da entrevista narrativa.

Quadro 3 – Dados das narrativas relativos aos saberes e/ou fazeres da Psicologia

Pré-indicadores
<p>MARIA</p>
<p>MOMENTO 01 Primeiro, que eu sempre achei interessante essa história de estudar o ser humano, o comportamento. Essa coisa bem subjetiva. Então, de certa forma, eu meio que me acho.</p> <p>Mas tem os outros que falam: “Ah! Que bom que você faz Psicologia”, ou “Tem que ter muita paciência não é?”, e ainda “Eu admiro muito quem tem paciência”. Então tem pessoas que perguntam “Você já trabalhou com o quê?”, e quando eu falo das minhas experiências com autismo as pessoas falam: “Ah, meu Deus, vocês têm muita paciência, é muito lindo”. É isso que faz eu gostar de fazer Psicologia e foi o que eu já percebi das pessoas.</p> <p>E a Psicologia, eu fui porque eu imaginei que não é um curso tão Saúde e não é Humanas demais, eu olhei por esse lado. [...] Escolhi Psicologia primeiramente por ser um curso público e, em segundo lugar, era porque achava um curso mais feminino e interessante por estudar a mente humana.</p> <p>Das pessoas que já me perguntaram, algumas fazem cara de que Psicologia e nada era a mesma coisa. Como também já falaram: “Ah, você vai pra interior? Porque [Psicologia] só serve pra interior!”, ou então: “Tu vai trabalhar com o quê? Psicologia clínica? O que é mesmo que você faz?”. O meu próprio pai fala isso: “O que é mesmo?”. Eu fico um pouco angustiada porque eu fico: “Meu Deus, as pessoas não sabem ainda o que é a Psicologia de fato”. Mas, ao mesmo tempo, eu vou explicar como é.</p> <p>MOMENTO 02 E a Psicologia, em si, eu vejo como uma coisa, assim, perfeita. [risos]. Perfeito por estudar e compreender a subjetividade humana; por saber lidar com as situações desafiadoras no âmbito escolar, empresarial, clínica, problemas familiares, questões sociais de uma comunidade, dentre as várias áreas que a Psicologia pode contribuir. Para mim, é o que deveria existir em toda profissão, todo mundo deveria ser um pouco psicólogo.</p> <p>[...] eu via mais a Psicologia como aquela coisa clínica, mais a psicóloga analisando. Só isso, eu não tinha conhecimento das outras áreas. Só da escolar que eu tinha conhecimento, mas das outras eu não conhecia.</p>
<p>JOÃO</p>
<p>MOMENTO 01 Para sintetizar, com essas três áreas que eu estou atuando como estagiário, uma coisa é a escuta, saber escutar, fazer orientações, entender o problema de forma diferenciada da população em geral e eu acho que é isso mesmo. Saber escutar, saber orientar e compreender, mas de forma diferenciada, usando os conhecimentos da Psicologia, ou seja, a questão do comportamento, a questão do psiquismo, os estudos, os teóricos que podem estar dentro da Psicologia, pra gente colocar em prática. Então, é isso, o psicólogo trabalha com a escuta, a orientação, o entendimento e, principalmente, na busca da saúde e do bem-estar da pessoa, a gente encontra formas de melhorar a vida das pessoas, tratar de forma adequada.</p> <p>A gente hoje vive numa sociedade muito complexa, cheia de tecnologias que a gente sabe que vem pra melhorar, mas, acaba dificultando e gerando mais problemas pros seres humanos, realmente hoje é necessário, para o ser humano, essa atenção, principalmente porque ele se torna cada vez mais</p>

solitário, cada vez mais isolado.

A questão dos **professores**, que inicialmente não cumpriram seus objetivos, faltaram muito, sem falar das **críticas**, que é outro ponto forte, **a gente ouvir** [dos professores] **que a Psicologia é uma área ainda muito fraca, no sentido de emprego, no sentido de muitos outros profissionais não reconhecerem a sua função**, principalmente em escolar. **Na hospitalar é que está conseguindo ter o espaço**, mas a gente ouvia muito isso, que **o psicólogo não era**, me faltou a palavra... **reconhecido!** E a questão dos **salários baixos** que realmente não motivavam.

Então, eu acredito que já estar gostando do **estágio em clínica**, é muito bom, muito interessante, realmente **de todos os estágios que eu já fiz, é o único que a gente é visto como tal, como psicólogo.**

Como clínico, realmente, até mesmo o próprio estudante quando está lá na sua mesinha, com seu caderninho de anotações, realmente ali eu acho que é, na minha opinião, acho que, realmente, pelo que a gente ouve no decorrer do Curso [pausa] é... **é mais reconhecido. E acho que aí, realmente surge aquela identidade do psicólogo, enfim, é um estereótipo que no final das contas acaba sendo a representação até mesmo do estudante.** Por exemplo, na escola eu não me vi como psicólogo escolar, na comunitária já vi que no CAPS e no CRAS, tem um trabalho bem mais desenvolvido, mas **na clínica eu acho que é, assim, o topo.**

MOMENTO 02

O povo, de forma geral, está vendo que o psicólogo não é aquele “médico de loucos” [faz sinal de aspas], **algo como um estereótipo, o pessoal ia em cima da Psicologia, mas hoje não. Hoje eu vejo que a Psicologia está abarcando todas as classes, todas as idades. Eu estou gostando muito de ser psicólogo. Bom, quando eu entrei, pensava assim também, mas algumas coisas apareceram e outras se dissiparam.** Mas faz parte de qualquer iniciante em uma profissão. **Essa visão de que o psicólogo é um profissional que trabalha com loucos se modificou.** Com os cinco anos de curso e no trabalho, **a profissão é algo como um bolo e essa parte seria uma pequena fatia do que a Psicologia pode abarcar.** Ela até trabalha com pessoas com transtorno mental, mas também trabalha com a saúde de forma geral, pessoas com problemas de aprendizagem, adolescente, enfim, acho que está na vida diária de qualquer pessoa. Independentemente de ser alguém com transtorno mental ou não.

Ainda assim acho que **a sociedade ainda vê o psicólogo como aquela pessoa que resolve os problemas.** No meu trabalho, no CAPS, eu realmente recebo pessoas com problemas mentais, ou por problemas familiares, mas eu também recebo pessoas que vão porque o vizinho foi e acha que também necessita. Então, **tem realmente esse choque de a pessoa pensar em ir pro psicólogo por uma simples preocupação.**

Mas a minha visão atualmente do **psicólogo** é de um **profissional extremamente necessário na saúde pública**, ele trabalha com pessoas desde criança até pessoas em fase terminal, presidiários, ou seja, um grande conjunto de possibilidades. **Então, eu vejo um trabalho muito importante pro psicólogo no Brasil**, e não vejo a Psicologia fora desse conjunto de profissionais como médico, enfermeiro, realmente **é importante esse profissional em uma equipe básica.**

Primeiramente, **Psicologia, para mim, é algo que você busca ajudar os outros**, eu vou falando pela própria experiência de trabalho. [...] Então **a Psicologia no âmbito do meu trabalho é isso, ouvir o outro, ter contato com o outro, vivenciar o problema do outro, buscar formas de cuidar do outro.** E isso eu vi também na grande maioria das teorias psicológicas, nas abordagens, como dizem, **ouvir, escutar e dar um feedback.** Então o meu ponto de vista é esse, **ajudar as pessoas em todos os aspectos, na escuta, na fala, nas atribuições de significado, buscando uma forma de a pessoa entender a sua vida, os problemas que ela tem, o porquê determinadas coisas acontecem**, então é isso.

Fonte: Dados da entrevista narrativa.

**Quadro 4 – Dados das narrativas relativos às vivências durante a formação inicial:
Maria³**

Pré-Indicadores
<p>MOMENTO 01 NA COMUNIDADE</p> <p>As curriculares, eu lembro que o Estágio Básico de Políticas Públicas em Saúde foi aquela que a gente fez com o pessoal aqui da FACIME. Os funcionários dos serviços gerais. Também foi ótima, porque o pessoal da limpeza se abriu muito com a gente e eles se sentem, segundo seus relatos: “O <i>peçoalzinho</i> da limpeza que ninguém dá importância”, e aí, a gente aprendeu muito com elas. Eu digo “Elas” porque os homens não foram. Assim, elas passaram muitas histórias delas. Até deram conselho pra gente. Deram toques do que elas queriam fazer, do que esperavam da gente. E a gente foi buscando se aprimorar.</p> <p>Foi muito importante também porque gerou resultado, o resultado final foi uma confraternização que elas nunca tinham feito, nunca tiveram na FACIME. Elas [...] falaram pra gente que estavam convidando a gente porque, é, gerou um movimento nelas lá e aí, ia ter essa festinha. A gente foi a culpada desse momento. É, boa culpa! E aí, foi muito bom, por causa desse resultado. E a gente notou que geraram emoções durante as atividades. Acho que tocou, algumas choraram e assim eu acho que elas saíram muito relaxadas e sempre elas passavam esse <i>feedback</i> pra gente. E aí, foi bem gratificante. [Estágio Básico de Políticas Públicas em Saúde].</p> <p>Foi uma vivência desafiadora também trabalhar com os meninos do PROJovem. Primeiro porque é em periferia, e eu nunca tive esse contato muito com adolescente, era mais com criança.</p> <p>Na comunitária, eu não terminei ainda. Eu ainda estou fazendo meu estágio lá no CRAS, na localidade [nome da localidade]. E lá, como a pesquisa eu sei que é ética, vou falar: a psicóloga de lá não faz nada, então, eu não estou gostando. É porque eu gosto de comunitária. Eu não estou gostando, não estou aprendendo muito lá nesse estágio de comunitária.</p> <p>A psicóloga do CRAS é muito gente boa, mas ela, não sei, ela não é ativa! E todo mundo fala isso e eu fico só olhando. Eu não vejo visitas, eu não vejo escuta qualificada, eu não vejo um acompanhamento com família. Então, eu vou assim, eu vou pra lá pra fazer passe livre de idoso. E aí, nesse passe livre de idoso eu aproveito pra conversar com os idosinhos! Eu coloco, coloco as situações deles. Eu acabo fazendo uma escuta qualificada. E a forma que eu estou fazendo de fazer visita é com as estagiárias de Serviço Social, e eu vou no bolo, e vou e vejo. Só que as visitas delas são pra confirmar cadastro. E não aquele problema, aquela coisa social.</p> <p>[...] a psicóloga não é muito ativa e a gente necessita dela e eu acho muito desafiador porque a gente fica com medo, mas a vantagem é que a gente vai buscando por fora mesmo. Estudando, conversando com outras pessoas.</p> <p>No PROJovem, essa psicóloga é técnica de referência. O PROJovem está fechando porque antes eram quarenta crianças e adolescentes e hoje são em média de seis. [...] Eles estão indo, porque eu estou indo dia de quarta-feira e eles estão gostando do tema que eu estou trabalhando com eles. Eles mesmos falam que só estão indo no dia que eu vou. E eu me sinto feliz em relação a isso porque pelo menos eles estão indo no dia que eu vou. É muito gratificante, assim, eles ficam muito a vontade conversando. [...] é bem gratificante pra gente. Eles gostam de conversar, é algo diferente! Quando eles veem que é Psicologia, aí eles dizem: “Ah, eu vou já conversar com ela!”. Aí, o que eu tiro de positivo, é isso: é o contato mesmo com os adolescentes de periferia. A</p>

³ Devido os relatos sobre os estágios serem em grande número, dividimos os pré-indicadores em um quadro para Maria e em seguida, outro para João.

maioria já assassinou alguém. Ou usam drogas. Ou as meninas já são prostitutas. **A gente tem que lidar com uma situação bem diferente, uma realidade bem diferente da nossa.**

MOMENTO 02

NA COMUNIDADE

O de **Comunitária** também foi interessante que foi no CRAS e no PROJOVEM. E **foi bom e foi ruim. Ruim, porque eu não tinha orientação da psicóloga**, apesar de ter aqui na Universidade. **Foi bom, porque eu aprendi qual é a função da Psicologia na Comunidade**, com os meninos do PROJOVEM. Ali eu não sei qual é o papel da Psicologia, até sei, mas eu não sei se fiz certo.

Mas, enfim, [o estágio de comunitária] foi bom também. Foi desafiador, porque foi na favela, o deslocamento não foi fácil. Mas **foi bem enriquecedor porque eu aprendi ali, na prática, tive contato com famílias que eu nunca imaginava passarem por situações daquela como eu presenciei.**

Teve o **Estágio Básico de Educação e Saúde**. Que também foi no CRAS [...]. Foi bom também porque a gente aprendeu com eles, a gente conheceu. E **teve o tempo todo *feedback* deles, que aquilo lá era bom, que devia ter um profissional lá pra fazer só aquilo ali com eles.** [...] Foi muito bom. Foi bom também o resultado porque a gente via que antes deles serem atendidos lá pela equipe, com nosso trabalho eles iam até um pouco mais relaxados, porque eles são muito zangados. **Eles, da equipe, diziam que a gente devia fazer isso todo dia porque o pessoal está vindo pra cá mais relaxado. Então a gente viu o quanto que o trabalho era importante.**

MOMENTO 01

ESCOLAR

Vou falar do **Escolar curricular**. Que a gente estagiou numa escola bem selecionada daqui. [...] E lá a gente aprendeu muita coisa em relação aos próprios meninos, aos problemas. Imagina você estar no “Colégio X” e **você quer tudo bonitinho, os meninos terem a família tudo bonitinha, certinha, tudo inteligente, e não!** A gente foi além disso, **a gente teve contato com vários casos que a gente nunca esperava encontrar por lá.**

Foi desafiador [o estágio de escolar] **também porque [...] não teve uma psicóloga à tarde com a gente** porque os dias que a gente estava eram justamente os dias que ela estava no outro trabalho e aí, foi bem desafiador também.

A escola foi bem aberta e **a gente se sentiu valorizado com a profissão da gente, mesmo a gente sendo só estudante ainda. A gente já viu que era um campo que a gente se identificou. Acredito que seja mais também pelos profissionais da escola, que eles foram muito abertos, Ave Maria!** Todo mundo, professores, todos.

A gente teve **contato com crianças com autismo, incluso lá na sala regular, junto com TDAH, junto com crianças que vieram do Japão e outras dos EUA.** Então foi assim, muito, muito desafiador a gente ter que montar grupos [de habilidades sociais] e tinha um que falava japonês e não entendia o que a gente falava. E tinha o que era **Autista Asperger** que era muito zangado, estressado e falava muito. Então **a gente teve que usar**, eu acho que, na hora, só **uma mágica pra poder conseguir trabalhar em grupo com eles. E isso foi bem desafiador.**

MOMENTO 02

ESCOLAR

E o de **Escolar**. No estágio obrigatório é sempre complicado porque a gente mesmo, que é aluno, tem que procurar lugar pra estagiar. Em **Escolar não foi difícil** porque eu já conhecia a psicóloga de lá.

Aí, como que foi lá, foi no Serviço de Orientação Educacional, **não diretamente com a Psicologia Escolar.** E **a gente fez todo o planejamento** e trabalhou apenas com ensino fundamental, à tarde. Só

que a gente não teve contato com as famílias. Uma orientadora social, que era a que eu mais tinha contato não foi muito aberta com a gente. **O trabalho foi mais com os meninos, os alunos, fazendo grupinhos de habilidades sociais.** Com os meninos maiores, a gente foi falar de sexualidade que foi o que **era a demanda deles na escola, já estava trazendo problemas** e eles tinham muitas dúvidas, foi na sala de vídeo.

MOMENTO 01

CLÍNICA

O de Clínica já foi meio complicado, porque quando eu comecei [...] **eu estava muito envolvida com Educação Especial, voltada pro autismo [...]. E eu queria escolher minha abordagem em relação ao que eu via, que era comportamental**, mas como eu estava no estágio extra, e **eu tinha que adequar meus horários**, não ia dar certo ficar num horário disponível no da professora de comportamental. **Então o que foi que eu fiz? Eu arrisquei e pensei:** Eu estou precisando do meu estágio extra, então eu **vou escolher um estágio qualquer de clínica** que dê pra mim, de qualquer forma eu **não vou estar perdendo**, e, se eu não gostar, eu faço uma especialização da que eu sempre quis. Então eu fui aberta pra Gestalt. **Fui parar na Gestalt e lá eu vi que autismo não dá pra trabalhar**, mas eu fiquei mesmo assim e acabei sendo **conquistada pela Gestalt** e gostei muito! Gostei mesmo e aí, também logo eu saí do meu estágio extra que era esse de autismo e passei a me envolver muito com a Gestalt. Mas **eu não excluí o autismo da minha vida**. Foi bem desafiador, porque **eu confesso que eu nunca tinha estudado muito Gestalt e aí, eu ainda fui estudar**, fui procurar ver a relação de autismo pelo menos **pra ver se eu gostava**.

A **professora** [supervisora no estágio em Psicologia Clínica] foi bem **acolhedora**. A **metodologia** dela foi que, no primeiro momento, que foi agora, no nono, foi **só teoria**, a gente não foi pra clínica. **A teoria dela é ela fazendo role playing⁴ é ela fazendo vivências com a gente na própria clínica dela**. A gente fez contato com a clínica dela [...], **ela mudou totalmente o aspecto dela quanto professora da FACIME e psicóloga na clínica dela, a gente se encantou. Pelo menos o pessoal que está na Gestalt se encantou muito**.

Eu escolhi Gestalt [no estágio] e **estou gostando muito**. Eu sei que não dá pra trabalhar autismo, mas **ninguém vai me garantir que eu vou trabalhar com autismo, então eu acho que é bom eu ter um conhecimento nas outras áreas**.

MOMENTO 2

CLÍNICA

O de Clínica, no nono, foi só teórica e agora, no décimo, que a gente está na prática. Assim, **o maior desafio no primeiro momento foi o local pra estagiar porque a gente não tem a Clínica Escola. Para poder conseguir um local demorou muito, a gente perdeu muito tempo**. Mas agora eu já estou atendendo.

A escolha da abordagem foi a Gestalt porque **foi a que sobrou**, porque **tem um limite certo de alunos para cada professor e já estava dando confusão com os outros**. Enfim, aí, lá também está sendo bom. Eu estou gostando. A confusão foi da escolha da abordagem, tipo assim, **a maioria da turma queria um professor**. Eu poderia ficar, mas decidi sair porque eu não fazia tanta questão pela vaga. [...] E assim, **a gente acabou negociando entre a gente mesmo**, não precisou fazer prova e nem analisar as notas.

Agora eu me vejo na clínica, com a Gestalt mesmo, normal. Eu gostei da clínica e não gostava antes, mas eu ainda pensei: **não vai dar pra trabalhar com a criança com autismo, mas acho que dá pra trabalhar com a família do autista**.

Meu interesse era a outra [abordagem], mas eu sempre sou aberta a outras áreas da Psicologia.

⁴ Segundo Lazzarini *et al* (2004), corresponde a uma técnica de interpretação de papéis.

Aí, eu resolvi sair dessa outra que estava lotada e fui pra essa aí. Pra mim não tem problema. E lá está sendo interessante, porque **era uma coisa que eu não gostava e aí, eu estou começando a estudar.**

Eu não gostava da Gestalt. E também a Clínica não me interessava muito, não. Mas está sendo bom, porque a gente está tendo a supervisão, com tudo certinho. E a questão também de eu fazer minha terapia particular está ajudando muito. O que mais me ajudou foi fazer [psico]terapia, porque eu estou conseguindo lidar com as minhas questões na Clínica.

MOMENTO 1

FORMAÇÃO INICIAL

Assim, **nos estágios ou em qualquer lugar que a gente se apresente**, pelo menos comigo, em todos **eu fui bem recebida**, as pessoas gostam de conversar, conversa, conversa, conversa. **Então a gente começa a praticar mesmo, a gente tenta se sentir como uma psicóloga. Não só uma estudante.**

Quanto à Psicologia na UESPI, eu ainda acho um pouco esquecida, porque tem os outros cursos, como Medicina, e a gente sofre por causa de sala. **A gente sofre por causa de piadinha também, dizendo que a gente só vai se formar pra trabalhar com autoajuda.** “Ah, vocês só vão se formar pra poder ajudar os outros”. É um pouco chato.

MOMENTO 2

ORGANIZACIONAL

A Organizacional é uma área que me identifico bastante também e está sendo o estágio mais desafiador de todos e é realizado em uma instituição hospitalar pública, a [nome da instituição]. É desafiador por ser em um local público, por ter uma enorme quantidade de funcionários e internados com muitas demandas organizacionais, por causa da rotatividade dos funcionários quanto aos seus dias e horários de trabalho que temos que nos adequar a eles. **Está sendo bom porque nós, estagiários, fomos e somos bem recebidos por toda equipe do hospital, com o reconhecimento por partes deles de que há uma imensa necessidade do trabalho da Psicologia Organizacional na instituição.**

MOMENTO 01

ESTÁGIO EXTRACURRICULAR

É a mesma coisa de A.T. Só que no município, nas escolas do município, a gente chama de AP, Acompanhante Pedagógico. **Porque a gente não tem aquele link com a clínica, aí, a questão é mais mesmo pedagógica. [...] A experiência que foi um pouco desagradável, foi justamente do estágio “extra”, devido a gente não ter uma psicóloga na escola.**

Escola do Município não tem e aí, as pessoas, além da gente tá lá trabalhando, em prol da inclusão, os diretores das escolas e os outros **querem que a gente resolva um problema ali com a família, com a mãe que quer conversar**, que não sei o quê. E **a gente diz que não pode e eles não entendem**, então fica aquela coisa, acabam falando mal da gente. **Então, foi uma vivência bem desafiadora.**

Eu vou falar mais voltado pro meu **estágio extra**. Como foi como Acompanhante Pedagógica, as **pessoas misturam com estágio de Psicologia Escolar, aí, a gente teve que aprender a separar as duas vertentes. E a gente passa por uma crise muito grande, porque a gente não sabe se tá fazendo Pedagogia ou se tá fazendo Psicologia na escola.** Aí, é como se tivesse um metendo a colher na comida do outro. E, aí, tem essa confusão e aí, vem. Porque, também, tem estagiário de Psicologia e de Pedagogia e quando a gente começa a conversar, as meninas da Pedagogia começam a falar: “Ah! É a mesma coisa que a gente tá fazendo!” **então, foi uma vivência bem desafiadora.**

A minha vivência foi maior nesse estágio. Eu me preparei muito mais lá do que nos outros dois curriculares que eu fiz. Porque lá, eu me senti sozinha. E também, ah, eu me esqueci de contar. Eu sinto que **me realizei em muitos sentidos em trabalhar com a educação especial** [Atuação como Acompanhante Pedagógico] **também que eu gosto muito. Foi muito marcante pra mim, porque eu desenvolvi um trabalho que, pra mim, foi muito bom e foi reconhecido na SEMEC. Então, assim, marcou muito em mim. E aí, eu gostei demais do meu trabalho, por isso que eu preferi me voltar pra ele.** [durante a entrevista] **O desafio é maior porque eu não tinha nenhuma psicóloga ao meu lado pra ver o que eu estava fazendo.**

Fonte: Dados da entrevista narrativa.

Quadro 5 – Dados das narrativas relativos às vivências durante a formação inicial: João

Pré-indicadores
<p>MOMENTO 01 NA COMUNIDADE</p> <p>A comunitária é bem interessante, você vê os problemas e vê a origem, aí, pode estar fazendo um trabalho mais complexo, grande, não só no sentido individual, como na clínica, mas um trabalho que envolve a população, um conjunto. E, além do mais, na comunidade a gente também está aprendendo, é algo bem interessante, porque, você chega lá naquela comunidade carente e pobre e não tem como não estar transmitindo conhecimento. Ao mesmo tempo você conhece a riqueza que é aquela comunidade, e você também pode estar aprendendo. Na comunidade, estou fazendo visitas, estou conhecendo pessoas e realmente eles dão cada lição de vida, que a gente pode estar aprendendo muito com eles.</p> <p>É uma área [comunitária] bem interessante, eu particularmente gosto de estar mais voltado para a comunidade, na clínica você trabalha com um, na comunidade, não, é algo bem maior, mas que realmente estou gostando e eu pretendo continuar, é um trabalho que eu gosto.</p> <p>MOMENTO 02 NA COMUNIDADE</p> <p>Na Comunitária, tive alguns problemas na questão da faculdade, que somente forneceu professor faltando dois meses para terminar o período. Fiz de uma forma muito rápida, um estágio que era para ter sido feito em quatro meses, dividindo a carga horária de seis horas por semana, eu fiz em um mês. Ou seja, trinta horas/semana. Eu achei muito prejudicial isso porque em um estágio você precisa criar vínculo e raízes e quando eu estava começando a ver como funciona de fato, já estava finalizando. Então, não achei legal essa forma de estágio em Comunitária, não querendo dizer que eu não gosto da área, mas é a forma como ele foi feito, em pouco tempo, que não tive muito tempo pra me adaptar.</p>
<p>MOMENTO 01 ESCOLAR</p> <p>Na escolar você está muito dependente às pessoas, preso a professor, preso a diretores, a um sistema. É um trabalho que não depende só de você, por exemplo, se você tem um aluno indisciplinado, não adianta você fazer um trabalho único e exclusivamente com ele sem envolver o contexto todo, desde a professora até o bairro onde ele mora. E pra você fazer um trabalho dessa complexidade na escola, você tem que ir atrás, mas existem n obstáculos que realmente deixa você cansado. Sem falar que a falta de reconhecimento dos profissionais da escola, eles sabem que necessitam do psicólogo na escola, mas colocam barreiras e pensam que o psicólogo é só um bombeiro. Então, a escola eu não gostei por isso, eles colocam barreiras, a gente não tem muita liberdade para colocar em prática o conhecimento.</p>
<p>MOMENTO 1 CLÍNICA</p> <p>Na clínica, é realmente onde você coloca em prática muitas das coisas que você aprendeu em Psicologia, não tem como, você coloca no seu planozinho, o que realmente você aprendeu no decorrer do Curso, planeja a forma de falar, como você vai proceder o caso, como você vai fazer o diagnóstico, como você vai interpretar o que aconteceu na sessão, na clínica você utiliza tudo o que realmente ouviu no decorrer do Curso, você coloca em prática mesmo.</p> <p>Como clínico, realmente, até mesmo o próprio estudante quando está lá na sua mesinha, com seu caderninho de anotações, realmente ali eu acho que é, na minha opinião, acho que, realmente, pelo</p>

que a gente ouve no decorrer do Curso [pausa] é... **é mais reconhecido. E acho que aí, realmente surge aquela identidade do psicólogo, enfim, é um estereótipo que no final das contas acaba sendo a representação até mesmo do estudante.** Por exemplo, na escola eu não me vi como psicólogo escolar, na comunitária já vi, o CAPS, CRAS, tem um trabalho bem mais desenvolvido, mas na clínica eu acho que é, assim, o topo.

MOMENTO 2

CLÍNICA

O estágio em Clínica foi muito bom, eu fiquei admirado porque alguns locais de estágio eram meio precários, mas no meu caso, não foi assim. Tinha um convênio, a gente tinha que ir atrás, mas não tive nenhum problema. Eu estagiei em um hospital da rede pública especificamente para isso, com multiprofissionalidade. Quando eu cheguei, tinha uma pessoa para agendar meus pacientes, a sala com a mesinha, um prontuário, um ar condicionado, então para mim **não faltou estrutura e muito menos orientação teórica.** Inclusive, foi um dos meus melhores estágios e é o que está fazendo a diferença no meu trabalho no CAPS, em que a clínica é usada constantemente.

MOMENTO 2

ORGANIZACIONAL

Organizacional também foi muito bom, foi na maternidade e fizemos um trabalho muito bom, eu e duas colegas, tivemos apoio e uma recepção muito boa na maternidade. Tivemos abertura e espaço, trabalhamos com três grupos diferentes, serviços gerais, pessoal da nutrição e enfermeiros e enfermeiras. Então, foi muito bom. **A nossa professora supervisora e o pessoal da Maternidade nos parabenizou pelo resultado que tivemos. Conseguimos colocar a teoria na prática, então foi muito positivo.**

Fizemos um **trabalho bom** na Organizacional, **porque**, em minha opinião, **passamos por todas as etapas de um estágio**, ou seja, fizemos um **mapeamento**, fizemos um **diagnóstico**, encontramos **problemas**, **elaboramos projetos para estes problemas**, projetos bem elaborados junto à nossa professora supervisora da Universidade e a supervisora do local. E como foi algo bem fundamentado, bem orientado, **deu resultado.** Então, por isso que, nossa, realmente fizemos tudo como está na **receitinha**, o diagnóstico, busca ativa, conhecer o ambiente, as pessoas, ouvir, levantar demandas, elaborar projetos para as demandas, executar e receber os resultados. **O resultado foi no sentido de encontrar soluções**, claro que uma maternidade é um mundo muito grande, mas os resultados foram positivos, a coordenadora do local até queria que a gente apresentasse aos diretores, no sentido de continuarem o nosso trabalho. **Modificar, executar e resolver não é nossa responsabilidade.** Por exemplo, sobre a caixinha de descarte perfurante que foi uma das reclamações do pessoal da limpeza, a gente ouviu e repassou para as enfermeiras. Eles jogavam a culpa de um para o outro. **Nós organizamos as falas e colocamos as responsabilidades de cada um.** Ou seja, mostramos para eles onde estava o erro. Modificar o erro já não era a nossa área. **O resultado é muito importante para nós.**

Fizemos um trabalho bom na Organizacional, [...] elaboramos projetos para estes problemas, **projetos bem elaborados junto à nossa professora supervisora da Universidade e à supervisora do local.** E como foi algo bem fundamentado, bem orientado, deu resultado.

MOMENTO 2

HOSPITALAR

Hospitalar também foi **positivo**, apesar de no início a gente teve problemas burocráticos, **mas no final, conseguimos.** [...] Eu também considero um bom trabalho que, inclusive, **foi um dos estágios, além da clínica e da organizacional, que melhor está sendo proveitoso para mim.** Eu estou colocando muito do que aprendi em Hospitalar na minha prática. Eu me lembro da última supervisão que a professora perguntou o que aprendemos e **eu aprendi na hospitalar a escuta e a grande**

resistência que as pessoas apresentam naquele ambiente. Para uma pessoa que não conhece, o hospital é hostil. Eu convivi com pessoas que estavam lá há meses, anos para fazer o tratamento e têm uma resistência muito forte. Eu me questionei se a pessoa aprende aquela resistência, ou, se o corpo, juntamente com o psiquismo criam essa resistência para a pessoa suportar aquela vivência que para qualquer pessoa, digamos: “normal” [faz sinal de aspas] seria dolorosa. **Eu aprendi muito na Hospitalar, é muito difícil, mas foi uma experiência muito boa.** Então para falar a verdade o segundo semestre foi bem mais produtivo que o primeiro.

A professora [supervisora] fez algo diferente, deu a possibilidade de um semestre **dividirmos o horário em um ambiente diferente** do outro, primeiro fomos a um hospital de doenças tropicais e depois em um hemocentro. Essas duas situações foram **positivas** porque tivemos a **oportunidade de estar atuando na Hospitalar em dois ambientes diferentes.**

MOMENTO 01 FORMAÇÃO

Por já estar atuando e não mais só estar fazendo observação em estágio, por estar na parte de intervenção, eu já estou me vendo em algumas situações como profissional e não querendo me ver em outras. Por exemplo, concluí o estágio em escolar e eu realmente não quero trabalhar em escolar, **é uma área que eu não me identifiquei.** Estou fazendo **comunitária, é interessante,** é uma área que não excluí pra atuação futuramente, é uma área interessante, que inclusive é algo que eu já estou focando. Porque, atualmente, no Estado, é uma área que está surgindo mais emprego, nos concursos públicos, que inclusive eu já estou fazendo. Já estou me preparando para os concursos públicos, já fiz alguns e pretendo fazer enquanto eu não passar e me estabilizar, porque, enfim, eu acho interessante fazer porque é o que tem pra gente. **Então, eu acredito que já estar gostando do estágio em clínica é muito bom, muito interessante,** realmente de todos os estágios que eu já fiz, é o único que a gente é visto como tal, como psicólogo.

A questão da clínica está sendo bem interessante, e de comunitária. Escolar apesar de eu não ter gostado, mostrou que **é uma área que eu não quero, então se você já sabe o que quer, tem uma tendência para saber o que não quer.**

MOMENTO 02 FORMAÇÃO

Sem falar da **estrutura da Faculdade,** a questão dos **professores** também foi desestimulante **eu passava a semana sem ter aula,** enfim, esses foram os pontos que foram desestimulantes. Mas é claro, depois do terceiro, quarto ano, as coisas mudaram, a gente pegou professores efetivos da instituição, porque **os dois primeiros anos eram mais substitutos, realmente, o pessoal [...] não cumpriu os objetivos, mas aí, com os professores que já eram efetivos, aí, sim, eles foram mais responsáveis, cumpriram mais adequadamente**

Então, na prática, eu vi como **é importante o curso inteiro, teve muita coisa importante, aquelas disciplinas que a gente acaba não dando muito valor, mas que ajudaram.** [...] Assim, eu me lembro de ter falado na primeira entrevista que **teve problemas em algumas matérias em que o conteúdo era importante e devido a falta de experiência de alguns professores ou devido a estrutura da Universidade, os conteúdos não foram transmitidos adequadamente.**

Mas tem a questão dos estágios, como foi importante na época e como está sendo importante na prática. Para falar a verdade, assim como já ouvi de alguns professores da FACIME, **o certo seria estagiar nos primeiros blocos e a gente só tem nos últimos blocos.** Então, no meu caso, **os estágios ajudaram 85% no meu trabalho.** Eu tenho visto isso mesmo, como posso estar trabalhando usando o que eu aprendi nas práticas em campo, então esse foi um ponto que eu achei muito importante. Eu acho que 80% a 90 % do que eu estou colocando no meu trabalho é do que aprendi nos estágios curriculares.

Fonte: Dados da entrevista narrativa.

Quadro 6 – Dados das narrativas relativos às certezas e às incertezas em relação ao futuro

Pré-indicadores
<p>MARIA</p>
<p>MOMENTO 01 É, a gente quando tá no nono período, passa por uma situação tão complicada em relação ao futuro, porque pelo menos lá em casa meu pai fica perguntando, o tempo todo, aonde que eu vou trabalhar, com quem que eu vou trabalhar se já tem alguma coisa certa e quanto é que eu vou ganhar! Então, comigo essa situação é bem..., eu procurei terapia pra me ajudar. Porque estava tendo muita pressão em cima de mim.</p> <p>E as expectativas do futuro [...] eu acredito que eu possa conseguir algo na minha cidade como primeiro emprego. Mas não porque eu tenha vontade. É porque eu acho que vai ser o mais próximo. É meu pensamento de agora, não sei o que pode acontecer amanhã, [...]. Devido a ser essa oportunidade que eu tenho, na minha cidade, que seria mais essa área comunitária, saúde mental. Mais voltada pra isso.</p> <p>E depois que eu entrei [na pós-graduação] em saúde mental, eu comecei a quebrar também alguns conceitos que eu via em saúde mental, porque eu não me via em CAPS, essas coisas, eu não tinha interesse. Mas foi mais em campo que me abriu essa vontade.</p> <p>A Rosa* e a Marta* ficaram chamando, chamando. E [disseram] que lá a gente não precisava ser formada, eles deixavam a gente fazer a matrícula. E eu fiquei pensando assim: eu sempre quis terminar o Curso já com a pós-graduação encaminhada. aí, eu fiquei: “Eu não estou perdendo nada!” É um investimento, eu acho que estou ganhando ao invés de estar perdendo. aí, eu fui, e nessas aulas eu comecei a gostar, acabou despertando a vontade de trabalhar nessa área também. E aí, foi o que melhorou a minha visão em relação à minha cidade, pra trabalhar na minha cidade. Que antes eu não queria e depois da minha pós-graduação eu fiquei: “eu acho que dá pra ir, vai ser legal”.</p> <p>*Nomes alterados para preservar anonimato, são colegas do Curso.</p>
<p>MOMENTO 02 É difícil falar do que eu quero. É mais fácil falar do que eu não quero: Jurídica e Hospitalar, com certeza. Agora, das outras áreas que eu já vivenciei e que gostaria de atuar é Organizacional, em segundo, a Escolar, e, em terceiro lugar, a Comunitária.</p> <p>Eu escolhi Gestalt [abordagem para o estágio em Clínica] e estou gostando muito. Eu sei que não dá pra trabalhar autismo, mas ninguém vai me garantir que eu vou trabalhar com autismo, então, eu acho que é bom eu ter um conhecimento nas outras áreas.</p> <p>Eu pensava em trabalhar na clínica, mas com autismo. Com crianças autistas. Só. Eu não queria mais trabalhar como acompanhante pedagógico. Eu sempre dizia: ‘eu quero clínica, mas só se for pra trabalhar com autismo’. Então eu vi que a Gestalt não trabalha com autismo na clínica e nem em outros lugares. Agora eu me vejo na clínica, com a Gestalt mesmo, normal. Eu gostei da clínica e não gostava antes, mas eu ainda pensei: ‘não vai dar pra trabalhar com a criança com autismo, mas acho que dá pra trabalhar com a família do autista.</p>

Pré-indicadores

JOÃO

MOMENTO 01

No início do nono bloco, a gente teve que escolher entre as abordagens, qual o professor. **Eu optei pela cognitivo-comportamental.** Até aí, **na área de terapia, é uma área que a gente se vê atuando,** então a gente pega essa parte do psicólogo cognitivo comportamental, então por isso que **eu acho importante escolher** [uma abordagem] **mesmo que eu não tenha certeza se vou atuar na clínica** ou não, mas pelo menos já tem uma linha de terapia, de clínica, nem que a gente seja generalista como a [nome da psicóloga] falou.

Eu não só penso como já estou fazendo concurso, eu já fui aprovado em um. Então, claro, pretendo assumir caso seja chamado. E, assim, inicialmente, eu não penso ainda em fazer mestrado ou doutorado, por enquanto. **Eu penso logo em começar a trabalhar e a ter uma independência.** É claro que eu não pretendo me acomodar apenas com esse concurso, eu pretendo tentar outros concursos, aí, **a partir dessa entrada no trabalho eu acredito que eu consiga me estabilizar.**

Estou fazendo estágio em **comunitária.** É uma área que não excluí pra atuação futuramente, é uma área interessante, que eu já estou focando. Porque, atualmente, no Estado, é uma área que está surgindo **mais emprego, nos concursos públicos,** que inclusive eu já estou fazendo. Já estou me preparando para os concursos públicos, já fiz alguns e pretendo fazer enquanto eu não passar e me estabilizar, porque, enfim, **eu acho interessante fazer porque é o que tem pra gente.**

Aí, depois eu vou pensar algo mais como especialização, mestrado e doutorado. Mas o objetivo agora é terminar o curso e começar a trabalhar, independente de estudo, eu quero trabalhar. Cansei de só estudar, **eu quero trabalhar e depois de estar mais calma a minha situação eu vou pensar mais nisso** e, claro, **a pós é uma necessidade,** não pode se acomodar, depois eu vou pensar numa pós-graduação. Mas eu quero dar um tempinho por enquanto, **curtir muita coisa que eu deixei de curtir.** Muita coisa que eu deixei de fazer **durante esses cinco anos.** Quero dar um tempo, trabalhar, comprar algumas coisas pra depois pensar nisso.

MOMENTO 02

No **primeiro semestre** [nono período] dos estágios **eu me preocupava muito sobre o mercado,** se ia ter **trabalho, como ia ser o pós-curso,** o que eu vou investir, **se eu vou fazer pós-graduação** ou se eu vou dar um tempo até mesmo pra **descansar.** Eu senti mais isso, a preocupação com o pós-curso. Mas **no segundo semestre,** o décimo, **como teve essa proposta de um emprego, vieram outras preocupações,** como se eu conseguiria terminar o curso no prazo sem perder as possibilidades de emprego.

Como eu citava agora há pouco, **como eu vejo que a Psicologia é uma ciência extremamente necessária,** eu vou procurar a **profissionalização. Melhorar o meu trabalho, dependendo do tipo de demanda que eu vou trabalhar,** por exemplo, no CAPS me aparecem muitos problemas com crianças, problemas familiares, buscar alguma especialização, uma capacitação nessa área, para pelo menos ter uma fundamentação teórica, uma forma de trabalhar adequadamente. Já que **nos cursos de bacharelado a gente vê tudo mais de forma geral** e deixando de ver todos os tipos de problema que nos chega. [...] **Na Psicologia, como eu estou vendo agora, aparece muita coisa que a gente tem um ponto de referência, mas não tem muitas habilidades e é preferível fazer a especialização, para você ter uma forma específica de trabalhar determinados problemas.**

Só quero me **estabilizar e buscar especializações, principalmente na saúde mental, que estou gostando.**

Fonte: Dados da entrevista narrativa.

4.2 Aglutinação para os indicadores

Com o levantamento dos pré-indicadores, fizemos a segunda leitura, que possibilitou a aglutinação desses pela similaridade, complementaridade e contraposição, conforme orientam Aguiar e Ozella (2006), a fim de identificar os conteúdos temáticos nos quais os indicadores adquirem significado. A organização dos indicadores foi norteadada pelos objetivos específicos da pesquisa.

Quadro 7 – Dados das narrativas relativos à escolha pelo curso de Psicologia

Pré-indicadores	Indicadores
Assim que eu entrei no curso eu queria <i>Psicologia Jurídica</i> , eu achava muito interessante. Acho que era aquela mistura, porque eu também já quis fazer Direito. (MARIA)	Dúvidas no processo de escolha profissional.
Na verdade eu não sabia o que era que eu queria. (MARIA)	
Eu acabei fazendo a prova sendo que eu já tinha passado pra Direito numa faculdade particular e aí, fiquei na questão: Direito ou Psicologia? E aí, acabei escolhendo a Psicologia mesmo. Escolhi Psicologia primeiramente por ser um curso público e em segundo lugar era porque achava um curso mais feminino e interessante por estudar a mente humana. (MARIA)	Falta de opção para a escolha profissional.
E eu já tinha feito vestibular pra Direito [na pública] e não passei . Tinha feito pra Arquitetura também que era outra coisa que eu gostava. E a Psicologia eu fui porque eu imaginei que não é um curso tão Saúde e não é Humanas demais, eu olhei por esse lado. aí, eu falei: eu vou fazer e vou ver no que vai dar. (MARIA)	
Realizado. Primeiramente é por estar fazendo o Curso Superior. Eu sou o caçula em uma família grande, onde todos já tem o Curso Superior. Então essa é uma realização. E segundo realmente porque dentre todos os cursos que foram oferecidos, que tinha disponibilidade pra fazer em Teresina, esse foi o que eu mais me interessei e consegui passar. (JOÃO)	
Bom, além de não ter outro curso que quisesse , foi o fato de na minha cidade [...] (JOÃO)	Afinidade com a atividade de aconselhar influenciando a escolha profissional.
[...] foi o fato de na minha cidade eu ter uma interação muito forte com os meus amigos , eu tive a oportunidade de juntamente com um grande amigo meu, formar um grupinho de jovens, aqueles comuns de interior, vinculado a igreja. A partir disso formamos um grupo e eu me senti pai, amigo, conselheiro desses meus jovens e eles também me viam como uma pessoa de referência. Eu gostei dessa interação, desse ouvir, desse resolver problema. Algo que dentre as ciências que existem a Psicologia era mais relacionada a isso. E no fundo eu pensava: “Nossa, Psicologia é algo interessante. (JOÃO)	

Fonte: Dados das narrativas e da autora.

Quadro 8 – Dados das narrativas relativos à esfera afetiva no curso de Psicologia

Pré-indicadores	Indicadores
<p>[...] eu não gostava do primeiro período do Curso. Eu comecei a gostar no quinto período pra frente, eu tipo que selecionei as disciplinas que eu mais gostava e as que eu não gostava eu não conseguia estudar! Eu estudava só pra passar, eu confesso. (MARIA)</p>	<p>O movimento do não gostar ao gostar.</p>
<p>Foi desagradável no começo do Curso, eu também não sabia o que era que eu queria; onde era que eu queria estagiar, então eu me sentia assim, sem saber de nada. (MARIA)</p>	
<p>Mas, assim, no quinto período [...] que apareceu o estágio básico. Foi a hora que a gente viveu mais o contato com a prática, aí, foi melhorando, e eu sempre fui muito aberta a qualquer área. Nunca tive esse negócio: “Ah! Eu não suporto escolar!”. Eu sempre quis aprender, conhecer, pra saber de fato o que é que eu queria. E eu sempre fui muito aberta a tudo, acho que por isso que eu gosto, que eu sempre gostei das minhas experiências. (MARIA)</p>	
<p>Quanto ao Curso, a gente fica muito agoniada no começo, porque a gente quer logo praticar. (MARIA)</p>	
<p>O curso de Psicologia, como é que eu posso falar? É bom, eu não consigo falar muito assim, pelo menos agora, mas eu vou tentar descrever direitinho. Foi desafiador, porque no início era muita teoria e a gente não gostava. Eu e os outros da turma ficávamos perguntando se era aquilo mesmo. A gente até deu a ideia de que em cada período devia ter um estágio, pelo menos um pra gente ver logo como é. Assim, o desafio maior eram as disciplinas que a gente não gostava. Agora já está bem melhor, até os livros que no começo não tinham na biblioteca. (MARIA)</p>	
<p>Claro que vieram algumas dúvidas em alguns momentos, será que realmente é o curso que eu quero, e isso percorreu os dois primeiros anos. Também tive um pouco de dificuldade em relação a turma, mas isso foi problema secundário, para fazer amizade. Mas passando isso, os dois anos, tiveram algumas disciplinas que a gente começou a ver a Psicologia como eu imaginava. Comecei a gostar de determinadas Áreas, e das, como se diz na FACIME, como é que diz a divisão: psicanálise, comportamental, as abordagens. [...] a partir do momento que as disciplinas específicas da Psicologia surgiram, aí, sim, a gente começou realmente a ver, ou determinada área ou determinada abordagem, a Psicologia. (JOÃO)</p>	
<p>E assim, o decorrer do início do Curso foi um pouco complicado, difícil, os dois primeiros anos foram mais complicados, na questão mesmo de que algumas disciplinas não tinham muito a ver com a Psicologia. Por exemplo, a Metodologia, Antropologia, deixa eu lembrar de outra, Estatística. Não era o que eu esperava, inicialmente. (JOÃO)</p>	
<p>Apesar de eu ter tido um início meio conturbado, no final teve uma melhora, as disciplinas começaram a serem desenvolvidas adequadamente, os professores começaram a chegar no horário, pegando a carga horária completa, não tivemos problemas com falta de professores, a estrutura física melhorou consideravelmente. E claro, a gente pegou alguns professores que deram bons exemplos que realmente deram um gás a mais nos estudos, de uma forma mais motivadora. Realmente, tinha certas</p>	

disciplinas que não tinha como não interessar. (JOÃO)	
<p>“Certo. É. [...] É. Eu me sinto orgulhosa. Primeiro que eu sempre achei interessante essa história de estudar o ser humano, o comportamento. Essa coisa bem subjetiva. Então, de certa forma, eu meio que “me acho”. Quando as pessoas vêm conversar e me perguntam: “Faz o quê?”, e eu digo: “Faço Psicologia, a pessoa responde: Ah! Não sei o quê! Então eu me sinto muito bem. Muito feliz pelo meu Curso. Minhas vivências como estudante de Psicologia, todas foram agradáveis. (MARIA)</p>	
<p>Realizado. Primeiramente é por estar fazendo o Curso superior. Eu sou o caçula em uma família grande, onde todos já tem o Curso Superior. Então, essa é uma realização. E segundo, realmente, porque dentre todos os cursos que foram oferecidos, que tinha disponibilidade pra fazer em Teresina, esse foi o que eu mais me interessei e consegui passar. (JOÃO)</p>	<p>O olhar sobre si mesmo fazendo e concluindo o curso de Psicologia</p>
<p>Eu acredito que o sentimento agora seja realmente a perseverança. Perseverança no sentido de concluir o Curso, já que no meu caso foi um pouco difícil. Principalmente ficar longe da família. Perseverança no sentido de medo diante das adversidades que não foram poucas e continuar no Curso mesmo sabendo que o mercado de trabalho está muito inchado, sabendo que os salários são baixos, perseverante no sentido de tentar ser um bom profissional e estar sempre buscando melhorar no sentido de diante das dificuldades que a gente encontra nos estágios e no Curso, tentar vencer essas dificuldades e perseverança no sentido de conseguir estar fazendo melhorias pras pessoas que futuramente vão me buscar, vão até mim, como psicólogo, pra tentar, com certeza, melhorar a situação delas, seja qual for, desde que esteja dentro das possibilidades dela. (JOÃO)</p>	
<p>Em relação ao segundo semestre do último ano, ele está muito relacionado pelo agora, como eu tive a oportunidade, em meu caso, que é uma grande felicidade, de terminar e com poucos dias trabalhar. (JOÃO)</p>	
<p>Para mim, é um sonho realizado, terminar o Curso, fechar um ciclo da minha família de todos se formarem e terminar com um emprego, que era o que eu mais queria, e na minha cidade. Ah, nossa, esse pedaço de papel [olhando para o diploma] é um símbolo de vitória. Uma realização. (JOÃO)</p>	

Fonte: Dados das narrativas e da autora.

Quadro 9 – Dados das narrativas sobre o ser psicólogo

Pré-Indicadores	Indicadores
<p>Primeiro, que eu sempre achei interessante essa história de estudar o ser humano, o comportamento. Essa coisa bem subjetiva. Então, de certa forma, eu meio que me acho. (MARIA)</p>	<p>Conhecimentos e competências da Psicologia: ciência e profissão.</p>
<p>E a Psicologia eu fui porque eu imaginei que não é um curso tão Saúde e não é Humanas demais, eu olhei por esse lado. [...] Escolhi Psicologia primeiramente por ser um curso público e em segundo lugar era porque achava um curso mais feminino e interessante por estudar a mente humana. (MARIA)</p>	
<p>E a Psicologia em si eu vejo como uma coisa, assim, perfeita. (risos). Perfeito por estudar e compreender a subjetividade humana; por saber lidar com as situações desafiadoras no âmbito escolar, empresarial, clínica, problemas familiares, questões sociais de uma comunidade, dentre as várias áreas que a Psicologia pode contribuir. Para mim, é o que deveria existir em toda profissão, todo mundo deveria ser um pouco psicólogo. (MARIA)</p>	
<p>Para sintetizar, com essas três áreas que eu estou atuando como estagiário, uma coisa é a escuta, saber escutar, fazer orientações, entender o problema de forma diferenciada da população em geral e eu acho que é isso mesmo. Saber escutar, saber orientar e compreender, mas de forma diferenciada, usando os conhecimentos da Psicologia, ou seja, a questão do comportamento, a questão do psiquismo, os estudos, os teóricos que podem estar dentro da Psicologia, pra gente colocar em prática. Então, é isso, o psicólogo trabalha com a escuta, a orientação, o entendimento e principalmente na busca da saúde e do bem-estar da pessoa, a gente encontra formas de melhorar a vida das pessoas, tratar de forma adequada. (JOÃO)</p>	
<p>Primeiramente, Psicologia para mim é algo que você busca ajudar os outros, eu vou falando pela própria experiência de trabalho. [...] Então a Psicologia no âmbito do meu trabalho é isso, ouvir o outro, ter contato com o outro, vivenciar o problema do outro, buscar formas de cuidar do outro. E isso eu vi também na grande maioria das teorias psicológicas, nas abordagens como dizem, ouvir, escutar e dar um <i>feedback</i>. Então o meu ponto de vista é esse, ajudar as pessoas em todos os aspectos, na escuta, na fala, nas atribuições de significado, buscando uma forma de a pessoa entender a sua vida, os problemas que ela tem, o porquê determinadas coisas acontecem, então é isso. (JOÃO)</p>	
<p>Mas a minha visão atualmente do psicólogo é de um profissional extremamente necessário na saúde pública, ele trabalha com pessoas desde criança até pessoas em fase terminal, presidiários, ou seja, um grande conjunto de possibilidades. Então eu vejo um trabalho muito importante para o psicólogo no Brasil, e não vejo a Psicologia fora desse conjunto de profissionais como médico, enfermeiro, realmente é importante esse profissional em uma equipe básica. (JOÃO)</p>	
<p>A gente hoje vive numa sociedade muito complexa, cheia de tecnologias que a gente sabe que vem pra melhorar, mas, acaba dificultando e gerando mais problemas para os seres humanos, realmente hoje é necessário, para o ser humano, essa atenção, principalmente porque ele se torna cada vez mais solitário, cada vez mais isolado. (JOÃO)</p>	

<p>Mas tem os outros que falam: ‘Ah! Que bom que você faz Psicologia’, ou ‘Tem que ter muita paciência não é?’, e ainda ‘Eu admiro muito quem tem paciência’. Então tem pessoas que perguntam ‘Você já trabalhou com o quê?’, e quando eu falo das minhas experiências com autismo as pessoas falam: ‘Ah, meu Deus, vocês tem muita paciência, é muito lindo’. É isso que faz eu gostar de fazer Psicologia e foi o que eu já percebi das pessoas. (MARIA)</p>	<p>Como o outro vê o ser psicólogo.</p>
<p>Das pessoas que já me perguntaram, algumas fazem cara de que Psicologia e nada era a mesma coisa. Como também já falaram: ‘Ah, você vai pra interior? Porque [Psicologia] só serve pra interior’, ou então: ‘Tu vai trabalhar com o quê? Psicologia clínica? O que é mesmo que você faz?’. O meu próprio pai fala isso: ‘O que é mesmo?’. Eu fico um pouco angustiada porque eu fico: ‘Meu Deus, as pessoas não sabem ainda o que é a Psicologia de fato’. Mas, ao mesmo tempo, eu vou explicar como é. (MARIA)</p>	
<p>Quanto à Psicologia na UESPI, eu ainda acho um pouco esquecida, porque tem os outros cursos, como Medicina, e a gente sofre por causa de sala. A gente sofre por causa de piadinha também, dizendo que a gente só vai se formar pra trabalhar com autoajuda. “Ah, vocês só vão se formar pra poder ajudar os outros”. É um pouco chato. (MARIA)</p>	
<p>A questão dos professores que inicialmente não cumpriram seus objetivos, faltaram muito, sem falar das críticas, que é outro ponto forte, a gente ouvir [dos professores] que a Psicologia é uma área ainda muito fraca, no sentido de emprego, no sentido de muitos outros profissionais não reconhecerem a sua função principalmente em escolar. Na hospitalar é que está conseguindo ter o espaço, mas a gente ouvia muito isso, que o psicólogo não era, me faltou a palavra... reconhecido! E a questão dos salários baixos que realmente não motivavam. (JOÃO)</p>	
<p>Ainda assim acho que a sociedade ainda vê o psicólogo como aquela pessoa que resolve os problemas. No meu trabalho no CAPS, eu realmente recebo pessoas com problemas mentais, ou por problemas familiares, mas eu também recebo pessoas que vão porque o vizinho foi e acha que também necessita. Então tem realmente esse choque de a pessoa pensar em ir pro psicólogo por uma simples preocupação. (JOÃO)</p>	
<p>[...] eu via mais a Psicologia como aquela coisa Clínica, mais a psicóloga analisando. Só isso, eu não tinha conhecimento das outras áreas. Só da escolar que eu tinha conhecimento, mas das outras eu não conhecia. (MARIA)</p>	<p>Reconhecendo o psicólogo: clínico e médico de loucos</p>
<p>Então, eu acredito que já estar gostando do estágio em clínica, é muito bom, muito interessante, realmente de todos os estágios que eu já fiz, é o único que a gente é visto como tal, como psicólogo. (JOÃO)</p>	
<p>Como clínico, realmente, até mesmo o próprio estudante quando está lá na sua mesinha, com seu caderninho de anotações, realmente ali eu acho que é, na minha opinião, acho que realmente pelo que a gente ouve no decorrer do Curso (pausa) é... É mais reconhecido. E acho que aí, realmente surge aquela identidade do psicólogo, enfim, é um estereótipo que no final das contas acaba sendo a representação até mesmo do estudante. Por exemplo, na escola eu não me vi como psicólogo escolar, na comunitária já vi o CAPS, CRAS, tem um trabalho bem mais desenvolvido, mas na clínica eu acho que é assim o topo. (JOÃO)</p>	
<p>O povo, de forma geral, está vendo que o psicólogo não é aquele “médico de loucos” [faz sinal de aspas], algo como um estereótipo, o pessoal ia em cima da Psicologia, mas hoje, não. Hoje eu vejo que a Psicologia está abarcando todas as classes, todas as idades. Eu estou</p>	

<p>gostando muito de ser psicólogo. Bom, quando eu entrei pensava assim também, mas algumas coisas apareceram e outras se dissiparam. Mas faz parte de qualquer iniciante em uma profissão. Essa visão de que o psicólogo é um profissional que trabalha com loucos se modificou. Com os cinco anos de curso e no trabalho, a profissão é algo como um bolo e essa parte seria uma pequena fatia do que a Psicologia pode abarcar. (JOÃO)</p>	
--	--

Fonte: Dados das narrativas e da autora

Quadro 10 – Dados das narrativas relativos às vivências durante a formação inicial

Pré-indicadores	Indicadores
Foi uma vivência desafiadora também trabalhar com os meninos do PROJOVEM. Primeiro porque é em periferia , e eu nunca tive esse contato muito com adolescente , era mais com criança. (MARIA)	O estágio supervisionado mediando o conhecimento da realidade social oportunizando atuações.
Aí, o que eu tiro de positivo é isso. É o contato mesmo com os adolescentes de periferia. A maioria já assassinou alguém. Ou usam drogas. Ou as meninas já são prostitutas. A gente tem que lidar com uma situação bem diferente, uma realidade bem diferente da nossa. (MARIA)	
Mas, enfim, [o estágio de comunitária] foi bom também. Foi desafiador, porque foi na favela, o deslocamento não foi fácil. Mas foi bem enriquecedor porque eu aprendi ali na prática, tive contato com famílias que eu nunca imaginava passarem por situações daquela como eu presenciei. (MARIA)	
Vou falar do Escolar curricular . Que a gente estagiou numa escola bem selecionada daqui. [...] E lá a gente aprendeu muita coisa em relação aos próprios meninos, aos problemas. Imagina você estar no “Colégio X” e você quer tudo bonitinho, os meninos terem a família tudo bonitinha, certinha, tudo inteligente e não! A gente foi além disso, a gente teve contato com vários casos que a gente nunca esperava encontrar por lá. (MARIA)	
A gente teve contato com crianças com autismo, incluso lá na sala regular , junto com TDAH junto com crianças que vieram do Japão e outras dos EUA . Então foi assim, muito, muito desafiador, a gente ter que montar grupos [de habilidades sociais] e tinha um que falava japonês e não entendia o que a gente falava. E tinha o que era Autista Asperger que era muito zangado, estressado e falava muito. Então a gente teve que usar , eu acho que na hora só uma mágica pra poder conseguir trabalhar em grupo com eles. E isso foi bem desafiador. (MARIA)	
O estágio de Psicologia escolar foi no Serviço de Orientação Educacional da escola, não diretamente com a Psicologia Escolar . E a gente fez todo o planejamento e trabalhou apenas com Ensino Fundamental à tarde. Só que a gente não teve contato com as famílias. Uma orientadora social, que era a que eu mais tinha contato não foi muito aberta com a gente. O trabalho foi mais com os meninos, os alunos, fazendo grupinhos de habilidades sociais. Com os meninos maiores a gente foi falar de sexualidade que foi o que era a demanda deles na escola, já estava trazendo problemas e eles tinham muitas dúvidas, foi na sala de vídeo. (MARIA)	
A comunitária é bem interessante, você vê os problemas e vê a origem, aí, pode estar fazendo um trabalho mais complexo , grande, não só no sentido individual como na clínica, mas um trabalho que envolve a população , um conjunto. E além do mais, na comunidade a gente também está aprendendo , é algo bem interessante, porque, você chega lá naquela comunidade carente e pobre e não tem como não estar transmitindo conhecimento . Ao mesmo tempo você conhece a riqueza que é aquela comunidade, e você também pode estar aprendendo . Na comunidade estou fazendo visitas, estou conhecendo pessoas e realmente eles dão cada lição de vida que a gente pode estar aprendendo muito com eles. (JOÃO)	

<p>Hospitalar também foi positivo, apesar de no início a gente teve problemas burocráticos, mas, no final, conseguimos. [...] Eu também considero um bom trabalho que inclusive, foi um dos estágios, além da clínica e da organizacional, que melhor está sendo proveitoso para mim. Eu estou colocando muito do que aprendi em Hospitalar na minha prática. Eu me lembro da última supervisão que a professora perguntou o que aprendemos, e eu aprendi na hospitalar a escuta e a grande resistência que as pessoas apresentam naquele ambiente. Para uma pessoa que não conhece, o hospital é hostil. Eu convivi com pessoas que estavam lá há meses, anos para fazer o tratamento e têm uma resistência muito forte. Eu me questionei se a pessoa aprende aquela resistência, ou, se o corpo, juntamente com o psiquismo criam essa resistência para a pessoa suportar aquela vivência que para qualquer pessoa, digamos: “normal” [faz sinal de aspas com as mãos] seria dolorosa. Eu aprendi muito na Hospitalar, é muito difícil, mas foi uma experiência muito boa. Então, para falar a verdade o segundo semestre foi bem mais produtivo que o primeiro. (JOÃO)</p>	
<p>A escola foi bem aberta e a gente se sentiu valorizado com a profissão da gente, mesmo a gente sendo só estudante ainda. A gente já viu que era um campo que a gente se identificou. Acredito que seja mais também pelos profissionais da escola, que eles foram muito abertos, Ave Maria! Todo mundo, professores; todos. (MARIA)</p>	
<p>O de Clínica já foi meio complicado, porque quando eu comecei eu estava muito envolvida com Educação Especial, voltada pro autismo. [...] E eu queria escolher minha abordagem em relação ao que eu via que era comportamental, mas como eu estava no estágio extra, e eu tinha que adequar meus horários, não ia dar certo ficar num horário disponível no da professora de comportamental. Então o que foi que eu fiz? Eu arrisquei e pensei: Eu estou precisando do meu estágio extra, então eu vou escolher um estágio qualquer de clínica que dê pra mim, de qualquer forma eu não vou estar perdendo e se eu não gostar, eu faço uma especialização da que eu sempre quis. Então eu fui aberta pra Gestalt. Fui parar na Gestalt e lá eu vi que autismo não dá pra trabalhar, mas eu fiquei mesmo assim e acabei sendo conquistada e gostei muito! Gostei mesmo e aí, também logo eu saí do meu estágio extra que era esse de autismo e passei a me envolver muito com a Gestalt. Mas eu não excluí o autismo da minha vida. Foi bem desafiador porque eu confesso que eu nunca tinha estudado muito Gestalt e aí, eu ainda fui estudar, fui procurar ver a relação de autismo pelo menos pra ver se eu gostava. (MARIA)</p>	<p>O vir a ser psicólogo: o estágio mediando à identificação ou não.</p>
<p>Eu escolhi Gestalt [no estágio] e estou gostando muito. Eu sei que não dá pra trabalhar autismo, mas ninguém vai me garantir que eu vou trabalhar com autismo, então eu acho que é bom eu ter um conhecimento nas outras áreas. (MARIA)</p>	
<p>Meu interesse era a outra [refere-se à abordagem comportamental no estágio em clínica], mas eu sempre sou aberta a outras áreas da Psicologia. aí, eu resolvi sair dessa outra que estava lotada e fui pra essa aí. Pra mim não tem problema. E lá está sendo interessante, porque era uma coisa que eu não gostava e aí, eu estou começando a estudar. (MARIA)</p>	
<p>Eu não gostava da Gestalt. E também a Clínica não me interessava muito não. Mas está sendo bom porque a gente está tendo a supervisão com tudo certinho. E a questão também de eu fazer minha terapia particular está ajudando muito. (MARIA)</p>	

<p>Agora eu me vejo na clínica, com a Gestalt mesmo, normal. Eu gostei da clínica e não gostava antes, [...]. (MARIA)</p>	
<p>Assim, nos estágios ou em qualquer lugar que a gente se apresente, pelo menos comigo; em todos eu fui bem recebida, as pessoas gostam de conversar, conversa, conversa, conversa. Então a gente começa a praticar mesmo, a gente tenta se sentir como uma psicóloga. Não só uma estudante. (MARIA)</p>	
<p>É difícil falar do que eu quero. É mais fácil falar do que eu não quero: Jurídica e Hospitalar, com certeza. Agora das outras áreas que eu já vivenciei e que gostaria de atuar é Organizacional, em segundo a Escolar e em terceiro lugar a Comunitária. (MARIA)</p>	
<p>A Organizacional é uma área que me identifico bastante também e está sendo o estágio mais desafiador de todos e é realizado em uma instituição hospitalar pública: a [nome da localidade]. É desafiador por ser em um local público, por ter uma enorme quantidade de funcionários e internados com muitas demandas organizacionais, por causa da rotatividade dos funcionários quanto aos seus dias e horários de trabalho em que temos que nos adequar a eles. Está sendo bom, porque nós, estagiários, fomos e somos bem recebidos por toda equipe do hospital com o reconhecimento por partes deles de que há uma imensa necessidade do trabalho da Psicologia Organizacional na instituição. (MARIA)</p>	
<p>A minha vivência foi maior nesse estágio. Eu me preparei muito mais lá [Estágio extracurricular em escola pública, como Acompanhante Pedagógico] do que nos outros dois curriculares que eu fiz. Porque lá, eu me senti sozinha. E também, ah, eu me esqueci de contar. Eu sinto que me realizei em muitos sentidos em trabalhar com a educação especial também que eu gosto muito. Foi muito marcante pra mim, porque eu desenvolvi um trabalho que, pra mim, foi muito bom e foi reconhecido na Secretaria de Educação. Então assim, marcou muito em mim. E aí, eu gostei demais do meu trabalho por isso que eu preferi me voltar pra ele. [durante a entrevista] O desafio é maior porque eu não tinha nenhuma psicóloga ao meu lado pra ver o que eu estava fazendo. (MARIA)</p>	
<p>É uma área [comunitária] bem interessante, eu particularmente gosto de estar mais voltado para a comunidade, na clínica você trabalha com um, na comunidade, não, é algo bem maior, mas que realmente estou gostando e eu pretendo continuar, é um trabalho que eu gosto. (JOÃO)</p>	
<p>Na escolar você está muito dependente às pessoas, preso a professor, preso a diretores, a um sistema. É um trabalho que não depende só de você, por exemplo, se você tem um aluno indisciplinado, não adianta você fazer um trabalho único e exclusivamente com ele sem envolver o contexto todo, desde a professora até o bairro onde ele mora. E pra você fazer um trabalho dessa complexidade na escola você tem que ir atrás, mas existem n obstáculos que realmente deixa você cansado. Sem falar que a falta de reconhecimento dos profissionais da escola, eles sabem que necessitam do psicólogo na escola, mas colocam barreiras e pensam que o psicólogo é só um bombeiro. Então, a escola eu não gostei por isso, eles colocam barreiras, a gente não tem muita liberdade para colocar em prática o conhecimento. (JOÃO)</p>	
<p>Na clínica, é realmente onde você coloca em prática muitas das coisas que você aprendeu em Psicologia, não tem como, você coloca no seu planozinho, o que realmente você aprendeu no decorrer do Curso, planeja</p>	

<p>a forma de falar, como você vai proceder o caso, como você vai fazer o diagnóstico, como você vai interpretar o que aconteceu na sessão, na clínica você utiliza tudo o que realmente ouviu no decorrer do Curso, você coloca em prática mesmo. (JOÃO)</p>	
<p>É mais reconhecido [Como clínico]. [...] Por exemplo, na escola eu não me vi como psicólogo escolar. Na comunitária já vi que no CAPS e no CRAS tem um trabalho bem mais desenvolvido, mas na clínica eu acho que é assim o topo. (JOÃO)</p>	
<p>Por já estar atuando e não mais só estar fazendo observação em estágio, por estar na parte de intervenção, eu já estou me vendo em algumas situações como profissional e não querendo me ver em outras. Por exemplo, concluí o estágio em escolar e eu realmente não quero trabalhar em escolar, é uma área que eu não me identifiquei. [...] Então, eu acredito que já estar gostando do estágio em clínica, é muito bom, muito interessante, realmente de todos os estágios que eu já fiz, é o único que a gente é visto como tal, como psicólogo. (JOÃO)</p>	
<p>A questão da clínica está sendo bem interessante, e de comunitária. Escolar apesar de eu não ter gostado, mostrou que é uma área que eu não quero, então se você já sabe o que quer tem uma tendência para saber o que não quer. (JOÃO)</p>	
<p>Na comunitária, eu não terminei ainda. Eu ainda estou fazendo meu estágio lá no CRAS na [nome do local]. E lá, como a pesquisa eu sei que é ética, vou falar: a psicóloga de lá não faz nada, então, eu não estou gostando. E é porque eu gosto de comunitária. Eu não estou gostando, não estou aprendendo muito lá nesse estágio de comunitária. (MARIA)</p>	<p>A supervisão de estágio: a importância do Outro na aprendizagem do estudante.</p>
<p>A psicóloga do CRAS é muito gente boa, mas ela, não sei, ela não é ativa! E todo mundo fala isso e eu fico só olhando. Eu não vejo visitas, eu não vejo escuta qualificada, eu não vejo um acompanhamento com família então eu vou assim, eu vou pra lá pra fazer passe livre de idoso. E aí, nesse passe livre de idoso, eu aproveito pra conversar com os idosinhos! Eu coloco, coloco as situações deles. Eu acabo fazendo uma escuta qualificada. E a forma que eu estou fazendo de fazer visita é com as estagiárias de serviço social, e eu vou no bolo e vou e vejo. Só que as visitas delas são pra confirmar cadastro. E não aquele, problema, aquela coisa social. (MARIA)</p>	
<p>[...] a psicóloga não é muito ativa e a gente necessita dela e eu acho muito desafiador porque a gente fica com medo, mas a vantagem é que a gente vai buscando por fora mesmo. Estudando, conversando com outras pessoas. (MARIA)</p>	
<p>O de Comunitária também foi interessante que foi no CRAS e no PROJOVEM. E foi bom e foi ruim. Ruim porque eu não tinha orientação da psicóloga, apesar de ter aqui na Universidade. Foi bom porque eu aprendi qual é a função da Psicologia na Comunidade. Com os meninos do PROJOVEM ali eu não sei qual é o papel da Psicologia, até sei, mas eu não sei se fiz certo. (MARIA)</p>	
<p>Foi desafiador [o estágio de escolar] também porque [...] não teve uma psicóloga à tarde com a gente porque os dias que a gente estava eram justamente os dias que ela estava no outro trabalho e aí, foi bem desafiador também. (MARIA)</p>	
<p>A professora [supervisora no estágio de Psicologia Clínica] foi bem acolhedora. A metodologia dela foi que no primeiro momento, que foi agora, no nono, foi só teoria, a gente não foi pra clínica. A teoria dela é ela fazendo role playing, é ela fazendo vivências com a gente na própria clínica dela. A gente fez contato com a clínica dela, ela mudou</p>	

<p>totalmente o aspecto dela como professora da FACIME e psicóloga na clínica dela, a gente se encantou. Pelo menos o pessoal que está na Gestalt se encantou muito. (MARIA)</p>	
<p>Fizemos um trabalho bom na Organizacional, [...] elaboramos projetos para estes problemas, projetos bem elaborados junto à nossa professora supervisora da Universidade e à supervisora do local. E como foi algo bem fundamentado, bem orientado, deu resultado. (JOÃO)</p>	
<p>A professora [supervisora] fez algo diferente, deu a possibilidade de um semestre dividirmos o horário em um ambiente diferente do outro, primeiro fomos a um hospital de doenças tropicais e depois em um hemocentro. Essas duas situações foram positivas porque tivemos a oportunidade de estar atuando na Hospitalar em dois ambientes diferentes. (JOÃO)</p>	
<p>E o de Escolar. No estágio obrigatório é sempre complicado porque a gente mesmo, que é aluno, tem que procurar lugar pra estagiar. Em Escolar não foi difícil porque eu já conhecia a psicóloga de lá. (MARIA)</p>	<p>Limites e possibilidades da formação inicial</p>
<p>O de Clínica, no nono, foi só teórica e agora no décimo que a gente está na prática. Assim, o maior desafio no primeiro momento foi o local pra estagiar porque a gente não tem a Clínica Escola. Para poder conseguir um local demorou muito, a gente perdeu muito tempo. Mas agora eu já estou atendendo. (MARIA)</p>	
<p>A escolha da abordagem foi a Gestalt porque foi a que sobrou, porque tem um limite certo de alunos para cada professor e já estava dando confusão com os outros. Enfim, aí, lá também está sendo bom. Eu estou gostando. A confusão foi da escolha da abordagem, tipo assim, a maioria da turma queria um professor. Eu poderia ficar, mas decidi sair porque eu não fazia tanta questão pela vaga. [...] E assim, a gente acabou negociando entre a gente mesmo, não precisou fazer prova e nem analisar as notas. (MARIA)</p>	
<p>É a mesma coisa de A.T [Estágio extracurricular em Instituição pública municipal, como Acompanhante Pedagógico]. Só que no Município, nas escolas do Município a gente chama de AP. Acompanhante pedagógico. Porque a gente não tem aquele link com a clínica aí, a questão é mais mesmo pedagógica. [...] A experiência que foi um pouco desagradável, foi justamente do estágio “extra” devido à gente não ter uma psicóloga na escola. (MARIA)</p>	
<p>Escola do Município não tem e aí, as pessoas, além da gente tá lá trabalhando, em prol da inclusão, os diretores das escolas e os outros querem que a gente resolva um problema ali com a família, com a mãe que quer conversar, que não sei o quê. E a gente diz que não pode e eles não entendem então fica aquela coisa, acabam falando mal da gente. Então foi uma vivência bem desafiadora. [Estágio extracurricular]. (MARIA)</p>	
<p>Eu vou falar mais voltado pro meu estágio extra. Como foi como Acompanhante Pedagógica, as pessoas misturam com estágio de Psicologia Escolar aí, a gente teve que aprender a separar as duas vertentes. E, a gente passa por uma crise muito grande, porque a gente não sabe se tá fazendo Pedagogia ou se tá fazendo Psicologia na escola. aí, é como se tivesse um metendo a colher na comida do outro. E aí, tem essa confusão e aí, vem. Porque também tem estagiário de Psicologia e de Pedagogia e quando a gente começa a conversar, as meninas da Pedagogia começam a falar: “-Ah! É a mesma coisa que a</p>	

<p>gente tá fazendo!” então, foi uma vivência bem desafiadora. [Estágio extracurricular]. (MARIA)</p>	
<p>Na Comunitária tive alguns problemas na questão da faculdade que somente forneceu professor faltando dois meses para terminar o período. Fiz de uma forma muito rápida, um estágio que era para ter sido feito em quatro meses, dividindo a carga horária de seis horas por semana, eu fiz em um mês. Ou seja, trinta horas/semana. Eu achei muito prejudicial isso porque em um estágio você precisa criar vínculo e raízes e quando eu estava começando a ver como funciona de fato, já estava finalizando. Então, não achei legal essa forma de estágio em Comunitária, não querendo dizer que eu não gosto da área, mas é a forma como ele foi feito, em pouco tempo, que não tive muito tempo pra me adaptar. (JOÃO)</p>	
<p>Sem falar da estrutura da Faculdade, a questão dos professores também foi desestimulante eu passava a semana sem ter aula, enfim, esses foram os pontos que foram desestimulantes. Mas, é claro, depois do terceiro, quarto ano, as coisas mudaram, a gente pegou professores efetivos da instituição, porque os dois primeiros anos eram mais substitutos, realmente o pessoal, [...], não cumpriu os objetivos, mas aí, com os professores que já eram efetivos, aí, sim, eles foram mais responsáveis, cumpriram mais adequadamente. (JOÃO)</p>	
<p>O estágio em Clínica foi muito bom, eu fiquei admirado porque alguns locais de estágio eram meio precários, mas no meu caso não foi assim. Tinha um convênio, a gente tinha que ir atrás, mas não tive nenhum problema. Eu estagiei em um hospital da rede pública especificamente para isso, com multiprofissionalidade. Quando eu cheguei tinha uma pessoa para agendar meus pacientes, a sala com a mesinha, um prontuário, um ar condicionado, então, para mim, não faltou estrutura e muito menos orientação teórica. Inclusive foi um dos meus melhores estágios e é o que está fazendo a diferença no meu trabalho no CAPS. (JOÃO)</p>	
<p>Então na prática eu vi como é importante o curso inteiro, teve muita coisa importante, aquelas disciplinas que a gente acaba não dando muito valor, mas que ajudaram. [...] Assim, eu me lembro de ter falado na primeira entrevista, que teve problemas em algumas matérias em que o conteúdo era importante e devido à falta de experiência de alguns professores ou devido à estrutura da Universidade, os conteúdos não foram transmitidos adequadamente. (JOÃO)</p>	
<p>Mas tem a questão dos estágios, como foi importante na época e como está sendo importante na prática. Para falar a verdade, assim como já ouvi de alguns professores da FACIME, o certo seria estagiar nos primeiros blocos e a gente só tem nos últimos blocos. Então, no meu caso os estágios ajudaram 85% no meu trabalho. Eu tenho visto isso mesmo, como posso estar trabalhando usando o que eu aprendi nas práticas em campo, então esse foi um ponto que eu achei muito importante. Eu acho que 80% a 90 % do que eu estou colocando no meu trabalho é do que aprendi nos estágios curriculares. (JOÃO)</p>	
<p>Foi muito importante também porque gerou resultado, o resultado final foi uma confraternização que elas nunca tinham feito, nunca tiveram na FACIME. Elas [...] falaram pra gente que estavam convidando a gente porque, é, gerou um movimento nelas lá e aí, ia ter essa festinha. A gente foi a culpada desse momento. É, boa culpa! [risos] E aí, foi muito bom por causa desse resultado. E a gente notou que geraram emoções durante as atividades. Acho que tocou, algumas choraram e assim eu acho</p>	

<p>que elas saíram muito relaxadas e sempre elas passavam esse <i>feedback</i> pra gente. E aí, foi bem gratificante. [Estágio Básico de Políticas Públicas em Saúde] MARIA</p>	<p>O <i>feedback</i> na atividade de estágio: quando o Outro fica satisfeito.</p>
<p>As curriculares, eu lembro que o Estágio Básico de Políticas Públicas em Saúde foi aquela que a gente fez com o pessoal aqui da FACIME. Os funcionários dos serviços gerais. Também foi ótima, porque o pessoal da limpeza se abriu muito com a gente e eles se sentem segundo seus relatos: “O <i>peçoalzinho</i> da limpeza que ninguém dá importância”, e aí, a gente aprendeu muito com elas. Eu digo “Elas” porque os homens não foram. Assim, elas passaram muitas histórias delas. Até deram conselho pra gente. Deram toques do que elas queriam fazer, do que esperavam da gente. E a gente foi buscando se aprimorar. (MARIA)</p>	
<p>Os adolescentes do PROJOVEM estão indo, porque eu estou indo dia de quarta-feira, e estão gostando do tema que eu estou trabalhando com eles. Eles mesmos falam que só estão indo no dia que eu vou. E eu me sinto feliz em relação a isso, porque pelo menos eles estão indo no dia que eu vou. É muito gratificante, assim, eles ficam muito a vontade conversando. [...] é bem gratificante pra gente. Eles gostam de conversar, é algo diferente! Quando eles veem que é Psicologia aí, eles dizem “Ah, eu vou já conversar com ela!”. (MARIA)</p>	
<p>Teve o Estágio Básico de Educação e Saúde. Que também foi no CRAS [...]. Foi bom também porque a gente aprendeu com eles, a gente conheceu. E teve o tempo todo <i>feedback</i> deles que aquilo lá era bom, que devia ter um profissional lá pra fazer só aquilo ali com eles. [...] Foi muito bom. Foi bom também o resultado porque a gente via que antes deles serem atendidos lá pela equipe, com nosso trabalho eles iam até um pouco mais relaxados porque eles são muito zangados. Eles, da equipe, diziam que a gente devia fazer isso todo dia porque o pessoal está vindo pra cá mais relaxado. Então a gente viu o quanto que o trabalho era importante. (MARIA)</p>	
<p>Organizacional também foi muito bom, foi na maternidade e fizemos um trabalho muito bom, eu e duas colegas, tivemos apoio e uma recepção muito boa na maternidade. Tivemos abertura e espaço. Então foi muito bom. A nossa professora supervisora e o pessoal da Maternidade nos parabenizou pelo resultado que tivemos. Conseguimos colocar a teoria na prática, então foi muito positivo. (JOÃO)</p>	
<p>Fizemos um trabalho bom na Organizacional, porque, em minha opinião, passamos por todas as etapas de um estágio, ou seja, fizemos um mapeamento, fizemos um diagnóstico, encontramos problemas, elaboramos projetos para estes problemas, projetos bem elaborados junto a nossa professora supervisora da Universidade e a supervisora do local. E como foi algo bem fundamentado, bem orientado deu resultado. Então por isso que, nossa, realmente fizemos tudo como está na receitinha, o diagnóstico, busca ativa, conhecer o ambiente, as pessoas, ouvir, levantar demandas, elaborar projetos para as demandas, executar e receber os resultados. O resultado foi no sentido de encontrar soluções, claro que uma maternidade é um mundo muito grande, mas os resultados foram positivos, a coordenadora do local até queria que a gente apresentasse aos diretores, no sentido de continuarem o nosso trabalho. Modificar, executar e resolver não é nossa responsabilidade. (JOÃO)</p>	

Fonte: Dados das narrativas e da autora.

Quadro 11 – Dados das narrativas relativos às certezas e incertezas em relação ao futuro

<p>É, a gente quando tá no nono período, passa por uma situação tão complicada em relação ao futuro, porque pelo menos lá em casa meu pai fica perguntando, o tempo todo, aonde que eu vou trabalhar, com quem que eu vou trabalhar se já tem alguma coisa certa e quanto é que eu vou ganhar! Então comigo essa situação é bem..., eu procurei terapia pra me ajudar. Porque estava tendo muita pressão em cima de mim. (MARIA)</p>	
<p>Eu não só penso como já estou fazendo concurso, eu já fui aprovado em um. Então, claro, pretendo assumir caso seja chamado. E assim inicialmente eu não penso ainda em fazer mestrado ou doutorado por enquanto. Eu penso logo em começar a trabalhar e a ter uma independência. É claro que eu não pretendo me acomodar apenas com esse concurso, eu pretendo tentar outros concursos, aí, a partir dessa entrada no trabalho eu acredito que eu consiga me estabilizar. (JOÃO)</p>	<p>Ansiedades relativas à vida profissional.</p>
<p>No primeiro semestre [nono período] dos estágios eu me preocupava muito sobre o mercado, se ia ter trabalho, como ia ser o pós-curso, o que eu vou investir, se eu vou fazer pós-graduação ou se eu vou dar um tempo até mesmo pra descansar. Eu senti mais isso, a preocupação com o pós-curso. Mas no segundo semestre, o décimo, como teve essa proposta de um emprego, vieram outras preocupações, como: se eu conseguiria terminar o curso no prazo sem perder as possibilidades de emprego. (JOÃO)</p>	
<p>A Rosa e a Marta ficaram chamando, chamando. E [disseram] que lá a gente não precisava ser formada, eles deixavam a gente fazer a matrícula. E eu fiquei pensando assim: eu sempre quis terminar o Curso já com a pós-graduação encaminhada. aí, eu fiquei: “Eu não estou perdendo nada!” É um investimento, eu acho que estou ganhando ao invés de estar perdendo. aí, eu fui, e nessas aulas eu comecei a gostar, acabou despertando a vontade de trabalhar nessa área também. E aí, foi o que melhorou a minha visão em relação à minha cidade, pra trabalhar na minha cidade. Que antes eu não queria e depois da minha pós-graduação eu fiquei: “eu acho que dá pra ir, vai ser legal”. (MARIA)</p>	<p>Pós-Graduação: Investimento ou necessidade para a vida profissional.</p>
<p>Como eu citava agora há pouco, como eu vejo que a Psicologia é uma ciência extremamente necessária, eu vou procurar a profissionalização. Melhorar o meu trabalho, dependendo do tipo de demanda que eu vou trabalhar, por exemplo, no CAPS me aparecem muitos problemas com crianças, problemas familiares, buscar alguma especialização, uma capacitação nessa área, para pelo menos ter uma fundamentação teórica, uma forma de trabalhar adequadamente, já que nos cursos de bacharelado a gente vê tudo mais de forma geral e deixando de ver todos os tipos de problema que nos chega. [...] Na Psicologia, como eu estou vendo agora, aparece muita coisa que a gente tem um ponto de referência, mas não tem muitas habilidades e é preferível fazer a especialização, para você ter uma forma específica de trabalhar determinados problemas. (JOÃO)</p>	
<p>Só quero me estabilizar e buscar especializações, principalmente na saúde mental, que estou gostando. (JOÃO)</p>	
<p>Aí, depois eu vou pensar algo mais como especialização, mestrado e doutorado. Mas o objetivo agora é terminar o curso e começar a trabalhar, independente de estudo eu quero trabalhar. Cansei de só estudar, eu quero trabalhar e depois de estar mais calma a minha situação eu vou pensar mais nisso e, claro, a pós é uma necessidade, não pode se acomodar, depois eu vou pensar numa pós-graduação. (JOÃO)</p>	
<p>É difícil falar do que eu quero. É mais fácil falar do que eu não quero:</p>	

<p>Jurídica e Hospitalar, com certeza. Agora das outras áreas que eu já vivenciei e que gostaria de atuar é Organizacional, em segundo a Escolar e em terceiro lugar a Comunitária. (MARIA)</p>	<p>Interesses por áreas da Psicologia na vida profissional.</p>
<p>Eu escolhi Gestalt [abordagem para o estágio em Clínica] e estou gostando muito. Eu sei que não dá pra trabalhar autismo, mas ninguém vai me garantir que eu vou trabalhar com autismo, então eu acho que é bom eu ter um conhecimento nas outras áreas. (MARIA)</p>	
<p>No início do nono bloco a gente teve que escolher entre as abordagens, qual o professor. Eu optei pela cognitivo-comportamental. Até aí, na área de terapia, é uma área que a gente se vê atuando então a gente pega essa parte do psicólogo cognitivo comportamental, então por isso que eu acho importante escolher [uma abordagem] mesmo que eu não tenha certeza se vou atuar na clínica ou não, mas pelo menos já tem uma linha de terapia, de clínica. (JOÃO)</p>	
<p>Estou fazendo [estágio em] comunitária, é interessante, é uma área que não exclui pra atuação futuramente, é uma área interessante, que inclusive é algo que eu já estou focando. Porque atualmente no Estado, é uma área que está surgindo mais emprego, nos concursos públicos, que inclusive eu já estou fazendo. Já estou me preparando para os concursos públicos, já fiz alguns e pretendo fazer enquanto eu não passar e me estabilizar, porque, enfim, eu acho interessante fazer porque é o que tem pra gente. (JOÃO)</p>	
<p>E as expectativas do futuro [...] eu acredito que eu possa conseguir algo na minha cidade como primeiro emprego. Mas não porque eu tenha vontade. É porque eu acho que vai ser o mais próximo. É meu pensamento de agora, não sei o que pode acontecer amanhã, [...]. Devido a ser essa oportunidade que eu tenho na minha cidade que seria mais essa área comunitária, saúde mental. Mais voltada pra isso. (MARIA)</p>	
<p>Eu pensava em trabalhar na clínica, mas com autismo. Com crianças autistas. Só. Eu não queria mais trabalhar como acompanhante pedagógico. Eu sempre dizia: ‘eu quero clínica, mas só se for pra trabalhar com autismo’. Então eu vi que a Gestalt não trabalha com autismo na clínica e nem em outros lugares. Agora eu me vejo na clínica, com a Gestalt mesmo, normal. Eu gostei da clínica e não gostava antes, mas eu ainda pensei: ‘não vai dar pra trabalhar com a criança com autismo, mas acho que dá pra trabalhar com a família do autista’. (MARIA)</p>	

Fonte: Dados das narrativas e da autora.

4.3 A construção dos Núcleos de Significação

A organização e articulação dos pré-indicadores em indicadores já caracterizou uma fase do processo de análise, que conforme Aguiar e Ozzela (2006), constituem-se em iluminação para o processo de nuclearização. Para isso, aglutinamos os indicadores conforme os critérios de similaridade, semelhança e contraposição. A constituição dos Núcleos expressam os pontos principais para o processo de identificação de Maria e João com a profissão. Podemos identificar no quadro a seguir.

Quadro 12 – Núcleos de Significação

Indicadores	Núcleos
Dúvidas no processo de escolha profissional.	Escolha profissional e insatisfação no início do Curso
Falta de opção para a escolha profissional	
Afinidade com a atividade de aconselhar influenciando a escolha profissional.	
O movimento do não gostar ao gostar.	
Conhecimentos e competências da Psicologia: ciência e profissão.	Seara psi: saberes e fazeres da Psicologia e do psicólogo
Como o outro vê o ser psicólogo.	
Reconhecendo o psicólogo: clínico e médico de loucos	
O estágio supervisionado mediando o conhecimento da realidade social e oportunizando atuações	Formação Inicial e as possibilidades de identificação.
O vir a ser psicólogo: O estágio mediando a identificação ou não	
A supervisão de estágio: a importância do Outro na aprendizagem do estudante	
O <i>feedback</i> na atividade de estágio: quando o Outro fica satisfeito	
Limites e possibilidades da formação inicial.	
Ansiedades relativas à vida profissional	
Interesses para a atuação na vida profissional	Existirmos, a que será que se destina? – Ansiedades, interesses, formação continuada na vida profissional e olhares sobre si mesmo.
Pós-Graduação: Investimento e necessidade para a vida profissional	
O olhar sobre si mesmo fazendo e concluindo o curso de Psicologia	

Fonte: Dados da autora.

Seguindo as orientações de Aguiar e Ozella (2006b), na organização dos núcleos, buscamos verificar as transformações e contradições que ocorrem no processo de construção dos sentidos e dos significados, o que viabilizou analisar o discurso dos interlocutores,

caminhando para além do aparente e considerando as contradições subjetivas e históricas. Assim, no próximo capítulo, o momento de apreender os conteúdos temáticos dos núcleos consistirá nas interpretações, tomando por base nossa fundamentação teórica e a revisão de literatura.

5 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS: A INTERPRETAÇÃO DOS NÚCLEOS DE SIGNIFICAÇÃO

<p>Era uma vez um peixe francês Soturno e muito triste Se perguntava: será que existem maiores mágoas Que as minhas nestas águas?! Dia após dia, imerso em agonia, Nadava e tudo o que via Era a árvore verde e amarela na beira do rio E só pensava nela Ainda, a linda borboleta Inteira feita de estrelas pretas Que vislumbrou apenas uma vez E tornou-se o grande amor do peixe francês E o peixe que nunca tivera dores Nem problemas com amores Pois sua memória e consciência no mundo Duravam sempre trinta segundos Porém, depois de ver aquele ser, Arcanjo rompendo seu casulo, num pulo. Criou fixa ideia na mente E amor e morte... só sente. O peixe leva na lembrança Toda a pujança da paixão que arde Desde aquela tarde. A borboleta parecia uma bela letra No meio de negras constelações e modernos aviões Verão, outono, inverno e primavera E a paz pro peixe não viera</p>	<p>Nem nunca mais apareceu A borboleta que o entristeceu Muito tempo tinha passado A vida seguia com alma fria, seu fado Mas eis que durante a quinta estação do ano O peixe avistou um ser humano Assustado, jamais tinha olhado gente assim: frente-a-frente Uma mulher entrou na água, nua Numa negra noite de clara lua E o triste peixe percebeu no peito da moça de louça A borboleta de estrelas pretas As lágrimas no olho do peixe Eram feixes de emoções por todos os seus corações Ele olhava a borboleta Mais bela que o som da clarineta Mexendo as asas como as algas da sua casa Depois de chorar de alegria E conter seu corpo, em folia O peixe viu a linda moça de louça Serena, saindo do rio Com um riso no canto da boca E achando assim a vida pouca Lembrou que era o décimo terceiro mês: Época em que todo peixe francês Vê o seu amor pela última vez</p> <p style="text-align: right;">(VALIDUATÉ)</p>
--	---

Buscamos inspiração na canção de um grupo musical piauiense, cuja composição belíssima instiga memórias e desperta sentimentos de felicidade por entender que, como pesquisadora, que objetivou compreender a constituição da identidade de nossos interlocutores, acabamos por nos identificar com o ser psicólogo. Sentimo-nos como o peixe francês que encontrou, no caminho da pesquisa, suas borboletas mais belas e entendeu seu processo de metamorfose.

Contudo o caminho não foi fácil. Houve momentos em que estivemos soturnos e tristes, na construção do metatexto, na organização de pré-indicadores e indicadores e em muitos outros momentos de dificuldades, em que surgem dúvidas sobre se estamos no caminho certo e deparamo-nos com nossas próprias limitações.

Confirmamos o verdadeiro sentido do ato de pesquisar, que está no sentir, no pensar e no agir. Viemos a nos deixar contagiar pelos sentimentos vivenciados por nossas borboletas e pudemos sentir como se fossemos elas, com seus sentimentos de angústia e de felicidade.

Entendemos que nos encontramos no momento do processo mais emocionante para o pesquisador, porque embora o caminho não tenha acabado, quando escutamos as narrativas das borboletas, sentimos como se estivéssemos saindo novamente do casulo, com a leveza dos anjos, mesmo que por alguns momentos, é muito prazeroso. A pesquisa transforma-se em uma ideia fixa na mente, na expectativa de buscar o alcance de nosso objetivo em investigar o processo de constituição da identidade profissional do estudante de Psicologia da UESPI, mediante o resgate de suas vivências na graduação.

Conforme as orientações de Aguiar e Ozella (2006b), a análise se inicia pelo processo intranúcleo, avançando para a articulação internúcleos. O primeiro processo é composto pela apresentação e análise de cada um dos núcleos nos subtópicos 5.1 e 5.4 do presente capítulo. A articulação internúcleos será composta pela análise da articulação dos núcleos de significação.

Assim, o presente capítulo versará sobre os Núcleos de Significação, que apresentam alguns dos aspectos que constituem a identidade de psicólogo do estudante no curso de Psicologia da UESPI, e relacionam-se com os objetivos específicos da pesquisa, o que nos levou a sistematizar que o Núcleo **O processo de escolha profissional e a insatisfação no início do Curso** corresponde ao alcance do objetivo específico conhecer os motivos que orientaram a escolha profissional; os Núcleos **Seara PSI: saberes e fazeres da Psicologia e do psicólogo; e Formação inicial e as possibilidades de identificação**, correspondem ao alcance dos objetivos específicos identificar as principais vivências que transformam o estudante em psicólogo; e compreender a relação entre as principais vivências durante a formação inicial e a identidade profissional em processo de constituição; e, por último, o Núcleo **Existirmos, a que será que se destina? Ansiedades, formação continuada e olhares sobre si mesmo** corresponde ao objetivo específico analisar certezas e incertezas em relação ao futuro profissional.

A discussão dos núcleos está respaldada nos pressupostos da Psicologia Sócio-histórica (LEONTIEV, 2001; VIGOTSKI, 1991, dentre outros), na concepção psicossocial de identidade de Ciampa (2005) e de identidade profissional de Dubar (2005), além de outros autores que possam nos ajudar a compreender o contexto social e histórico que perpassa a constituição da identidade de psicólogo.

5.1 O processo de escolha profissional e a insatisfação no início do Curso

A aglutinação dos indicadores que compõem o Núcleo de Significação “**o processo de escolha profissional e a insatisfação no início do Curso**”, ocorreu por meio do critério de complementaridade. As narrativas de Maria e de João, referentes ao presente Núcleo, apresentam conteúdos recorrentes, que nos conduzem a compreensões sobre parte do processo de constituição da identidade profissional dos interlocutores. Esses conteúdos apresentam a relação existente entre os motivos da escolha, os sentimentos de insatisfação no início do Curso e o movimento de transformação em sentimentos satisfatórios, decorrente das vivências de ambos no decurso da formação inicial.

Os conteúdos que emergiram de suas falas, referem-se aos motivos frente ao processo de escolha profissional e as principais insatisfações no início do Curso decorrentes da escolha. Assim, a interpretação desse núcleo está organizada em torno dos seguintes indicadores: **dúvidas no processo de escolha profissional, falta de opção para a escolha profissional, afinidade com a atividade de aconselhar influenciando a escolha profissional e o movimento do não gostar ao gostar.**

Os quatro indicadores foram agrupados nesse Núcleo porque revelam que o momento da escolha e os primeiros períodos no Curso são mediados por uma fase da vida em que ambos interlocutores apresentam muitos questionamentos sobre a profissão que desejam seguir, a adolescência. Esse movimento coaduna-se com o objetivo de compreender o processo de constituição da identidade profissional de Maria e de João, à medida que buscamos desvendar como se desenvolveu sua relação inicial com a profissão, descobrindo, para isso, os motivos que os instigaram a escolher Psicologia e as vivências no início do Curso.

Conforme o referencial que orienta nosso pensamento, entendemos que tanto a escolha profissional como os sentimentos no início do curso de Psicologia, constituem-se em determinantes do processo de identificação com a profissão e por isso, corresponde a alguns dos aspectos que constituem e explicam a identidade profissional.

Apoiados no entendimento de Vigotski (1991), sobre o processo dialético de tornar-se humano, entendemos, que a escolha profissional e o sentimento de insatisfação com o Curso são processos constituintes da identidade de psicólogo, porque o escolher e os sentimentos se caracterizam pela periodicidade, desigualdade em seu desenvolvimento com

transformações qualitativas ao longo da vida do sujeito, com fatores externos e internos, e por isto, não acontecem de maneira linear.

O presente núcleo destaca os momentos iniciais que constituem a identidade profissional, porque, respaldados pela concepção de Dubar (2005), consideramos que identidade assim como a escolha, é processo e, portanto, movimento. Convém ressaltar que a constituição de uma identidade profissional inicia antes da escolha, no desenrolar da história de vida do indivíduo, e se organiza em sua inserção no mundo institucional, mediante o processo de socialização secundária. Entendemos que o ingresso dos interlocutores na Psicologia possibilita contato com um grupo específico em que eles poderão estabelecer relações com a realidade social onde vivem por meio de seu agir, pensar e sentir, o que produzirão vivências caracterizadas pelo movimento do não gostar ao gostar.

Inicialmente apresentaremos os três primeiros indicadores que correspondem ao processo de escolha profissional, revelando que a escolha é orientada por vários motivos. Conforme a discussão de Leontiev (1988), compreendemos o caráter multimotivacional para a atividade de escolha, pois, em geral, as ações humanas realizam um conjunto de relações orientadas para a sociedade e orientadas para a própria pessoa. Carvalho (2010) nos ajuda a entender a natureza sócio-histórica do processo motivacional, ao explicar que além de existirem muitos motivos a orientarem a atividade, os motivos apresentam funções de atividade estimuladora ou de formação de sentido.

Para Leontiev (1988), os motivos com funções de atividade estimuladora, ou, denominados compreensíveis, correspondem a motivos que estimularam a atividade, como a escolha profissional, mas que não coincidem com o objeto da atividade do profissional. Os motivos com funções de formação de sentido, ou, denominados eficazes, possuem relação direta com o objeto da atividade. São eficazes porque ao orientar a atividade garantem sentido pessoal.

O quarto indicador alude ao sentimento de não gostar, presente no início do Curso, mas que será transformado, de acordo com as vivências, em sentimentos de satisfação. Assim, na compreensão sobre o processo de escolha profissional dos interlocutores e de suas vivências iniciais, identificamos fatos que denotam certa carga emocional e nos levam a apreender os movimentos de constituição das identidades profissionais de nossos interlocutores.

O primeiro indicador aponta para as **“dúvidas no processo de escolha profissional”**, o que constitui os dilemas vividos por Maria no momento da escolha,

pressupondo grande ansiedade e indecisão quando ela expressa que: **“Na verdade eu não sabia o que era que eu queria”**. A indecisão frente à escolha de uma profissão não constitui um problema apenas para Maria, mas para muitos jovens que vivem a saída do Ensino Médio e precisam escolher uma profissão.

Soares (2002), ao estudar o processo de escolha profissional, ajuda-nos a compreender esse dilema quando esclarece que o jovem que escolhe está em fase de transição e vive muitas contradições entre os interesses do mundo da criança e os interesses do mundo adulto, a fase denominada adolescência, que é um fenômeno psicossocial caracterizado por um “período de busca de si mesmo” e “período de crises” (SOARES, 2002, p. 19).

Ressaltamos que nosso outro interlocutor, João, também era um adolescente no momento da escolha e por isso verificamos a importância de ampliar a compreensão sobre o processo de escolha e a adolescência. Bock (2007) nos auxilia a compreender que adolescência não é uma fase natural do desenvolvimento, mas uma construção social típica do jovem de nossa sociedade moderna com repercussões na subjetividade.

De acordo com Aguiar (2006), o ato de escolher corresponde a “uma das expressões únicas, singulares, sociais e históricas do sujeito, revelador de sua subjetividade”. A autora propõe que, para apreender o processo de escolha, necessitamos compreender os motivos e as necessidades que são os desencadeadores da escolha de uma profissão, sem, com isso, designar relação simples e linear de causa e efeito, mas relação processual e dialética.

Nem sempre o adolescente está preparado para escolher a futura profissão, pois, implica dimensão temporal que precisa ser reconhecida e internalizada. Ou seja, é necessário que se reconheça quem foi, quem é e quem será e essa dimensão temporal, que se dá em movimento dialético guarda íntima relação com o processo de constituição social da identidade.

A escolha profissional, conforme Soares (2002), acontece no momento cujo sentimento é de urgência, pois o próprio vestibulando, a família, os amigos e a sociedade de modo geral esperam que, ao término do Ensino Médio, o adolescente esteja apto a inscrever-se nos vestibulares sem que reflita comedidamente sobre a decisão de escolha.

Continuando a análise do primeiro indicador, apreendemos que o processo de escolha da formação profissional por Maria, está marcado por dúvidas. A estratégia encontrada para resolver seu dilema foi a eleição de alguns motivos como critérios de exclusão em relação a outras profissões, como consta no seguinte trecho da narrativa: “Eu acabei fazendo a prova sendo que eu já tinha passado pra Direito numa faculdade particular e

aí fiquei na questão: **Direito ou Psicologia?** E aí acabei **escolhendo a Psicologia mesmo. Escolhi Psicologia, primeiramente, por ser um curso público e, em segundo lugar, era porque achava um curso mais feminino e interessante por estudar a mente humana**". É possível identificar três motivos importantes que a ajudaram em sua decisão.

O relato de Maria nos dá indícios de que o primeiro motivo pode referir-se às condições sociais e econômicas. Partimos do entendimento que, após ter sido aprovada para Direito em IES particular, ela optou pelo curso de Psicologia que era em IES pública estadual, o que reafirma nossa compreensão de que o processo de escolha profissional acontece em um contexto social e histórico com múltiplas determinações.

O segundo motivo expresso relaciona-se à identificação de Maria com a identidade de gênero feminino, revelando sentidos atribuídos à profissão, o que pode ser entendido ao recorrermos à história da profissão de psicólogo, especificamente a predominância do gênero feminino. Em pesquisa promovida pelo Conselho Federal de Psicologia (CFP, 1988), constatou-se que a maioria eram mulheres. Mais tarde, a pesquisa relatada por Bastos, Gondim e Andrade (2010) verificou também a predominância feminina. Segundo os dois estudos, o caráter feminino da profissão associa-se a características do exercício profissional, que se relaciona às atividades de apoio social.

De acordo com Rosemberg (1984), esse predomínio de profissionais do sexo feminino relaciona-se com a eficiência dos processos de socialização diferencial dos sexos, apresentando modelos de papéis sexuais dicotomizados, ou seja, existem profissões mais adequadas a cada gênero. Para a autora, a profissão de psicólogo parece ser mais flexível, o que possibilita que a mulher tenha acesso ao mercado, mas também possa assumir outros papéis, como o de mãe.

O terceiro motivo apresentado por Maria é a possibilidade de estudar a mente humana, que é designada como "interessante". De acordo com o Catálogo Brasileiro de Ocupações (2002), uma das muitas atribuições dos psicólogos consiste em estudar a estrutura psíquica e os mecanismos de comportamento dos seres humanos. Levenfus (1997, p. 43), ao discutir os possíveis determinantes da escolha profissional, explica que escolher baseado em apenas uma das atribuições, que a autora designa como "habilidade específica" para o exercício da Psicologia, pode levar a uma decisão equivocada, revelando a possível falta de conhecimento sobre as profissões e sobre si mesmo. Entendemos que essa falta de conhecimento pode ser atribuída ao momento psicossocial vivenciado por Maria, a adolescência.

O equívoco na escolha profissional de uma pessoa tem relação com a possibilidade de não identificação com determinada profissão. A discussão presente não nos permite inferir com certeza que isso ocorreu com Maria, pois não são apenas os motivos que constituem o processo de constituição da identidade profissional.

De acordo com o entendimento de Leontiev (1988) sobre os motivos, podemos compreender que os dois primeiros motivos que Maria expressou – ser um Curso em IES pública e ser feminino, correspondem a motivos compreensíveis, porque não apresentam uma relação direta com o objeto da atividade do psicólogo.

No que se refere ao interesse em estudar a mente humana, entendemos que a discussão é mais complexa, pois, embora seja considerada uma das atribuições do psicólogo, Maria, em seu discurso, não relata se estava interessada em ser psicóloga, mas que considerou para sua decisão de escolha, ser interessante entender a mente humana. Essa constatação nos leva a inferir que o motivo para escolha foi compreensível, entretanto, por entendermos que a identidade é metamorfose, é possível que ao vivenciar a formação inicial Maria produza motivos eficazes para permanecer no Curso e identificar-se com a profissão.

Identificamos que a falta de opção foi um dos motivos que orientaram a escolha profissional de Maria e de João, o que está expresso no indicador “**falta de opção para a escolha profissional**”, que revela motivos relacionados às circunstâncias presentes no momento de prestar vestibular.

Iniciamos pelo trecho da narrativa de João: “Realizado. Primeiramente é por estar fazendo o Curso superior. Eu sou o caçula em uma família grande, onde todos já tem o Curso superior. Então essa é uma realização. E segundo realmente porque **dentre todos os cursos que foram oferecidos, que tinha disponibilidade pra fazer em Teresina, esse foi o que eu mais me interessei e consegui passar**”. O motivo relaciona-se com as possibilidades de escolha presentes no momento de fazer a inscrição do vestibular. Existiam muitos cursos ofertados nas IES’s, e o motivo da escolha não está relacionado à profissão de psicólogo, mas, a que parecia ser mais interessante e que nosso interlocutor teve a oportunidade de ser aprovado, transparecendo seu desejo de obter a formação profissional.

Maria também deixa explícito o motivo circunstancial da escolha quando expressa: “E eu já tinha feito vestibular pra **Direito** [na pública] e **não passei**. Tinha feito pra **Arquitetura** também que era outra coisa que eu gostava. E a Psicologia eu fui porque eu imaginei que não é um curso tão Saúde e não é Humanas demais, eu olhei por esse lado. **Aí eu falei: eu vou fazer e vou ver no que vai dar**”. Nesse trecho ela explica que fez a prova

porque havia tentado outros vestibulares e não obteve aprovação, então, sua escolha assim como a de João, relaciona-se com a circunstância da necessidade em ter uma formação profissional.

Da mesma forma, os motivos circunstanciais que levaram João e Maria a escolherem Psicologia por falta de outras opções que julgassem interessantes, também revela motivos compreensíveis para a escolha.

O estado motivacional de João, para a escolha do Curso, pôde ser verificado ainda pelo indicador: **“afinidade com a atividade de aconselhar influenciando a escolha profissional”**, que revela motivo relacionado a afinidade com uma das possíveis atividades do psicólogo. O motivo afinidade foi expresso no seguinte trecho da narrativa: “[...] foi o fato de **na minha cidade** eu ter uma **interação muito forte com os meus amigos**, eu tive a oportunidade de juntamente com um grande amigo meu, formar um grupinho de jovens, aqueles comuns de interior, vinculado à igreja. A partir disso **formamos um grupo e eu me senti pai, amigo, conselheiro** desses meus jovens e eles também me viam como uma pessoa de referência. **Eu gostei dessa interação, desse ouvir, desse resolver problema. Algo que dentre as ciências que existem a Psicologia era mais relacionada a isso.** E no fundo eu pensava: “Nossa, Psicologia é algo interessante”.

Nosso interlocutor resgata as lembranças de quando morava com a família no interior do estado, e explica que em sua história de vida, ele sempre se interessou por atividades de interação com o outro, e ainda pela atividade de aconselhar seus amigos, atuando como uma liderança entre seus pares. Ao narrar esse motivo, João revela sentidos sobre a profissão de psicólogo, marcadas pela atividade de ouvir e aconselhar, ajudando a resolver problemas das pessoas. Suas vivências, antes do momento da escolha, mediaram o pensar, agir, e sentir sobre o fazer psicológico e despertaram interesse de transformar uma atividade prazerosa que já desenvolvia com seus amigos, em possibilidade de atuação profissional. De acordo com o entendimento de João, dentre as profissões, essa seria a mais diretamente relacionada a suas afinidades.

Compreendemos que esse motivo é eficaz, pois, possui relação com o objeto da atividade do psicólogo, gerando um sentido pessoal para João. Dentre as competências requeridas ao profissional psicólogo, destacamos: “realizar orientação, aconselhamento psicológico e psicoterapia” e “relacionar-se com o outro de modo a propiciar o desenvolvimento de vínculos interpessoais requeridos na sua atuação profissional” (DCN, 2004, p. 8).

João, em seu discurso, revela que produziu sentidos sobre a profissão do psicólogo, os quais também foram evidenciados na pesquisa de Krawulski (2004). A autora identificou vários motivos que determinaram a escolha dos sujeitos, dentre os quais destacamos: a idealização de que a profissão permitiria compreender e ajudar o ser humano; o gosto em trabalhar com pessoas; características pessoais (paciência, maturidade, emotividade, capacidade de observação e de escuta, dentre outras) e as expectativas em resolver problemas pessoais.

Para Mazer e Melo-Silva (2010, p. 292), a constituição da identidade profissional de psicólogo “[...] é um conjunto integrado de fatores pessoais e de formação profissional que passa pela questão da escolha da Psicologia como profissão e o significado de ser psicólogo, a formação acadêmica e a vivência como profissional”. Então, a identidade de psicólogo para Maria e João está sendo constituída, dentre os muitos aspectos, por múltiplos motivos, ora semelhantes e ora diferentes.

Entendemos que o processo de escolha profissional foi permeado por múltiplos motivos. Maria apresentou quatro motivos compreensíveis e João apresentou um motivo compreensivo e outro eficaz. Enquanto Maria, por meio de suas narrativas, expressou que seu processo de escolha foi permeado de dúvidas, o mesmo não aconteceu com João, mas, aventamos a possibilidade de que nosso interlocutor, dispunha de mais conhecimento sobre si e sobre o papel do psicólogo no momento da escolha.

A escolha profissional pelo curso de Psicologia, para Maria e João, foi determinada pela “estrutura social mais ampla” (CIAMPA, 2005, p. 176), ou seja, o contexto, em que está presente o sentimento de urgência em obter formação profissional, as possibilidades de cursos superiores que as IES tinham a oferecer, bem como as opções de escolhas para cada um dos interlocutores, prevalecendo determinantes econômicos, históricos e sociais.

Assim, para compreendermos o processo de constituição da identidade profissional, inspiramo-nos em Vigotiski (1999), que orienta ir além do produto final de nossa investigação, tentando explicar sua origem e, para isso, transcender as aparências de uma simples escolha, buscando entender a essência. A identidade profissional, então, constitui-se processo em constante metamorfose e a discussão empreendida até o presente momento, demonstra que esses jovens não possuíam ainda a maturidade e o conhecimento necessários para compreender a formação profissional, ingressando no curso de Psicologia com algumas representações, sobre o curso e a profissão. Os significados sociais apreendidos sobre a

profissão de psicólogo serão confrontados com as vivências da formação inicial, como veremos a seguir.

Com esse entendimento podemos discutir o indicador “**o movimento do não gostar ao gostar**”, referente às vivências de Maria e de João ao iniciar o Curso. Nesse indicador torna-se mais evidente que o sentimento de urgência para a escolha profissional impede uma maior reflexão a respeito de ser um psicólogo ou simplesmente fazer um curso de Ensino Superior.

Por meio das narrativas de nossos interlocutores, verificamos sentimentos de insatisfação com as disciplinas referentes aos dois primeiros anos da graduação. A dialética, do não gostar e do gostar é verificada na fala de Maria: “[...] **eu não gostava do primeiro período do curso. Eu comecei a gostar no quinto período pra frente**, eu tipo que selecionei as disciplinas que eu mais gostava e as que eu não gostava eu não conseguia estudar! **Eu estudava só pra passar**, eu confesso”. Nossa interlocutora expressa que durante os dois primeiros anos estava insatisfeita, e não conseguia estudar as disciplinas que não gostava, explicando que houve uma mudança a partir do quinto período.

Conforme o trecho da narrativa de Maria: “O curso de Psicologia, como é que eu posso falar? **É bom**, eu não consigo falar muito assim, pelo menos agora, mas eu vou tentar descrever direitinho. **Foi desafiador porque no início era muita teoria e a gente não gostava. Eu e os outros da turma ficávamos perguntando se era aquilo mesmo. A gente até deu a ideia de que em cada período devia ter um estágio, pelo menos um pra gente ver logo como é.** Assim, o desafio maior eram as disciplinas que a gente não gostava. **Agora já está bem melhor**, até os livros que no começo não tinham na biblioteca”, Maria evidencia que sua insatisfação ocorria devido ao predomínio de disciplinas teóricas no Curso e ainda menciona que essa não era uma insatisfação apenas sua, mas dos outros colegas da turma. Maria atribui sua insatisfação ao fato de não haver a oportunidade aos alunos de irem a campo para entender como é ser psicólogo.

Algo similar sucede com nosso interlocutor João no seguinte trecho da narrativa: “E assim, o decorrer do **início do Curso foi um pouco complicado, difícil**, os dois primeiros anos foram mais complicados, na questão mesmo de que **algumas disciplinas não tinham muito a ver com a Psicologia**. Por exemplo, a Metodologia, Antropologia, deixa eu lembrar de outra, Estatística. **Não era o que eu esperava inicialmente**”, revelando incômodo provocado pelas disciplinas que não eram consideradas específicas da Psicologia.

Os relatos de Maria e Joao apontam três questões: a primeira refere-se ao processo de escolha profissional, em que identificamos no estado motivacional de ambos a existência de motivos compreensíveis, pois afirmam estar insatisfeitos por ter tido contato demasiado com assuntos que não se relacionam diretamente a atividade do psicólogo. Entendemos que esse contato inicial não foi suficiente para a identificação com o Curso, o que pode ter influenciado a insatisfação.

A segunda questão diz respeito ao ingresso dos interlocutores no curso de Psicologia por meio do vestibular. De acordo com Soares (2002), os jovens ingressam no curso escolhido sem um conhecimento mínimo do currículo e das habilidades para o desenvolvimento da profissão. O vestibular encobre uma contradição social, porque, sendo instigado pela sociedade a fazer um curso superior, e sendo essa forma de ingresso excludente de grande parte dos concorrentes, corroboramos o sentimento de urgência na escolha sem que haja o desenvolvimento necessário para a opção mais acertada.

Para a terceira questão, recorreremos ao entendimento de Soares (2002), ao explicar que no processo de escolha profissional, estão presentes muitas questões que a influenciam de maneira dinâmica e diferenciada. Dentre as questões, citamos as influências familiares, as condições econômicas, as opções de cursos disponíveis e o status da profissão, entre outros. Exemplo das possíveis influências é a existência de contradições entre o que a família e o que o jovem esperam para seu futuro.

Na escolha profissional, o jovem precisa estar consciente dessas influências. Precisa também dispor de conhecimentos, sobre si mesmo, sobre a realidade de trabalho e sobre as profissões, para que possa efetuar a escolha baseada em um projeto de vida profissional e não apenas por motivos circunstanciais. Segundo a autora, o trabalho tem importância fundamental na construção da identidade, pois tem papel mediador entre mundo subjetivo e objetivo, assim, os jovens precisam elaborar seu projeto profissional ciente das contradições históricas que estão sujeitos, buscando autonomia em sua escolha (SOARES, 2002).

A identificação com a profissão de psicólogo dependerá de múltiplas determinações, sendo os motivos da escolha profissional e as vivências iniciais na graduação alguns destes determinantes. Estes revelam os caminhos para a compreensão do desenvolvimento da identidade profissional de Maria e de João. Conforme o referencial que nos orienta, entendemos que identidade profissional é processo que vai se constituindo mediante a socialização secundária em que se dá a articulação do processo de reconhecimento de si e reconhecimento para o outro (DUBAR, 2005). Isto posto, compreendemos que o presente

Núcleo: **“o processo de escolha profissional e a insatisfação no início do Curso”** revela os sentidos produzidos e significados atribuídos ao ser psicólogo, durante as vivências ao iniciar o Curso, que vai apresentando o movimento de transformação de Maria e de João, bem como suas identificações.

O **argumento identidade é articulação entre igualdade e diferença**, explicado por Ciampa (2005), que mediou nosso entendimento sobre o desejo de nossos interlocutores em obter a formação profissional. A maioria dos jovens, de nossa sociedade, vislumbra igualmente obtê-la, mas os motivos, como vimos, são diferentes e múltiplos, variando para cada pessoa. Para todo jovem dentro da faixa etária de nossos interlocutores a expectativa de ouvir a música “Alô papai, Alô mamãe”, a conhecida Marcha do Vestibular de Pinduca, reunindo em sua casa amigos, familiares e soltando foguetes, ainda constitui um momento social de extrema relevância, determinando a urgência para a decisão de muitos deles.

Algumas das categorias da Psicologia Sócio-Histórica possibilitaram compreender o movimento de escolha pela profissão de Psicologia, e dos sentimentos desenvolvidos no início do Curso. Apontamos entre elas, as seguintes: significado, sentido, historicidade, consciência e mediação.

Assim, as categorias sentido e significado permitiram identificar nas narrativas sobre seu processo de escolha profissional que a apropriação dos significados sociais sobre a profissão de psicólogo e sobre a formação de Nível Superior fomentaram uma compreensão insuficiente ou limitada sobre a realidade, o que corroborou para dificuldades na identificação com a profissão em suas vivências iniciais.

A categoria historicidade ajuda a entender que as narrativas revelam a totalidade entre o processo de escolha e suas vivências iniciais na graduação, pois as dificuldades de identificação se deram pela articulação dialética da dimensão histórica quem foi, quem sou e quem pretendo ser, pois a identidade nunca está pronta, está sempre se transformando.

A categoria consciência leva a entender que o jovem que escolhe precisa conhecer a si mesmo, a realidade de trabalho e as profissões, a fim de planejar seu projeto de vida.

A categoria mediação leva a perceber nas narrativas, que foram os motivos designados compreensíveis que mediaram a escolha profissional dos interlocutores. Mas como será visto a seguir, as experiências humanas são mediadas pelo pensar, sentir e agir; que configuram a atribuição de sentidos sobre ser psicólogo para Maria e João, possibilitando que a articulação da transação interna ser para si e a transação externa ser para o outro, mediante os mecanismos de identificação, viabilizem o reconhecimento de si na profissão escolhida.

5.2 Seara PSI: saberes e fazeres da Psicologia e do psicólogo

O Núcleo “Seara PSI” traz a discussão sobre o significado da expressão que o nomeia em nosso trabalho e as implicações dessa compreensão para a análise.

Partindo do entendimento no Dicionário Aurélio (FERREIRA, 1998), a palavra Seara tem origem no termo latino *senara* e pode significar campo de cereais; extensão de terra semeada e ainda agremiação, associação ou partido. No sentido de agremiação, significa a reunião de indivíduos em associação e também pode significar ligação ou reunião. O uso da expressão PSI foi inspirada no estudo de Dimenstein (2000) ao discutir o modelo hegemônico de subjetividade no “campo *psi*”, designado como conjunto de saberes advindos da Psicanálise, Psicologia e da Psiquiatria; das práticas geradas por estes saberes e dos profissionais que nelas atuam. Então, entendemos a Seara PSI como o campo de saberes e fazeres da Psicologia, quando relacionados ao grupo social; e os psicólogos, quando determinados por condições sociais, econômicas e políticas e pelas transformações históricas.

O presente Núcleo apresenta significados e sentidos sobre a Psicologia e o ser psicólogo, que juntos constituem o processo identitário, que explica a constituição das identidades profissionais de Maria e de João. Organizamos a interpretação desse núcleo a fim de que os seguintes indicadores possibilitem a compreensão do processo de constituição da identidade profissional: **Ciência e profissão: conhecimentos e competências da Psicologia; como o outro vê o ser psicólogo e reconhecendo o psicólogo: clínico e médico de loucos.**

O ponto de partida para apreensão dos sentidos e significados sobre ser psicólogo é a fala dos interlocutores, mas para compreendê-la não basta entender o significado das palavras, é preciso entender o pensamento, apreendendo os significados e sentidos da fala (VIGOTSKI, 2010). De acordo com os pressupostos teóricos metodológicos utilizados, analisamos os sentidos e significados, em seu processo, sua gênese, em suas determinações sociais e históricas, transcendendo a aparência (VIGOTSKI, 1991). Pela palavra, como unidade de análise, podemos apreender os aspectos cognitivos, afetivos e volitivos apresentados pelos interlocutores deste estudo, apreendendo os sentidos atribuídos a profissão, construindo caminhos para a compreensão da identidade profissional. Ressaltamos que a identidade é constituída por vivências que revelam o pensar, sentir e agir dos interlocutores.

Assim, compreendemos que sentidos e significados se constituem como processo identitário à medida que, ao expressar suas compreensões sobre o ser psicólogo, Maria e João revelam aspectos de sua singularidade mediados pela realidade social, com determinações

históricas e sociais. Também como categorias teóricas de análise, sentido e significado permitem compreender a identidade como processo, transformação, metamorfose.

Reiteramos que, os indicadores aglutinados para formação do presente núcleo, foram organizados conforme os critérios de similaridade, complementaridade e contraposição, tal como se constituem as identidades.

Para iniciar a compreensão do Núcleo, apresentamos o primeiro indicador que revela os significados e sentidos sobre **ciência e profissão: conhecimentos e competências da Psicologia**, referente a Maria e João. Este indicador compõe-se de pré-indicadores que apresentam temas similares e complementares, expressando os sentidos atribuídos a Psicologia como ciência e/ou como profissão. Iniciamos pela narrativa de Maria: “Primeiro que eu sempre achei **interessante essa história de estudar o ser humano, o comportamento. Essa coisa bem subjetiva**. Então de certa forma eu meio que me acho”. A interlocutora, ao demonstrar o interesse pelo conhecimento psicológico, leva-nos a supor que ela entende o psicólogo como profissional que estuda o comportamento humano, ressaltando que a atuação do psicólogo requer conhecimentos sobre aquele e sua subjetividade. Por sua narrativa, entendemos que Maria atribuiu à ciência psicológica um conjunto de habilidades, reunidas na capacidade de estudar o comportamento humano.

Ainda tratando narrativa de Maria, temos indícios sobre o que é Psicologia para ela, e nesse sentido, Teles (2003) nos auxilia, afirmando que a Psicologia é uma ciência que procura compreender o Homem, fornecendo-lhe subsídios para que lide melhor consigo mesmo e com as experiências da vida. Segundo o CBO (2002), os psicólogos estudam a estrutura psíquica e os mecanismos de comportamento dos seres humanos. Entendemos que Maria vê o psicólogo como profissional possuidor de conhecimentos para pensar sobre o comportamento humano, ressaltando a importância desses conhecimentos para a atuação profissional.

João traz suas vivências como estagiário para apresentar sentidos e significados sobre o psicólogo, ressaltando a importância da atuação do profissional, o que pode ser observado no trecho “Para sintetizar, com essas três áreas que eu estou atuando como estagiário, uma coisa é a escuta, **saber escutar, fazer orientações, entender o problema de forma diferenciada da população** em geral e eu acho que é isso mesmo. Saber escutar, saber orientar e compreender, mas de forma diferenciada, usando os **conhecimentos da Psicologia**, ou seja, **a questão do comportamento, a questão do psiquismo, os estudos, os teóricos** que podem estar dentro da Psicologia, pra gente colocar em prática. Então, é isso, **o psicólogo trabalha com a escuta, a orientação, o entendimento e principalmente na busca da saúde**

e do bem estar da pessoa, a gente encontra formas de melhorar a vida das pessoas, tratar de forma adequada”.

Nosso interlocutor também compreende que o psicólogo precisa dos conhecimentos da ciência para sua atuação, e explica que esses conhecimentos o tornam capaz de lançar um olhar diferenciado aos problemas, em comparação ao restante da população. Ou seja, existe um diferencial nesse profissional. João atribuiu sentidos ao papel profissional, revelando que a atividade do psicólogo implica em saber escutar, ouvir e entender o outro, visando ajudar o outro.

Também sobre essa possibilidade de ajudar a resolver problemas por meio do conhecimento psicológico promovido pela profissão, temos o trecho da narrativa de Maria “E a **Psicologia** em si eu vejo como **uma coisa**, assim, **perfeita** [risos]. **Perfeito por estudar e compreender a subjetividade humana; por saber lidar com as situações desafiadoras** no âmbito escolar, empresarial, clínica, problemas familiares, questões sociais de uma comunidade; dentre as várias áreas que a Psicologia pode contribuir. Para mim **é o que deveria existir em toda profissão, todo mundo deveria ser um pouco psicólogo”.**

Nossa interlocutora entende a Psicologia como perfeita, pois, por meio de seus conhecimentos sobre a subjetividade humana, o psicólogo atua ajudando a resolver problemas em diversas áreas. Essa competência, de acordo com Maria, deveria estar presente em todas as profissões, ou seja, os conhecimentos adquiridos com a Psicologia são úteis porque ajudam a compreender o ser humano.

Maria e João apresentaram os significados atribuídos ao psicólogo como profissional de ajuda, entendimento confirmado pela fala de João: “Primeiramente, **Psicologia para mim é algo que você busca ajudar os outros**, eu vou falando pela própria experiência de trabalho. [...] Então **a Psicologia** no âmbito do meu trabalho **é isso, ouvir o outro, ter contato com o outro, vivenciar o problema do outro, buscar formas de cuidar do outro**. E isso eu vi também na grande maioria das teorias psicológicas, nas abordagens como dizem, ouvir, escutar e dar um *feedback*. Então o meu ponto de vista é esse, **ajudar as pessoas em todos os aspectos, na escuta, na fala, nas atribuições de significado, buscando uma forma de a pessoa entender a sua vida, os problemas que ela tem, o porquê determinadas coisas acontecem**, então é isso”. Assim, o psicólogo, para nossos interlocutores, é o profissional que detém o conhecimento psicológico como ferramenta essencial que o capacita a apresentar habilidades e competências relacionadas ao ato de ajudar nas situações desafiadoras, como mencionou Maria; e em todos os aspectos da vida humana, como explicou João.

Em estudo de Magalhães *et al.* (2001), os autores entenderam que os estudantes de Psicologia escolheram o curso por ser uma profissão de ajuda. Esclarecem que estes atribuem à ciência psicológica e ao psicólogo um conjunto de habilidades que podem ser reunidos na capacidade para compreender o comportamento humano, intervindo e produzindo a cura, ajudando o outro. Além disso, os autores constataram que dentre as gratificações com a profissão que foram relatadas, a mais valorizada foi o sentimento de ajudar.

Os sentidos produzidos por Maria e João podem ser explicados por Bortolomasi *et al.* (2008), Leme *et al.* (1989) e Praça e Novaes (2004) ao considerarem que as representações sociais sobre o psicólogo e a Psicologia refletem a visão de uma função assistencialista, ou ainda, do profissional como mago capaz de resolver todos os problemas em curto prazo.

Por outro lado, considerar a Psicologia uma profissão de ajuda, leva-nos a ressaltar sua importância social, como fato constituinte de uma profissão reconhecida socialmente por sua relevância. Nosso interlocutor João resalta a importância da Psicologia como ciência e profissão ao explicar que o trabalho que o profissional exerce é importante e diversificado, conforme o trecho da narrativa a seguir: “Mas a minha visão atualmente do **psicólogo** é de um **profissional extremamente necessário na saúde pública**, ele trabalha com pessoas desde criança, até pessoas em fase terminal, presidiários, ou seja, um grande conjunto de possibilidades. **Então eu vejo um trabalho muito importante para o psicólogo no Brasil**, e não vejo a Psicologia fora desse conjunto de profissionais como médico, enfermeiro, realmente **é importante esse profissional em uma equipe básica**”. Toda ciência e profissão, como a Psicologia, para existir na sociedade, deve apresentar contribuição social e nesse momento João reconhece que o profissional se faz necessário para a sociedade. Brasileiro e Souza (2010) acreditam que surgiram novas demandas sociais para o psicólogo, e isso se deve aos acontecimentos sociais, econômicos e políticos no Brasil, como a luta pela democratização do Estado e a implantação do Sistema Único de Saúde (SUS).

Para Bastos *et al.* (2010, p. 261), embora no Brasil ainda exista grande interesse dos psicólogos pela área clínica, algumas mudanças estão configurando uma “nova cara” para a Psicologia, com destaque para a área da saúde, organizacional, social e jurídica, e a docência.

Freire (2001) nos auxilia a compreender que a Psicologia de hoje se caracteriza pela abertura e democratização do seu sistema global, o que produziu grande diversidade de interesses, pesquisas e correntes ou abordagens teóricas.

O sentido atribuído ao psicólogo, como um profissional importante, é confirmado pelo seguinte depoimento de João, que resalta como o outro, a sociedade, precisa desse

profissional: “A gente hoje vive numa sociedade muito complexa, cheia de tecnologias que a gente sabe que vêm pra melhorar, mas, acaba dificultando e gerando mais problemas para os seres humanos, **realmente hoje é necessário para o ser humano essa atenção, principalmente porque ele se torna cada vez mais solitário, cada vez mais isolado**”.

Para Teles (2001), o psicólogo se torna cada vez mais importante, em cenário que as pessoas não dispõem de tempo para refletir sobre si mesmas, sentindo-se solitárias, vazias e alienadas de modo a precisar deste profissional, o psicólogo, para ajudá-las a desenvolver suas potencialidades.

O presente indicador sobre a Psicologia como ciência e profissão é importante porque apresenta relação com a constituição da identidade profissional, à medida que vão se descortinando seus modos de pensar, sentir e agir como futuros profissionais. O **argumento identidade é articulação entre subjetividade e objetividade**, explicando que a identidade é o processo de identificação do estudante com a profissão à medida que se relaciona com os outros no mundo, conhecendo os saberes e fazeres psicológicos, apropriando-se de significados sociais e atribuindo sentidos sobre o ser psicólogo.

O segundo indicador a que chegamos, aponta “**como o outro vê o ser psicólogo**”, sendo representado por Maria e João. Esse indicador explica que a constituição da identidade é mediada pelas relações sociais e iniciamos apresentando o relato de Maria: “Mas tem os **outros** que falam: ‘Ah! **Que bom que você faz Psicologia**’, ou ‘**Tem que ter muita paciência não é?**’, e ainda ‘**Eu admiro muito quem tem paciência**’. Então tem pessoas que perguntam ‘Você já trabalhou com o que?’, e quando eu falo das minhas experiências com autismo as pessoas falam: ‘Ah, meu Deus, vocês tem muita paciência, é muito lindo’. **É isso que faz eu gostar de fazer Psicologia e foi o que eu já percebi das pessoas**”.

Para Maria, a representação social que as pessoas expressam sobre o psicólogo, é a de que ele precisa ter paciência em sua atuação, característica essencial ao profissional. Essa compreensão do psicólogo constitui o que nossa interlocutora tem percebido nas falas das pessoas e é algo positivo para quem faz esse curso, que a leva a apreciar sua escolha. O sentido que Maria atribui à profissão, pode ser explicado por Leme *et al.* (1989), ao esclarecer que a paciência constitui uma representação que as pessoas costumam associar como característica positiva do profissional psicólogo.

Mas nem sempre esse outro apresenta opinião favorável ao fato de Maria estar cursando Psicologia, como se observa de sua afirmação “Das pessoas que já me perguntaram, algumas fazem cara de que **Psicologia e nada era a mesma coisa**. Como também já falaram:

‘Ah, você vai pra interior? **Porque** [Psicologia] **só serve pra interior**’, ou então: ‘Tu vai trabalhar com o que? Psicologia clínica? **O que é mesmo que você faz?**’. **O meu próprio pai fala isso**: ‘O que é mesmo?’. Eu fico um pouco angustiada porque eu fico: ‘**Meu Deus, as pessoas não sabem ainda o que é a Psicologia de fato**’ Mas ao mesmo tempo eu vou explicar como é”.

Nossa interlocutora se depara com pessoas que desconhecem o papel do psicólogo e a importância desse profissional, incluindo o outro significativo, o pai, gerando sentimento e angústia. O desconhecimento resulta em entendimento reduzido e falho sobre as possibilidades de atuação. Para Maria, o outro possui papel importante para dimensionar os significados sociais da profissão. Um significado atribuído ao profissional psicólogo foi o de que somente existem oportunidades de mercado nas cidades menores, na prestação de serviços comunitários no âmbito da Assistência Social ou da Saúde, por meio de programas federais que ajudaram a expandir a atuação psicológica para clientela menos favorecida.

Os autores Negreiros e Silva (2008, p. 435) afirmam que a Psicologia, no Piauí, poderia ser considerada uma “ciência criança de apenas dez anos de idade”, o que nos ajuda a compreender o desconhecimento, ainda presente, sobre o ser psicólogo no Estado. Aliado a isso, existe ainda o aumento da interiorização da profissão no país, pontuado por Bastos, Gondim e Andrade (2010), incentivado pela oferta de empregos nos programas governamentais. Assim, o psicólogo acaba sendo empurrado para trabalhos comunitários nas cidades do interior, pois os programas governamentais repassam recursos financeiros especialmente para sua contratação.

Para Bortolomasi *et al.* (2008), as pessoas se mostram pouco esclarecidas sobre o profissional e o objeto de estudo da Psicologia, explicando que isso se deve à própria natureza desta ciência e à complexidade de seu objeto de estudo. O autor sugere ainda que o desconhecimento da profissão abre campo fértil a ser cultivado pelos estudantes de Psicologia na comunidade, uma oportunidade de esclarecer as pessoas sobre as competências do psicólogo e suas possibilidades de atuação. Ressaltamos que existem consequências negativas resultantes deste desconhecimento, como a existência de muitas representações irrealistas sobre o profissional e a ciência.

João, ao nos contar suas vivências na universidade, expressa como a fala do outro está presente para a atribuição de sentidos sobre o ser psicólogo, como no relato: “A questão dos **professores** que inicialmente não cumpriram seus objetivos, faltaram muito, sem falar das **críticas**, que é outro ponto forte, **a gente ouvir** [dos professores] **que a Psicologia é uma**

área ainda muito fraca, no sentido de emprego, no sentido de muitos outros profissionais não reconhecerem a sua função principalmente em escolar. Na (Psicologia) hospitalar é que está conseguindo ter o espaço, mas a gente ouvia muito isso, que **o psicólogo não era**, me faltou a palavra. **Reconhecido!** E a questão dos salários baixos que realmente não motivavam”. O outro, nesse momento é representado pelos professores que criticavam a Psicologia no que tange a oportunidade no mercado e sobre o reconhecimento social do profissional.

Então, Maria apresenta o discurso do outro representado pelo pai ou outras pessoas com as quais ela vai se relacionando, mobilizando-a a sentir-se angustiada, enquanto João apresenta o discurso do outro como representante da Psicologia, os professores, que gerou nele um sentimento de desmotivação. Compreendemos que a forma como João vivenciou a relação com os professores durante a graduação o levou a perceber um quadro pouco atrativo da Psicologia, com falta de reconhecimento social e poucos empregos.

Relatando suas vivências na graduação, Maria expressa como o outro vê o psicólogo: “Quanto à Psicologia na UESPI, eu ainda acho um pouco esquecida, porque tem os outros cursos, como Medicina, e a gente sofre por causa de sala. **A gente sofre por causa de piadinha também, dizendo que a gente só vai se formar pra trabalhar com autoajuda.** ‘Ah, vocês só vão se formar pra poder ajudar os outros’. É um pouco chato”. Para a interlocutora, o outro vê a atuação do psicólogo como autoajuda, reiterando os sentidos atribuídos à profissão, que não é reconhecida socialmente. Esse olhar também produz sentimento negativo em nossa interlocutora, que sofre ao deparar-se com comentários preconceituosos.

Mas não é recente a associação entre Psicologia e a autoajuda. Leme *et al.* (1989) e Bortolomasi *et al.* (2008), sobre a representação social do psicólogo, ressaltam que ele é desacreditado quanto aos conhecimentos de que dispõe para sua atuação, estando relacionados à literatura de autoajuda. Praça e Novaes (2004) também identificaram que o psicólogo é pouco reconhecido como cientista, e a sua atuação é associada a práticas alternativas ou terapias de autoajuda, o que vem a desqualificar o serviço prestado pelo profissional, que é científico.

Ainda sobre o olhar do outro sobre o *fazer psicológico*, João explica que a sociedade tem reconhecido a possibilidade do psicólogo ajudar as pessoas, mesmo em relação a simples problemas quando narra: “Ainda assim acho que **a sociedade ainda vê o psicólogo como aquela pessoa que resolve os problemas.** No meu trabalho no CAPS eu realmente recebo

pessoas com problemas mentais, ou por problemas familiares, mas eu também recebo pessoas que vão porque o vizinho foi e acha que também necessita. Então **tem realmente esse choque de a pessoa pensar em ir pro psicólogo por uma simples preocupação**". Recentemente empregado, é pelo agir mediado pela relação com o outro que nosso interlocutor produz sentidos sobre o ser psicólogo como o profissional que resolve problemas de toda ordem. No estudo de Leme *et al.* (1989, p. 33), a representação social da atuação do psicólogo remete ao profissional com "super-poderes para solucionar problemas". Em nosso entendimento, esse resolver problemas remete à forma como o psicólogo pode ajudar as pessoas em seu trabalho, e assim, fazemos nossas as palavras de Bock (1991, p. 205) sobre a atuação do psicólogo: "a prática não ultrapassou a prática da ajuda". A fala de João ressalta claramente que o psicólogo ainda é visto como o profissional que resolve problemas e o saber psicológico reflete sua característica poderosa para ajudar em simples preocupações.

Dubar (2005) nos auxilia a compreender que a constituição da identidade somente pode ser entendida, mediante a dualidade identidade para o outro e identidade para si, por meio dos mecanismos de identificação. A identificação utiliza categorias socialmente disponíveis, por meio dos atos de atribuição, que definem o ser psicólogo e os atos de pertencimento, definindo que psicólogo você quer ser. Assim, entendemos que o olhar do outro significativo sobre o ser psicólogo, relacionamos aos significados sociais construídos historicamente, e instigam Maria e João pensarem sobre esse olhar do outro, buscando se reconhecerem ou não.

O terceiro indicador **Reconhecendo o psicólogo: clínico e médico de loucos** expõe os sentidos de Maria e de João a respeito da atuação do psicólogo na área clínica. Embora apenas João faça referência ao psicólogo como médico de loucos, optamos por discutir essa temática nesse indicador porque conforme Leme *et al.* (1989), a atuação na área clínica torna possível a aproximação da psiquiatria.

Iniciamos nossa análise pelo trecho da narrativa de Maria "[...] **eu via mais a Psicologia como aquela coisa Clínica**, mais a psicóloga analisando. **Só isso, eu não tinha conhecimento das outras áreas**. Só da [Psicologia] escolar que eu tinha conhecimento, mas das outras eu não conhecia".

Com esse entendimento, Maria esclarece que via a atuação do psicólogo restrita ao atendimento em consultório, mesmo que soubesse da existência da atuação na área escolar. A formação inicial, nesse sentido, foi ampliando seus conhecimentos sobre o ser psicólogo e

com isso novos significados foram aprendidos e novos sentidos foram produzidos, o que descortinou para nossa interlocutora a multiplicidade das áreas de atuação.

Evidencia-se no relato de Maria, seu desconhecimento sobre a multiplicidade de atuações do psicólogo. Bortolomasi *et al.* (2008) nos ajudam a compreender que na sociedade ainda existe muito desconhecimento sobre o objeto de estudo da Psicologia e as formas de atuação profissional, predominando o entendimento do psicólogo como orientador, pessoa que ajuda e aconselha, atividades relacionadas ao psicólogo clínico.

Nosso interlocutor, João, por meio do resgate de suas vivências, reitera os sentidos atribuídos sobre o psicólogo ser clínico ao expressar: “Então, eu acredito que já estar gostando do **estágio em clínica**, é muito bom, muito interessante, realmente **de todos os estágios que eu já fiz, é o único que a gente é visto como tal, como psicólogo**”, assim, ele vai produzindo sentidos sobre a profissão, que a atuação na clínica é mais reconhecida pela sociedade que outras áreas.

Para João, além desse reconhecimento do outro sobre o profissional como clínico, ele revela que o estudante também se sente mais psicólogo: “**Como clínico**, realmente, até mesmo o próprio estudante quando está lá na sua mesinha, com seu caderninho de anotações, realmente ali eu acho que é, na minha opinião acho que realmente pelo que a gente ouve no decorrer do Curso [pausa] é... **É mais reconhecido. E acho que aí realmente surge aquela identidade do psicólogo, enfim, é um estereótipo que no final das contas acaba sendo a representação até mesmo do estudante.** Por exemplo, na escola eu não me vi como psicólogo escolar, na comunitária já vi o CAPS, CRAS, tem um trabalho bem mais desenvolvido, mas **na clínica eu acho que é assim o topo**”. Consideramos esse relato de João muito significativo. Para Dimenstein (2000, p. 104), a maioria dos estudantes que fazem o curso de Psicologia no país, aspira ao ideal liberal de atuar junto a classe média urbana, além de obter a formação para a clínica, no modelo de atendimento individual. Segundo a autora, essa “imagem da profissão”, é a mais reconhecida e valorizada pela categoria e pelo público leigo.

Mesmo considerando um estereótipo, nosso interlocutor entende que a imagem do psicólogo clínico define a identidade do profissional da Psicologia. As vivências, na formação inicial, continuam sendo importantes no processo de reconhecimento do ser e do fazer psicológico, à medida que oportunizaram a João considerar que a atuação em consultório é tradicional, com um corpo de conhecimentos e práticas psicológicas mais consolidados ou desenvolvidos, sendo, por isso, considerado sinônimo de sucesso. O que é enfatizado pelo

posicionamento de Bock (1999) sobre a atuação na área clínica, caracterizada pelo trabalho de consultório, ser considerada elitista.

João expressa ainda a relação entre o psicólogo e o médico de loucos como outro aspecto que identifica o ser psicólogo a ser discutido: **“O povo, de forma geral, está vendo que o psicólogo não é aquele “médico de loucos” [faz sinal de aspas], algo como um estereótipo, o pessoal ia em cima da Psicologia, mas hoje não. Hoje eu vejo que a Psicologia está abarcando todas as classes, todas as idades.** Eu estou gostando muito de ser psicólogo. **Bom, quando eu entrei pensava assim** também, mas **algumas coisas apareceram e outras se dissiparam.** Mas faz parte de qualquer iniciante em uma profissão. **Essa visão de que o psicólogo é um profissional que trabalha com loucos se modificou.** Com os cinco anos de curso e no trabalho, **a profissão é algo como um bolo e essa parte seria uma pequena fatia do que a Psicologia pode abarcar”.** Como o ser humano atua e constitui o social, sendo por ele constituído, igualando-se e se diferenciando, é interessante notar como nosso interlocutor inicia sua fala, explicando que a sociedade reconhecia o psicólogo como “médico de loucos”, entretanto, terminando por se reconhecer nessa atribuição a profissão, pois revela que também partilhava desse significado social. João esclarece que, por meio de suas vivências com a profissão, esse significado social foi transformado e ele compara analogamente a profissão a um “bolo”, ou seja, seara mais ampla, com saberes e fazeres psicológicos, no qual a atuação no âmbito da Saúde Mental constitui um dentre os tantos fazeres.

O sentido atribuído ao psicólogo como clínico e como médico de loucos, levam-nos a buscar explicações que remontam à própria história da Psicologia no Brasil, cuja lógica desenvolveremos sucintamente. Conhecemos que, mesmo antes da regulamentação da profissão e do curso de formação superior, o profissional psicologista (técnico) já era visto como profissional liberal (BERNARDES, 2004). Assim, consideramos psicólogo clínico aquele que atua preferencialmente nos consultórios particulares, atendendo a clientela individualmente, trabalhando como profissional liberal.

Concomitantemente, surge o fenômeno designado por Dimenstein (2000) de “cultura *psi*”, que corresponde à disseminação da lógica intimista e individualista, que transformou demandas sociais e políticas em demandas psicológicas. Em outras palavras, esse modelo foi disseminado na cultura, e passou a ser considerado modelo hegemônico para atuação do profissional.

Assim, os primeiros currículos dos cursos garantiam a formação de profissional liberal, priorizando o atendimento individual ao cliente nos moldes do modelo médico de consultório (SOUZA; CHECCHIA, 2003). Diante do exposto, concordamos com Leme *et al.* (1989), ao afirmar que a atuação na área clínica torna possível a aproximação da psiquiatria. Dentre as profissões existentes, a medicina continua sendo uma das que apresentam maior valorização e reconhecimento social, e, dentre as especialidades apresentadas, a psiquiatria revela maior proximidade com a atuação do psicólogo clínico, pelo atendimento a pessoas que sofrem transtornos mentais, proporcionando à Psicologia maior reconhecimento. Dentre as semelhanças no trabalho do psicólogo e do psiquiatra na saúde mental, percebemos que ambos profissionais devem apresentar conhecimentos sobre o funcionamento psíquico e habilidades para intervir nos casos de transtorno mental.

Assim, esse significado sobre o ser psicólogo clínico é mais reconhecido e valorizado pela categoria e pela sociedade. Bock (1991, p. 197) explica a manutenção desse modelo, ao esclarecer que o mercado “empurra” os profissionais da área para o consultório na intenção em obter remuneração digna, autonomia e oportunidade para fazer um bom trabalho. Para a autora, a categoria parece definir sua identidade de psicólogo através da atividade no consultório, como um trabalho mais nobre e mais de psicólogo, o que torna a atuação mais atrativa.

De acordo com Silveira (1998), diferente do que se esperava pela categoria profissional, a clínica continua sendo a área preferida dos psicólogos. A clínica expandiu seu campo de atuação, e estes passaram a desenvolver o raciocínio e a escuta clínicos, nas áreas pouco exploradas.

Segundo Brasileiro e Souza (2010), há consenso que a Psicologia não se restringe ao modelo clínico, baseado em aspectos intrapsíquicos, e que se discute a importância de um trabalho social.

O argumento identidade é pressuposição e reposição, possibilitou compreendermos que o pressuposto do papel do psicólogo como profissional clínico, foi, por muito tempo, repostado pelo grupo social. As falas dos nossos interlocutores revelaram que ocorre o rompimento dessa reposição e construção do processo de mesmidade, isso porque Maria e João atribuíram sentidos sobre o ser psicólogo como profissional que pode atuar em outras áreas como comunitária, jurídica, escolar, dentre outras.

A Psicologia, como ciência e profissão, caracteriza-se pela enorme diversidade de correntes teóricas e áreas de atuação. Em decorrência dessa diversidade, os interlocutores

Maria e João apontam para a multiplicidade de olhares, o olhar do outro, bem como o do próprio estudante, sobre o ser psicólogo. Dessa forma, o presente núcleo apresentou conteúdos temáticos, que expressam sentidos que constituem as identidades de psicólogo dos sujeitos.

A atividade do psicólogo, de acordo com o que foi apreendido dos interlocutores, corresponde ao estudo dos aspectos subjetivos presentes no comportamento humano; ao saber ouvir, orientar e compreender os problemas; ao ajudar a resolver problemas; ao trabalho importante para a sociedade; ao ter paciência e a atuação em diversos setores sociais. Outros entendimentos que compõem os sentidos atribuídos ao profissional referem-se: ao desconhecimento da sociedade sobre quem ele é e o que faz, a desvalorização profissional e ao psicólogo como clínico.

Ao discorrer sobre os sentidos do ser psicólogo, apreendemos que **o argumento identidade é articulação entre igualdade e diferença** mediou a compreensão sobre o ser psicólogo como processo identitário. Pois, Maria e João vão se igualando e se diferenciando, conforme suas interações com os outros no contexto da formação inicial que constitui forma de socialização secundária. Esse processo identitário permitiu aos interlocutores se reconhecerem e serem reconhecidos no mundo do trabalho do psicólogo e da Psicologia como o que são, o que não são ou o que poderão vir a ser.

As categorias mediação, historicidade, consciência e sentido e significado possibilitaram compreender os sentidos como processo identitário. A categoria mediação foi importante, porque permitiu apreender o movimento de constituição da identidade profissional que se deu por meio de relações contraditórias. A mediação foi responsável na explicação da relação mundo objetivo e mundo subjetivo dos interlocutores, pois possibilitou compreendermos que eles apresentavam alguns entendimentos, a partir dos significados sociais sobre a Psicologia e o psicólogo, sobre os saberes e fazeres psicológicos que foram sendo transformados, produzindo sentidos sobre o ser psicólogo. Então, Maria e João construíram e desconstruíram os modos de ser, pensar e agir referentes a Psicologia como ciência e profissão.

A categoria historicidade nos ajuda a compreender que a identidade profissional de nossos interlocutores, é determinada pelas condições materiais da profissão no meio social, mas, ao mesmo tempo, eles produzem a história da Psicologia no Estado e no país. Desde o início de suas vivências na graduação, Maria e João foram se transformando, apreendendo significados sociais sobre o ser psicólogo e atribuindo sentidos. A identidade, por ser

metamorfose, lida com as três dimensões temporais, as quais Maria e João precisaram integrar: quem foram, quem são e quem serão como psicólogos. Produzindo novos sentidos, buscando construir seus projetos profissionais, que são constituídos pelo social.

A categoria consciência nos leva a refletir sobre a importância da construção da consciência crítica sobre o ser psicólogo, que ocorre através da interiorização de uma atividade socialmente desenvolvida, ou seja, baseada na interação social, na cooperação. Com isso, entendemos que Maria e João, para tornarem-se psicólogos estiveram, mediante suas vivências, em processo de desenvolvimento de suas consciências.

As categorias sentido e significado estiveram presentes em toda a discussão, sendo consideradas em nosso estudo como processo identitário, possibilitaram compreender que a identidade profissional dos interlocutores foi mediada pela apreensão dos significados referentes ao ser psicólogo, produzindo novos sentidos.

5.3 Formação inicial e as possibilidades de identificação

O núcleo “**formação inicial e as possibilidades de identificação**” deu-se pela articulação dos indicadores, que expressam de diferentes formas algumas das mediações da formação inicial na constituição da identidade profissional, de Maria e de João. A interpretação do núcleo está organizada por meio dos seguintes indicadores: **o estágio supervisionado mediando o conhecimento da realidade social e oportunizando atuações; O vir a ser psicólogo: o estágio mediando a identificação ou não; a supervisão de estágio: a importância do outro na aprendizagem do estudante; o *feedback* na atividade de estágio: quando o outro fica satisfeito e limites e possibilidades da formação inicial.**

A formação inicial em Psicologia corresponde à parte do processo de desenvolvimento profissional do psicólogo e, conseqüentemente, momento crucial na constituição da identidade profissional. Um dos momentos mais importante na formação em Psicologia são os estágios (VILELA, 1996; AGUIRRE, 2000; MAZER; MELO-SILVA, 2010). Entendemos que durante suas vivências na graduação, o estudante vai aprendendo o papel do psicólogo. Nesse sentido, os estágios constituem momento de agir como profissional da área, para que eles produzam novos sentidos sobre o papel do psicólogo, ressignificando-o e transformando a si mesmos e a realidade.

Para Ciampa (2005), o indivíduo é o que faz, ou seja, é atividade no mundo sempre em relação com os outros. Então, para tornar-se psicólogo, a formação pode não ser o único

determinante, mas constitui um dos primeiros momentos para que os alunos apresentem as primeiras identificações. É quando o jovem vai vivenciando situações formativas para desenvolver a consciência de si mesmo, como psicólogo.

Nesse sentido, os indicadores que constituem o núcleo, revelam alguns dos aspectos que mediaram a identificação dos interlocutores, com o ser psicólogo. Os indicadores expressam que Maria e João manifestaram diferentes modos de construir significados e sentidos, apresentam alguns dos aspectos que determinam a constituição da identidade profissional.

O primeiro indicador é: **“o estágio supervisionado mediando o conhecimento da realidade social e oportunizando atuações”**, cujos conteúdos temáticos presentes sinalizam para a riqueza de vivências que o estágio proporciona aos estudantes universitários. Maria e João representam esse indicador e revelam que, no estágio, puderam conhecer e agir em realidades sociais diferentes das que conheciam.

Os estágios supervisionados durante a graduação, de acordo com as Diretrizes (2004, p. 11), “[...] visam assegurar o contato do formando com situações, contextos e instituições, permitindo que conhecimentos, habilidades e atitudes se concretizem em ações profissionais”. Para Vilela (1996) e Badargi *et al.* (2008) o estágio é considerado pelos alunos como a parte positiva da formação, momento em que se aprende a ser psicólogo.

Iniciamos pela narrativa de Maria: **“Aí, o que eu tiro de positivo é isso. É o contato mesmo com os adolescentes de periferia.** A maioria já assassinou alguém. Ou usam drogas. Ou as meninas já são prostitutas. **A gente tem que lidar com uma situação bem diferente, uma realidade bem diferente da nossa”**. Esse discurso expressa a importância do estágio, como mediador do conhecimento da interlocutora sobre essa realidade, à medida que ela se reconhece igualmente como jovem, mas reconhece a diferença das vivências desses outros adolescentes, haja vista as condições sociais e econômicas que estão sujeitos.

O estágio supervisionado em Psicologia, segundo Comim, Souza e Santos (2008), constitui uma experiência que propicia o desenvolvimento de habilidades e a constituição da identidade profissional, mediada pela rotina de atividades, desafios e reflexões do graduando em relação a realidade profissional futura. O confronto entre a realidade social de Maria e a realidade social do público atendido, que compõe o mundo em que o psicólogo precisa agir, levou Maria a pensar sobre as diferenças sociais entre ela e as pessoas com as quais se relacionou.

O estágio oportunizou que Maria refletisse sobre as possibilidades de ação na realidade, conforme se evidenciou na fala: “A gente teve **contato com crianças com autismo, incluso lá na sala regular**, junto com **TDAH** junto com **crianças que vieram do Japão e outras dos EUA**. Então foi assim, muito, muito desafiador a gente ter que montar grupos [de habilidades sociais] e tinha um que falava japonês e não entendia o que a gente falava. E tinha o que era **Autista Asperger** que era muito zangado, estressado e falava muito. Então **a gente teve que usar**, eu acho que na hora só **uma mágica pra poder conseguir trabalhar em grupo com eles. E isso foi bem desafiador**”. Maria explica que em seu estágio curricular, em Psicologia Escolar, pode conhecer a dinâmica de uma sala de aula, com os desafios da inclusão de alunos, com casos específicos, em sala regular. Nossa interlocutora desabafa que a peleja era tão grande, que não compreende como conseguiu intervir nessa realidade, alegando que usou “uma mágica”.

Barbosa e Ulup (2010) nos ajudam a entender que a atuação como estagiário oportuniza o desenvolvimento da consciência sobre a profissão e ainda viabiliza construir e afirmar uma proposta de exercício na área em si. Assim, mediante a compreensão de Maria sobre o papel do psicólogo, ela e seu grupo conseguiram desenvolver atividades, no sentido de enfrentar o desafio de lidar com demandas tão diferentes.

João também representa esse indicador afirmando: “A comunitária é bem interessante, **você vê os problemas e vê a origem, aí pode estar fazendo um trabalho mais complexo**, grande, não só no sentido individual como na clínica, mas um **trabalho que envolve a população**, um conjunto. E além do mais, **na comunidade, a gente também está aprendendo**. É algo bem interessante, porque, você chega lá naquela **comunidade carente e pobre e não tem como não estar transmitindo conhecimento**. Ao mesmo tempo, você conhece a riqueza que é aquela comunidade, e **você também pode estar aprendendo**. Na comunidade estou fazendo visitas, estou conhecendo pessoas e realmente **eles dão cada lição de vida** que a gente pode estar aprendendo muito com eles”. O interlocutor inicia relatando a complexidade do fazer psicológico na comunidade, sendo mais abrangente que a área de clínica, e vai evidenciando que a atividade nessa área implica que existe reciprocidade na aprendizagem com a clientela. O trabalho na comunidade apresenta, para João, aspectos dialéticos que o envolveram no fazer psicológico, ao se deparar com a riqueza dessa realidade em que poderia aprender, mas também, ensinar a comunidade.

Outro relato fornece indícios de que sua atuação, agora na realidade do hospital, fomentou o conhecimento dessa realidade e também viabilizou novos aprendizados,

instigando a reflexão sobre a atuação do psicólogo nessa área: “**Hospitalar também foi positivo**, apesar de, no início, a gente teve problemas burocráticos, mas no final conseguimos. [...] Eu também considero um bom trabalho que, inclusive, **foi um dos estágios, além da clínica e da organizacional, que melhor está sendo proveitoso para mim**. Eu estou colocando muito do que aprendi em Hospitalar na minha prática. Eu me lembro da última supervisão que a professora perguntou o que aprendemos, e **eu aprendi na hospitalar a escuta e a grande resistência que as pessoas apresentam naquele ambiente. Para uma pessoa que não conhece, o hospital é hostil**. Eu convivi com pessoas que estavam lá há meses, anos para fazer o tratamento e têm uma resistência muito forte. Eu me questionei se a pessoa aprende aquela resistência, ou, se o corpo, juntamente com o psiquismo criam essa resistência para a pessoa suportar aquela vivência que para qualquer pessoa, digamos: “normal” [faz sinal de aspas com as mãos] seria dolorosa. **Eu aprendi muito na Hospitalar, é muito difícil, mas foi uma experiência muito boa**. Então para falar a verdade o segundo semestre foi bem mais produtivo que o primeiro”. João explica a relevância do seu aprendizado nesse estágio para sua vida profissional. Ao vivenciar a atividade do psicólogo no hospital, ele vai lidando com o sofrimento do outro, observando, mas também participando dessa realidade, buscando, como futuro profissional, colocar-se no lugar desse outro, e refletindo sobre as explicações psicológicas para justificar o comportamento resistente dos pacientes. Assim como Maria, ele ressalta as dificuldades encontradas na realidade referentes a essa área de atuação, ao mesmo tempo em que esclarece que considera uma vivência positiva.

Os dois últimos relatos de João revelam que a vivência no estágio propicia a aprendizagem. Na comunidade, existe a reciprocidade, pois, em relação com o outro, ele aprende e ensina. No hospital, ele aprendeu com a dor do próximo, com a realidade vivida naquele espaço. Fernandes (2008, p. 27), ajuda-nos a compreender que “[...] o estágio deve ser uma prática de interação dialética com o saber, em que as questões advindas das situações vivenciadas devem contribuir para estimular a comprovação prática, constituindo, portanto, um movimento dialético e de integração”.

O presente indicador estimulou que reconhecêssemos o **argumento: identidade é a articulação entre subjetividade e objetividade**. Para Ciampa (2005, p. 208): “Se o desenvolvimento da identidade dependesse apenas da subjetividade, ficaria menos difícil (embora não fácil), mas depende também da objetividade”. Esse argumento nos possibilita compreender que a construção da identidade profissional de Maria e de João depende das

condições objetivas. Contudo, na realidade vivida, isto é, nos estágios supervisionados, eles entram em ação, e transformam as condições de existência e a si mesmos. Os interlocutores produzem a si mesmos, concretizando suas identidades.

O próximo indicador: “**O vir a ser psicólogo: o estágio mediando à identificação ou não**”, apresenta alguns conteúdos temáticos que reiteram que a identificação com o ser psicólogo é, de fato, intermediada pelo estágio. Nesse ínterim, as falas expressam que a constituição da identidade profissional é mediada pelo pensar, sentir e agir de Maria e de João, à medida que vivenciam a formação inicial.

O estágio, entre outras coisas, oportuniza que o aluno se reconheça como psicólogo, e os relatos dos interlocutores revelam que os sentimentos despertados em suas vivências, possuem íntima relação com a identificação ou não com a profissão. Para Maria e João, as constatações sobre a valorização do profissional, assim como as vivências positivas no estágio vão constituindo a identidade profissional, como metamorfose.

Esses aspectos podem ser evidenciados por meio da seguinte fala de Maria: “A escola foi bem aberta e **a gente se sentiu valorizado com a profissão da gente, mesmo a gente sendo só estudante** ainda. **A gente já viu que era um campo que a gente se identificou. Acredito que seja mais também pelos profissionais da escola, que eles foram muito abertos**, Ave Maria! Todo mundo, professores. Todos”. Assim, o sentimento de valorização esteve presente nessa vivência, levando a estagiária a reconhecer-se na Psicologia quando fala “a profissão da gente”, mesmo que depois ela explique que ainda é estudante. Maria atribuiu seu sentimento de valorização a profissão devido à recepção pelos professores e profissionais da escola. Entendemos que esse estado afetivo positivo pode ter sido um dos determinantes na identificação dela com a área, e, por conseguinte, com o ofício.

Se a escolha de Maria pela área foi orientada por motivos compreensíveis - como a falta de opção, curso em IES pública, curso feminino e interessante, percebemos que na formação inicial, em especial o estágio na escola, fizeram-na produzir novos motivos para continuar estudando Psicologia, e, com isso, produzir sentidos sobre ser psicólogo, que coadunam com seu significado social. Ela pode sentir-se psicóloga e imaginar-se desempenhando esse papel na escola.

A partir dos relatos dos interlocutores, compreenderemos que o sentir-se valorizado no estágio corrobora para a identificação com determinadas áreas de atuação. Como verificado na fala de Maria: “Assim, **nos estágios ou em qualquer lugar que a gente se apresente**, pelo menos comigo, em todos **eu fui bem recebida**, as pessoas gostam de

conversar, conversa, conversa, conversa. **Então a gente começa a praticar mesmo, a gente tenta se sentir como uma psicóloga. Não só uma estudante**”. Podemos observar o movimento de metamorfose vivenciado por Maria ao realizar os estágios. Para ela, que sempre se sentiu bem recebida nos locais de estágio, ou onde quer se apresentasse como estudante de Psicologia, aquele constitui a parte prática do curso. Esse praticar, esse agir, materializa para Maria o reconhecimento de si mesma como psicóloga e não apenas uma estudante.

Para Martins (2012), a construção e o fortalecimento da identidade profissional, assim como, o desenvolvimento das convicções em relação à profissão, estão ligados às condições de trabalho, ao reconhecimento e à valorização profissional. Ressaltamos que o estágio, de acordo com Lazzarini *et al.* (2004), permite ao aluno de Psicologia, vivenciar o pressuposto de um papel profissional. Assim, entendemos que este período de prática, para Maria, possibilitou aprender o papel de psicólogo, e vivenciar o reconhecimento social que esse profissional recebe da sociedade.

João parece também se identificar com a profissão, ao analisar o reconhecimento do trabalho do psicólogo em algumas áreas de atuação: **“É mais reconhecido [Como clínico]. [...] Por exemplo, na escola eu não me vi como psicólogo escolar. Na comunitária já vi que no CAPS, e no CRAS, tem um trabalho bem mais desenvolvido, mas na clínica eu acho que é assim o topo**”. O estágio profissionalizante mediou a não identificação com a Psicologia Escolar, entretanto, possibilitou a João reconhecer-se como profissional na comunidade e na clínica. Nesse fazer Psicologia, proporcionado pelo estágio, João atribuiu sentido pessoal ao papel de psicólogo comunitário e ao de psicólogo clínico, entendendo a primeira como tendo um trabalho mais desenvolvido e a segunda como sendo o topo das possíveis atuações, evidenciando a elitização dessa atividade.

Bock (1991) explica que a atuação na clínica possibilita um trabalho contínuo, profundo, com resultado visível e que é responsável pela sobrevivência financeira. Por outro lado, ressalta que o trabalho se torna pouco abrangente e elitista. Mais que isso, o consultório parece estar ligado à imagem do profissional da área. Segundo a autora, nas instituições, a atividade do psicólogo é mais difícil, porque a clientela não conhece o fazer psicológico. Com isso, inferimos que nosso interlocutor possa ter se sentido mais psicólogo na atuação clínica, por ser mais reconhecido e valorizado socialmente como tal.

Entendemos que durante as vivências na formação inicial, nossos interlocutores, por meio de sua atividade, foram se identificando ou não com o ser psicólogo. Assim, sentimentos

foram surgindo, identificando o par dialético gostar e não gostar, que também mediaram a constituição da identidade profissional de Maria e de João.

Maria e João revelam que a constituição de suas identidades profissionais passa por constantes transformações, que dependem intimamente das vivências experimentadas na graduação, sendo difícil compreender exatamente as áreas com as quais se identificam ou que gostariam de atuar. Para eles, pode ser mais fácil compreender o que não querem, do que o que querem, esse caráter contraditório foi evidenciado a partir da fala de João: **“A questão da clínica está sendo bem interessante, e de comunitária. Escolar, apesar de eu não ter gostado, mostrou que é uma área que eu não quero, então se você já sabe o que quer, tem uma tendência para saber o que não quer”**.

Maria deixa claro essa contradição, ao explicar com certeza o que não quer, para depois, explicar quais áreas gostaria de atuar: **“É difícil falar do que eu quero. É mais fácil falar do que eu não quero: Jurídica e Hospitalar, com certeza. Agora das outras áreas que eu já vivenciei e que gostaria de atuar é Organizacional, em segundo a Escolar e em terceiro lugar a Comunitária”**.

Por meio dos relatos de Maria e de João, pensamos no jogo de palavras que expressa a dialética da negação: pode ser pelo não que se encontra o sim. Ao estagiarem, ou seja, através do agir, puderam ter sentimentos (in)satisfatórios e, assim, o não gostar e o gostar mediaram a constituição de suas identidades profissionais, que estão em um eterno via a ser, em movimento, como metamorfose. Não significa que em outro momento de suas vidas não possam mudar de sentimentos sobre determinadas áreas de atuação, mas que suas vivências até o momento os instigam a buscar alguns caminhos em detrimento de outros, e assim seguir suas carreiras profissionais, buscando pelas atividades que gostem mais, a fim de conseguirem se identificar.

A importância dos estágios como processo identitário pode ainda ser observada na seguinte fala de João: **“Por já estar atuando, e não mais só estar fazendo observação em estágio, por estar na parte de intervenção, eu já estou me vendo em algumas situações como profissional e não querendo me ver em outras. Por exemplo, concluí o estágio em escolar e eu realmente não quero trabalhar em escolar, é uma área que eu não me identifiquei. [...] Então, eu acredito que já estar gostando do estágio em clínica, é muito bom, muito interessante, realmente de todos os estágios que eu já fiz, é o único que a gente é visto como tal, como psicólogo”**. Esse momento do curso, onde o estudante é chamado a agir, possibilita a mediação do processo dialético identitário: ser para si e ser para o outro, João

passa a se reconhecer como profissional, identificando-se com determinadas atuações do psicólogo e ao passo em que com outras não.

Barreto e Barleta (2010) auxiliam-nos a reconhecer que o estágio supervisionado constitui o primeiro passo para a inserção no trabalho profissional e, por isso, considera-se que esse momento da formação inicial é transitório na busca pelo papel a ser assumido. João, ao estagiar, teve a possibilidade de desempenhar vários papéis do psicólogo, e cada papel que encarnava, mediava o mecanismo de identificação com a profissão, assim, ele ia se reconhecendo e assumindo o papel em determinada área, ou não se reconhecendo em outras áreas de atuação do psicólogo.

Sobre o movimento de constituição das identidades, percebemos que Maria e João vivenciaram os estágios de modos diferentes. Maria já definiu as áreas em que não gostaria de atuar e as áreas em que gostaria. Entretanto, sua relação com a área clínica parece confusa: **“O de Clínica já foi meio complicado, porque, quando eu comecei, eu estava muito envolvida com Educação Especial, voltada pro autismo. [...] E eu queria escolher minha abordagem em relação ao que eu via que era comportamental, mas como eu estava no estágio extra, e eu tinha que adequar meus horários, não ia dar certo ficar num horário disponível no da professora de comportamental. Então o que foi que eu fiz? Eu arrisquei e pensei: Eu estou precisando do meu estágio extra, então eu vou escolher um estágio qualquer de clínica que dê pra mim, de qualquer forma eu não vou estar perdendo e se eu não gostar, eu faço uma especialização da que eu sempre quis. Então eu fui aberta pra Gestalt. Fui parar na Gestalt e lá eu vi que autismo não dá pra trabalhar, mas eu fiquei mesmo assim e acabei sendo conquistada e gostei muito! Gostei mesmo e aí também logo eu saí do meu estágio extra que era esse de autismo e passei a me envolver muito com a Gestalt. Mas eu não excluí o autismo da minha vida. Foi bem desafiador, porque, eu confesso, que eu nunca tinha estudado muito Gestalt e aí eu ainda fui estudar, fui procurar ver a relação de autismo pelo menos pra ver se eu gostava”**.

Maria relata seu interesse pela atuação com crianças que tem autismo, no estágio extracurricular em uma escola. No momento de escolher a turma para o estágio em clínica, de acordo com a abordagem, revela que tinha interesse pela comportamental, porém os horários estavam incompatíveis, dificultando a conciliação com o seu trabalho na escola, levando-a a escolher outra linha de abordagem, afirmando que poderia complementar sua formação com alguma pós-graduação. Ela explica que precisou estudar sobre Gestalt.

Em outro momento, ela conclui: “**Agora eu me vejo na clínica**, com a Gestalt mesmo, normal. **Eu gostei da clínica e não gostava antes**”. Aqui, percebemos o movimento de metamorfose, em que seus sentimentos negativos transformam-se qualitativamente, e ela consegue identificar-se com a área clínica.

Reiteramos, no presente indicador, a partir das falas de Maria e de João, que a identificação com a profissão, depende do pensar, sentir e agir nas vivências da formação inicial, sempre mediado pela relação com o outro. O homem produz a si mesmo. Dessa forma, os interlocutores revelam que as experiências como estagiários possibilitaram que fossem se reconhecendo em determinados papéis profissionais e não se reconhecendo em outros.

Diante do exposto, o **argumento identidade é pressuposição e reposição** - para Ciampa (2005), ou analogamente, atribuição e reconhecimento para Dubar (2005), ajuda-nos a entender que, é pressuposta uma identidade de psicólogo, que é repostada a cada momento. Ou seja, a identidade é entendida como o próprio processo de identificação e, assim, Maria e João mediados por suas vivências, puderam compreender os papéis pressupostos para o psicólogo, repondo para si próprios, em um contínuo processo de identificação.

De acordo com Pappareli e Nogueira-Martins (2007), sobre o papel do psicólogo, o estágio proporciona aos alunos maior contato com a realidade, ampliando as possibilidades do fazer psicológico, desfazendo o pressuposto de uma Psicologia pronta, que pode ser aplicada em qualquer situação e a todo público.

Seguimos com a interpretação do terceiro indicador: “**a supervisão de estágio: a importância do Outro na aprendizagem do estudante**”. Nele, os interlocutores Maria e João expressam como o professor supervisor atuou no processo de aprendizagem do ser psicólogo. Entendemos que, de acordo com suas vivências, apresentam-se professores que foram referência positiva ou negativa.

Para Mazer e Melo-Silva (2010, p. 287), “É por meio dos estágios na graduação e da supervisão que recebe dos professores que o estudante aprende realmente a ser psicólogo”. Esse período permite que o aluno compreenda o porquê e como se processa a atividade do psicólogo, e o supervisor de estágio seria o outro que deve mediar a aprendizagem, atuando como modelo para que o estudante apreenda papéis sociais, constituindo processo identitário.

Sobre as vivências desagradáveis, Maria, ao relatar seu estágio curricular em Psicologia Comunitária, apresenta algumas queixas sobre a psicóloga que trabalhava no local: “**Na comunitária**, eu não terminei ainda. Eu ainda estou fazendo meu estágio lá no CRAS na localidade [nome do local]. E lá, **como a pesquisa eu sei que é ética, vou falar: a psicóloga**

de lá não faz nada, então eu não estou gostando. E é porque eu gosto de comunitária. Eu **não estou gostando, não estou aprendendo** muito, lá nesse estágio de comunitária”. Esse trecho da narrativa revela o desabafo da interlocutora que, lembrando a ética da pesquisa, sente-se segura para relatar que a profissional não cumpria com o papel social esperado e que por isso, não estava gostando e nem aprendendo.

Ainda sobre a mesma experiência ela expressa: “[...] **a psicóloga não é muito ativa e a gente necessita dela,** e eu acho muito desafiador porque a gente fica com medo, mas **a vantagem é que a gente vai buscando por fora mesmo. Estudando, conversando com outras pessoas**”. O relato esclarece que Maria necessitava de supervisão sobre o fazer psicológico, porém não encontrou esse apoio na psicóloga do local de estágio. Maria encarou esse desafio de maneira resiliente, buscando a aprendizagem por outros meios, como o estudo.

Para Carvalho (2007), a identidade profissional ocorre não apenas por meio da aquisição de conhecimentos, mas também, mediante as identificações e diferenciações estabelecidas com os modelos profissionais, encontrados no processo de formação. O profissional atuante na instituição em que o estágio é realizado, dessa forma, constitui uma referência importante para os mecanismos de identificação, e a vivência de Maria nos alerta para a responsabilidade dos profissionais psicólogos.

Lazzarini *et al.* (2004) ressalta que a supervisão de estágio corresponde a uma aprendizagem especial, porque tem como finalidade articular teoria e prática. Assim, entendemos que a aprendizagem de Maria foi dificultada. Felizmente, ela não deixou de construir seu aprendizado, porém, esclarece que precisou buscar alternativas para tal.

Por outro lado, os interlocutores apresentaram também vivências que expressam referências positivas, como no trecho do relato de Maria: “**A professora** [supervisora no estágio de Psicologia Clínica] foi bem **acolhedora.** A **metodologia** dela foi que, no primeiro momento, que foi agora no nono, foi **só teoria,** a gente não foi pra clínica. **A teoria dela é ela fazendo role playing, é ela fazendo vivências com a gente na própria clínica dela.** A gente fez contato com a clínica dela, **ela mudou totalmente o aspecto dela como professora da FACIME e psicóloga na clínica dela, a gente se encantou. Pelo menos o pessoal que está na Gestalt se encantou muito**”. Maria explica que, na supervisão, a psicóloga e professora recebeu os alunos em sua clínica e dividiu a carga horária em dois momentos, primeiro semestre em momento teórico e segundo semestre em prático.

Lembremos que anteriormente, a interlocutora informou que não gostou dos primeiros dois anos de curso, por não terem disciplinas práticas, e, assim, deduzimos que

adiar a ida a campo, deve ter sido desagradável. Contudo, ela explica que a teoria da professora envolvia atividades práticas, pois, o *role playing*, consiste em técnica de interpretação de papéis, isto é, o estudante era convidado a ensaiar um processo psicoterapêutico, a fim de aprender o papel de um psicólogo clínico, por meio de situações hipotéticas.

Ressaltamos que, a supervisora foi descrita como acolhedora. Pudemos apreender dois dos sentidos que essa característica apresenta: o primeiro refere-se à professora receber os alunos, supervisionando-os em sua clínica; o segundo refere-se à metodologia de ensino empregada. Para nossa interlocutora, a supervisora do estágio parece ter encantado o grupo de alunos como “professora” e “psicóloga na clínica”, como se fossem dois profissionais distintos. A proximidade da pessoa professora, que também é psicóloga, transformou o olhar dos alunos sobre a supervisora, “pelo menos o pessoal que está na Gestalt” pode conhecer essa outra professora que também é psicóloga clínica.

A supervisão de estágio, portanto, constitui momento especial de aprendizagem, e oportunidade para conhecer modelos profissionais que revelem algo mais sobre o profissional psicólogo clínico, comunitário, e outros. Entendemos que conviver com o supervisor oportuniza o estudante a produzir sentidos sobre o papel pressuposto para o psicólogo, e assim, poder produzir a si mesmo como futuro profissional.

Comim, Souza e Santos (2008) ajudam-nos a esclarecer que a supervisão, para o estagiário, surge como espaço de reflexão, desenvolvimento de técnicas e continente das angústias, em processo de (re)construção de sua identidade profissional. Portanto, a postura “acolhedora” da supervisora afetou Maria, de forma a suscitar encantamento ou admiração, sentimentos satisfatórios, que sugerem possível identificação com o ser psicólogo.

Em outro momento, Maria explicou que não tinha conhecimento teórico sobre a Gestalt, o que nos leva a supor que talvez outros alunos também não o tivessem, pois a supervisora adiou a prática de atuação do grupo, do primeiro para o segundo semestre. De acordo com Pimenta e Anastasiou (2009), a teoria vem como guia a iluminar a prática. Esse fato remete ao estudo de Negreiros e Silva (2008), ao constatarem, em pesquisa realizada nessa mesma universidade, que muitos supervisores do curso de Psicologia, adiavam a inserção do estagiário em campo, a fim de supervisionar discussão teórica.

Ainda sobre as vivências positivas na supervisão de estágio, temos o relato de João: “Fizemos um trabalho bom na Organizacional, [...] elaboramos projetos para estes problemas, **projetos bem elaborados junto a nossa professora supervisora da universidade e a**

supervisora do local. E como foi algo bem fundamentado, bem orientado, deu resultado”. Temos nessa fala dois exemplos positivos, tanto na universidade como na instituição em que o estágio foi realizado. Ao relatar sua experiência na área organizacional, João atribui o sucesso da atuação ao projeto que desenvolveram sob a supervisão das duas psicólogas, a fim de resolver o problema identificado.

Ressaltamos que, segundo Lazzarini *et al.* (2004), uma das tarefas primordiais da supervisão consiste em estabelecer espaço de confiança. Além disso, Coleta, Cava e Silva (2005) auxiliam-nos a compreender que a supervisão é importante na formação de uma atitude clínica e da identidade profissional, pois, diante das ansiedades comuns ao início da vida profissional, esta atividade proporcionará mais segurança ao estagiário e auxiliará na internalização do papel profissional.

Posto isso, consideramos que a supervisão atua como momento importante na formação inicial, que instiga o estudante a confiar no supervisor como modelo de identificação. Por meio da fala de João, confirmamos que o psicólogo supervisor, possui grande responsabilidade como mediador da constituição identitária dos estudantes, e atuam como modelos para os mecanismos de identificação, por meio da aprendizagem de papéis profissionais.

O **argumento identidade é articulação entre pressuposição e reposição**, possibilitou entendermos que a identidade de psicólogo é consequência das relações que ocorrem na formação inicial, ao mesmo tempo é condição dessas relações. Uma das relações mais importantes do contexto formativo, na constituição da identidade profissional, é a do supervisor e estudantes, e, por conseguinte, o psicólogo supervisor existe como um modelo de identificação que podem incitar a sentimentos agradáveis ou desagradáveis, mediando, assim, a identificação ou não com as áreas de atuação da Psicologia.

O quarto indicador que analisamos: “**o feedback na atividade de estágio: quando o outro fica satisfeito**”, representado por Maria e João, apresenta o quão significativa é a satisfação do outro, para o sentimento de satisfação com o trabalho desenvolvido no estágio. Para Vigotski (1991), nosso agir é volitivo e intencional, então, entendemos que esse indicador que é muito importante para nossos interlocutores quando o seu fazer psicológico é reconhecido pelo outro e existe satisfação. O *feedback*, ou também denominado resultado, no momento do estágio, refere-se às falas de satisfação do outro (professores supervisores, membros da equipe da instituição ou à clientela atendida pela instituição), o que gerou sentimento de gratificação.

Iniciamos pela narrativa de Maria: “**Foi muito importante também, porque gerou resultado**, o resultado final foi uma confraternização que elas nunca tinham feito, nunca tiveram na FACIME. Elas [...] falaram para gente que estavam convidando a gente porque, é, **gerou um movimento nelas lá e aí ia ter essa festinha**. A gente foi a culpada desse momento. É, [risos] boa culpa! E aí **foi muito bom por causa desse resultado**. E a gente notou que geraram emoções durante as atividades. Acho que tocou, algumas choraram e, assim, eu acho que elas saíram muito relaxadas e sempre **elas passavam esse *feedback* pra gente**. E aí **foi bem gratificante**”. Maria considera essa vivência importante, porque gerou resultado, isto é, a clientela, em virtude da atividade desenvolvida, resolveu fazer uma confraternização e requisitaram a participação dela e dos demais estagiários. Ela ressalta que a clientela estava sempre relatando os efeitos positivos de sua atividade, o que a fez sentir-se recompensada.

Continua Maria: “Teve o **Estágio Básico de Educação e Saúde**. Que também foi no CRAS [...]. Foi bom também porque a gente aprendeu com eles, a gente conheceu. E **teve o tempo todo *feedback* deles que aquilo lá era bom, que devia ter um profissional lá pra fazer só aquilo ali com eles**. [...] Foi muito bom. Foi bom também o resultado porque a gente via que antes deles serem atendidos lá pela equipe, com nosso trabalho eles iam até um pouco mais relaxados porque eles são muito zangados. **Eles, da equipe, diziam que a gente devia fazer isso todo dia porque o pessoal está vindo pra cá mais relaxado. Então a gente viu o quanto que o trabalho era importante**”. Através do narrado, identificamos que tanto a clientela como os profissionais da equipe que trabalhava na instituição, sentiram-se satisfeitos com as atividades desenvolvidas. Mais uma vez a palavra *feedback* foi mencionada, indicando a dialética das relações. Essa vivência levou Maria a perceber a importância que seu fazer psicológico possuía.

João, ao nos narrar sua experiência, reafirma como a satisfação do outro é importante para ele: “**Organizacional** também foi muito bom, foi na maternidade e fizemos um trabalho muito bom. Eu e duas colegas, tivemos apoio e uma recepção muito boa na maternidade. Tivemos abertura e espaço. Então foi muito bom. **A nossa professora supervisora e o pessoal da Maternidade nos parabenizou pelo resultado que tivemos. Conseguimos colocar a teoria na prática, então foi muito positivo**”. Nesse relato, a professora supervisora e a equipe da instituição também expressaram sua satisfação. João chama atenção para um detalhe importante quando esclarece que eles, os estagiários, conseguiram colocar a

teoria em prática, afinal, todo o reconhecimento do outro somente foi possível, porque houve fundamentação teórica para a prática.

Nossos interlocutores, por meio de suas falas, expressam que a satisfação do outro com o seu fazer psicológico, representa o reconhecimento sobre sua própria capacidade. De acordo com o referencial da Psicologia Sócio-Histórica, o homem se humaniza nas relações com os outros. Esse indicador reitera o quanto esse outro é importante, para que os estudantes possam se reconhecer como psicólogos, afinal, é a sociedade que valida quando o conhecimento é científico, ou uma profissão é importante. Por isso, o *feedback* do outro, validando que o fazer psicológico, exercido pelos estudantes, teve resultado, fazendo os estudantes sentirem-se satisfeitos. Essa valorização do outro e de si mesmo com a atividade desenvolvida, constitui processo identitário, à medida que indica as possibilidades de Maria e de João virem a se sentir psicólogos.

A pesquisa com estagiários de Psicologia, realizada por Coleta, Cava e Silva (2005), também identificou que os estagiários sentem-se competentes, principalmente quando percebem resultados positivos nos tratamentos. Os estudantes desta pesquisa entendem, como um dos resultados positivos, o fato de receberem *feedback* positivo do paciente.

O presente núcleo revela ainda, os sentidos implícitos atribuídos por Maria e João sobre o papel do psicólogo, pois consideramos que o *feedback* na atividade de estágio remete à atividade de ajudar. Estudos como os de Carvalho *et al.* (1988) e Magalhães *et al.* (2001) verificaram que os motivos mais frequentemente verbalizados sobre a escolha da carreira de psicólogo, foram conhecer e ajudar o ser humano e o fascínio pelo conhecimento psicológico. Então, os motivos parecem estar sempre relacionados ao outro significativo.

Segundo Magalhães *et al.* (2001), os estudantes de Psicologia visam ser admirados pelo outro, devido aos seus poderes de cura e qualidades pessoais altruístas. Sobre as recompensas almejadas, o *feedback* dos clientes e/ou o sentimento de ter ajudado o outro, foi a gratificação mais valorizada.

Krawulski (2004) nos ajudou a compreender que, para egressos de Psicologia, o ser psicólogo significa ajudar as pessoas, sendo esse o principal objetivo da profissão. Porém, esse sentido sobre o ser psicólogo como profissional de ajuda, não se apresenta apenas entre os profissionais da Psicologia.

De acordo com o estudo de Praça e Novaes (2004, p. 35-36) sobre a representação social do psicólogo como profissional de ajuda:

Cabe observar a roupagem onipotente com que se veste a Psicologia e, conseqüentemente, aqueles que trabalham com ela. Ciência capaz de mudar, melhorar, resolver a vida e as relações estabelecidas. Quanto poder!!! Não é por acaso que o profissional da área (e o estudante também) tem o estereótipo comum e antigo de “adivinhar o que os outros pensam”, “tem bola de cristal” etc.

Esclarecemos que, assim como a Psicologia, existem outras profissões consideradas “de ajuda”, o que não necessariamente configura um problema para o desenvolvimento da profissão. O problema é considerar o ajudar como o único objetivo da profissão, desconsiderando todas as competências do profissional psicólogo, ou desqualificando a Psicologia como ciência, ou mistificando o papel do psicólogo como profissional com superpoderes. Parece que ainda há muito para ser discutido sobre o papel do deste profissional. Discussão que não pode ser circunscrita a academia, mas precisa transformar o que Dimenstein (2000) define como “cultura *psi*”, que, segundo a autora, significa a disseminação da lógica intimista e individualista de atuação do psicólogo, que transformou demandas sociais e políticas em demandas psicológicas. Tal modelo individualista de atendimento psicológico foi disseminado na cultura, e passou a ser considerado modelo hegemônico para atuação do profissional.

No presente indicador, o **argumento identidade é articulação entre subjetividade e objetividade**, permitiu compreender que a constituição da identidade de psicólogo é processo que ocorre mediado por condições materiais, pela estrutura social mais ampla, da qual esse outro faz parte. Assim, concebemos que foi por meio das relações que Maria e João estabeleceram com “muitos-outros-significativos”, que puderam se apropriar dos significados sociais da profissão e atribuir sentidos, que possibilitaram as transformações do ser psicólogo.

O quinto e último indicador do presente núcleo aborda as vivências relacionadas a aspectos negativos e positivos no curso de Psicologia da UESPI: “**limites e possibilidades da formação inicial**”, apresentando outros aspectos que constituem a identidade profissional, pois, entendemos que identidade é questão social e política (CIAMPA, 2005). Dessa forma, precisamos considerar que os discursos de Maria e de João expressam suas vivências na UESPI, o que subjazem certas singularidades, que diferem de outras instituições. Como toda formação profissional apresenta limites e possibilidades, apresentaremos os sentidos dos interlocutores sobre seu processo formativo.

Iniciamos a interpretação do indicador pela fala de João: “Então, na prática, eu vi como **é importante o curso inteiro, teve muita coisa importante, aquelas disciplinas que a**

gente acaba não dando muito valor, mas que ajudaram. [...] Assim, eu me lembro de ter falado na primeira entrevista, que **teve problemas em algumas matérias em que o conteúdo era importante e devido à falta de experiência de alguns professores ou devido à estrutura da Universidade, os conteúdos não foram transmitidos adequadamente**". O discurso aponta para os problemas na formação, quando João afirma que não valorizou algumas disciplinas importantes e expressa sua insatisfação quanto ao ensino na IES.

Outro trecho da narrativa que destaca esse limite na formação é: "Sem falar da **estrutura da faculdade**, a questão dos **professores** também foi desestimulante. **Eu passava a semana sem ter aula**, enfim, esses foram os pontos que foram desestimulantes. Mas é claro, depois do terceiro, quarto ano, as coisas mudaram, a gente pegou professores efetivos da instituição, porque **os dois primeiros anos eram mais substitutos, realmente o pessoal, [...], não cumpriu os objetivos, mas aí com os professores que já eram efetivos aí sim, eles foram mais responsáveis, cumpriram mais adequadamente**". Os dois trechos de narrativa remetem à discussão sobre duas questões: a adolescência e a implantação do curso na UESPI. O primeiro ponto refere-se à constatação sobre a inexperiência de muitos jovens, adolescentes, que iniciam a vida universitária sem compreender a importância das disciplinas curriculares, o que explica João não ter valorizado o suficiente os conteúdos das disciplinas. Sobre a existência do curso de Psicologia no Estado, lembramos que o primeiro curso de Psicologia foi criado em 1997, vindo a ser estruturado em 1998 na UESPI (NEGREIROS; SILVA, 2008; SILVA, 2009). A quantidade de psicólogos, com mestrado, doutorado, ou capacitados a lecionarem era bem pequena para a composição do quadro de professores, e assim, a UESPI, por muito tempo, teve inúmeros professores substitutos, que, segundo o relato de João, não estavam preparados para lecionar.

Maria também relata um dado da realidade desses estudantes ao nos narrar que: "**O de Clínica**, no nono, foi só teórica e agora, no décimo, que a gente está na prática. Assim, **o maior desafio no primeiro momento foi o local pra estagiar, porque a gente não tem a Clínica Escola. Para poder conseguir um local demorou muito, a gente perdeu muito tempo.** Mas agora eu já estou atendendo". A interlocutora explica o problema referente à estrutura física da universidade, que não dispunha de espaço para os estagiários desenvolverem suas atividades, o que explica a justificativa de Maria sobre perder muito tempo a procura de local para estagiar.

De acordo com o Projeto Pedagógico (UESPI, 2010, p. 95) os estágios supervisionados serão desenvolvidos em conformidade com o Serviço Escola de Psicologia da UESPI, mas o mesmo documento informa:

Consideramos ser importante construir um Serviço Escola de Psicologia da UESPI – SEP/UESPI que ofereça uma melhor formação ao futuro profissional e que facilite mais a sua inserção na realidade social existente. Tanto a eficiência como a eficácia do serviço de Psicologia são componentes de um desejado controle de qualidade desses serviços. Isso precisa ser cuidado pelos responsáveis por esses serviços como parte de um trabalho que pode corresponder a necessidades sociais que precisam constituir bases importantes para a formação do psicólogo.

Segundo o documento, o objetivo seria construir um espaço físico adequado para o desenvolvimento do Serviço de Psicologia. Mesmo após dezesseis anos de implantação do curso, a construção do Serviço Escola de Psicologia não foi efetivada. O documento que direciona a regulamentação dos cursos de Psicologia (DCN, 2004, p. 12) orienta que:

O projeto de curso deve prever a instalação de um Serviço de Psicologia com as funções de responder às exigências para a formação do psicólogo, congruente com as competências que o curso objetiva desenvolver no aluno e a demandas de serviço psicológico da comunidade na qual está inserido.

Para aclarar a questão, Melo-Silva, Santos e Simon (2005) nos ajudam a entender que os serviços consistem em programas ou órgãos, e não necessariamente precisam construir o espaço físico “Clínica Escola” que Maria se referiu. As diretrizes sinalizam para a organização e a qualidade dos serviços psicológicos prestados à comunidade, e os autores supracitados explicam que a prestação dos serviços varia conforme a instituição. Existem as chamadas clínicas psicológicas, que funcionam no contexto da universidade, mas também existem instituições que optam por oferecer mais estágios na comunidade. Mesmo entendendo que não seja necessária a clínica psicológica, ressaltamos que Maria teve dificuldade em conseguir um local adequado para estágio em clínica, e assim, reiteramos a necessidade do Serviço de Psicologia na UESPI, a fim de garantir a operacionalização das diretrizes curriculares, fomentando estágios que realmente cumpram com sua função social na comunidade.

Outro limite da formação apontado por Maria é expresso por meio do relato: “A escolha da abordagem foi a Gestalt, porque **foi a que sobrou, porque tem um limite certo de alunos para cada professor e já estava dando confusão com os outros**. Enfim, aí, lá também está sendo bom. Eu estou gostando. A confusão foi da escolha da abordagem, tipo assim, **a maioria da turma queria um professor**. Eu poderia ficar, mas decidi sair porque eu não fazia tanta questão pela vaga. [...] E assim, **a gente acabou negociando entre a gente mesmo**, não precisou fazer prova e nem analisar as notas”. Maria explica que escolheu a abordagem que ainda tinha vagas, Gestalt, para evitar conflitos com os colegas que disputavam o mesmo professor. Desde o estágio como acompanhante pedagógica, nossa interlocutora interessou-se pela abordagem comportamental, por entender que seria possível atuar junto a crianças autistas. Ela parece ter constituído a expectativa de obter supervisão nessa abordagem, porém, devido ao limite de alunos por professor, precisou escolher “a que sobrou”. Entendemos como limite, o estudante constituir identificações com determinadas abordagens durante suas vivências na graduação, e, precisar escolher uma abordagem com a qual não tenha familiaridade.

Entretanto, cada aluno vivencia a formação inicial, podendo atribuir sentidos diferentes, como no relato de João: “**O estágio em Clínica foi muito bom, eu fiquei admirado, porque alguns locais de estágio eram meio precários, mas no meu caso não foi assim. Tinha um convênio, a gente tinha que ir atrás, mas não tive nenhum problema**. Eu estagiei em um hospital da rede pública especificamente para isso, com multiprofissionalidade. Quando eu cheguei tinha uma pessoa para agendar meus pacientes, a sala com a mesinha, um prontuário, um ar condicionado, então para mim **não faltou estrutura e muito menos orientação teórica**. Inclusive foi um dos meus melhores estágios, e é o que está fazendo a diferença no meu trabalho no CAPS”. Essa fala expressa uma das possibilidades de a formação promover experiências positivas, contribuindo para a identificação com a profissão.

Outro limite que identificamos, por meio do discurso de Maria foi o Estágio extracurricular em escola pública, como acompanhante pedagógico: “É a mesma coisa de A.T. [acompanhante terapêutico]. Só que no município, nas escolas do município a gente chama de AP - Acompanhante Pedagógico. **Porque a gente não tem aquele link com a clínica aí a questão é mais mesmo pedagógica**. [...] **A experiência que foi um pouco desagradável, foi justamente do estágio “extra” devido à gente não ter uma psicóloga na escola**”. Nossa interlocutora conta sua vivência como acompanhante pedagógica em escola do

município, explicando que foi negativo para ela o fato de não existir um profissional da área na escola para direcionar o fazer psicológico.

Londero e Pacheco (2006) nos ajudam a entender que o acompanhante, é um agente terapêutico que realiza tarefas para inclusão, e é remunerado para isso, sendo exercido em geral por estudantes ou profissionais recém-formados. Em Teresina, essa atividade tem sido cada dia mais exercida por estudantes em diversas áreas. Em nossa experiência como professora universitária e como psicóloga escolar/educacional, percebemos que pais, educadores e demais profissionais que trabalham com inclusão, apresentam preferência por estudantes de Psicologia.

Acreditamos que essa atuação necessita ser mais discutida por psicólogos, principalmente no âmbito das IES, no sentido de compreender o papel do estudante e de que forma realmente configura estágio na área de Psicologia, pois constatamos ainda outro problema na narrativa: “Eu vou falar mais voltado pro meu **estágio extra**. Como foi como acompanhante pedagógica, **as pessoas misturam com estágio de Psicologia Escolar aí a gente teve que aprender a separar as duas vertentes. E a gente passa por uma crise muito grande, porque a gente não sabe se tá fazendo Pedagogia ou se tá fazendo Psicologia na escola**. Aí é como se tivesse um metendo a colher na comida do outro. E aí tem essa confusão, e aí vem. Porque também tem estagiário de Psicologia e de Pedagogia e quando a gente começa a conversar, **as meninas da Pedagogia começam a falar: ‘-Ah! É a mesma coisa que a gente tá fazendo!’**, então, foi uma vivência bem desafiadora”.

Esse estágio foi autorizado mediante vínculo com a Universidade e não existiu supervisão na escola. Conforme a regulamentação dos cursos de Psicologia (DCN, 2004, p.7): “A instituição poderá reconhecer atividades realizadas pelo aluno em outras instituições, desde que estas contribuam para o desenvolvimento das habilidades e competências previstas no projeto de curso”. Então, os envolvidos na formação de futuros psicólogos, profissionais, professores, alunos, Conselhos de Psicologia, Sindicatos e demais organizações, devem refletir sobre a real contribuição dessa atividade para a formação do psicólogo. Poderia ser o caso de pensarmos em definir como atuação específica do psicólogo? Não aprofundaremos o assunto, porque não é o objetivo da pesquisa, mas, ressaltamos que outras investigações se fazem necessárias. Reiteramos a importância do Serviço de Psicologia para garantir a qualidade da formação universitária.

Identificamos mais um ponto positivo, que configura possibilidade da formação em constituir a identidade profissional. Antes, frisamos que João, colega da turma de Maria, teve

vivências diferentes, contudo, a fala a seguir, em nosso entender, deve coincidir com o pensamento de muitos estudantes e recém-formados em Psicologia: **“Mas tem a questão dos estágios, como foi importante na época e como está sendo importante na prática. Para falar a verdade, assim como já ouvi de alguns professores da FACIME, o certo seria estagiar nos primeiros blocos e a gente só tem nos últimos blocos. Então, no meu caso, os estágios ajudaram 85% no meu trabalho. Eu tenho visto isso mesmo, como posso estar trabalhando usando o que eu aprendi nas práticas em campo, então esse foi um ponto que eu achei muito importante. Eu acho que 80% a 90 % do que eu estou colocando no meu trabalho é do que aprendi nos estágios curriculares”**.

Vilela (1996) nos ajuda a entender melhor a questão apontada por João, pois, ao discutir as críticas ao modelo de formação do aluno, sinalizou para o estágio como um dos aspectos positivos, momento em que se aprende a ser psicólogo. Parece que nosso interlocutor também compreendeu isso. Obviamente, a carreira profissional será desenvolvida no decurso do tempo histórico e social, e outras experiências serão significativas para ele, mas, por enquanto, como recém-formado, ele reconhece que aprendeu a ser psicólogo nos estágios.

João também questiona que essa vivência da graduação deveria acontecer desde os primeiros blocos. De acordo com o Projeto Pedagógico (UESPI, 2010), os primeiros blocos possuem os chamados estágios básicos, que são meios de o aluno ir vivenciando o espaço de atuação para observar, descrever e analisar. Parece que tanto Maria, ao revelar que não gostava do curso porque tinha muita teoria, e agora, João, ao avaliar a formação, depois de formado, acreditam que o estágio profissionalizante é o momento mais determinante para a identificação com a profissão, pois permite ao aluno o agir, o colocar a teoria na prática. Afinal, não podemos esquecer que antes de entrar no curso, Maria conhecia apenas o fazer do psicólogo clínico, e João chegou a pensar o psicólogo como “médico de loucos”. Mediante as experiências na formação inicial, os interlocutores puderam construir novos sentidos sobre o ser psicólogo e puderam desconstruir representações sociais que idealizavam o papel do psicólogo como o profissional que somente atuava na clínica e com loucos.

O **argumento que identidade é igualdade e diferença**, faz-nos compreender que durante a formação inicial, a identidade foi se constituindo, mediada pelas vivências, e nesse processo, Maria e João, foram se igualando e se diferenciando dos outros. Mesmo estudando juntos, experimentaram a formação de modos diferentes, buscando, singularmente, a autodeterminação para continuarem no curso e se reconhecerem como psicólogos. Os limites

e as possibilidades, da formação inicial, expressaram aspectos que dificultaram ou facilitaram a identificação dos alunos, com o ser psicólogo.

Segundo Ciampa (2005), a manifestação do ser é sempre uma atividade, então, a identidade de psicólogo vai sendo constituída mediada pelo agir de nossos interlocutores no espaço formal de aprendizagem, sempre se relacionando com os outros. Eles puderam conhecer os papéis do profissional de Psicologia, descobrindo o pensar, agir e sentir-se psicólogo, em outras palavras, o ser psicólogo.

No presente núcleo, as categorias atividade, historicidade e mediação nos ajudaram a compreender que a formação inicial é processo, sendo um dos mais importantes na constituição das identidades profissionais do psicólogo. A atividade, como ação consciente, é transformadora e criativa, garantindo aos interlocutores apropriarem-se da realidade objetiva ao mesmo tempo em que puderam produzir a si mesmos, mediados pelo seu agir no mundo.

A categoria historicidade nos possibilitou compreender que identidade é história, e que durante o decurso da formação inicial, muitas transformações foram ocorrendo com Maria e João. O ser psicólogo constitui-se um processo permeado por passado, presente e futuro, e caracterizado por constantes movimentos, ressaltando seu caráter dialético, pois as realidades sociais estão em conexão e se transformam em movimento dinâmico e permanente de desenvolvimento. Por entendermos que a identidade nunca é dada, mas um eterno vir a ser, sabemos que a constituição da identidade de psicólogo será desenvolvida durante toda a vida profissional dos interlocutores.

A categoria mediação viabilizou concebermos que a construção do ser psicólogo, vai sofrendo influência das vivências em determinado contexto social, cultural, político e institucional, da UESPI, no estado piauiense, no nordeste, enfim, no Brasil. Permitiu entendermos, ainda, que as relações com os outros significativos, influenciaram o processo de constituição da identidade, pelos processos de atribuição e reconhecimento, bem como o igualar-se e diferenciar-se, de si e dos outros.

Reiteramos que, conforme Krawulski (2004), a identidade de psicólogo tem importantes sementes lançadas durante a graduação. Ressaltamos que essa vivência, é responsável pela transformação do estudante, por meio da aprendizagem dos papéis profissionais, que vão possibilitando o reconhecimento dos outros e de si mesmo como psicólogo, que irá encarnar personagens. Nesse sentido, compreendemos, por meio dos relatos, de Maria e de João, da revisão de literatura e dos pressupostos teóricos adotados, que

os estágios profissionalizantes foram extremamente importantes no processo de identificação dos estudantes com o ser psicólogo.

5.4 Existirmos, a que será que se destina?

O trecho da canção Cajuína serviu para nomear o núcleo: **“existirmos, a que será que se destina? – Ansiedades, interesses, formação continuada na vida profissional e olhares sobre si mesmo”** que apresenta as narrativas de Maria e de João sobre os aspectos que se referem à vida profissional. Para Dubar (2005), a inserção profissional constitui aspecto importante para a identidade profissional, pois será nesse momento que o indivíduo se reconhece com os predicados que o definem como profissional. Então, o nome do núcleo revela que o existir como psicólogo compreende pensamentos e sentimentos, aspectos referentes ao destino dos jovens interlocutores em sua vida profissional. Tais aspectos são processos e constituem a identidade de psicólogo. Organizamos a interpretação desse núcleo a fim de que os indicadores possibilitem a compreensão do movimento de constituição da identidade profissional: **ansiedades relativas à vida profissional; interesses para a atuação na vida profissional; pós-graduação: investimento e necessidade para a vida profissional; e o olhar sobre si mesmo fazendo e concluindo o curso de Psicologia.**

Para Pimentel (2007, p. 73), o vínculo com a universidade marca a identidade do jovem como estudante. Nesse mesmo momento, a identidade profissional esteve sendo “paulatinamente constituída durante a faculdade”. O fim do vínculo pressupõe assumir essa identidade profissional, e produz as ansiedades próprias aos jovens que iniciam a inserção no mercado de trabalho, ao refletirem sobre a área que gostariam de atuar, sobre as preocupações com a inserção no mercado e as preocupações sobre a pós-graduação.

Para Vigotiski (1991), estudar algo historicamente significa estudá-la no processo de mudança. O presente núcleo expressa as mudanças que Maria e João vivenciaram no decurso da formação inicial, desde o processo de escolha profissional, até a conclusão do Curso, revelando o movimento que indica a produção de novos sentidos e significados sobre a vida profissional, marcada por sentimentos e projetos de vida. Esse núcleo apresenta efetivamente as mudanças, ou as metamorfoses, como diria Ciampa (2005), que os interlocutores vivenciaram até o presente momento, indicando que ambos se reconhecem como psicólogos e esperam ser reconhecidos como psicólogos por meio da inserção profissional.

Assim, os indicadores foram aglutinados no neste núcleo, conforme os critérios de similaridade, complementaridade e contraposição, expressando os aspectos referentes aos pensamentos, sentimentos e ações referentes ao futuro da vida profissional de nossos interlocutores.

Iniciamos pelo indicador: **ansiedades relativas à vida profissional**, referente à Maria e João. Esse indicador apresenta pré-indicadores, cujos conteúdos temáticos expressam sentimentos carregados de ansiedade, sobre o futuro profissional. A começar pela fala de Maria: **“É, a gente quando tá no nono período, passa por uma situação tão complicada em relação ao futuro, porque, pelo menos lá em casa, meu pai fica perguntando o tempo todo aonde que eu vou trabalhar, com quem que eu vou trabalhar, se já tem alguma coisa certa e quanto é que eu vou ganhar!** Então comigo essa situação é bem..., eu procurei terapia pra me ajudar. Porque **estava tendo muita pressão em cima de mim”**. Os últimos períodos da graduação, para Maria, representam momento de tensão, haja vista as incertezas em relação à inserção profissional e a cobrança do outro. Mais uma vez, o outro significativo, o pai, aparece em seu discurso como representante de suas ansiedades sobre o que será de sua vida profissional. A partir dos questionamentos desse outro, e ao não saber como responder se terá proposta de trabalho, a remuneração, o local de trabalho e a área de atuação, Maria sente-se muito pressionada e, por isso, fica ansiosa.

Entendemos, apoiando-nos em Vigotski (1996), que Maria internalizou as preocupações com sua vida profissional, vindo a sentir-se ansiosa. Para que isso ocorresse, primeiro, houve um processo interpessoal, que parece ter se transformado em intrapessoal. No nível social, quando o pai questionou sobre o que ela faria quando terminasse o curso. E no nível individual, quando ela internaliza que estar cursando o nono período é momento complicado. Esse momento constitui etapa do processo de término do vínculo com a instituição, como se significasse um rito de passagem para a vida adulta, quando o jovem deve assumir mais responsabilidades.

Nosso interlocutor, João, no primeiro momento da entrevista, expressa sua preocupação em conseguir se inserir no mercado, ao afirmar: **“Eu não só penso como já estou fazendo concurso, eu já fui aprovado em um. Então, claro, pretendo assumir caso seja chamado.** E, assim, inicialmente eu não penso ainda em fazer mestrado ou doutorado, por enquanto. **Eu penso logo em começar a trabalhar e a ter uma independência.** É claro que eu não pretendo me acomodar apenas com esse concurso, eu pretendo tentar outros concursos, aí **a partir dessa entrada no trabalho eu acredito que eu consiga me**

estabilizar". Mesmo como estudante de Psicologia, o interlocutor parece estar buscando colocar em prática os conhecimentos apreendidos na formação inicial, ou seja, sua identidade virtual (DUBAR, 2005). A preocupação com a inserção no mercado o levou a buscar os concursos públicos para psicólogo, vindo a ser aprovado e aguarda ser convocado. Como tantos jovens de sua idade, João deixa claro que inicialmente quer trabalhar, a fim de conquistar a sonhada independência dos pais e se estabilizar financeiramente.

No segundo momento da entrevista, quando João é recém-formado, e está trabalhando, ele expressa que estava consciente de suas preocupações no momento da graduação: "No **primeiro semestre** [nono período] dos estágios, **eu me preocupava muito sobre o mercado, se ia ter trabalho, como ia ser o pós-curso**, o que eu vou investir, **se eu vou fazer pós graduação** ou se eu vou dar um tempo até mesmo pra **descansar**. Eu senti mais isso, a preocupação com o pós curso. Mas no segundo semestre, o décimo, **como teve essa proposta de um emprego, vieram outras preocupações, como: se eu conseguiria terminar o curso no prazo sem perder as possibilidades de emprego**". João primeiro se preocupava com o que faria quando terminasse o curso, se teria trabalho, se continuaria a formação ou se descansaria. Depois, quando surgiu uma oportunidade de trabalho em sua cidade, passou a se preocupar em efetivar a conclusão do curso para poder assumir o emprego.

Os últimos períodos da graduação produziram muita ansiedade em Maria e João, levando-os a agirem no sentido de reduzirem esse estado emocional por diferentes modos, buscando psicoterapia ou buscando emprego e participando de concursos. Conforme Ciampa (2005), entendemos que o **argumento identidade é articulação entre subjetividade e objetividade**, possibilita-nos compreender que os interlocutores estão em processo de constituição da identidade profissional, à medida que de modo dialético, o indivíduo quer ser identificado pelos outros como psicólogo, ao passo que também quer se autoidentificar, ou melhor, reconhecer-se como profissional. Esse mecanismo de identificação com o ser psicólogo, depende da sua inserção profissional, e, nesse momento, os dois interlocutores são instigados a refletirem sobre sua vida profissional no futuro, sendo, portanto, inevitável o desenvolvimento do sentimento de ansiedade.

O segundo indicador é: "**interesses para atuação na vida profissional**", e expressa os interesses que Maria e João desenvolveram na formação inicial, relativos à Psicologia como profissão, que também constituem outros aspectos das identidades profissionais de cada interlocutor. Alguns dos pré-indicadores assinalados foram mencionados em outros momentos

da análise. Apoiados em Vigotski (2010), esclarecemos que, embora a palavra do discurso tenha apenas um significado, o sentido dessa mesma palavra é inesgotável. Como o sentido corresponde à soma de todos os fatos psicológicos que ela desperta na consciência, sabemos que um pré-indicador pode exprimir muitos fatos, e aqui pontuamos um dos fatos que são os interesses profissionais de atuação.

Iniciamos pela fala de Maria: “**Eu pensava em trabalhar na clínica, mas com autismo.** Com crianças autistas. Só. **Eu não queria mais trabalhar como acompanhante pedagógico.** Eu sempre dizia: ‘eu quero clínica, mas só se for pra trabalhar com autismo’. Então eu vi que a Gestalt não trabalha com autismo na clínica e nem em outros lugares. **Agora eu me vejo na clínica, com a Gestalt mesmo, normal.** Eu gostei da clínica e não gostava antes, mas eu ainda pensei: ‘**não vai dar pra trabalhar com a criança com autismo, mas acho que dá pra trabalhar com a família do autista**’”. Nesse momento, ela explica que tinha interesse em trabalhar com crianças autistas na área Clínica, mas esclarece que não gostaria de voltar a ser acompanhante pedagógica. Depois de vivenciar o estágio na clínica, ela compreende que a abordagem Gestalt não possui embasamento teórico e técnico para atuar junto a crianças com desenvolvimento atípico, mesmo assim, ela imagina ser possível atuar junto à família da criança com autismo.

O discurso de Maria sobre seu interesse pelo autismo e a escolha da abordagem no estágio, parece ter se configurado um dilema, que dificultou, mas não inviabilizou, o reconhecimento como psicóloga clínica. Diferentemente, João, que expressa: “No início do nono bloco, a gente teve que escolher entre as abordagens, qual o professor. **Eu optei pela cognitivo-comportamental. Até aí, na área de terapia, é uma área que a gente se vê atuando** então a gente pega essa parte do psicólogo cognitivo comportamental, então por isso que **eu acho importante escolher** [a abordagem] **mesmo que eu não tenha certeza se vou atuar na clínica** ou não, mas pelo menos já tem uma linha de terapia, de clínica”. Na graduação, João precisou fazer a escolha de abordagem, e esclarece que “até aí” como clínico, ele se vê atuando, mas não tem certeza se conseguirá sê-lo.

A vida profissional de João parece ser um caminho cheio de incertezas, pois, a escolha de abordagem, que serve para a área clínica em consultório, representa apenas uma alternativa, que João pode vir a precisar no futuro, já que ele não sabe se vai conseguir atuar na área. Esclarecemos que a clínica sempre foi considerada pratica elitista, pois constitui investimento oneroso ao profissional e ao cliente.

De acordo com Bastos, Gondim e Andrade (2010, p. 261), o perfil do psicólogo brasileiro continua sinalizando que a primeira área de atuação escolhida pelos profissionais é a área clínica. Todavia, algumas mudanças estão configurando a “nova cara para a Psicologia brasileira”, e, assim, outras áreas vêm crescendo, como a saúde, a organizacional, a social e jurídica e a docência. Com a expansão das áreas de atuação para o psicólogo, João entende que o mercado apresenta outras possibilidades de atuação e a clínica constitui apenas uma delas.

Então, diferente da pesquisa de Bock (1991), os psicólogos não parecem estar mais sendo empurrados para o modelo tradicional de atendimento, ele tem outras possibilidades. Ante essas novas possibilidades de inserção profissional, podemos inferir que o psicólogo vem rompendo com a identidade que vem sendo pressuposta há muito tempo, a que subjaz o modelo hegemônico de atuação, repondo a identidade para uma multiplicidade de atuações e paradigmas ideológicos, confirmando seu compromisso com a sociedade brasileira.

Maria faz relato semelhante: “**Eu escolhi Gestalt e estou gostando muito.** Eu sei que não dá pra trabalhar autismo, mas **ninguém vai me garantir que eu vou trabalhar com autismo, então eu acho que é bom eu ter um conhecimento nas outras áreas**”. Ela reitera seu interesse pelo trabalho com autismo, porém revela que, com o estágio, está gostando da abordagem escolhida, e, assim como João, por não saber o que o mercado lhe reserva, acredita que ter uma abordagem para a clínica pode ser vantajoso.

Segundo Pimentel (2007), o término da graduação representa mais do que a autoafirmação como profissionais, mas a afirmação como jovens adultos autônomos. Então, nossos jovens lidam com as incertezas de um mercado que flutua ao sabor da política, e com o crescimento vertiginoso do número de profissionais no país (BRASILEIRO; SOUZA, 2010). Esse entendimento nos leva a compreender que, de acordo com Ciampa (2005), a estrutura social mais ampla oferece os padrões de identidade, pois, o processo de constituição da identidade profissional de nossos jovens dependerá de sua inserção no mercado de trabalho.

Embora Maria não descarte a possibilidade de atuação na clínica, diferente de João, ela não expressa o desejo de atuar na clínica ao enumerar as áreas de atuação nas quais tem interesse: “É difícil falar do que eu quero. É mais fácil falar do que eu **não quero: Jurídica e Hospitalar, com certeza. Agora das outras áreas que eu já vivenciei, e que gostaria de atuar é Organizacional, em segundo a Escolar e em terceiro lugar a Comunitária**”. Esse trecho da narrativa revela que ela apresenta alguns interesses por áreas que se identificou a partir dos estágios. Mesmo tendo revelado que hoje ela se vê atuando na clínica, na

abordagem Gestalt, parece que outras áreas foram mais importantes para que ela se reconhecesse como psicóloga. O que reafirma as transformações que a profissão de psicólogo vem passando, com multiplicidade de possibilidades de atuação.

Maria continuou nos contando suas vivências, evidenciando que seus interesses entraram em confronto com as oportunidades que o mercado oferece: “E as expectativas do futuro, [...] **eu acredito que eu possa conseguir algo na minha cidade como primeiro emprego. Mas não porque eu tenha vontade. É porque eu acho que vai ser o mais próximo.** É meu pensamento de agora, não sei o que pode acontecer amanhã, [...]. Devido a ser essa oportunidade que eu tenho na minha cidade que seria **mais essa área comunitária, saúde mental. Mais voltada pra isso**”. O ser humano constitui-se na contradição, então, pontuamos que em sua fala anterior, Maria enumerou três áreas de interesse, sendo a comunitária uma delas, e no presente relato, ela afirma que não gostaria de ir para sua cidade trabalhar na comunitária, na saúde mental, contudo, será mais fácil conseguir emprego.

Sobre a atuação do psicólogo social/comunitário, o profissional “atua junto a organizações comunitárias e em equipes multiprofissionais, diagnosticando, planejando e executando os programas no âmbito da saúde, lazer, educação, trabalho e segurança” (CBO, 2002). Então, mesmo em uma área específica de atuação, existem muitos setores em que a atividade pode ser desenvolvida, o que implica compreender outro rol de opções para Maria, e a saúde mental, segundo sua narrativa, não foi seu interesse no início.

João também nos conta sobre seu interesse na Comunitária: “Estou fazendo [estágio em] **comunitária, é interessante. É uma área que não excluí pra atuação futuramente,** é uma área interessante, que inclusive **é algo que eu já estou focando, porque atualmente, no Estado, é uma área que está surgindo mais emprego, nos concursos públicos, que inclusive eu já estou fazendo.** Já estou me preparando para os concursos públicos, já fiz alguns e **pretendo fazer enquanto eu não passar e me estabilizar,** porque enfim eu acho interessante fazer porque **é o que tem pra gente**”. João, mesmo tendo passado em concurso público, ainda não foi convocado a assumir, contudo foi convidado a trabalhar na Psicologia Comunitária em sua cidade, no interior do estado piauiense. O interlocutor já vinha se reconhecendo como psicólogo comunitário e, na graduação, já vislumbrava que essa área tinha alto potencial para empregabilidade, principalmente por meio dos concursos públicos.

Seu interesse pela área revela o sentido atribuído por João sobre a profissão de psicólogo permitir a estabilidade financeira, mas, ao mesmo tempo evidencia que não haveria outro caminho de inserção profissional quando ele expressa que “é o que tem pra gente”. Ao

que parece, as oportunidades do mercado vem apontando para a interiorização da profissão como única opção. Bastos, Gondim e Borges-Andrade (2010), sobre a profissão de psicólogo, verificaram um evidente processo de interiorização e da melhor distribuição no território nacional. Atualmente, o percentual de psicólogos nas cidades do interior é um pouco maior que nas capitais, possibilitando a ampliação da população que pode ter acesso aos serviços psicológicos.

Para entender o movimento de constituição identitária do psicólogo de nossos interlocutores, fomos instigados a buscar explicações vinculadas ao contexto social e político que o curso apresenta. Assim, recorreremos ao projeto pedagógico (2010, p. 8), a fim de esclarecer o reconhecimento de Maria e de João como psicólogos na Psicologia Comunitária:

Cabe ressaltar que a ênfase curricular se dá no de Eixo Psicologia e Processos de Promoção de Saúde – Social Comunitária por se entender que as demandas atuais do mercado de trabalho no Piauí estão por demais concentradas nessa área, tendo em vista a grande inserção de profissionais nas Estratégias de Saúde da Família (ESF), Programas de Atenção Integral à Família (PAIF), Centros de Referência de Assistência Social (CRAS), além dos Centros de Atenção Psicossocial (CAPS), Residências Terapêuticas e unidades básicas de saúde, na capital e no interior. [...] Além disso, constata-se que os alunos do curso de Psicologia do CCS têm se mostrado muito mobilizados com atividades de campo e de pesquisa que privilegiam intervenções no contexto Social-Comunitário, revelando uma preocupação contínua com o compromisso social do psicólogo. Prova disso é a quantidade considerável de eventos idealizados e mobilizados pelo alunado

Então, a proposta curricular do curso de Psicologia da UESPI apresenta o Eixo Psicologia e Processos de Promoção de Saúde – Social Comunitária, o que supõe o direcionamento das atividades e conteúdos voltados para essa área. No mesmo documento, a justificativa para escolha desse eixo foi a concentração de empregos, e a preocupação, por parte dos alunos com a efetivação do compromisso social do profissional.

O interesse nessa área pode ser reflexo tanto da proposta curricular do curso, como da maior possibilidade de inserção no mercado de trabalho no Estado. As falas dos interlocutores sugerem que o psicólogo tem conquistado novos espaços de atuação. Entendemos que essa expansão da Psicologia se deve a implementação das Diretrizes Curriculares Nacionais (2004). Sobre isso, Marinho-Araújo (2007, p. 18) afirma que: “[...] são consideradas um avanço em relação ao Currículo Mínimo em vigor até então, pois orientam a construção de um perfil profissional competente e comprometido historicamente com as demandas sociais na formação inicial do psicólogo”.

Concordamos com Brasileiro e Souza (2010), ao afirmarem que atualmente existe consenso de que a Psicologia não se restringe ao modelo clínico. Assim, entendemos que a predominância desse modelo como área principal de atuação parece estar sendo superado. Diante do exposto, compreendemos que as identidades profissionais do psicólogo transformam-se constantemente e se caracterizam pela multiplicidade de áreas de atuação, e especificamente na UESPI, existe a presença forte da Psicologia Comunitária.

O **argumento identidade é articulação entre pressuposição e reposição**, ajuda-nos a compreender um dos segredos que constituem a identidade do psicólogo, pois revela dois processos: o primeiro, em que uma identidade é concedida ao grupo social, como psicólogos clínicos, pela estrutura social mais ampla; e, o segundo, em que a identidade que é reconhecida pelo grupo, ou reposta. Como identidade tende a metamorfose, compreendemos ainda que quando João e Maria não se reconhecem apenas como psicólogo clínico, a identidade pressuposta cessa de ser reposta, mediados que foram por seu pensar, sentir e agir durante a formação inicial, que os levaram a se reconhecerem como psicólogos sociais, organizacionais, entre outros.

Para Dubar (2005), a identidade profissional nunca é dada, mas é construída e deverá ser reconstruída por meio da articulação entre as transações identidade para si e identidade para o outro, no desenrolar da carreira profissional. Dessa forma, entendemos que outro aspecto da identidade que é pressuposta para o psicólogo, é a pós-graduação na formação continuada.

O indicador: **pós-graduação: investimento e necessidade para a vida profissional** explica que embora os dois interlocutores tenham interesse em buscar a formação continuada, eles apresentam motivos diferentes para escolha da especialização.

Iniciamos pelo relato de Maria: **“A Rosa e a Marta ficaram chamando, chamando. E [disseram] que lá a gente não precisava ser formada, eles deixavam a gente fazer a matrícula. E eu fiquei pensando assim: eu sempre quis terminar o curso já com a pós-graduação encaminhada. Aí eu fiquei: ‘Eu não estou perdendo nada!’ É um investimento, eu acho que estou ganhando ao invés de estar perdendo. Aí eu fui, e nessas aulas eu comecei a gostar, acabou despertando a vontade de trabalhar nessa área também. E aí, foi o que melhorou a minha visão em relação à minha cidade, pra trabalhar na minha cidade. Que antes eu não queria e depois da minha pós-graduação eu fiquei: ‘eu acho que dá pra ir, vai ser legal’”**. Maria explica que optou começar a cursar a pós-graduação por motivos circunstanciais, pois suas duas amigas da graduação a convidaram, e o curso apresentava

algumas vantagens, como a não exigência do diploma e a possibilidade de estar investindo em sua carreira profissional, seu currículo. As vivências no curso mediaram sua identificação com a área da Psicologia que ela possivelmente viria a ser contratada para trabalhar quando terminasse a graduação.

Bastos, Gondin e Andrade (2010), em pesquisa recente sobre quem é o psicólogo brasileiro, buscando compreender mudanças ou permanências comparadas à pesquisa de realizada há mais de 20 anos (CFP, 1988), ajudaram-nos a ampliar o entendimento da questão pós-graduação. Segundo os autores, um traço que permaneceu, foi que entre os psicólogos existe uma busca contínua de aperfeiçoamento profissional. A pesquisa ainda revela que houve grande crescimento no sistema de pós-graduação, principalmente no setor público, o que contribuiu para o aumento no número de mestres e doutores, mesmo que ainda esteja distante de atender a demanda de docentes, já que aumentou também a quantidade de cursos de graduação no país.

O relato de João demonstra que ele tem objetivos diferentes sobre fazer a pós-graduação: **“Aí depois eu vou pensar algo mais como especialização, mestrado e doutorado.** Mas o objetivo agora é terminar o curso e começar a trabalhar, independente de estudo eu quero trabalhar. Cansei de só estudar, **eu quero trabalhar e depois de estar mais calma a minha situação, eu vou pensar mais nisso** e, claro, **a pós é uma necessidade, não pode se acomodar, depois eu vou pensar numa pós-graduação”**. Nosso interlocutor explica que prefere não fazer curso de pós-graduação até que esteja empregado. Reconhece que continuar os estudos constitui uma necessidade para o profissional, que não deve “se acomodar”, mas não pretende pensar nisso por enquanto.

No segundo momento da entrevista, quando João já está trabalhando, ele expressa o interesse em buscar a formação continuada: **“Como eu citava agora a pouco, como eu vejo que a Psicologia é uma ciência extremamente necessária, eu vou procurar a profissionalização. Melhorar o meu trabalho, dependendo do tipo de demanda que eu vou trabalhar.** Por exemplo, no CAPS me aparecem muitos problemas com crianças, problemas familiares, buscar alguma especialização, uma capacitação nessa área, para pelo menos ter uma fundamentação teórica, uma forma de trabalhar adequadamente, já que **nos cursos de bacharelado a gente vê tudo mais de forma geral** e deixando de ver todos os tipos de problema que nos chegam. [...] **Na Psicologia, como eu estou vendo agora, aparece muita coisa que a gente tem um ponto de referência, mas não tem muitas habilidades e é preferível fazer a especialização, para você ter uma forma específica de trabalhar**

determinados problemas”. Nesse momento, ele reitera a necessidade social do psicólogo, e a necessidade de buscar melhorar a qualidade de seus serviços por meio da formação continuada. Para João, a formação inicial não é suficiente, porque permite apenas uma preparação mais generalizada de atuação. Mediado pelo seu agir em campo, ele, como psicólogo, compreende a especialização como uma oportunidade para aprender habilidades e competências mais específicas para o tipo de trabalho que desenvolve, de acordo com as demandas. Assim, identificamos o motivo necessidade de aperfeiçoamento como um motivo que pode ser eficaz, pois entendemos que escolher a pós-graduação de Saúde Mental revela íntima relação com a atividade do psicólogo que trabalha em Centro Psicossocial de Saúde Mental (CAPS).

Alguns autores (WITTER; FERREIRA, 2005; BETTOI; SIMÃO, 2002) esclarecem que, por melhor que seja a formação inicial, não podemos considerá-la suficiente em preparar o profissional para atuar em qualquer área. O esperado, é que o graduado invista na formação continuada, cursando especialização, mestrado e doutorado, fazendo um projeto pessoal de educação continuada e se mantenha sempre atualizado. Isso configura, em nosso entender, parte do processo de constituição da identidade profissional que ocorre ao longo de toda a vida.

As narrativas de ambos interlocutores sinalizam para o interesse em investir na formação continuada, por meio de pós-graduações *lato sensu*, com motivos diversos para cada um dos interlocutores. O desenvolvimento da carreira profissional depende das escolhas que se pretende fazer ao término do curso, e revela o movimento de constituição das identidades profissionais, que são metamorfose. Por isso, Maria e João apresentaram o conteúdo temático pós-graduação, referente ao que eles esperam para suas vidas profissionais.

Ainda sobre a vida profissional, analisaremos agora o quarto e último indicador: “**o olhar sobre si mesmo fazendo e concluindo o curso de Psicologia**”, que revela o movimento de transformação de Maria e de João, na eminência de romperem o vínculo com a universidade, como um rito de passagem para a inserção no mercado de trabalho. As transformações são expressas por meio do modo de sentir dos interlocutores fazendo e/ou concluindo o curso de Psicologia. Entendemos que esse indicador apresenta aspectos que revelam a identidade profissional dos sujeitos, à medida que fornece indícios para compreender o existirmos como psicólogos.

Iniciamos pelo relato de Maria: “Certo. É. [...] É. **Eu me sinto orgulhosa**. Primeiro, que eu sempre achei **interessante** essa história de **estudar o ser humano**, o comportamento.

Essa coisa bem subjetiva. Então de certa forma **eu meio que “me acho”**. Quando **as pessoas vêm conversar e me perguntam: ‘Faz o que?’** E eu digo: “Faço Psicologia”. A pessoa responde: Ah! Não sei o que! **Então eu me sinto muito bem. Muito feliz pelo meu Curso. Minhas vivências como estudante de Psicologia, todas foram agradáveis**”. Maria expressa que sente-se orgulhosa e feliz por fazer Psicologia. Ela explica que um dos motivos de seu orgulho é devido a uma das atribuições do psicólogo, a de estudar o ser humano. O outro motivo alegado por Maria, conforme sua fala se relaciona ao reconhecimento do profissional para as pessoas e também porque os outros, ao que parece, valorizam a profissão.

Mais uma vez, recorremos a Martins (2012), que nos ajuda a compreender que a construção e o fortalecimento da identidade profissional, e o desenvolvimento das convicções em relação à profissão, estão ligados às condições de trabalho, ao reconhecimento e a valorização profissional, por isso, Maria se sente orgulhosa e feliz.

João expressa o olhar sobre si mesmo no seguinte relato: **“Realizado. Primeiramente é por estar fazendo o curso superior.** Eu sou o caçula em uma família grande, onde todos já tem o curso superior. Então **essa é uma realização.** E segundo realmente porque dentre todos os cursos que foram oferecidos, que tinha disponibilidade pra fazer em Teresina, **esse foi o que eu mais me interessei e consegui passar**”. Ele expressa seu sentimento de realização por estar terminando o curso superior, e também, porque, ao que parece, ele queria ser psicólogo, pois dos cursos ofertados, foi o que ele mais se interessou.

A realização de João parece ter sido uma conquista no caminho rumo ao ser psicólogo, que foi permeado por desafios, conforme o relato: “Eu acredito que o **sentimento** agora seja realmente a **perseverança. Perseverança no sentido de concluir o curso, já que no meu caso foi um pouco difícil.** Principalmente ficar longe da família. **Perseverança no sentido de medo diante das adversidades que não foram poucas e continuar no curso mesmo sabendo que o mercado de trabalho está muito inchado, sabendo que os salários são baixos. Perseverante no sentido de tentar ser um bom profissional e estar sempre buscando melhorar no sentido de diante das dificuldades que a gente encontra nos estágios e no curso e tentar vencer essas dificuldades. E perseverança no sentido de conseguir estar fazendo melhorias pras pessoas que futuramente vão me buscar,** vão até mim como psicólogo pra tentar com certeza melhorar a situação delas, seja qual for, desde que esteja dentro das possibilidades dela”. A fala de João evidencia que o caminho percorrido na formação inicial, foi difícil. A expressão perseverança aparece como sendo a melhor maneira de exprimir como ele se sente, pois, precisou morar longe da família, e vivenciar as

adversidades da graduação em Psicologia, mesmo sabendo das dificuldades que poderá vir a encontrar como profissional, com baixos salários e alta competitividade. João considera ainda ser importante persistir na busca de aperfeiçoamento, a fim de desenvolver um bom trabalho junto a sua clientela.

Esse relato evidencia a transformação do interlocutor, que começa a entender que em breve deixará de ser um estudante de Psicologia para iniciar um processo constante de vir a ser psicólogo, tendo em vista que a identidade nunca é dada, mas é metamorfose, e assim, ele precisará estar sempre se profissionalizando.

Para Vilela (1996), o ser psicólogo não é apenas ocupação profissional, mas estilo de vida. É um ser autônomo, que cuida de sua interioridade e compreende a intimidade do outro, por meio de técnicas. Assim, João, em sua perseverança, parece estar confirmando sua escolha pelo curso de Psicologia, e mais ainda, demonstra que escolheu tornar-se psicólogo, como forma de vida.

Diante das discussões empreendidas até o presente momento, ressaltamos que o núcleo **Existirmos, a que será que se destina?**, revela que Maria e João, mediados que foram por suas vivências na formação inicial, estão em processo de (trans)formação como psicólogos. A proximidade da inserção na vida profissional, para nossos interlocutores, levou-os a pensar sobre as ansiedades vivenciadas, os interesses de atuação, a formação continuada e o reconhecimento de si mesmo como estudante de Psicologia, próximo ao momento de tornarem-se psicólogos.

A eminência do existirmos como psicólogo, foi um dos principais determinantes para a constituição da identidade de psicólogo dos interlocutores, porque os levou a se reconhecerem como profissionais, mesmo ante as incertezas do mercado profissional.

As categorias da Psicologia Sócio-Histórica nos ajudaram a desvelar o movimento de constituição da identidade de psicólogo de Maria e de João. Em princípio, a categoria historicidade permitiu compreender que os interlocutores, ao se depararem com a iminência do fim do vínculo com a universidade, precisaram integrar a lógica temporal quem eu sou ao quem eu quero ser, e foram afetados por este momento de suas vivências na formação, de modo a sentirem-se ansiosos.

A categoria mediação possibilitou compreendermos que as vivências na graduação mediaram atividades que possibilitaram aos estudantes, o aprendizado de papéis profissionais, permitindo o reconhecimento de si e reconhecimento do outro, como psicólogo.

A categoria motivo viabilizou entendermos que, as escolhas pelos cursos de formação continuada, são mediados por motivos que vão determinando a própria constituição da identidade profissional dos psicólogos, na medida em que os interlocutores vão organizando, planejando e refletindo sobre o desenvolvimento de suas carreiras a curto e a longo prazo.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mudaram as estações
Nada mudou
 Mas eu sei que alguma coisa aconteceu
Tá tudo assim, tão diferente
 Se lembra quando a gente chegou um dia a acreditar
 Que tudo era pra sempre
 Sem saber que o pra sempre, sempre acaba
 [...] **estamos indo de volta pra casa**

(LEGIÃO URBANA)

A música nos faz pensar que encerramos mais um ciclo de nossa vida profissional, como se estivéssemos de alguma forma retornando à origem de nossa jornada, refletindo se alcançamos os objetivos pretendidos. Contudo, nunca voltaremos para casa da mesma forma que saímos, pois assim como na poesia, parece que “nada mudou”, mas tudo ficou “diferente”. Afinal, em um estudo sobre identidade, a do próprio pesquisador está em jogo e nos transformamos a cada passo do percurso da pesquisa. Chegamos ao momento de apresentar as contribuições do nosso trabalho, avaliando os caminhos que percorremos e indicando outros possíveis.

A pesquisa que realizamos situou-se no âmbito da identidade. Nosso ponto de partida foi nos questionarmos sobre como ocorre o processo de constituição da identidade profissional do estudante de Psicologia da UESPI. Para responder ao questionamento, desenvolvemos o objetivo geral: investigar o processo de constituição da identidade profissional do estudante de Psicologia da UESPI, mediante o resgate de suas vivências na graduação. Para o alcance deste objetivo, elencamos os seguintes objetivos específicos: conhecer os motivos que orientaram a escolha profissional; identificar as principais vivências que transformam o estudante em psicólogo; compreender a relação entre as principais vivências durante a formação inicial e a identidade profissional em processo de constituição; analisar certezas e incertezas em relação ao futuro profissional.

Nessa caminhada, recorreremos às contribuições de Ciampa (2005), Dubar (2005), dentre outros, para conhecer a constituição da identidade profissional. Os autores nos orientaram a compreender a identidade de psicólogo como processo que se constitui na articulação entre igualdade e diferença; subjetividade e objetividade; pressuposição/atribuição e reposição/reconhecimento.

Assim, o processo de identificação com o ser psicólogo se desenvolve ao passo em o estudante vai se reconhecendo como igual aos outros profissionais e, ao mesmo tempo, tornando-se diferente. Nesse movimento, a identidade de psicólogo articula objetividade e subjetividade, à medida que o estudante vai internalizando o mundo objetivo referente à profissão, e constituindo seu modo particular, subjetivo. No movimento de pressuposição e reposição, que são processos de identificação, existe uma identidade que é concedida ao psicólogo pela estrutura social mais ampla, e outra, que é reconhecida e assumida ou não pelo profissional.

A constituição da identidade, de acordo com os argumentos que citamos, levou-nos a buscar compreender o contexto da formação inicial em Psicologia no Brasil, o que nos auxiliou a perceber que a identidade de psicólogo é fruto de importantes sementes lançadas durante a graduação. E como identidade é construção social, entendemos que as identidades de psicólogo possuem múltiplas determinações e que o contexto histórico e social de dada profissão corresponde a um desses determinantes.

Recorremos a alguns pressupostos da Psicologia Sócio-Histórica (VIGOTSKI, 2010; LEONTIEV, 1978; GOIS, 2005; AGUIAR; OZELLA, 2006, dentre outros) para apreender o processo de constituição da identidade de psicólogo, por meio das categorias historicidade, mediação, motivo, atividade, consciência, significado e sentido. Essas categorias nos permitiram apreender o movimento de transformação que os estudantes vivenciaram ao longo do processo de formação inicial, desde as insatisfações com o início do Curso, até o momento de realização e de felicidade nos últimos instantes da graduação.

Ao delinear a dimensão metodológica da dissertação, realizamos pesquisa empírica de natureza qualitativa, em que optamos pelo uso das entrevistas narrativas (FLICK, 2009) para produção dos dados. A interpretação dos dados foi realizada mediante o procedimento metodológico Núcleos de Significação (AGUIAR; OZELLA, 2006). A escolha por esse caminho metodológico foi por considerarmos que ele possibilita apreender o movimento dialético de constituição da identidade de psicólogo, por meio das falas das borboletas (ou borboletas), que, ao apreender as zonas de sentidos, expressam como o singular, mediado pelo particular, materializa o universal.

Para sistematização dos resultados da pesquisa, organizamos os dados em pré-indicadores, aglutinando-os em indicadores com conteúdos temáticos que evidenciaram a construção de quatro núcleos de significação que indicam alguns dos processos que constituem a identidade de psicólogo: O processo de escolha profissional e a insatisfação no

início do Curso; Seara PSI: saberes e fazeres da Psicologia e do psicólogo; Formação Inicial e as possibilidades de identificação; e Existirmos, a que será que se destina? Ansiedades, formação continuada e olhares sobre si mesmo.

O processo de escolha pela profissão revelou que os motivos que levaram nossas borboletas a escolherem Psicologia, foram, em sua maioria, compreensíveis (LEONTIEV, 1978), como falta de opção, ser ofertado em IES pública, ser um curso mais feminino e por estudar a mente humana. Há também motivo de natureza eficaz, como afinidade com a atividade de aconselhar. A jovialidade das borboletas, aliada aos motivos compreensíveis no momento da escolha, levaram os estudantes a sentirem-se insatisfeitos com os dois primeiros anos do Curso, pois as disciplinas não eram específicas da Psicologia e existia o predomínio de disciplinas teóricas, em detrimento dos estágios supervisionados específicos.

Constatamos que as vivências que transformam o estudante de Psicologia em psicólogo são mediadas pelas experiências na Formação Inicial, sobretudo nos estágios supervisionados e pelo pensar, sentir e agir do estudante no mundo, compartilhando significados sociais e produzindo sentidos, transformando os modos de ser psicólogo, para cada uma de nossas borboletas.

Para as borboletas, o psicólogo é o profissional que ajuda as pessoas a partir dos saberes psicológicos apreendidos durante a formação inicial. Os fazeres do psicólogo não estão restritos à área clínica, podendo estender-se a muitas áreas: hospitalar, escolar, organizacional, dentre outras. O que parece comum a todas elas é a capacidade de o psicólogo ajudar o outro a resolver problemas. Embora o psicólogo tenha conquistado muitos espaços, os estudantes ainda se deparam com pessoas que desconhecem quem é e o que faz esse profissional.

As vivências durante a graduação mediarão as transformações dos estudantes em psicólogos, ao mesmo tempo em que oportunizaram o conhecimento sobre a realidade de atuação, sobretudo nos estágios supervisionados, em que puderam exercer o papel de psicólogo, mediados também pela supervisão de estágio e pelo reconhecimento social da profissão. Assim, a formação representou mais possibilidades de constituição da identidade que limites.

Sobre o futuro profissional, ambas borboletas expressaram sentimentos de ansiedade sobre o “pós-curso”, e sobre a inserção no mercado de trabalho. Reiteramos a importância do estágio supervisionado que viabilizou que Maria e João se reconhecessem em algumas áreas e não em outras. Eles parecem estar interessados em exercer a profissão de psicólogo na área

em que houver oportunidade de inserção no mercado de trabalho e, assim, a área de Psicologia Comunitária, nas cidades interioranas, são porta de entrada para os recém-formados. Sobre a formação continuada, ambos acreditam que é importante continuar os estudos, por meio dos cursos de Pós-Graduação *Latu Sensu*, como investimento ou necessidade de atualização profissional, de acordo com a área de atuação na qual esteja inserido.

A pesquisa possibilitou ainda que apreendêssemos os sentimentos de Maria e de João, prestes a concluir o Curso, que foram orgulho, felicidade e realização, sentimentos de satisfação, o que sinaliza para a identificação com o ser psicólogo.

Assim, entendemos que motivos, formação inicial, sentidos e significados são alguns dos aspectos que constituem a identidade de psicólogo. Os estudantes se identificaram com o ser psicólogo, entendendo que esse profissional pode atuar em diversas áreas, por meio dos saberes e fazeres psicológicos, a fim de ajudar o outro, o que permite inferir que a identidade de psicólogo constitui-se sempre no social, mas nunca está pronta, é processo, e, assim, constitui um eterno vir a ser.

Consideramos este estudo relevante porque, ao buscarmos compreender a constituição da identidade de psicólogo em estudantes, pudemos superar essa busca, refletindo sobre as vivências que constituem o ser psicólogo, como processo em constante transformação, mediado pelo social. Tais constatações contribuem para que a sociedade repense as políticas de identidade para o psicólogo, que vão se modificando conforme as transformações no entorno social.

Nosso caminhar na realização da pesquisa apresentou dificuldades, principalmente por constatarmos que o estudo da identidade é um tema complexo, que nos levou muitas vezes a retroceder alguns passos para repensar nossas ações e poder seguir no rumo certo. Mas o desejo por superar nossas próprias limitações nos guiou a responder nossa questão norteadora. Vale ressaltar que não pretendemos esgotar a pesquisa, pois surgem novos questionamentos para serem respondidos em outras pesquisas, por exemplo: Como as IES e os professores dos cursos de Psicologia vêm discutindo a identidade de psicólogo? Como os estudantes de Psicologia avaliam sua formação inicial? Como os serviços-escola de Psicologia vêm desenvolvendo suas atividades?

Por fim, gostaríamos de expressar que termos realizado essa pesquisa, oportunizou imenso aprendizado e despertou sentimentos que se aproximam aos de Maria e de João ao terminarem o Curso: felicidade e realização. Iniciamos com dificuldades, pois o mundo da

pesquisa era nosso desconhecido, assim como o mundo da Psicologia para nossas borboletas. Então, aprendemos que identidade é articulação entre igualdade e diferença. Escolhemos o caminho de realizar a pesquisa e atuar como psicóloga, o que exigiu muito de nossas capacidades físicas e emocionais. Agora, ao fim dessa jornada, aprendemos que nossa própria identidade esteve em jogo, como nos explicou Ciampa (2005). Sentimos que estamos “indo de volta pra casa”, como na música no início do capítulo, mas não da mesma forma, pois, aprendemos, por meio de nossas vivências, que identidade é metamorfose que tende a emancipação. Com isso, esperamos que esta pesquisa contribua para o avanço da profissão que escolhemos amar: a Psicologia.

REFERÊNCIAS

ABREU FILHO, A. G. Identidade: a questão da identidade profissional do psicólogo. **Revista Psic**, São Paulo, v. 1, n. 2, p. 12-16, abr. 2000.

AGUIAR, W. M. J. de; LIEBESNY, B.; MARCHESAN, E. C. Reflexões sobre sentido e significado. In: BOCK, A. M. B.; GONÇALVES, M. G. M. (Org.) **A dimensão subjetiva da realidade**. São Paulo: Cortez, 2009. p. 19-54.

_____. A pesquisa em Psicologia Sócio-Histórica. In: BOCK, A. M.; GONÇALVES, M. G. M.; FURTADO, O. (Org.). **Psicologia sócio-histórica**. São Paulo: Cortez, 2007a. p. 129-140.

_____. Consciência e atividade. In: BOCK, A. M.; GONÇALVES, M. G. M.; FURTADO, O. (Org.). **Psicologia sócio-histórica**. São Paulo: Cortez, 2007b. p. 97-112.

_____. **Sentidos e significados do professor na perspectiva sócio-histórica**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2006.

_____.; OZELLA, S. Desmistificando a concepção de adolescência. **Cadernos de pesquisa**, São Paulo, v. 38, n. 133, p. 97-125, jan./abr. 2006a.

_____.; _____. Núcleos de significação como instrumento para apreensão da constituição dos sentidos. **Revista Psicologia Ciência e Profissão**, Brasília, ano 26, n. 2, p. 222-246, 2006b.

AGUIRRE, A. M. B.; HERZBERG, E.; PINTO, E. B. A formação da atitude clínica no estagiário de psicologia. **Psicologia USP**, São Paulo, v. 11, n. 1, p. 49-62, mês. 2000.

ALVES, A. M. P. O estágio básico em psicologia social na formação do(a) psicólogo(a): espaço de intersubjetividade. In: GUIMARAES, R. S.; SILVA, R. R. (Org.). **Supervisão em Psicologia: o desafio da formação**. Paraná: CRV, 2012. p. 57-66.

ANDRADE, M.M. de.; MEDEIROS, J. B. **Comunicação em língua portuguesa**. São Paulo: Atlas, 2006.

ANTUNES, M. A. M. (Org.). **História da Psicologia no Brasil: primeiros ensaios**. Rio de Janeiro: EdUERJ: Conselho Federal de Psicologia, 2004.

_____. **A Psicologia no Brasil: uma leitura histórica sobre sua constituição**. 2. ed. São Paulo: Educ /Unimarco, 2003.

ARAÚJO, C. C. de; FERNANDES, A. G. N.; TEIXEIRA, C. de S. A narrativa no contexto da investigação sobre identidade profissional. In: CARVALHO, M. V. C. de. **Identidade**. Curitiba: CRV, 2011. p. 99-114.

BADARGI, M. *et al.* Escolha profissional e inserção no mercado de trabalho: percepções de estudantes formandos. **Psicologia Escolar e Educacional**, Campinas, v. 10, n. 1, p. 69-82, jun. 2008.

BARRETO, M. C.; BARLETTA, J. B. A supervisão de estágio em psicologia clínica sob as óticas do supervisor e do supervisionando. **Cadernos de Graduação: Ciências Biológicas e da Saúde**, Aracaju, 12(12), p. 155-171, dez. 2010.

BASTOS, A. V. B.; ACHCAR, R. (Coord.). **Psicólogo brasileiro: práticas emergentes e desafios para a formação**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1994.

_____.; GOMIDE, P. I. C. O psicólogo brasileiro: sua atuação e formação profissional. In: YAMAMOTO, O. H.; COSTA, A. L. F. **Escritos sobre a profissão de psicólogo no Brasil**. Natal: UFRN, 2010. p. 227-254.

BAPTISTA, M. T. D. Identidade profissional: questões atuais. In: DUNKER, C. I.; PASSOS, M. C. **Uma psicologia que se interroga**. São Paulo: Edicon, 2002. p. 145-167.

BAUER, M.; JOVCHELOVITCH, S. Entrevista narrativa. In: _____. GASKELL, G. **Pesquisa qualitativa com imagem e som**. Petrópolis: Vozes, 2008. p. 90-111.

BERGER, P.; LUCKMANN, T. **A construção social da realidade**. Petrópolis: Vozes, 2011.

BERNARDES, J. S. **O debate atual sobre a formação em Psicologia no Brasil: permanências, rupturas e cooptações nas políticas educacionais**. Tese (Doutorado em Psicologia Social). Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2004.

BETTOI, Waldir; SIMAO, Livia Mathias. Profissionais para si ou para outros?: algumas reflexões sobre a formação dos psicólogos. **Psicol. cienc. prof.**, Brasília, v. 20, n. 2, jun., 2000. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-9893200000200005&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 7 dez. 2012.

BONFIM, José Ruben de Alcântara; ANTENOR, Samuel. BASTOS, Silvia. Direito a saúde. **Boletim do Instituto de Saúde**. v. 12, n. 3, dez. 2010.

BOCK, A. M. B. A Psicologia a caminho do novo século: identidade profissional e compromisso social. **Estudos de Psicologia**, Natal, v. 4, n.2, p. 315-329, july/dec. 1999. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-85572007000100007&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 10 mai. 2013

_____. **Pensando a profissão de psicólogo ou Eu, caçador de mim**. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social), Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1991.

_____. A adolescência como construção social: estudo sobre livros destinados a pais e educadores. **Psicol. Esc. Educ.** (Impr.), Campinas, v. 11, n. 1, jun., 2007.

BOGO, A. **Identidade e luta de classes**. São Paulo: Expressão popular, 2010.

BORTOLOMASI, E.; BORSEZI, C. S.; LIBONI, R. G. Representação Social da Psicologia e do Psicólogo Sob o Olhar da Comunidade de Assis/SP – Brasil. **Revista Electronica Internacional de la Unión da la Latinoamericana de Entidades de Psicología**. n. 14, octubre, 2008.

BRANCO, Maria Teresa Castelo. Que profissional queremos formar?. **Psicol. cienc. prof.**, Brasília, v. 18, n. 3, 1998 . Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98931998000300005&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: em 1 dez. 2012.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Superior. Resolução n. 8 de 7 de maio de 2004. Institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para os Cursos de Graduação em Psicologia. **Diário Oficial da União**, (Seção 1), p. 16-17, 2004.

_____. Lei n. 4.119/62, de 27 de agosto de 1962. Dispõe sobre os cursos de formação em Psicologia e regulamenta a profissão de Psicólogo. Disponível em: <http://www.crpsp.org.br/a_orien/legislacao/normatizacao/leis/fr_fed_lei4119.htm>. Acesso em: 20 jan. 2013.

_____. Ministério do Trabalho. **Classificação brasileira de ocupações**. Brasília, 2002. Disponível em: <<http://www.mteco.gov.br/index.htm>>. Acesso em: 30 jan. 2013.

BRASILEIRO, Tânia Suely Azevedo; SOUZA, Marilene Proença Rebello de. Psicologia, diretrizes curriculares e processos educativos na Amazônia: um estudo da formação de psicólogos. **Psicol. Esc. Educ. (Impr.)**, Campinas, v. 14, n. 1, jun. 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-85572010000100012&lng=en&nrm=iso>. Access em: 1 dez. 2012.

CARVALHO, A. A.; ULIAN, A. A. O.; BASTOS, A. V. B. A escolha da profissão: Alguns valores implícitos nos motivos apontados pelos psicólogos. In: CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA (Org.). **Quem é o psicólogo Brasileiro?** São Paulo: EDICON, 1988. p. 49-68.

CARVALHO, D. B. de. **O trabalho docente em Psicologia e o enfrentamento da violência contra crianças e adolescentes**: uma experiência teresinense. Tese (Doutorado em Psicologia Social), Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2007.

CARVALHO, M. V. C. de. As motivações para ser professor universitário e o sentido produzido em relação à carreira docente: uma análise a partir da Psicologia Sócio-Histórica. In: XV Endipe. Anais.... Belo Horizonte, 2010.

_____. **Identidade**: questões contextuais e teórico-metodológicas. Curitiba: CRV, 2011.

CARVALHO, Maria Teresa de Melo; SAMPAIO, Jáder dos Reis. A formação do psicólogo e as áreas emergentes. **Psicol. cienc. prof.**, Brasília, v. 17, n. 1, 1997 . Disponível em:

<http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98931997000100003&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 1 dez. 2012.

CHIZZOTTI, A. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. São Paulo: Cortez, 2003.

CIAMPA, A. C. **A estória do Severino e a história da Severina**. São Paulo, Brasiliense, 2005.

_____. Identidade. In: LANE, S. T. M.; CODO, W. (Org.). **Psicologia Social: o homem em movimento**. São Paulo, Brasiliense, 1989. p. 58-75.

_____. Políticas de identidade e identidades políticas. In: DUNKER, C. I. L.; PASSOS, M. C. **Uma psicologia que se interroga: ensaios**. São Paulo: Edicaon, 2002. p. 133-144.

COLETA, M. F. D.; CAVA, L. R. de B. Crenças e atitudes de estagiários em Psicologia clínica. In: MELO-SILVA, L. L.; SANTOS, M. A. dos; SIMON, C. P. (Org.). **Formação em psicologia: serviços-escola em debate**. São Paulo: Vetor, 2005. p. 315-335.

COMIN, F. S. SOUZA, L. V.; SANTOS, M. A. dos. Tornar-se psicólogo: experiência de estágio de psicooncologia em equipe multiprofissional. **Revista Brasileira de Orientação Profissional**, São Paulo, v. 9, n. 2, p. 113-126, dez. 2008.

CONSELHO REGIONAL DE PSICOLOGIA DE MINAS GERAIS. Entrevista com Ana Jacó Vilela. **Jornal do psicólogo**. Minas Gerais, ano 26, n. 96, mar./jun., 2010.

CRUCES, A. V. V. Psicologia e educação: nossa história e nossa realidade. In: ALMEIDA, S. F. C. (Org.). **Psicologia Escolar: Ética e competências na formação e atuação profissional**. Campinas: Alínea, 2006. p. 17-35.

CURY, C. R. J. **Educação e contradição**. São Paulo: Cortez, 1995.

DEMO, P. **Metodologia científica em ciências sociais**. São Paulo: Ática, 1981.

DIMENSTEIN, M. A Cultura Profissional do Psicólogo e o Ideário Individualista: implicações para a prática no campo da assistência pública à saúde. **Estudos de Psicologia** (UFRN), Natal/RN, v. 5, n. 1, p. 95-121, 2000.

DUBAR, C. **A socialização**. Portugal: Porto Editora, 2005.

FERNANDES, A. G. N. **A contribuição do estágio curricular em psicologia escolar educacional**. Monografia de conclusão do curso de Psicologia. Universidade Estadual do Piauí, 2008.

FERREIRA, A. B. H. **Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.

FERREIRA, M. S. Identidade: um enigma indecifrável? In: CARVALHO, M. V. C. de. **Identidade: questões contextuais e teórico-metodológicas**. Curitiba: CRV, 2011. p. 47-58.

FIGUEIREDO, L. C. (1993). Sob o signo da multiplicidade. **Estudos de Psicologia**, 10(1), 11-19.

FLICK, U. **Introdução a pesquisa qualitativa**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

FREIRE, I. R. **Raízes da psicologia**. Petrópolis: Vozes, 1997.

GÓIS, C. W. **Psicologia Comunitária: atividade e consciência**. Fortaleza: Instituto Paulo Freire, 2005.

GOMES, R. Análise e interpretação de dados de pesquisa qualitativa. In: MINAYO, M. C. S. **Pesquisa social**. Petrópolis: Vozes, 2009. p. 79-105.

GONDIM, S. M. G.; ANDRADE, J. E. B.; BASTOS, A. V. B. O psicólogo brasileiro: sua atuação e formação profissional: O que mudou nestas últimas décadas? In: YAMAMOTO, O. H.; COSTA, A. L. F. **Escritos sobre a profissão de psicólogo no Brasil**. Natal: UFRN, 2010. p. 265-269.

GONZALEZ REY, F. **Pesquisa qualitativa e subjetividade**. São Paulo: Thompson, 2005.

IBIAPINA, I. M. L. de M. Tecendo discussões sobre processos identitários mediadas pelo bordado de ser e tornar-se professor-pesquisador. In CARVALHO, M.V.C. de. **Identidade: questões contextuais e teórico-metodológicas**. Curitiba: CRV, 2011. p.7-22.

JACQUES, M. G. C. Identidade. In: STREY, M. N. *et al.* **Psicologia social contemporânea**. Petrópolis: Vozes, 1998. p. 159-167.

KIENEN, N. **Classes de comportamentos profissionais do psicólogo para intervir, por meio de ensino, sobre fenômenos e processos Psicológicos, derivadas a partir das diretrizes curriculares, da formação desse profissional e de um procedimento de decomposição de comportamentos complexos**. Tese (Doutorado em Psicologia). Programa de pós-graduação em Psicologia. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008.

KRAWULSKI, E. **Construção da identidade profissional do psicólogo: vivendo as metamorfoses do caminho no exercício cotidiano do trabalho**. Tese (Doutorado), Programa de Pós- Graduação em Ergonomia, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2004.

LANE, S. T. M.; CODO, W. (Org.) **Psicologia Social: o homem em movimento**. São Paulo, Brasiliense, 1989.

_____.; SAWAIA, B. (Org.). **Novas veredas da psicologia social**. São Paulo: Brasiliense, 1995.

LAURENTI, Carolina; BARROS, Mari Nilza Ferrari de. Identidade: questões conceituais e contextuais. **PSI Revista de Psicologia Social e Institucional**, Londrina, v. 2, n. 1, jun. 2000. Disponível em <http://www.uel.br/ccb/psicologia/revista/resumov2n13.htm>, Acesso em: 23 mai 2013.

LEITE, C. I. R. SILVA, E. A. Construção de identidades na formação em psicologia. IV COLÓQUIO INTERNACIONAL EDUCAÇÃO E CONTEMPORANEIDADE. Laranjeiras – SE, **Anais**, 2010.

LEME, M. A. V. S.; BUSSAB, V. S. R.; e OTTA, E. A Representação Social da Psicologia e do Psicólogo. **Psicologia, Ciência e Profissão**, 9(1), 29-35, 1989.

LEONTIEV, A. Uma contribuição à teoria do desenvolvimento da psique infantil. In: VIGOTSKI, L.; LURIA, A. R.; LEONTIEV, A. N. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem**. 5. ed. São Paulo: Ícone, 1988. p. 59-83.

LEVENFUS, R. S. **Faça o vestibular com seu filho, faça vestibular com seu pai**. Porto Alegre: ARTMED, 1997.

LISBOA, Felipe Stephan; BARBOSA, Altemir José Gonçalves. Formação em Psicologia no Brasil: um perfil dos cursos de graduação. **Psicol. cienc. prof.**, Brasília, v. 29, n. 4, 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932009000400006&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 12 jun. 2013.

LONDERO, I.; PACHECO, J. T. B. Por que encaminhar ao acompanhante terapêutico? Uma discussão considerando a perspectiva de psicólogos e psiquiatras. **Psicologia em Estudo**. Maringá, v. 11, n. 2, p. 259-267, mai./ago. 2006.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. A. Pesquisa em educação: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

MACEDO, João Paulo. **Cleto Carneiro Baratta Monteiro**: um precursor da Psicologia no Piauí. **Diversa**, v. 1, p. 253-262, 2008.

MAGALHÃES, Mauro. *et al.* Eu quero ajudar as pessoas: a escolha vocacional da psicologia. **Psicol. cienc. prof.**, Brasília, v. 21, n. 2, jun., 2001. Disponível em: <<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932001000200003&lng=en&nrm=iso>>. Acesso em: 8 dez. 2012.

MANCEBO, D. Contemporaneidade e efeitos de subjetivação. In: BOCK, Ana Mercês Bahia. (Org.). **Psicologia e o compromisso social**. São Paulo: Cortez, 2003. p. 75-92.

MARINHO-ARAÚJO, C. M. Recriando identidades, desenvolvendo competências. In: MARTINEZ, A. **Psicologia escolar e compromisso social**. Campinas: Alínea, 2005. p. 243-259.

_____. Formação em psicologia escolar nas diretrizes curriculares. In: CAMPOS, H. R. **Formação em psicologia escolar**: realidades e perspectivas. Campinas: Alínea, 2007. p. 17-48.

MARTINS, E. F. **A constituição da identidade docente do graduando de pedagogia**: de professor a gestor. Dissertação (Mestrado em Educação), Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2012.

MARTINS, M. Estágio supervisionado básico em psicologia. FRANCO, C. *et al.* (Org.). **Os diferentes olhares do cotidiano profissional**. Fortaleza: Edições UFC, 2010.

MELO-SILVA, Lucy Leal; MAZER, Sheila Maria. Identidade profissional do Psicólogo: uma revisão da produção científica no Brasil. **Psicol. cienc. prof.**, Brasília, v. 30, n. 2, jun. 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932010000200005&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 1 dez. 2012.

_____.; SANTOS, M. A. dos; SIMON, C. P. (Org.). **Formação em psicologia: serviços-escola em debate**. São Paulo: Vetor, 2005.

MELLO, S. L. **Psicologia e Profissão em São Paulo**. São Paulo: Editora Ática, 1975.

OLIVEIRA, E. M. ARNONI, M E B. **Mediação Dialética na Educação Escolar: teoria e prática**. São Paulo: Edições Loyola, 2007.

OLIVEIRA, M. PERES, K. N. A representação social de usuários e profissionais sobre a atuação do psicólogo nos serviços de Saúde Pública do Município de Palmas. **Revista Eletrônica de Psicologia e Políticas Públicas**. Vol. 1. N. 1. 2009. Disponível em: <<http://www.crp09.org.br/NetManager/documentos/v1n1a3.pdf>>. Acesso em: 5 dez. 2012.

PAPARELLI, Rosélia Bezerra; NOGUEIRA-MARTINS, Maria Cezira Fantini. Psicólogos Rigotto. *et al.* A Supervisão didática no contexto da formação psicoterapêutica. **Temas psicol.**, Ribeirão Preto, v. 12, n. 1, jun. 2004. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X2004000100003&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 9 fev. 2013.

PARDO, M. B. L.; MANGIERI, R. H. C.; NUCCI, M. S. A. Construção de um modelo para análise da formação profissional do psicólogo. **Psicologia Ciência e Profissão**, Brasília, v. 18, n. 3, p. 14-21, 1998.

PEREIRA, Fernanda Martins; PEREIRA NETO, André. O psicólogo no Brasil: notas sobre seu processo de profissionalização. **Psicol. estud.**, Maringá, v. 8, n. 2, dez. 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-73722003000200003&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 8 jan. 2013.

PIMENTA, S. G.; LIMA, M. S. L. **Estágio e docência**. São Paulo: Cortez, 2009.

PIMENTA, S. G. ANASTASIOU, L.G.C. **Docência no ensino superior**. São Paulo: Cortez, 2008.

PIMENTEL, R. G. **E agora, José?: jovens psicólogos recém-graduados no processo PRACA**, Kátia Botelho Diamico; NOVAES, Heliane Guimarães Vieites. A representação social do trabalho do psicólogo. **Psicol. cienc. prof.**, Brasília, v. 24, n. 2, jun. 2004. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932004000200005&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 4 dez. 2012.

PRACA, Kátia Botelho Diamico; NOVAES, Heliane Guimarães Vieites. A representação social do trabalho do psicólogo. **Psicol. cienc. prof.**, Brasília, v. 24, n. 2, jun. 2004.

Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932004000200005&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 04 dez. 2012.

ROCHA JR., A. Das discussões em torno da formação em psicologia às diretrizes curriculares. São Paulo. **Psicologia: Teoria e Prática**, v. 1, n. 2, p. 3-8, 1999.

ROSEMBERG, F. Afinal, porque somos tantas psicólogas? **Psicologia: Ciência e Profissão**, n. 4, p. 6-12, 1984.

SCHUTZE, F. Pesquisa bibliográfica e entrevista narrativa. In: WELLER, W.; PFAFF, N. (Org.). **Metodologias da pesquisa qualitativa em educação**. Petrópolis: Vozes, 2010. p. 210-220.

SILVA, C. de A.; NEGREIROS, F. A formação do psicólogo no Piauí: caracterização curricular e perfil do futuro profissional. In: MORAES, S. E. **Currículo e formação docente: um diálogo interdisciplinar**. São Paulo: Mercado de Letras, 2008.

SILVEIRA, R. C. O Psicólogo Brasileiro Ontem e Hoje. In: V Semana da Psicologia. **Anais...** Universidade Ibirapuera: 1998.

SOARES, D. H. P. **A escolha profissional**. São Paulo: Summus, 2002.

SOUZA, M. P. R.; CHECCHIA, A. K. A. Queixa escolar e atuação profissional: apontamentos para a formação de psicólogos. In: MEIRA, M. E. M.; ANTUNES M. (Org.). **Psicologia Escolar: Teorias críticas**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003. p. 105-138.

TELES, M. L. S. **O que é psicologia**. São Paulo: Brasiliense, 2003.

ULUP, Lilian; BARBOSA, Roberta Brasilino. A formação profissional e a ressignificação do papel do Psicólogo no cenário escolar: uma proposta de atuação - de estagiários a psicólogos escolares. **Psicol. cienc. prof.**, Brasília, v. 32, n. 1, 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932012000100018&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 12 dez. 2012.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ. **Projeto pedagógico**. 2007.

_____. **Projeto pedagógico**. 2010.

VIGOTSKI, L. S. A construção do pensamento e da linguagem. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

_____. **Problemas de psicologia general**. Madri: Visor, 1993.

_____. **Problemas teóricos y metodológicos de la psicologia**. Madri: Visor, 1991.

_____. **Psicologia del arte**. Barcelona: Barral, 1972.

VILELA, A. M. J. **Formar-se psicólogo**: como ser livre como um pássaro. Tese (Doutorado), Universidade de São Paulo, São Paulo, 1996.

WEBER, Silke. Currículo mínimo e o espaço da pesquisa na formação do psicólogo. **Psicol. cienc. prof.**, Brasília, v. 5, n. 2, p.11-13, 1985. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98931985000200004&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 2 jan. 2013.

WITTER, G.P. e FERREIRA, A.A. Formação do psicólogo hoje. In. CFP. **Psicólogo brasileiro**. Campinas: Alínea, 2005.

YAMAMOTTO, O. H.; COSTA, A. L. F. (Org.). **Escritos sobre a profissão de psicólogo no Brasil**. Natal: EDUFERN, 2010.

YUKIMITSU, M. T. C. P. **A formação do psicólogo**: considerações gerais. In: WITTER, C. (Org.). Ensino de Psicologia. Campinas: Alínea, 1999. p. 13-24.

APÊNDICES

APÊNDICE A – Termo de consentimento livre esclarecido



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO PROF. MARIANO DA SILVA NETO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO – PPGEd / UFPI
CURSO DE MESTRADO EM EDUCAÇÃO

COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA/UFPI
Resolução 196/96 – Conselho Nacional de Saúde

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO

Você está sendo convidado (a) como voluntário (a) a participar da pesquisa intitulada: “O processo de constituição da identidade profissional, de psicólogo, em estudantes do curso de Psicologia da Universidade Estadual do Piauí (UESPI)”, que tem como objetivo: Investigar o processo de constituição da identidade profissional do estudante de Psicologia da UESPI, mediante o resgate de suas vivências na Graduação. Este é um estudo baseado na abordagem qualitativa, utilizando como método de produção dos dados a entrevista narrativa.

Suas respostas serão tratadas de forma anônima e confidencial, isto é, em nenhum momento será divulgado o seu nome em qualquer fase do estudo. Quando for necessário exemplificar determinada situação, sua privacidade será assegurada uma vez que seu nome será substituído de forma aleatória. Os dados coletados serão utilizados apenas nesta pesquisa e os resultados divulgados em eventos e/ou revistas científicas.

Sua participação é voluntária, isto é, a qualquer momento você pode recusar-se a responder qualquer pergunta ou desistir de participar e retirar seu consentimento. Sua recusa não trará nenhum prejuízo em relação ao pesquisador.

Sua participação nesta pesquisa consistirá em responder as perguntas a serem realizadas sob a forma de entrevista narrativa. A entrevista será gravada para posterior transcrição.

Você não terá nenhum custo ou quaisquer compensações financeiras. Não haverá riscos de qualquer natureza relacionada à sua participação. O benefício relacionado à sua participação será de aumentar o conhecimento científico para a área de psicologia.

Você receberá uma cópia deste termo onde consta o celular/e-mail do pesquisador responsável, e demais membros da equipe, podendo tirar as suas dúvidas sobre o projeto e sua participação, agora ou a qualquer momento. Desde já agradecemos!

Maria Vilani Cosme de Carvalho
Orientadora da pesquisa

Ana Maria Batista Correia
Orientanda

Teresina (PI), _____ de _____ de 20__.

Declaro estar ciente do inteiro teor deste TERMO DE CONSENTIMENTO e estou de acordo em participar do estudo proposto, sabendo que dele poderei desistir a qualquer momento, sem sofrer qualquer punição ou constrangimento.

Assinatura

Teresina (PI), _____ de _____ de 20__.

Se você tiver alguma dúvida sobre a ética da pesquisa entre em contato: Comitê de Ética em Pesquisa – UFPI - Campus Universitário Ministro Petrônio Portella - Bairro Ininga Centro de Convivência L09 e 10 - CEP: 64.049-550 - Teresina - PI tel.: (86) 3215-5737 - email: cep.ufpi@ufpi.br web: www.ufpi.br/cep

Este trabalho de pesquisa será realizado pela mestrandia Ana Maria Batista Correia (telefones para contato: (86) 88015861 e (86) 32326767 sob orientação da Professora Dr^a. Maria Vilani Cosme de Carvalho.

APÊNDICE B – Roteiro da entrevista narrativa



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO PROF. “Mariano da Silva Neto”
DEPARTAMENTO DE FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO – NÍVEL MESTRADO
Campus Universitário Min. Petrônio Portella – Bairro Ininga – BL 06
CEP 64049-550 -Teresina-Pi - Fone (86) 3215-5562

ROTEIRO DA ENTREVISTA NARRATIVA

Você está sendo convidado(a) a participar de uma entrevista, dando seguimento a construção dos dados da pesquisa **“O processo de identificação de alunos do curso de Psicologia com a profissão”**.

O objetivo geral desta pesquisa é investigar o processo de identificação do estudante de psicologia da Universidade Estadual do Piauí com a profissão de psicólogo através do resgate de suas vivências. Para tanto, contamos com a sua participação refletindo sobre as questões que seguem.

Gostaríamos de deixar claro que o anonimato dos estudantes participantes dessa pesquisa será preservado tanto na elaboração do relatório final da pesquisa, quanto na produção de artigos científicos a serem publicados.

Atenciosamente

Maria Vilani Cosme de Carvalho
Coordenadora da Pesquisa

Este trabalho de pesquisa será realizado pela mestrande Ana Maria Batista Correia (telefones para contato: (86) 88015861 sob orientação da Professora Dr^a. Maria Vilani Cosme de Carvalho. Em caso de dúvida, você pode procurar o Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Piauí.

ROTEIRO DA NARRATIVA

Data da entrevista:

Local da entrevista:

Duração da entrevista:

Nome do entrevistado:

Como o entrevistado prefere ser identificado:

Sexo:

Idade:

Período que cursa:

Estágios curriculares realizados:

Estágios extracurriculares realizados:

Pergunta gerativa

Conte-nos como você se sente fazendo o curso de Psicologia. Você pode iniciar contando suas vivências como estudante de Psicologia e, depois, suas expectativas em relação ao futuro profissional.